

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A ORDEM DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM LEXIAS VERBAIS SIMPLES E
COMPLEXAS EM CARTAS DE LEITOR: UMA CONTRIBUIÇÃO DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Márcia Saldanha Peterson

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

A ORDEM DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM LEXIAS VERBAIS SIMPLES E
COMPLEXAS EM CARTAS DE LEITOR: UMA CONTRIBUIÇÃO DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Márcia Saldanha Peterson

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Silvia Rodrigues Vieira

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

A ORDEM DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM LEXIAS VERBAIS SIMPLES E
COMPLEXAS EM CARTAS DE LEITOR: UMA CONTRIBUIÇÃO DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Márcia Saldanha Peterson

Orientador: Silvia Rodrigues Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Professora Doutora Silvia Rodrigues Vieira – UFRJ

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ

Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira – UFRJ

Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta – UFRJ, Suplente

Professora Doutora Silvia Figueiredo Brandão – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

Peterson, Márcia Saldanha.

A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da sociolinguística variacionista./ Márcia Saldanha Peterson. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

xiv, 210f .:il.; 31cm.

Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 204-208.

1. Ordem. 2. Clíticos. 3. Colocação Pronominal. 4. Sociolinguística. I. Vieira, Silvia Rodrigues. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Título.

A minha mãe, **Angela**,
pelo incentivo, amor e constante
dedicação. *Mãe, você é uma benção de
Deus em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por seu amor, misericórdia, fidelidade e companhia diária. Muitas foram as bênçãos recebidas desde o início do meu Mestrado; em especial, agradeço por minha tão sonhada e esperada bolsa acadêmica. Mesmo nos momentos mais difíceis, vós me mostrastes que “tudo é possível àquele que crê”. Obrigada, Senhor!

A Nossa Senhora, minha mãe celestial, por suas “incansáveis” intercessões. Tenho a certeza de que estás comigo diariamente, acolhendo-me e levando meus pedidos Àquele que tudo pode – Jesus.

A minha avozinha, Ermelinda, *in memoriam*, que sempre esteve ao meu lado e me incentivou, dentre tantas outras coisas, a dedicar-me aos estudos. Sei que o amor que nos une ultrapassa a distância física, porque estamos juntas no coração e no pensamento.

A minha querida tia Nicinha, *in memoriam*, por seu amor profundamente maternal, por mostrar-me que não devemos desanimar nunca, por sua dedicação à família, em especial, a mim, por sua simplicidade, gentileza e seu tão admirado carisma (Fica a sensação de que não é possível expressar, por completo, tudo o que significou para mim).

Agradeço de coração a minha mãezinha querida, Angela, companheira de todos os momentos, que por opção e amor se doou e renunciou a seus sonhos para que, muitas vezes, eu pudesse realizar os meus, que me transmitiu, e transmite até hoje, ensinamentos, dos quais jamais me esquecerei. Mãe, obrigada, principalmente, por transmitir-me sua fé e incentivar-me a seguir o caminho de Deus.

A Mauro, meu tio, pelo carinho, amor e constantes orações. Tio, talvez você não saiba a importância que tem em minha vida.

A Ricardo, meu noivo, pelo companheirismo, amor, atenção e dedicação, quase que exclusiva. Obrigada, de coração, por mostrar-me, a cada dia, que devemos acreditar na força do amor e que este é, sem dúvida, o sentimento que nos une a cada dia mais.

Sou grata a Silvia, minha querida orientadora, pela perfeita orientação, que une, em todos os momentos, carinho, simpatia, dedicação e responsabilidade. Obrigada, de forma muito especial, pelo incentivo e por despertar em mim o desejo de continuar.

Às professoras Maria Maura e Silvia Brandão, pelo generoso auxílio no início de minha trajetória no Mestrado.

À professora Maria Lúcia Leitão, por ensinar-me que estudar pode ser divertido.

Às professoras Célia Lopes e Dinah Callou, por despertarem em mim a vontade de unir a Sociolinguística e o estudo das Tradições Discursivas em meu trabalho.

Às professoras Marcia Machado e Silvia Rodrigues, pelo brilhante curso ministrado na pós, que foi essencial para alargar meus conhecimentos.

Às professoras Maria Maura Cezario e Marcia Machado, também pela gentileza de aceitarem compor a banca, assim como os professores Mário Martelotta e Silvia Brandão, por se disponibilizarem como suplentes.

Agradeço a minhas colegas de faculdade, especialmente a Aline, que, mesmo tendo desistido de continuar, me apoiou a seguir em frente e me ajudou muito no começo de tudo.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e amigas que rezaram e torceram por mim, para que no final “tudo desse certo”.

SINOPSE

Estudo, com base na Sociolinguística de orientação laboviana, da ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas na modalidade escrita do Português do Brasil atual. Análise de dados do gênero textual “carta de leitor”. Caracterização de normas objetivas em uso no domínio jornalístico.

RESUMO

A ORDEM DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM LEXIAS VERBAIS SIMPLES E COMPLEXAS EM CARTAS DE LEITOR: UMA CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Márcia Saldanha Peterson

Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

Este trabalho trata do tema da ordem de clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas do Português do Brasil. Para tanto, vale-se de *corpus* da modalidade escrita constituído de dados coletados de cartas de leitor do domínio jornalístico. O estudo considera textos publicados no período de 2008 a 2009 em três veículos de comunicação do Rio de Janeiro, os jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora*.

O trabalho verifica a produtividade de cada variante, analisando os possíveis condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos favorecedores das variantes pré-verbal (*se fala*) e pós-verbal (*fala-se*), no caso das lexias verbais simples, e pré-complexo verbal (*se pode fazer*), intra-complexo verbal com hífen (*pode-se fazer*), intra-complexo verbal sem hífen (*pode se fazer*) e pós-complexo verbal (*pode fazer-se*).

A pesquisa fundamenta-se essencialmente em pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista de orientação Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994). Para a interpretação das questões relativas ao gênero textual e ao estudo de tradições discursivas, a análise conta ainda com bibliografia especializada (BAKHTIN, 1997; SILVA, 1997; MARCUSCHI, 2002; BEZERRA, 2002; KABATEK, 2006; e KOCH, 1997).

Cumprir destacar que o presente trabalho acrescenta novas descrições aos estudos existentes sobre o fenômeno variável em questão, principalmente ao analisar o tema também nos contextos de complexos verbais, estruturas menos examinadas do que as lexias verbais simples, e fornecer informações sobre a colocação do pronome átono em tais construções, considerando o PB contemporâneo no gênero textual carta de leitor.

Palavras-chave: Morfossintaxe, clíticos, colocação pronominal, Sociolingüística, tradições discursivas, cartas de leitor, lexias verbais simples, complexos verbais.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

ABSTRACT**THE ORDER OF PRONOMINAL CLITICS IN SIMPLE AND COMPLEX VERBAL LEXIS IN THE LETTER READER JOURNALISTIC FIELD: A VARIATIONAL SOCIOLINGUISTIC CONTRIBUTION AND ANALYSIS OF DISCURSIVE TRADITIONS**

Márcia Saldanha Peterson

Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

This work deals with the issue of the order of pronominal clitics in simple and complex verbal forms from Brazilian Portuguese. Accordingly, the research uses a written *corpus* composed by examples collected from readers' letters in journalistic field. Such letters were published on *O Globo*, *Extra* and *Meia Hora* in 2008 and in 2009.

The present research checks the productivity of each variant, analyzing possible linguistic and extra linguistic factors that can influence pre-verbal (*se fala*) and post-verbal (*fala-se*) variants and pre-verbal complex (*se pode fazer*), intra-complex verbal with hyphen (*pode-se fazer*), intra-complex verbal without hyphen (*pode se fazer*) and post-verbal complex (*pode fazer-se*).

The research is essentially based on the theoretical and methodological approach of Variacionist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994). Furthermore, to the interpretation of the relative questions to the textual gender and to the study of the discursive traditions, specialized bibliography was also considered (BAKHTIN, 1997; SILVA, 1997; MARCUSCHI, 2002; BEZERRA, 2002; KABATEK, 2006; KOCH, 1997).

Finally, it should be noted that this study adds relevant description of the placement of unstressed Brazilian pronouns particularly by analyzing verbal complex forms and by providing information, considering current data.

Keywords: Morphosyntax, clitics, Sociolinguistic, discursive traditions, simple verbal forms, complex verbal forms.

Rio de Janeiro
February 2010

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	19
2.1. A perspectiva tradicional normativa.....	19
2.2. A perspectiva da gramática descritiva de Perini (2001).....	23
2.3. A perspectiva de alguns estudos descritivos.....	25
2.3.1. Estudos de natureza diacrônica / de sincronias passadas.....	25
2.3.2. Estudos de natureza sincrônica – PB atual.....	37
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	46
3.1. Teoria da Variação e Mudança.....	46
3.2. Tradição Discursiva.....	53
3.2.1. O gênero textual carta: definição e caracterização.....	54
3.3. O que é cliticização?.....	56
4. METODOLOGIA.....	61
4.1. Descrição do <i>corpus</i>	61
4.2. Etapas do trabalho.....	62
4.3. Descrição das variáveis.....	62
4.3.1. A variável dependente.....	62
4.3.2. As variáveis independentes.....	68
4.3.2.1. Variáveis extralingüísticas.....	68
4.3.2.2. Variáveis lingüísticas.....	69
4.4. O tratamento dos dados: procedimentos, recodificações e rodadas do varbrul...85	
5. ANÁLISE.....	90
5.1. Lexias verbais simples.....	90
5.1.1. Produtividade dos clíticos pronominais.....	90
5.1.2. Ordem dos clíticos pronominais com lexias verbais simples.....	96
5.1.2.1. Distribuição dos dados pela variável dependente.....	96
5.1.2.2. Variáveis relevantes.....	98
5.1.2.2.1 Condicionamento lingüístico.....	99

5.1.2.2.2. Condicionamento extralingüístico.....	123
5.1.3. Sistematização dos resultados – lexias verbais simples.....	134
5.2. Complexos Verbais.....	140
5.2.1. Produtividade dos clíticos.....	140
5.2.2. Ordem dos clíticos pronominais com complexos verbais.....	142
5.2.2.1. Distribuição dos dados pela variável dependente.....	142
5.2.2.2. Complexos com particípio.....	145
5.2.2.3. Complexos com gerúndio.....	148
5.2.2.4. Complexos com infinitivo.....	152
5.2.2.4.1. Distribuição dos dados pelas variáveis extralingüísticas...	152
5.2.2.4.2. Distribuição dos dados pelas variáveis lingüísticas.....	157
5.2.3. Sistematização dos resultados – complexos verbais.....	178
5.2.3.1. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com particípio.....	178
5.2.3.2. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com gerúndio.....	179
5.2.3.3. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com infinitivo.....	179
6. A ORDEM DOS CLÍTICOS E O GÊNERO TEXTUAL CARTA DE LEITOR...186	
6.1. Repensando os gêneros textuais.....	186
6.2. A carta como gênero reconhecido.....	188
6.3. Tradições discursivas e cartas de leitor.....	189
6.4. Contribuição de outros resultados com gêneros textuais.....	191
7. CONCLUSÃO.....	199
8. BIBLIOGRAFIA.....	206

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

TABELAS:

1. Número de ocorrências de clíticos pronominais em cada veículo – lexias verbais simples.....	90
2. Distribuição dos dados em relação à ordem dos clíticos em lexias verbais simples (geral e por veículo jornalístico).....	97
3. Aplicação da próclise segundo o possível elemento proclisador – lexias verbais simples.....	99
4. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “possível elemento proclisador” e “tipo de clítico”.....	102
5. Aplicação da próclise segundo o tipo de clítico – lexias verbais simples.....	109
6. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “tempo e modo verbais” e “tipo de clítico”.....	112
7. Aplicação da próclise segundo o tipo de oração – lexias verbais simples.....	114
8. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “tipo de oração” e “possível elemento proclisador”.....	115
9. Aplicação da próclise segundo a variável distância entre V-CL ou CL e um possível elemento proclisador – lexias verbais simples.....	121
10. Aplicação da próclise segundo o veículo de comunicação – lexias verbais simples.....	123
11. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “tipo de oração”.....	126
12. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “possível elemento proclisador”.....	128
13. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “tipo de clítico”.....	131
14. Número de ocorrências de clíticos pronominais em cada veículo – complexos verbais	140
15. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos em complexos verbais (total e por forma do verbo principal).....	143
16. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no particípio (geral e por veículo jornalístico).....	145
17. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no gerúndio (geral e por veículo jornalístico).....	149
18. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no infinitivo (geral e por veículo jornalístico).....	153
19. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “sexo do leitor/ escritor das cartas”.....	156
20. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tipo de complexo”.....	158
21. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal”.....	162
22. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tipo de clítico”.....	165

23. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “possível elemento proclisador”.....170
24. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tempo e modo verbal do auxiliar”.....176

GRÁFICOS:

1. Distribuição dos dados em relação à ordem dos clíticos em lexias verbais simples (geral e por veículo jornalístico).....97
2. Aplicação da próclise (P.R.) segundo o possível elemento proclisador – lexias verbais simples.....99
3. Aplicação da próclise (P.R.) segundo o tipo de clítico – lexias verbais simples.....110
4. Aplicação da próclise (P.R.) segundo o tipo de oração – lexias verbais simples.....115
5. Aplicação da próclise segundo a variável distância entre V-CL ou CL e um possível elemento proclisador – lexias verbais simples.....121
6. Aplicação da próclise (P.R.) segundo a variável “veículo de comunicação” – lexias verbais simples.....123
7. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no infinitivo (por veículo jornalístico).....153
8. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “sexo do leitor/ escritor das cartas”.....156
9. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal”.....163
10. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais consoante a variável “tipo de clítico”.....165
11. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “possível elemento proclisador”.....170

QUADROS:

1. Elementos favorecedores e desfavorecedores da próclise em lexias verbais simples nas cartas de leitor.....135
2. Síntese da concretização das variantes da ordem do clítico pronominal em lexias verbais simples segundo o veículo de comunicação.....138
3. Contextos da variante intra-CV sem hífen.....180
4. Contextos da variante pré-complexo verbal.....181
5. Contexto da variante intra-CV com hífen.....183
6. Contextos da variante pós-complexo verbal.....184

1- INTRODUÇÃO

Este estudo investiga a ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples (*se apóia, apóia-se*) e complexas (*se pode comprar, pode-se comprar, pode se comprar, pode comprar-se*) no gênero textual carta de leitor do domínio jornalístico no âmbito do Português do Brasil (PB) atual.

Interessa, em especial, investigar o fenômeno variável da cliticização considerando a hipótese de que as cartas de leitores revelariam comportamentos semelhantes no que se refere à posição dos clíticos em lexias verbais simples e complexas, devido a uma possível tradição desse gênero textual referente à norma de colocação praticada.

Em linhas gerais, a presente pesquisa pretende: (i) determinar, em termos labovianos, o padrão de variação de colocação pronominal e seus condicionamentos; (ii) verificar se há, de fato, uma tradição (tipo de um modelo) do gênero carta de leitor no que se refere à ordem dos pronomes clíticos nas lexias verbais simples e complexas; e (iii) avaliar, no que tange ao fenômeno da colocação pronominal, a proximidade/distância da norma de uso e da norma idealizada em compêndios gramaticais prescritivos. Para tanto, o estudo considera textos extraídos de três veículos de comunicação cariocas, o Jornal *O Globo*, o *Extra* e o *Meia Hora*.

Embora muitos estudos tenham sido dedicados ao fenômeno da colocação pronominal, acredita-se haver, ainda, muito a averiguar sobre o assunto, especialmente no que tange ao conhecimento das normas reais que orientam a ordem dos pronomes átonos tanto nas lexias verbais simples, como nas lexias verbais complexas, na modalidade escrita do Português do Brasil. No caso do presente trabalho, elegeu-se, da ampla variedade de gêneros textuais que constituem a modalidade escrita, o gênero carta de leitor, que, embora se localize no domínio jornalístico, usualmente indicado como adequado para a observação do chamado padrão culto em uso, assume caracterização particular, como se poderá observar ao longo do trabalho.

Preliminarmente, é preciso salientar que existem questões científicas gerais que ultrapassam as possibilidades oferecidas por um *corpus* composto somente de cartas de leitor. Não se pode, por exemplo, generalizar, para toda a modalidade escrita brasileira nem para toda a escrita jornalística, os resultados que serão interpretados no presente estudo. É preciso atentar para o fato de que, nesse *corpus*, não há exatamente norma jornalística, pois não é o jornalista que escreve em primeira mão, mas uma instância

jornalística particular, produzida em primeira mão por leitores-escritores e normalmente revista por jornalistas.

Como questões científicas gerais a serem respondidas na investigação, podem-se propor as seguintes: a) qual é efetivamente o padrão de colocação pronominal praticado em termos objetivos em cartas de leitor nos jornais brasileiros? b) Em que medida os padrões de uso verificados se aproximam ou se distanciam dos padrões idealizados para a escrita culta, consoante os compêndios tradicionais? c) Na modalidade escrita brasileira, aqui representada por cartas de leitor, a próclise é, como na modalidade oral, a opção preferencial na maioria dos casos? d) Em que contextos a posição enclítica do pronome átono persiste? e) Quais são as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que atuam no condicionamento do fenômeno?

Desse modo, para o pleno cumprimento da proposta geral deste trabalho, estabeleceram-se os seguintes objetivos: a) concorrer para o aprimoramento de estudos da variação lingüística, principalmente no âmbito da cliticização pronominal; b) atestar a variante da ordem dos clíticos pronominais mais utilizada nas cartas de leitores; c) estabelecer o comportamento da regra de colocação pronominal em lexias verbais simples e complexas, considerando variáveis lingüísticas e extralingüísticas que podem condicionar a ordem dos clíticos em tais contextos; d) verificar se os veículos de comunicação – *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora* – (des)favorecem a ocorrência de determinadas estruturas; e) verificar se a hipótese de que o gênero carta de leitor revela comportamentos semelhantes se confirma no caso da ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e em complexos verbais nos veículos contemplados.

Com o cumprimento dos objetivos supracitados, a pesquisa oferecerá informações que contribuam para o conhecimento sincrônico do PB numa das instâncias da modalidade escrita. O presente trabalho visa, ainda, a acrescentar novas descrições aos estudos já existentes sobre o fenômeno da cliticização pronominal, buscando alcançar generalizações descritivas e explicativas sempre que possível.

Para a investigação da influência dos fatores de natureza lingüística e extralingüística que condicionam o uso das variantes pré-verbal e pós-verbal, no caso das lexias verbais simples, e pré-complexo verbal, pós-complexo verbal ou intra-complexo verbal (com hífen e sem hífen), no caso das lexias verbais complexas, o estudo fundamenta-se em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista de orientação laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994). Em relação ao fenômeno da cliticização, o estudo recorre a

aporte teórico específico – disponível na esfera que foi consagrada como de orientação formalista – de modo a não só definir o tema, mas também estabelecer os limites da investigação (ZWICKY & PULLUM, 1983; ZWICKY, 1985; KLAVANS, 1985). Para a interpretação das questões relativas ao gênero textual e ao estudo de tradições discursivas, a análise conta ainda com bibliografia especializada (BAKHTIN, 1997; SILVA, 1997; MARCUSCHI, 2002; BEZERRA, 2002; KABATEK, 2006; e KOCH, 1997).

Em se tratando da estrutura desta dissertação, o trabalho desenvolvido organiza-se em sete capítulos, incluindo este primeiro da introdução.

O capítulo 2 refere-se à revisão bibliográfica, que exhibe um panorama das pesquisas consultadas sobre o tema da ordem dos clíticos pronominais na Língua Portuguesa, no contexto das lexias verbais simples e complexas. Desse modo, expõe-se o que compêndios gramaticais prescritivos e descritivos abordam sobre o assunto e, além disso, sintetizam-se os principais resultados obtidos em descrições diacrônicas e sincrônicas acerca da ordem dos clíticos em lexias verbais simples e/ou complexas, dando principal destaque aos dados da modalidade escrita brasileira.

No capítulo 3, encontra-se a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, tanto no que respeita à abordagem Sociolingüística Laboviana, utilizada para a análise do fenômeno da variação e mudança, como no que tange à exposição do conceito de cliticização, às características principais do gênero textual carta e na proposta teórica relacionada às chamadas tradições discursivas.

Com relação ao capítulo quatro, apresenta-se a metodologia que orienta este trabalho. Expõem-se, além da descrição do *corpus*, as etapas de realização da pesquisa científica, seguidas da descrição da variável dependente, da definição de complexo verbal e dos fatores lingüísticos e extralingüísticos investigados, acompanhados das hipóteses que motivaram seu estabelecimento. Comenta-se, de início, o percurso percorrido para a coleta dos dados, seguido das etapas de codificação e tratamento estatístico das ocorrências, e, por fim, apresentam-se os procedimentos adotados para a interpretação dos resultados.

Quanto ao capítulo 5, responsável pela descrição dos resultados da pesquisa, decidiu-se segmentá-lo em duas seções: uma que trata detalhadamente da análise variacionista das lexias verbais simples, apresentando a aplicação das variantes segundo as variáveis estatisticamente relevantes para o condicionamento do fenômeno e, ao final, a sistematização dos resultados mais significativos; e outra que trata do fenômeno

da colocação pronominal nos complexos verbais, em que se analisam os resultados percentuais obtidos por tipo de estrutura complexa (com verbo principal no infinitivo, gerúndio e particípio) e se apresenta a síntese dos principais resultados.

No que concerne ao capítulo 6, intitulado “A ordem dos clíticos e o gênero textual carta de leitor”, expõem-se, inicialmente, reflexões acerca das tradições discursivas e do gênero textual “carta de leitor”. Em seguida, apresenta-se uma comparação dos resultados desta pesquisa com outros que envolvem gêneros textuais do domínio jornalístico.

O capítulo 6, referente à conclusão, visa a salientar as normas objetivas do PB quanto à ordem dos pronomes átonos em estruturas verbais simples e complexas, apresentando o padrão escrito praticado no gênero textual carta de leitor de domínio jornalístico. Dessa forma, as considerações finais, com base na retomada de conceitos e, principalmente, nos resultados mais relevantes, destacam as principais contribuições da pesquisa.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A perspectiva tradicional normativa

Os principais manuais prescritivos da língua portuguesa, ao tratarem o tema da colocação pronominal, fornecem explicações acerca desse assunto a partir da posição do pronome átono em lexias verbais simples. Se anterior ao verbo, tem-se a próclise; se posterior ao mesmo, tem-se a ênclise; e se o pronome está inserido no meio da forma verbal, tem-se a mesóclise. Com relação à ordem dos pronomes clíticos nas locuções verbais, os gramáticos, em geral, expõem as posições preferenciais em relação às formas nominais do verbo, mas não chegam a abarcar diversos tipos de construções verbais complexas. Assim, restringem suas observações, como se observará adiante.

Consoante Rocha Lima (2003 [1972]), a posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo. Segundo o autor, a ênclise ocorre nos seguintes contextos: quando o período se inicia pelo verbo ou quando este enceta qualquer das orações que o compõem; quando o sujeito – substantivo ou pronome (que não seja de significação negativa) – vem antes do verbo; e nas orações coordenadas sindéticas. O autor afirma também que o pronome pode (em casos de eufonia ou de ênfase, ou por árbitro ou gosto) aparecer anteposto ao verbo, exceto quando este abrir o período.

Em seguida, Lima elenca os contextos, considerados por ele, obrigatórios do uso do pronome na posição pré-verbal. São eles: orações negativas, desde que não haja pausa entre o verbo e as palavras de negação; orações exclamativas, iniciadas por palavras exclamativas; orações optativas; orações interrogativas, começadas por pronomes ou advérbios interrogativos; orações subordinadas com advérbios e pronomes indefinidos, sem pausa.

No que se refere às formas infinitivas (infinitivo e gerúndio), o autor afirma que a regra geral é a ênclise. No entanto, considera facultativa a posição do pronome, quando o infinitivo, na forma não flexionada, estiver precedido de preposição, ou palavra negativa. Caso o infinitivo esteja na forma flexionada, o pronome tende a aparecer antes do verbo. Salieta-se a seguinte observação do autor: “*a ênclise é, todavia, de rigor, se o pronome for o(s) ou a(s), e o infinitivo vier regido da preposição a.*” (p.453). No caso do gerúndio, será preferida a próclise, somente em dois casos: se o gerúndio estiver antecedido de preposição *em* ou de advérbio (que o modifique diretamente, sem pausa).

Rocha Lima (2003 [1972]) trata, também, em sua gramática, da colocação pronominal em estruturas com locuções verbais. No entanto, cumpre ressaltar que o gramático apenas mostra algumas possíveis construções de verbos auxiliares com verbos principais, indicando, para cada estrutura, a posição ideal do clítico pronominal. Dessa forma, Lima não se ocupa de uma descrição de fatores que possam desencadear a opção por quaisquer das formas descritas. Eis as estruturas por ele propostas:

- Auxiliar + infinitivo: ênclise ao infinitivo; ênclise ao auxiliar; próclise ao auxiliar; e próclise ou ênclise ao infinitivo precedido de preposição;
- Auxiliar + gerúndio: ênclise ao gerúndio; ênclise ao auxiliar; próclise ao auxiliar;
- Auxiliar + particípio: ênclise ao auxiliar; próclise ao auxiliar.

O autor tece, ainda, algumas considerações no que concerne à interposição do pronome átono nas locuções verbais. Nas palavras do autor:

A interposição do pronome átono nas locuções verbais, sem se ligar por hífen ao auxiliar, é sintaxe brasileira que se consagrou na língua literária, a partir (ao que parece) do Romantismo. (p.455)

Destaca, ainda, que tal estrutura não ocorre com o clítico acusativo (a, as, o, os), devido a seu volume fonético ser mais reduzido do que o de outros pronomes átonos. Segundo Lima (2003: 455): *De fato, não se usa “estou o esperando”, etc.*

Segundo Cunha & Cintra (2008 [1985]), a posição lógica, normal, do pronome átono é posposto ao verbo, uma vez que o clítico funciona como objeto direto ou indireto do verbo. No caso da mesóclise, os autores ressaltam que seu uso só é possível com formas do futuro do presente ou do futuro do pretérito.

Os autores, no entanto, determinam os contextos em que a posição proclítica do pronome se faz obrigatória, devido à presença de possíveis elementos atratores dos clíticos. Salientando-se as formas finitas do verbo, são geralmente tidos como fatores determinantes para a ocorrência da próclise os contextos a seguir: palavras negativas, quando não há pausa entre ela e o verbo, como *não, nunca, jamais, ninguém*; orações exclamativas e optativas; orações interrogativas; orações subordinadas desenvolvidas, ainda que a conjunção não se encontre explícita; pronomes indefinidos, como *tudo, alguém, outro*; construções com alguns advérbios, como *bem, mal, só, ainda*; quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo; e orações alternativas.

De acordo com os autores, se houver pausa entre o elemento capaz de exercer atração sobre o pronome e o verbo, a opção quanto à ordem dos pronomes pode ser alterada, podendo, então, ser realizada a ênclise.

No que diz respeito às formas nominais, os autores propõem que, em caso de gerúndio precedido de preposição *em*, é preferida a opção pela variante pré-verbal, e com infinitivos, admite-se o uso tanto da próclise, como da ênclise. No entanto, afirmam que há uma tendência ao uso da ênclise, principalmente se o infinitivo é regido pela preposição *a*. Já com participípios não ocorre nem a próclise nem a ênclise. Consoante Cunha & Cintra: “*Quando o participípio vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.*” (p.325).

No que tange às locuções verbais, os gramáticos iniciam suas considerações informando que, se o verbo principal se encontra no infinitivo ou gerúndio, pode ocorrer a ênclise ao complexo verbal. Ressaltam, ainda, que não se realiza essa posição quando o verbo principal está no participípio. Assim, o pronome deve vir proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar.

Ao tratar da possibilidade de ocorrência do clítico na posição anterior ao complexo verbal, ou seja, proclítica ao verbo auxiliar, Cunha & Cintra exibem os mesmo contextos favorecedores das lexias verbais simples. São eles: palavra negativa, pronomes ou advérbios interrogativos; palavras exclamativas, orações subordinadas desenvolvidas. O clítico ocorrerá no meio do complexo verbal quando não existir um contexto propício para a realização da próclise ao verbo auxiliar.

Cunha & Cintra dispõem, em sua gramática, de uma seção que expõe o que pode ser considerado como característico do Português do Brasil, no que concerne à ordem dos clíticos pronominais. As características apontadas são as seguintes: a possibilidade de se iniciarem frases com os pronomes, em especial com a forma *me*; a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija tal colocação; a próclise ao verbo principal nas locuções verbais. A respeito desta última característica, os gramáticos justificam-na, destacando que o Português do Brasil opta por ligar o clítico ao verbo que lhe dá origem. Segundo eles, tal opção trouxe as seguintes conseqüências: próclise ao participípio; o uso do pronome após as formas do futuro do presente e do pretérito, a união do pronome ao verbo principal, em frases como *vamos-nos encontrar*, e não mais *vamo-nos encontrar*.

Bechara (2009 [1999]) afirma que a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática. De acordo com o autor, durante

muito tempo esse tema foi abordado somente pelo aspecto sintático, dando a falsa impressão de que alguns elementos como *não*, *que*, entre outros exerceriam alguma atração sobre o pronome. A partir de consideráveis pesquisas, passou-se a investigar o tema sobre o aspecto fonético-sintático. Dessa forma, constatou-se que muitas das regras estipuladas pelos puristas ou estavam equivocadas, ou se referiam ao falar lusitano. Além disso, Bechara salienta que a questão da ordem dos pronomes átonos é questão de escolha, e de exigência eufônica. O autor ressalta, ainda, que não se deve considerar a colocação brasileira inferior à dos lusitanos.

Em seguida, Bechara afirma que o pronome pode aparecer em três posições: ênclise, próclise e mesóclise, e exhibe os critérios para a colocação pronominal. São eles: não se inicia período por pronome átono; não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo: a) flexionado em oração subordinada; b) modificado diretamente por advérbio ou precedido de palavra de sentido negativo (havendo pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo); c) no futuro do presente e futuro do pretérito; e d) flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa.

Vale remarcar que o autor expõe, como posição fixa da próclise, os seguintes casos: com o gerúndio precedido da preposição *em* e nas orações exclamativas e optativas, com verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo.

Em relação às locuções verbais, Bechara considera as seguintes possibilidades de colocação pronominal: o pronome proclítico ao auxiliar, enclítico ao auxiliar (ligado por hífen) e enclítico ao verbo principal. Destaca que esta última possibilidade não ocorre com o particípio. Em uma das suas observações, o gramático salienta que o pronome átono proclítico ao verbo principal ocorre entre os brasileiros sem hífen. Segundo ele:

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: Começou a lhe falar ou a falar-lhe. (BECHARA, 2009: 590).

O autor encerra sua descrição, fornecendo explicações para a colocação dos pronomes átonos no Brasil. Para tanto, recorre ao comentário de Martinz de Aguiar no que se refere à colocação pronominal:

A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entrelaçam e às vezes se contrapõem. (*apud* BECHARA 2009: 591).

Considerando os compêndios gramaticais da Língua Portuguesa utilizados nesta seção, cabe sistematizar algumas informações comuns, consideradas mais relevantes, sobre a colocação pronominal.

Rocha Lima (2003) e Cunha & Cintra (2008 [1985]) concordam que a posição normal do pronome átono é a posição depois do verbo. Os autores consideram, também, praticamente os mesmos contextos motivadores da posição pré-verbal em lexias verbais simples, já listadas, com exceção do contexto de oração disposta em ordem inversa, iniciada por objeto direto ou predicativo, e as orações alternativas. Estas foram elencadas somente por Cunha & Cintra (2008 [1985]).

Os gramáticos, incluindo Bechara (2009 [1999]), concordam em que, se houver pausa que separe o verbo da palavra atratora, a opção, quanto à ordem do pronome átono, pode ser modificada.

Na visão dos autores, tem-se o contexto de gerúndio antecedido da preposição *em* como altamente favorecedor da posição pré-verbal. Bechara (2009 [1999]) chega a considerar tal contexto como “posição fixa da próclise”.

Em se tratando de complexos verbais, os gramáticos destacam a não possibilidade da posição enclítica ao complexo verbal, quando o verbo principal se encontra no participípio.

Ainda a respeito das locuções verbais, pôde-se observar que Bechara (2009 [1999]) e Cunha & Cintra (2008 [1985]) registram considerações semelhantes ao privilegiarem as variantes enclíticas às formas auxiliar e principal do verbo como regra geral. Entretanto, ambos os autores salientam que, no Português do Brasil, o clítico tende a estar ligado ao verbo que o rege. Rocha Lima (2003) afirma que a posição do clítico no meio do complexo verbal sem hífen é sintaxe brasileira.

2.2. A perspectiva da gramática descritiva de Perini (2001)

Registra-se, a seguir, o que propõe Mário A. Perini, em sua gramática intitulada *Gramática Descritiva do Português* (2001 [1995]), sobre a colocação pronominal. Esse compêndio gramatical tem por finalidade descrever o padrão culto de uso do Português do Brasil, supostamente praticado na escrita jornalística e acadêmica.

Perini (2001) inicia o tema da ordem dos clíticos, afirmando que há “incertezas de julgamento quanto à posição dos clíticos” (p.229). O autor comenta que tal fato ocorre devido às diferenças existentes entre o padrão europeu e o brasileiro, o que

acarreta freqüente vacilação entre a tendência a seguir o padrão europeu e a tendência a acomodá-lo ao uso do PB.

Assim, propõe uma análise, que considera ser mais amplamente aceita pelos usuários do padrão brasileiro. Compreendendo duas posições dos pronomes átonos, a próclise e a ênclise, apresenta restrições que preveriam a maioria dos casos:

Restrição à próclise:

É mal formada toda oração que contenha proclítico no início de estrutura oracional não-subordinada ou logo após elemento topicalizado.

Restrição à ênclise:

É mal formada toda oração que contenha enclítico quando: o elemento verbal (Aux ou NdP) é gerúndio, precedido de *em*; ou o Aux/NdP é particípio; ou a oração se inicie com item marcado [+ Atração].

Em todos os outros casos, usa-se próclise ou ênclise, indiferentemente.

(PERINI, 2001: 229-230)

O autor salienta, ainda, que a ênclise estaria desaparecendo do PB. Segundo Perini: “essa tendência, dominante na modalidade falada, já deixou marcas muito profundas no próprio padrão escrito” (p.230).

No que concerne aos complexos verbais, o gramático afirma que pode haver ênclise ao verbo auxiliar ou ao NdP (núcleo do predicado), desde que não se apliquem as restrições à ênclise. Continua sua análise, informando que a próclise ao verbo principal não era admitida pelos gramáticos antigos; de acordo com Perini, não há evidências de como essa condenação reproduzia um uso real no padrão escrito da época. No padrão brasileiro atual, tem-se o uso da próclise ao verbo principal como mais freqüente do que a próclise ao auxiliar. Nas palavras do autor:

A próclise ao NdP é também mais freqüente do que a ênclise a qualquer dos dois elementos, como em (...) e (...), de modo que se pode dizer que a posição natural do clítico, quando o predicado é complexo, é a próclise ao NdP: precisamente a construção antigamente considerada incorreta.
(PERINI, 2001: 231)

O autor recorre, ainda, aos compêndios tradicionais, para atestar o que os gramáticos normalmente consideram como “atratores”, atentando para o fato de que não há um consenso, em determinados casos, sobre que elementos exerceriam tal atração. Consoante Perini, os elementos recorrentemente tidos como atratores são os seguintes: os relativos; os interrogativos; o item *não, nunca, só, até, mesmo, também, tudo, nada, alguém, ninguém*; o complementizador *que*. São citados com menos freqüência: SNs acompanhados de pré-determinante; SNs iniciados por *qualquer, nenhum*. Há

gramáticas que inserem ainda outros itens, como *bem, mal, ainda, já, sempre*. Segundo o autor, é necessário fazer um levantamento de ocorrências dos clíticos em textos, bem como realizar testes com pessoas que dominam o padrão, para que se possam atestar quais desses itens poderiam, de fato, exercer atração sobre o pronome.

Considerando os complexos verbais, Perini sugere que pode ocorrer a próclise tanto ao verbo auxiliar, como ao verbo principal. Entretanto, alega que a estrutura de próclise ao verbo auxiliar se faz cada vez mais rara no PB. O gramático expõe, também, alguns casos, concebidos por ele como duvidosos, de estruturas com dois verbos, em que o primeiro verbo não é um auxiliar, mas, ainda assim, acolhe o pronome. O autor exemplifica com o verbo *saber*: *Ela me sabe agradecer*. Ressalta que é uma construção rara, mas que, algumas vezes, ainda ocorre. Afirma, ainda, que o clítico antes do auxiliar tem aceitabilidade mais ou menos reduzida quando o auxiliar vem seguido de preposição, como em *Ela se deixou de maquiar*.

De modo geral, no que se refere à colocação pronominal, o autor estabelece que as restrições citadas caminham para o desaparecimento, e serão substituídas por um princípio que estabelecerá que os clíticos apareçam somente antepostos ao verbo, independentemente da natureza do contexto morfossintático.

2.3. A perspectiva de alguns estudos descritivos

Nesta seção, sintetizam-se os resultados de alguns estudos sobre a ordem dos clíticos, tanto no contexto das lexias verbais simples, como no contexto de complexos verbais. Foram selecionados aqueles que fornecem maior contribuição descritiva e/ou explicativa, destacando, especialmente, os resultados mais significativos em relação ao que se propõe para a modalidade escrita brasileira – modalidade de que se ocupa a presente pesquisa –, seja na perspectiva diacrônica ou de sincronias passadas (2.3.1), seja na análise de material de sincronias atuais (2.3.2).

2.3.1. Estudos de natureza diacrônica / de sincronias passadas

Pagotto (1992) investiga a ordem dos clíticos pronominais do século XVI ao XX, valendo-se de cartas pessoais, processos criminais, escrituras e testamentos produzidos no Brasil. Pauta-se no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Paramétrica. Seu estudo contempla o contexto de lexias verbais simples e de complexos verbais. Para tanto, distribui os dados da seguinte forma: sentenças com um único

verbo; sentenças com grupos verbais; sentenças com verbos sozinhos antecidos de partícula de negação ou advérbios; sentenças com grupos verbais antecidos de partícula de negação ou advérbio.

Com relação aos dados de clíticos encontrados no âmbito das lexias verbais simples, pode-se observar que, no período do século XVI ao XVIII, se apresenta certa estabilidade da posição do clítico, com forte tendência à próclise (exceto em posição inicial absoluta), que faz esse português aproximar-se muito do PB atual. Entretanto, os dados referentes ao PB atual (1992) exibem um percentual de próclise inferior ao do português clássico. Consoante Pagotto:

Esta tendência à ênclise começa a se manifestar a partir do século XIX, o que faz crer que deve ter havido um processo de mudança, sendo que, no que diz respeito à variável estudada, ela só é perceptível quando se faz essa leitura “ao contrário” dos resultados. (PAGOTTO: 1992, 100)

O autor afirma que tal tendência é contraditória, uma vez que a ênclise não era majoritária no sistema do português. Assim, Pagotto salienta que a posição do verbo na sentença pode desencadear determinada posição do clítico, especialmente quando se trata de verbos sozinhos em sentenças finitas. Afirma, ainda, que a tendência à próclise é apenas refreada, no período do século XVI ao XVIII, pelo fato de o verbo encabeçar ou não a sentença.

Em se tratando da presença dos pronomes átonos em grupos verbais, o autor verifica que, até o século XVII, o padrão mais utilizado era o da variante pré-complexo verbal, independentemente de contextos morfossintáticos, como, por exemplo, o tipo de clítico. A variação com outras posições ocorria em contextos bastante singulares, como a pós-complexo verbal diante de verbo principal no infinitivo. O processo de mudança aconteceria na segunda metade do século XVIII, na qual se substituiria a posição pré-complexo verbal pela posição $v1\ cl\ v2$, com o clítico proclítico ao segundo verbo. De acordo com Pagotto, os contextos que favorecem esse comportamento são os contextos com verbo principal na forma infinitiva e clíticos reflexivos. O clítico *o*, entretanto, tem como posição atestada a ênclise ao segundo verbo. O autor comenta que razões fonológicas ou sintáticas devem ter contribuído para o fato.

Quanto aos grupos verbais antecidos de negação ou advérbio, a pesquisa mostra que a interpolação entre o clítico e o complexo verbal ($cl\ neg\ v1\ v2$) é permitida pelas partículas de negação. Os advérbios, no entanto, tendem a aparecer antecidendo construções como $cl\ v1\ v2$.

De modo geral, o trabalho evidencia que o PB e o PE traçam caminhos distintos, ressaltando que a variedade européia passa a exercer pressão sobre a variedade brasileira, o que justificaria a presença de estruturas típicas do PE na modalidade escrita, que não pertenceriam, de fato, ao PB.

Pagotto (1998), em seu texto “Norma e condescendência; ciência e pureza”, objetiva exibir o contraste existente entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, no que tange à sintaxe do português. Para tanto, o autor analisa diferentes textos, nos quais se observa, principalmente, a discrepância, gerada pelo estabelecimento da norma culta, entre o português escrito e falado no Brasil. O linguísta inicia seu estudo afirmando que pretende argumentar que é durante o século XIX que uma norma culta escrita foi codificada. Nas palavras de Pagotto:

O que se pretende argumentar é, basicamente, que a constituição de uma nova norma culta no Brasil foi um longo e laborioso trabalho discursivo, executado durante anos a fio por eminentes gramáticos, jornalistas, escritores, etc, que construíram o significado que hoje atribuímos às formas da escrita. Mais ainda, que foi o discurso científico o que deu o último suporte para a manutenção da norma culta codificada na segunda metade do século XIX, superando os impasses que o discurso polêmico suscitou até os anos 40.
(PAGOTTO: 1998, 50,51)

Para verificar de que forma a norma culta do século XIX – apontado como o período em que as grandes mudanças na sintaxe do português do Brasil se consolidaram (TARALLO, 1993, dentre outros, *apud* PAGOTTO, 1998) – se comportava face a tais mudanças, o autor toma como base dois distintos exemplares do texto que, de acordo com ele, “costuma ser a expressão mais alta das elites de um país – o texto constitucional” (p. 51). Ao comparar o texto da Constituição de 1824 com o texto da Constituição republicana de 1981, Emílio Pagotto observa uma modificação no padrão da norma brasileira, na qual se salienta a ordem pré-verbal dos clíticos.

De início, destaca que o primeiro texto foi escrito no que era conhecido como português clássico, e o segundo, no que era tido como a atual norma culta do português moderno. O autor comenta que, no caso dos clíticos, a distinção entre os dois textos é altamente considerável, pois, na constituição do Império, encontram-se os pronomes átonos essencialmente na posição proclítica, e, na constituição da República, a ênclise é a opção preferencial. Segundo Pagotto: “A constituição do império chega a apresentar casos severamente condenados pela atual norma culta, como começar a sentença pelo clítico” (p. 52).

Os resultados revelam que a mudança ocorrida, com relação às formas lingüísticas, é fruto da expansão das mudanças na gramática do português falado em

Portugal. Assim, o autor discorre sobre alguns fatores que podem ter colaborado para essa alteração de atitude, no que concerne à língua falada. A saber: a ascensão da burguesia, na primeira metade do século XIX; e no plano literário, o romantismo, que marca uma fase em que a literatura se populariza, uma vez que anteriormente a arte era restrita à nobreza. Assim, a literatura passa a ter um novo mercado consumidor, constituído pela burguesia ascendente. O escritor, então, precisa aproximar-se de um público maior, e menos preso às formas clássicas de se exprimir. Como ele mesmo afirma: “É então que se dá o alçamento das formas gramaticais emergentes à condição de poder figurar no texto escrito... Forja-se então a atual norma culta portuguesa” (p. 54).

No que diz respeito à repercussão que o Romantismo teve no Brasil, o autor ressalta que o escritor José de Alencar, ao tentar inserir em seu texto elementos próprios dos falares brasileiros, acaba por inserir, na escrita, mudanças que aconteciam no Brasil. No caso dos clíticos, por exemplo, “ele os colocava onde mandassem seus ouvidos” (p.63). Todavia, o português muitas vezes praticado na escrita brasileira encontrava-se cada vez mais próximo do português europeu moderno. Tal fato, segundo Pagotto, seria uma forma de aproximação com a nação européia, com o intuito de se formar uma homogeneidade cultural.

Nota-se que a moderna norma culta de Portugal é mantida como a norma culta do Brasil, em meio ao período do século XIX, considerado como polêmico. Após esse período, já no século XX, o autor comenta que continuam a existir diversos discursos que se apoderam da norma culta, devido ao marco no crescimento da produção científica, que, de acordo com o lingüista, desencadeia um discurso científico que se mantém atrelado às formas estabelecidas pela norma culta.

Por fim, Pagotto ressalta que a norma culta no PB fica codificada apenas nas escolas, colunas de jornais e programas de TV, diferentemente do que se processa na oralidade. Como resultado, a dita norma culta “inscreve-se em um português e fala-se em outro” (p. 65).

Cyrino (1996), em investigação sobre o fenômeno do objeto nulo, também trata da ordem dos pronomes átonos em complexos verbais no PB. Para tanto, utiliza, como *corpus*, peças teatrais brasileiras do século XVIII, XIX e XX, gênero em que pretendia ter acesso a usos lingüísticos não muito distantes do vernáculo desses períodos.

A partir de sua análise formalista, a autora verifica que, quanto à próclise, no século XVIII, o clítico pode “subir até mesmo a uma posição acima de NEG”; já no século XX, ele aparece sempre proclítico ao verbo principal, o “verbo mais baixo”. Quanto à ênclise, a autora cita os contextos em que era, no século XVIII, categórico seu uso: estruturas com imperativo afirmativo, sentenças com infinitivo impessoal e sentenças com gerúndio. No século XX, a ênclise restringe-se ao pronome acusativo de terceira pessoa – *o, a (s)* – acompanhado de infinitivo.

Dessa forma, quanto à posição do clítico em locução verbal, seus resultados mostram aumento do uso da próclise ao verbo principal no século XX. Consoante Cyrino: “...o pronome clítico não é mais móvel no século XX – ele fixa ao verbo mais baixo.” (Cyrino, 1996: 168). A autora ressalta, ainda, que mesmo havendo “partícula atratora” na estrutura, o clítico tende a fixar-se à esquerda do verbo principal. O pronome apresenta 100% de ocorrência na posição AUX cl V, no século XX, e nenhuma ocorrência, nessa mesma posição, no século XVIII, diante de elemento “atrator”.

Cyrino atesta, portanto, que a ênclise é progressivamente abandonada ao longo dos séculos e que a possibilidade de ocorrência do clítico depois do verbo principal é progressivamente restringida e, aos poucos, deixa de existir. Destaca, também, que, embora em uma lexia verbal simples o clítico esteja ligado ao verbo que carrega a concordância, em uma oração com locução verbal, o clítico está afixado ao verbo que não carrega a concordância, no PB, como em: “João vai me dar um livro”. Seus dados mostram que essa estrutura começa a aparecer já na primeira metade do século XIX.

Ao final da seção, Cyrino sistematiza sua análise, exibindo as possíveis mudanças no PB. De início, afirma que as propriedades sintáticas do verbo auxiliar no século XIX se encontram fracas. Em seguida, atesta que, na primeira metade do século XIX, a ênclise, em locuções verbais, é reanalisada, como próclise ao verbo mais baixo. Com relação ao século XX, salienta que a ênclise se torna rara, e que a próclise é fenômeno geral.

Lobo (1998) – em sua tese de doutoramento, especialmente no volume 4, denominado *Sintaxe Portuguesa e Sintaxe Brasileira na Bahia do século XIX* – analisa a ordem dos clíticos, com o objetivo principal de verificar o grau de proximidade/distanciamento, entre a sintaxe de imigrantes portugueses e de brasileiros, em sua maioria integrantes da elite e do grupo social que lhe é inferior na hierarquia social, no

Recôncavo da Bahia, no final da primeira metade do século XIX. Para tanto, vale-se de cartas particulares, separando as cartas escritas por brasileiros das cartas escritas por portugueses.

A autora afirma, de início, que a segunda metade do século XIX marca a questão da afirmação de uma nova identidade, a identidade de uma nacionalidade brasileira diferente da portuguesa. Tal fato, segundo ela, é designado pela sintaxe dos clíticos, que colabora para a materialização da “Questão da Língua” no Brasil nesse período. Ressalta, entretanto, que os maiores difusores da questão gramatical relacionada à sintaxe dos clíticos, nessa época, são apenas alguns escritores e gramáticos, permanecendo o padrão brasileiro ainda próximo do europeu.

Os resultados obtidos, a partir da comparação entre as cartas, permitem a observação de alguns aspectos importantes, no que tange ao posicionamento dos clíticos. No contexto dos verbos simples, tem-se, no domínio das orações dependentes finitas, o padrão de ordem dos clíticos categoricamente pré-verbal entre os portugueses, porém, entre os brasileiros, um padrão de ordem variável, ressaltando-se a preferência de 94.9% pela posição proclítica. No domínio das orações dependentes não-finitas, as infinitivas não antecedidas de preposição acomodam o clítico categoricamente na posição pós-verbal; nas gerundivas não antecedidas de preposição, a ordem dos clíticos foi categoricamente depois do verbo entre portugueses e variável entre brasileiros, embora com preferência de 92.3% de ênclise. Em orações com grupos verbais, verifica-se o predomínio de estruturas com elevação do clítico, tanto para os portugueses, como para os brasileiros, ainda que com percentuais distintos – 71.8% entre os portugueses e 58.2% entre os brasileiros; nas estruturas em que não foi verificada a elevação do clítico, há a predominância da variante em que o clítico está posposto e enclítico ao verbo não-finito; ocorre, ainda, entre os brasileiros, o clítico anteposto e proclítico ao verbo principal, mesmo que este esteja na forma participial, o que não é possível ocorrer entre os portugueses; há, também, entre portugueses e brasileiros, a possibilidade da não realização do clítico adjacente ao verbo.

Após essas conclusões, a autora comenta que há, ainda hoje, divergências entre o português europeu e o brasileiro, e também no âmbito interno do PB, no que diz respeito à sintaxe do clítico. No que toca ao PB contemporâneo, a título de esclarecimento, Lobo afirma que, na norma vernácula, a ordem dos clíticos é, em geral, antes do verbo, e na norma oral culta, em situação de formalidade na comunicação, a ordem dos clíticos varia, na maioria dos contextos sintáticos. Dessa forma, sugere que

se busque a causa dessa diferença, não somente pelo encaixamento social do fenômeno, mas também pelo encaixamento lingüístico.

Quanto ao período posterior à Independência, Lobo destaca que, no Recôncavo da Bahia, é notável a aproximação entre a norma vernácula da ordem dos clíticos de imigrantes portugueses que fazem parte da elite da comunidade de imigrantes e a norma escrita socialmente de prestígio de colocação dos pronomes átonos de brasileiros majoritariamente pertencentes ou à elite ou ao grupo social que lhe é imediatamente inferior na hierarquia sócio-econômica. Segundo a autora, esses resultados confirmam uma visão já expressa: tratar da escrita no Brasil Colonial é, certamente, referir-se à história das elites. Em suas palavras:

O indivíduo que escrevia, necessariamente, fazia parte de uma elite, a elite dos que escreviam, e moldava-se aos modos de escrever da elite. No Brasil recém-saído de um passado colonial, a tradição escrita está, ainda, inequivocamente marcada pela tradição portuguesa. (LOBO, 1998: 792)

Galves, Britto e Paixão de Souza (2005) – doravante GBPS –, em estudo sobre a ordem dos clíticos na história do Português, mais propriamente nos períodos correspondentes aos séculos 16 a 19, investigam os padrões de colocação pronominal, a partir de textos escritos por autores portugueses nascidos de 1.500 a 1.850. Embora o presente trabalho não investigue dados do Português Europeu, far-se-á uma exposição dos resultados gerais obtidos pelas autoras, considerando-se tal estudo de grande relevância, uma vez que associa a mudança ocorrida no PE a uma possível competição de gramáticas, o que é, de fato, uma contribuição no que tange ao fenômeno da colocação pronominal.

As autoras analisam os dados, organizando-os em três contextos de variação, expostos a seguir.

(i) contextos de variação I – aqueles formados pelas estruturas em que o verbo é antecedido por um sujeito referencial não focalizado (1a), alguns tipos de advérbio (2a), ou por um sintagma preposicional com função adverbial (3a):

- 1a. *As outras prophecias cumprem-se a seu tempo* (A.Vieira, n.1607)
- 2a. *Agora quero-lhe dizer algumas cousas das que vossa Mercê desejará saber a meu parecer* (A. Costa, n.1714)
- 3a. *Em troca disto, ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de todas as suas colônias e...* (Alorna, 1750).

(ii) contextos de variação II – orações nas quais o elemento pré-verbal é uma conjunção coordenativa (4a), ou uma oração dependente (5a):

4a. *Achou-os ditosamente, falou-lhes, e rendeu-os a largarem aquela vida brutal* (A. Barros, n.1675).

5a. *Para começar a render, animou-os com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligível, que grata.* (A. Barros, n.1675).

(iii) contextos de não-variação – a ênclise é categórica quando o verbo está em posição inicial absoluta de oração (6); a próclise é categórica quando há os seguintes contextos: orações negativas (7), orações subordinadas (8), orações em que o sintagma pré-verbal é um quantificador (9), um operador QU (10), um sintagma focalizado (11) ou um advérbio de certa classe (12).

6. *Achou-os ditosamente, falou-lhes*

7. *O Paulo não me fala*

8. *Todo mundo sabe que a viste*

9. *Alguém me chamou*

10. *Quem me chamou?*

11. *Só ele a entende*

12. *Eu (sempre, ainda, já) a encontrei no mercado.*

A alternância ênclise/próclise ao longo do tempo justifica a divisão realizada pelas autoras. Elas observam que há uma variação muito grande de autor para autor, desde o século XVI, nos contextos de variação II. Em contrapartida, os contextos de variação I são bem mais uniformes de autor a autor e exibem dados de ênclise muito baixos nos séculos XVI e XVII.

O estudo permite evidenciar, ainda, dois momentos na variação ênclise/próclise. De um lado, verifica-se a proporção da ênclise variando em torno de 0% a 20%, em todos os textos dos autores nascidos até o final do século XVII, com exceção do texto *Os Sermões*, de Vieira, nos quais se encontram 45% de ocorrência da posição enclítica do pronome; por outro lado, a frequência da ênclise aumenta gradativamente em textos de autores nascidos no começo do século XVIII, alcançando níveis próximos de 90%.

As autoras julgam esses dois períodos como duas fases gramaticais distintas. No primeiro, a variação seria realizada por uma gramática em que a próclise é a opção não marcada – reflexo do Português Clássico – mas que não afasta a ênclise. O segundo período ocorreria devido a uma mudança gramatical que fez da ênclise a única

possibilidade de colocação, permanecendo, entretanto, a próclise durante logo tempo, sendo considerada como um vestígio da gramática antiga na escrita. Nas palavras das autoras:

The variation observed in the second period, in which we observe an inversion in frequency between proclisis and enclisis, is due to the competition in texts between two grammars, Classical Portuguese and Modern European Portuguese¹. (GBPS, 2005: 7)

No que tange ao percentual de ênclise encontrado nos *Sermões* de Vieira, que destoa do percentual dos outros autores nascidos na mesma época (até o final do século XVII), as autoras afirmam que a ênclise seria o padrão marcado, pois observam que as ocorrências de ênclise aparecem, em sua maioria, quando o constituinte pré-verbal é um tópico contrastivo. Como se verifica no exemplo: “*Não diz o Apostolo, que passa o mundo, senão as figuras; porque as figuras; porque as figuras vão-se, e o teatro fica*” (n.74, Vieira). Segundo as autoras, a razão da ênclise recorrente, nesse contexto, seria explicada por razões estilísticas próprias do Barroco.

Para finalizar, as autoras afirmam que a modificação do padrão de colocação dos clíticos, em autores nascidos do século XVIII, se deve a uma mudança gramatical que se encontra na base do PE.

Martins (2009), em sua tese de doutoramento, descreve e analisa os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira) e lisboeta dos séculos 19 e 20. Os dados analisados são orações finitas não-dependentes com verbos simples e estruturas verbais complexas em amostras extraídas de vinte e quatro peças de teatro escritas por catarinenses e de vinte e uma peças escritas por lisboetas, nascidos no período em questão. O interesse do autor é investigar o padrão de variação / não-variação dos clíticos, e verificar a possível influência do padrão da gramática do português europeu na escrita desses textos. Sua hipótese é a de que a escrita catarinense reflete um processo de mudança, que pode ser originário de uma competição de três gramáticas: gramática do PB, gramática do PE e gramática do PC (Português Clássico), à semelhança da proposta apresentada por GBPS (2005).

O autor inicia sua análise especificando os contextos em que a próclise foi praticamente categórica na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, em orações finitas

¹ A variação observada no segundo período, no qual observamos uma inversão na frequência entre próclise e ênclise, é devida a competição nos textos entre duas gramáticas, Português Clássico e Português Europeu Moderno.

com verbos simples, a saber: orações com operadores de negação predicativa; orações iniciadas por quantificadores, por determinados advérbios ou por constituintes focalizados. Consoante o autor: “A próclise nesses ambientes é o padrão de ordenação em textos escritos em toda a história do português, mais especificamente na escrita dos séculos 13 a 20.” (MARTINS, 2009: 303). O autor ressalta, ainda, que os dados de ênclise nesses contextos podem ser interpretados como hipercorreção no uso do padrão enclítico da gramática do PE.

Segundo o estudo realizado, a ênclise é padrão em contextos em que o verbo aparece necessariamente em início de oração absoluta, na escrita dos séculos 13 a 19 e, também, na escrita portuguesa do século 20. Não foram encontradas ocorrências de próclise nesses contextos na diacronia do português. Somente em textos catarinenses dos séculos 19 e 20, a próclise é atestada. Como afirma o autor:

A próclise nesse contexto passa a ser uma inovação da gramática do PB, razão pela qual tem sido interpretada como uma propriedade que diferencia essa gramática em relação à gramática do PE e àquelas de períodos anteriores. (2009: 109)

O estudo demonstra, ainda, que há variação próclise/ênclise em orações iniciadas por sujeitos não focalizados, advérbios não modais e sintagmas preposicionais. Há variação próclise/ênclise, por exemplo, em textos portugueses do século 20, com aumento progressivo para o uso da ênclise, e variação nos textos brasileiros dos séculos 18 a 20, com aumento progressivo da próclise.

No que se refere ao contexto de estruturas complexas, o autor observa que a próclise a V1 e a próclise ao verbo não-finito em complexos verbais já aparecem, embora de forma não recorrente, em textos brasileiros dos autores nascidos no século 19, e aumentam gradativamente em textos dos autores nascidos no século 20. De acordo com Martins (2009):

Os resultados apresentados (...) mostram que nos textos de catarinenses nascidos no século 20 há uma queda no uso da variante V1(X)V2cl, com ênclise ao verbo não-finito, e, paralelamente, um aumento significativo no uso da variante V1(X)cl-V2, com próclise ao verbo não-finito, e da variante V1clV2, num contexto ambíguo entre ênclise ao verbo finito ou próclise ao verbo não-finito. (MARTINS, 2009: 218).

O estudo permite constatar que há, na escrita do século 19, padrões bem variáveis, possivelmente influenciados tanto por padrões conservadores do PC –

construções DPclV² e XclV com percentagens variáveis e inferiores a 50% e construções com interpolação de "não" e/ou do pronome pessoal "eu" –, como pela gramática inovadora do PB – próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – e, ainda, pela gramática “da norma” do PE – o padrão enclítico instanciado pela gramática do Português Europeu (PE). Com relação à escrita do século 20, por apresentar padrões mais estáveis, pressupõe-se maior influência da gramática do PB. Assim, o autor defende, com base nos resultados empíricos descritos e analisados, que a ordenação de clíticos na escrita catarinense reflete um caso complexo de competição de três gramáticas do português: PC, PB e PE.

Nunes (2009) – considerando textos jornalísticos e publicitários (notícias, editoriais e anúncios) produzidos no Brasil e em Portugal – analisa a ordem dos clíticos em contextos de complexos verbais dos séculos XIX e XX, com base no aporte teórico da Sociolingüística de orientação laboviana e apoiada na proposta de Klavans (1985), sobre os parâmetros de cliticização. Dentre esses parâmetros, Nunes (2009) situa seu trabalho, especificamente, no segundo parâmetro, chamado parâmetro da precedência. Segundo a autora: “Interessa saber se o clítico elege, em relação à estrutura verbal complexa, a posição anterior (cl v1 v2), posterior (v1 v2 cl) ou interveniente (v1 cl v2), nas variedades do PB e do PE” (NUNES, 2009: 59).

O estudo conta com 749 dados dos clíticos em complexos verbais, sendo 300 encontrados nos textos do PB e 449 nos textos do PE. Consoante Nunes (2009):

A diferença entre o número de dados em cada variedade, tendo em vista a semelhança na oferta de material para a coleta, sugere que o contexto de complexos verbais acompanhados de clíticos – em seu conjunto – é menos produtivo na escrita brasileira do que na europeia. (p. 231)

No referido estudo, constituem como variável dependente as seguintes variantes: pré, intra e pós-complexo verbal. Como variáveis lingüísticas, foram estabelecidos os seguintes grupos de fatores: (i) número de formas (semi)auxiliares do verbo; (ii) Forma do verbo principal; (iii) Presença de preposição/conector no complexo verbal; (iv) Presença de sintagma interveniente na locução; (v) Tipo de clítico; (vi) Presença de possível elemento proclisador; (vii) Forma do verbo (semi-)auxiliar 1; (viii) Tipo de complexo verbal. Como variáveis extralingüísticas, têm-se o gênero textual e a época da publicação dos textos.

² DP cl V = Sintagma determinante (determinant phrase) + clítico + verbo; X cl V = qualquer elemento + clítico + verbo

O estudo registra, dentre outros resultados, que as variáveis lingüísticas que se mostraram mais relevantes no condicionamento do fenômeno foram (i) presença de possível elemento proclisador; (ii) forma do verbo principal; e (iii) tipo de clítico. Verificou-se que, diante de elementos prototipicamente proclisadores, principalmente os subordinativos, a próclise ao complexo verbal é a opção preferencial, nas duas variedades e nos dois séculos estudados. No que concerne à forma do verbo principal, tanto a variedade brasileira como a européia não apresentam o pronome átono enclítico ao particípio. Com relação ao verbo no infinitivo, a autora afirma que essa forma nominal no século XIX parece estar relacionada a um possível contexto de atração, que precede o grupo clítico-complexo verbal. Já no século XX: “...o infinitivo demonstra abrigar preferencialmente a ênclise a v2, não importando se há ou não um proclisador, principalmente no PB” (NUNES, 2009: 248). Quanto ao tipo de clítico, destaca-se, especialmente, com relação ao clítico acusativo de 3ª pessoa, no século XIX tanto na amostra brasileira, como na européia, que este está condicionado à presença de um elemento proclisador. Tal fato surpreende, uma vez que se esperava uma ocorrência muito grande da posição enclítica. A autora verifica, então, que o rigor na aplicação da próclise está relacionado a uma estrutura lexical cristalizada, muito comum em textos publicitários. No PB do século XX, esse rigor não é seguido. Segundo a autora:

O emprego do clítico “o/a(s)” no século XX demonstra o comportamento já esperado, figurando a maioria dos dados em ênclise ao complexo verbal, como uma expressão quase fixa quando associado às estruturas verbais complexas com o verbo principal no infinitivo. (NUNES, 2009: 157)

No que tange às variáveis extralingüísticas, ressalta-se, por exemplo, a diferença de comportamento na colocação pronominal nos distintos gêneros textuais, sobretudo no século XX.

No PB, os anúncios demonstraram preferir a variante intra-CV, talvez por se assemelhar ao padrão oral usado no Brasil, associado ao caráter mais informal do gênero. Os editoriais demonstraram sua característica de maior rigor no cuidado com a linguagem e no grau de formalidade, seguindo, por exemplo, mais intensamente o princípio da atração pronominal no favorecimento da variante proclítica ao complexo verbal. (NUNES, 2009: 249)

A autora ressalta, ainda, a importância de se investigar, através de testes de atitudes, “o problema da avaliação” das variantes no contexto atual, como possível elemento condicionador para a escolha da posição dos clíticos, em ambas as variedades.

No que se refere aos parâmetros de cliticização, a pesquisadora constata:

De modo geral, o estudo permite sugerir que o PE não sofreu alteração do parâmetro da precedência no período estudado. Nos dois séculos, a preferência é pela próclise a v1 ou a ênclise a v2, motivadas pelo condicionamento de natureza morfossintática, já mencionado. Já no PB, observa-se um padrão semelhante ao europeu no século XIX, mas, no século XX, em decorrência da queda da próclise ao complexo, nota-se um equilíbrio na escolha pelas posições anterior ou posterior ao complexo verbal. (NUNES, 2009: 244/245).

2.3.2. Estudos de natureza sincrônica – PB atual³

Lobo (1992 *apud* VIEIRA 2002), em sua dissertação de Mestrado, intitulada *A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto*, analisa a ordem dos clíticos no Português Quinhentista, comparado ao Português Europeu e Brasileiro então contemporâneos. Além disso, compara o Português Brasileiro com o Português Europeu, baseando-se em trabalhos de outros estudiosos.

De modo geral, o estudo demonstra que o padrão de colocação do pronome átono no português brasileiro, em sua “variante oral culta formal” (*corpus* NURC), caracteriza-se por ser variável em quase todos os contextos sintáticos, com notável preferência pela variante pré-verbal.

Com relação aos fatores extralingüísticos, a pesquisa demonstra que as variáveis controladas, para o século XX – faixa etária, local de origem dos informantes, a (des)obediência à norma padrão – e para o século XVI – a natureza estilística do texto e os diferentes remetentes e destinatários da prosa epistolar –, não se mostraram produtivas no condicionamento do fenômeno, já que este é de natureza estrutural.

A autora, então, apresenta algumas considerações que indicam haver um processo de mudança no PB:

(i) a posição pré-verbal foi categórica em enunciados com verbo antecedido por SN sujeito, pronome pessoal e por SAdv de negação;

(ii) orações subordinadas desenvolvidas, enunciados com verbo precedido por SN sujeito nominal e por SAdv/ SPreps circunstanciais (principalmente quando não se separam do verbo por pausa) são condicionamentos estruturais bastante favoráveis à próclise;

(iii) a colocação enclítica do pronome átono mostrou-se categórica no contexto de clítico acusativo de terceira pessoa *o, a (s)* diante de verbo na forma infinitiva;

³ Consideram-se, nesta seção, estudos de Pós-graduação desenvolvidos com dados produzidos na segunda metade do século XX e/ou no século XXI. Saliente-se que outras descrições do fenômeno – artigos ou trabalhos em desenvolvimento –, especialmente os que se utilizam de material jornalístico, foram consultadas e serão objeto de comparação com os resultados desta pesquisa, quando oportuno.

(iv) são condicionamentos estruturais bastante motivadores da posição pós-verbal: a posposição do clítico *se* ao verbo, como estratégia para indicar sujeito semanticamente indeterminado; e orações subordinadas reduzidas de gerúndio.

A autora afirma que as estruturas com gerúndio, clítico acusativo de terceira pessoa junto ao infinitivo e clítico *se* nas construções de sujeito indeterminado destacam-se como “ilhas de resistência ao padrão observado para o PB culto contemporâneo” (p.211).

Vieira (2002) focaliza a ordem dos clíticos pronominais, tanto no âmbito das lexias verbais simples, como no âmbito dos complexos verbais, nas modalidades oral e escrita do Português do Brasil (PB), Europeu (PE) e Moçambicano (PM) do século XX. Para tanto, coleta um conjunto de 5.196 dados representativos de cada uma das variedades e modalidades do Português. Nas lexias verbais simples, há 4.167 dados dos clíticos e no contexto de complexos verbais, 1.029 dados. Para o estudo da modalidade escrita, interesse do presente trabalho, recolhem-se todos os pronomes átonos encontrados em um total de 90 textos jornalísticos (30 de cada variedade) dos gêneros textuais editorial e crônica. No PB, os veículos de comunicação selecionados foram o *Jornal do Brasil* e *O Globo*.

Para o estabelecimento dos condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos que determinam os parâmetros da variação dos pronomes átonos, a autora desenvolve o trabalho a partir do instrumental teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista. Com o objetivo de observar, também, a relevância de parâmetros prosódicos na colocação pronominal, a autora se vale do programa CLS, que viabiliza a investigação dos dados pela base acústica.

No que tange à ordem dos clíticos em lexias verbais simples, o PE apresenta um equilíbrio dos dados das variantes pré-verbal e pós-verbal, justificado pela grande produtividade de contextos de subordinação, nos quais aparecem os elementos tidos como atratores. Quando não há esses elementos, a variante pós-verbal é a mais produtiva. Nas palavras da autora: “Ao que parece, a tendência europeia à colocação pós-verbal está diretamente vinculada aos contextos em que não se encontram presentes os tradicionais “atratores”; caso haja algum desses elementos, espera-se a próclise”. (VIEIRA, 2002: 87). O PM, por sua vez, revela tendência expressiva à variante pós-verbal, mesmo nos contextos em que se esperaria a realização da próclise. Consoante a autora: “Ao que parece, esse número expressivo de casos em que o possível operador de

próclise não “opera” revela um traço caracterizador da variedade moçambicana e não uma espécie de “deslize” em relação ao que seria “normal” ocorrer” (VIEIRA, 2002: 126).

Com relação ao PB, este apresenta um comportamento bem diferente em cada modalidade. Na modalidade oral, o que prevalece, de modo geral, é a variante pré-verbal. Como afirma Vieira (2002): “A distribuição dos dados revela que, independentemente da presença de um operador de próclise, se dá a concretização da variante pré-verbal de forma expressiva no PB oral.” (p. 126). Na modalidade escrita, alguns fatores atuam como influenciadores da colocação do clítico, como presença de elemento atrator, tipo de clítico, tipo de oração e distância entre o operador e o grupo clítico-verbo. A posição enclítica tende a ocorrer em contextos em que não há a presença de elemento atrator, e quando o clítico está precedido de conjunção coordenativa ou de locução adverbial, sobretudo quando distantes.

No que concerne ao contexto de complexos verbais, a variante intra-complexo verbal foi a mais freqüente nas três variedades do Português, na modalidade oral. Tal fato justifica-se, sobretudo, devido às variáveis tipo de clítico, forma do verbo não flexionado e constituição do complexo verbal. Dados do PE demonstraram que, na maioria das vezes, o clítico, na posição intra-CV, está ligado ao verbo que o antecede, ou seja, está na posição enclítica a V1. Salienta-se também que o pronome tende a aparecer na posição pré-complexo verbal, principalmente, quando há a “presença de operador” no contexto anterior ao complexo verbal. Além desse fator, mostraram-se relevantes para posição do clítico anterior ao complexo verbal a presença de sintagmas adverbiais curtos, partículas de negação e conjunção subordinativa. Já no que diz respeito à modalidade escrita, o padrão de ordem altera-se em relação à oral. As variedades européia e moçambicana passam a ter a variante pré-CV como a mais produtiva. Os possíveis elementos “atratores” estão, nesses casos, atuando com mais rigor. No PB, a preferência pelo padrão V1 cl V2 é confirmada, embora com um percentual menor de realização. Assim, a presença de elementos possivelmente atratores dos pronomes pode não ter sido tão relevante para o condicionamento dos clíticos na posição anterior ao complexo verbal. Ressalta-se que a variante pós-CV foi expressiva quando o clítico era o acusativo *o(s)*, *a(s)*. Conforme Vieira (2002: 312):

Apesar do número muito reduzido de dados, registra-se, também para o PB escrito, o comportamento particular do pronome <o, a (s)>, no sentido de favorecer a variante pós-CV. Os demais pronomes evidenciam que, efetivamente, a variante que predomina é a intra-complexo verbal, registrada

até em contextos com tradicionais operadores de próclise ou após a forma do futuro do pretérito do indicativo.

No que se refere aos resultados obtidos pela análise prosódica, verifica-se que, de acordo com Vieira (2002):

(i) o pronome átono do PB apresenta, quanto à duração e à intensidade, as mesmas configurações de uma sílaba pretônica vocábular; o pronome átono do PE assume, quanto à duração e à intensidade, as características de uma sílaba postônica/pretônica vocábular; (ii) a ligação fonológica do pronome átono no PB dá-se para a direita, enquanto o PE assume o parâmetro da ligação fonológica para a esquerda. (p. 407).

De modo geral, no que concerne à escrita brasileira, os resultados de Vieira (2002) evidenciam que há a importação de um modelo de colocação que não é compatível com a modalidade oral. Os contextos – presença de possível elemento atrator (principalmente na oposição início absoluto *versus* demais contextos), tipo de oração e distância entre o grupo clítico-verbo – são relevantes no condicionamento do fenômeno, no âmbito das lexias verbais simples. Considerando a colocação pronominal nos enunciados com complexos verbais, destaca-se que, no Português do Brasil, prevalece a variante intra-complexo verbal em 90% dos casos, e no que respeita à relação do clítico com as duas formas verbais, o estudo revela que o pronome se liga ao verbo posterior.

Schei (2003) investiga o fenômeno da colocação pronominal no PB, analisando seis romances do fim do século XX produzidos por escritores brasileiros. Baseando-se nesse *corpus*, a autora faz uma comparação entre o que prescrevem as gramáticas normativas sobre a ordem dos clíticos, tanto nas lexias verbais simples, como nos complexos verbais, e o que encontra no material investigado. Em alguns momentos, são mencionadas informações a respeito do PE, apesar de essa variedade não ser foco de sua pesquisa.

A partir da comparação entre sete compêndios gramaticais, a autora faz uma síntese dos pontos relevantes em respeito à colocação dos pronomes átonos. Concebendo-se as formas verbais finitas, verifica que as gramáticas consideram a ênclise como posição normal, apontando, porém, contextos sintáticos em que o pronome deve figurar antes do verbo. Os contextos predominantes da ênclise são os seguintes: verbo em posição inicial; oração coordenada e oração com o verbo precedido de um sujeito sem fator de próclise. Os contextos de próclise apontados são: negação;

advérbio, pronome indefinido; as palavras *ambos* e *mesmo*, oração interrogativa, exclamativa; optativa; subordinada e coordenada à subordinada. No caso das locuções verbais, as gramáticas salientam que o pronome pode aparecer antes ou depois do verbo auxiliar, ou depois do verbo principal, exceto se este último for um particípio, pois não admite a posição enclítica ao verbo principal.

Com relação a feições típicas do PB, algumas gramáticas destacam o seguinte comportamento: o pronome clítico pode ser colocado em início de período, principalmente na fala espontânea e coloquial; o PB tem preferência pela próclise, mesmo nos casos em que gramáticas recomendam a ênclise, podendo ocorrer, por outro lado, pronome enclítico em casos em que as gramáticas prescrevem a próclise; há grande variabilidade na ordem dos clíticos no PB, o que não acontece no PE; a mesóclise não ocorre na língua falada no Brasil; nas locuções verbais é comum a posição proclítica ao verbo principal. A partir desse levantamento, Schei constata que, no PB, a colocação pronominal distancia-se do padrão proposto pelas gramáticas normativas, tanto na fala, como na escrita.

Referindo-se ao *corpus*, composto de obras contemporâneas, a autora explica que o selecionou por acreditar que o modelo literário é o que mais se relaciona com o que prescrevem os compêndios gramaticais normativos. A análise dos seis romances brasileiros do século XX confirmou que a colocação pronominal do PB difere do modelo encontrado nas gramáticas. Ao comparar os dados encontrados no *corpus* com as regras propostas pelas gramáticas, observa os contextos em que ocorrem as diferenças, como no caso da ênclise com oração subordinada, e da próclise com verbo em posição inicial de período ou de outra oração.

Schei, então, finaliza seu trabalho sumarizando os resultados mais relevantes. Entre eles, destacam-se: a presença da próclise em ambiente propício a ênclise; nas locuções verbais, a não ocorrência categórica de próclise ao auxiliar, mesmo na presença de possível atrator; o pronome *me* como o mais proclítico de todos; o pronome *o* nas locuções verbais como o único a não ocorrer proclítico ao verbo principal; certa tendência à ênclise relacionada ao pronome *se*; altos índices de ênclise com o pronome *lhe* – que quase não ocorre na fala. A autora remarca que esses fenômenos também não são contemplados pelas gramáticas normativas.

Cumprido notar que há algumas diferenças encontradas entre os escritores contemplados no estudo da autora. Entretanto, tais diferenças não impedem a constatação de que existem certos traços típicos da língua literária do PB, no que

concerne à colocação pronominal. Ressalta-se, ainda, que as gramáticas tradicionais não pretendem dar conta do que efetivamente faz parte da variedade brasileira.

Kato (2005), em artigo intitulado “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”, aborda a questão da escrita e sua aquisição/aprendizagem por parte das crianças, ao ingressarem na escola. Dentre algumas hipóteses, a autora defende que, dado o caráter conservador das normas da escrita, o processo de letramento recupera o conhecimento gramatical referente a alguma época passada do português brasileiro (p.2). Ou seja, a escola seria responsável por recuperar as perdas lingüísticas, já que, segundo a autora, “as inovações são apropriadas para a fala, e não para a escrita” (KATO, 2005: 2). A partir dessa hipótese, Kato, Cyrino e Correa (1994 *apud* KATO, 2005) apresentam alguns resultados cruzando dados de diacronia com dados de aprendizagem escolar. As mudanças diacrônicas observadas foram as seguintes: a) o PB perdeu os clíticos de terceira pessoa ao longo do século XIX, introduzindo o objeto nulo referencial; b) na mesma época, começou a perder o sujeito nulo e, em consequência disso, o movimento longo do clítico (ex.: *João não tinha me cumprimentado*, em vez de *João não me tinha cumprimentado*); c) introduziu a forma pronominal de caso reto como acusativo.

Os dados revelam que a escola recupera quantitativamente as perdas diacrônicas dos clíticos de terceira pessoa do século XVII, porém a ordem do clítico é a inovadora, isto é, não se observa a presença dos clíticos antes do verbo auxiliar. Consoante as autoras:

A escola parece não ter consciência dessa propriedade que co-existia com os clíticos. Logo, a conclusão daquele trabalho foi que, embora a escola procure recuperar a gramática do passado, consegue simulá-la apenas parcialmente, produzindo um conhecimento diferente daquele que o falante do século XVIII obteve no desenvolvimento da fala, no qual o movimento longo do clítico existiu enquanto havia clíticos de terceira pessoa. (KATO, CYRINO & CORREA, 1994 *apud* KATO, 2005: 6)

As autoras concluem afirmando que a gramática do letrado brasileiro não se refere nem à gramática de um falante letrado do passado e nem à de um letrado português, no que tange aos clíticos. A sua escrita pode apresentar, então, uma competição de gramáticas, que exibem formas antigas e inovadoras.

Machado (2006), em seu trabalho de Mestrado, investiga a produtividade e a ordem dos clíticos pronominais em redações de alunos do Ensino Fundamental e Médio

de escolas particulares e públicas da cidade do Rio de Janeiro, objetivando determinar os fatores internos e externos à língua que favorecem o uso das estratégias de preenchimento do objeto direto e da variante pós-verbal nas redações escolares. Segundo a autora, o processo de ensino/aprendizagem motivaria a mudança de comportamento lingüístico dos alunos, no que tange ao uso de clíticos e à colocação pronominal, de modo que os alunos de séries mais altas apresentariam maior variedade de clíticos e maior uso da ênclise em contextos idealizados pela tradição gramatical.

Observando a produtividade dos clíticos de terceira pessoa frente a outras estratégias de preenchimento do objeto – em amostra de 396 dados retirados de 360 redações (180 textos narrativos e 180 dissertativos) – a pesquisadora considera as seguintes variantes: mesmo SN, outro SN, pronome reto, clítico acusativo e categoria vazia. É interessante notar que a estratégia de preenchimento do objeto que mais apareceu no *corpus* foi o clítico acusativo (147/396), o que perfaz 37%. Tal fato ocorreu, sobretudo, nas escolas particulares, que apresentaram mais da metade das ocorrências de preenchimento do objeto por pronome átono. De forma contrária, a forma mais estigmatizada (o preenchimento do objeto por um pronome reto) foi mais freqüente nas escolas públicas.

O nível de escolaridade foi, de fato, fator relevante para a ocorrência dos clíticos. Segundo Machado (2006: 70):

(...) a escolha do clítico em detrimento de outras estratégias anafóricas é evidente na escrita dos alunos de terceiro ano, o que mais uma vez comprova a hipótese de que a escolaridade influencia nessas escolhas. Os índices passam de 14%, na quarta série, para 31%, na oitava, e alcançam 58% das ocorrências, no 3º ano.

Ainda segundo a autora:

Uma primeira conclusão que se pode tirar da análise da produtividade é a de que o uso dos clíticos acusativos não foi tão baixo quanto se esperava e que a escola vem contribuindo para implementar essa estratégia de preenchimento do objeto direto na escrita dos estudantes, uma vez que, conforme apontam estudos específicos sobre o tema (NUNES, 2003, entre outros), os clíticos acusativos de 3ª pessoa não fazem parte do vernáculo brasileiro. (MACHADO, 2006: 71).

Na segunda etapa, a partir da análise variacionista, foram verificados os fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam o uso da ênclise na escrita escolar. Para tanto, a autora valeu-se de uma amostra de 590 dados. Essa análise permitiu que se chegasse a algumas conclusões importantes a respeito da ordem dos clíticos. Entre elas, destacam-se as seguintes: a ênclise ou variante pós-verbal apresenta baixa produtividade na amostra (20% – 118/596) em relação à próclise ou variante pré-verbal (80% –

472/596); mostraram-se relevantes para a aplicação da regra, por ordem de importância, as variáveis presença ou ausência de “atrator” (a tendência à ênclise é bem acentuada nos contextos em que não há “atrator”), tipo de clítico (o pronome *o/a(s)* é altamente favorecedor da ênclise), tipo de oração (a ênclise apresentou-se acentuada nas reduzidas de infinitivo (peso relativo – p.r. – .76) e medianas nas reduzidas de gerúndio e orações independentes, p.r. .54 e .53, respectivamente), escolaridade (observa-se o aumento gradativo do uso do clítico conforme o aumento da escolaridade) e tipo de *texto* (o texto dissertativo é favorecedor da variante pós-verbal).

Dessa forma, a autora confirma suas hipóteses. De fato, comprovou-se que a norma gramatical difundida pela escola influencia a escrita dos estudantes, e essa influência torna-se cada vez mais acentuada consoante o aumento da escolaridade, o modelo implementado para cada tipo de texto e os contextos lingüísticos que se mostraram relevantes.

Tendo em vista os estudos descritivos expostos anteriormente, vale sintetizar algumas informações sobre a colocação pronominal no PB.

No que tange à ordem dos pronomes átonos nas lexias verbais simples, os estudos demonstram que a posição do clítico anterior ao verbo era a mais realizada até o século XVIII, exceto em contexto de início absoluto de oração. A partir do século XIX, de forma mais evidente, passa a prevalecer a ênclise nos contextos em que efetivamente se verifica variação. Em outras palavras, a variante pós-verbal passa a ser registrada com frequência não só em início absoluto de oração, mas também após sujeito, elementos adverbiais, sintagmas preposicionais, dentre outros contextos variáveis. Já no século XX, verifica-se, principalmente em dados da oralidade, mas também nas tendências reveladas na escrita, que a próclise é a opção preferencial em quase todos os contextos, inclusive nos que são propícios à ênclise, o que torna a norma do PB diferente da do PE.

No que se refere à posição do clítico em complexos verbais, os trabalhos sugerem a predominância da posição pré-complexo verbal até o início do século XVIII. A partir da segunda metade do século XVIII/início do XIX, registram o início de uma mudança em favor da posição intra-complexo verbal com o clítico ligado ao verbo principal (v1 cl v2), que teria sua expressão máxima no século XX.

Quanto à interpretação dessas mudanças de comportamento verificadas nos materiais analisados, os estudos apontam duas explicações: (1) a influência da norma

postulada em Portugal, adotada como modelo de “norma culta” no Brasil na segunda metade do século XIX (cf. PAGOTTO, 1998); e (2) a alteração de parâmetros gramaticais relacionados à ordem dos pronomes, de modo que a gramática do Português clássico teria dado lugar à gramática do PE e à gramática do PB (cf. GBPS, 2005; MARTINS, 2009).

Cabe, por fim, salientar que o panorama dos estudos resenhados neste capítulo, além de outros citados ao longo deste trabalho, foi fundamental não só para o planejamento da presente investigação – da determinação do objeto de estudo à formulação de hipóteses para as variáveis contempladas –, mas também para a sustentação da análise dos resultados.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentam-se, nesta seção, as noções básicas adotadas neste trabalho, as quais se distribuem em três esferas: (i) o modelo sociolinguístico da *Teoria da variação e mudança*; (ii) a conceituação relacionada ao que ficou conhecido como o modelo das tradições discursivas; e (iii) a conceituação relacionada ao tema da cliticização, objeto central da presente pesquisa.

3.1. Teoria da variação e mudança

A fim de investigar o comportamento e o condicionamento das variantes da colocação pronominal nas cartas de leitores de jornais, a pesquisa baseia-se em orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística de orientação laboviana, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança. Dentre seus postulados, destacam-se aqui a abordagem da heterogeneidade e da sistematicidade da língua, a correlação entre variação e mudança, o conceito de regra variável, o tratamento da comunidade de fala, as propostas metodológicas relacionadas ao tamanho e a estratificação da amostra, e os problemas da mudança, quais sejam: o problema das restrições ou dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento linguístico, da avaliação e da implementação.

A Sociolinguística Variacionista focaliza, em linhas gerais, a heterogeneidade como objeto de estudo a ser descrito e analisado nos estudos de variação e mudança. Dentro da perspectiva variacionista, a língua apresenta um dinamismo inerente, o que significa dizer que ela é heterogênea por natureza. Essa variabilidade, que se expressa por meio de diferentes formas de se transmitir a mesma informação, não é aleatória, mas condicionada por restrições linguísticas e extralinguísticas (problema das restrições), ou seja, parte-se do pressuposto de que a heterogeneidade linguística é sistemática e ordenada.

Sob essa perspectiva, a variação é contínua: não há como delimitar claramente suas configurações, o início e o fim de cada realidade variável. Por isso, fala-se em tendências a empregos de determinadas formas, as quais são motivadas por diversos condicionamentos.

Ressalta-se, ainda, que, para a Sociolinguística, é de suma relevância a observação da relação entre variação e mudança. Variação e mudança não são percebidas isoladamente, como externas ao sistema, mas como parte integrante de seu

caráter heterogêneo, em que a mudança lingüística advém de um processo não desordenado. A mudança lingüística é, portanto, resultado de uma sistemática variação condicionada por fatores lingüísticos e sociais. Em outras palavras, a mudança lingüística decorre da variação e está inserida na comunidade, ou seja, deixa de ser algo que se altera somente por pressões internas. Ressalta-se, contudo, o postulado de que nem toda variação acarreta necessariamente uma mudança (caso de variação estável), embora toda mudança pressuponha variação.

Essa perspectiva teórico-metodológica opõe-se a outros modelos (como os do estruturalismo e do gerativismo) que privilegiam, no modelo de análise lingüística, a estrutura homogênea, oriunda do emprego de regras categóricas, passível de ser analisada fora de seu contexto social. A abordagem trazida pela Sociolingüística mostra que a variação é sistemática e motivada por pressões sociais e também lingüísticas, e estabelece que é na heterogeneidade da língua que se deve ter acesso à estrutura e ao funcionamento do sistema.

Como a variação decorre das funções sociais e não individuais, deve-se investigar a comunidade de fala para verificar o que seria o padrão de uso dentro do grupo social. Consoante Guy (2000, 2001), a comunidade de fala envolve um grupo de falantes que apresentam as seguintes características: (i) compartilham os mesmos traços lingüísticos, que diferenciam um grupo de outros; (ii) apresentam densidade de comunicação interna relativamente alta, comunicando-se mais entre eles do que com outros fora do grupo; e (iii) compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem.

O autor comenta, ainda, que a homogeneidade lingüística interna relativamente alta é definida em termos de contextos compartilhados, ou seja, pode-se falar de uma mesma comunidade de fala, se esta apresentar, em assuntos de variação, mesmos efeitos de contextos. Em seu estudo sobre o apagamento de *-t, d* em final das palavras em inglês, Guy constata que efeitos de contextos distinguem o dialeto de Nova York e da Filadélfia, como, por exemplo, o tratamento da pausa – em Nova York, funciona como contexto favorável ao apagamento, enquanto na Filadélfia, como contexto conservador. Deve-se atentar, contudo, para o fato de que o estudioso não desconsidera que existam diferenças dentro de uma comunidade na frequência de uso de variáveis lingüísticas, mas esclarece que essa diferenciação não deve anular a coerência de uma gramática compartilhada. Assim sendo, compartilhar traços lingüísticos é fundamental para a definição de determinado grupo que mantém intercomunicação e se identifica como uma comunidade.

Para a análise dos fenômenos inseridos em comunidades de fala, o modelo sociolinguístico atenta, de forma detalhada, para a construção de uma amostra estratificada e aleatória. Trata-se de desenvolver a recolha dos dados lingüísticos de material constituído criteriosamente, a partir de células sistematicamente estabelecidas – mesmo número de entrevistas com quaisquer informantes selecionados quanto ao nível de instrução, ao sexo, à idade, por exemplo.

No que se refere ao tamanho da amostra, Labov (1972: 204) observa: “... descobrimos que os padrões básicos de estratificação de classe, por exemplo, emergem de amostras tão pequenas como 25 falantes.” Assim, o importante a ser verificado é o grau de variabilidade do fenômeno em estudo. Quanto mais variável for um fenômeno, maior a necessidade de ampliação da amostra. Já um fenômeno menos variável, ou seja, mais uniforme, poderá ser estudado com uma amostra menor.

Quanto à determinação do tema lingüístico a ser estudado, segundo Labov (1978), um fenômeno, para ser considerado variável, concretiza-se por meio de variantes que mantêm o mesmo valor de verdade e ocorrem no mesmo contexto, ou seja, formas distintas alternantes devem apresentar o mesmo significado referencial, o que desencadeia a transmissão da mesma informação. Em produtivo debate, diversos estudiosos discutem a delimitação da regra variável, como Lavandera (1978) e Romaine (1981). Trata-se de debate acerca do que seria, de fato, o objeto de estudo da variação, que acaba gerando alargamento da noção de regra variável.

Lavandera (1978) expõe que a pesquisa sociolinguística estendera inadequadamente a noção de regra variável, que se originou baseada em dados fonológicos, a outros níveis de análise gramatical. Consoante a autora, não se deve tratar da mesma maneira dados fonológicos e dados não-fonológicos, uma vez que variáveis não-fonológicas são difíceis de se definir metodologicamente e nem sempre exibem a mesma informação. Assim, deveriam ser considerados como variantes, de uma mesma variável, elementos que têm a mesma comparabilidade funcional, e não, necessariamente, tenham de transmitir a mesma informação.

Labov (1978) manifesta-se sobre o questionamento de Lavandera relativo aos limites do estudo da variável sociolinguística, concordando que, de fato, o resultado de uma análise sintática variacionista não é algo facilmente interpretável; esse resultado implica a interpretação de fatores variáveis que levam a constatações sobre a forma da gramática. Ainda assim, o pesquisador afirma que o estudo de regra variável como

maneiras de comunicar o mesmo conteúdo básico tem sua importância para a teoria lingüística.

Suzanne Romaine (1981) observa a discussão de Labov e Lavandera no que respeita à variação sintática, e propõe que se deve dar relevo a um sistema de sentenças pragmatizadas, não afastando os fatores sociais. Assim, para a autora, o conceito de regra variável deve ser alargado até mesmo para o nível do discurso. Desse modo, o modelo sociolingüístico pode dar conta de estruturas que apresentam alguma correspondência no nível pragmático-discursivo, desde que se controlem devidamente os contextos e os fatores comunicacionais que envolvem a regra variável.

Com relação à posição do pronome átono em lexias verbais simples, objeto do presente estudo, pode-se verificar que o valor de verdade e o contexto são mantidos nas formas alternantes em questão. A título de exemplificação, observem-se as estruturas *se deseja* e *deseja-se*.

No que se refere aos contextos de complexos verbais, é preciso analisar a questão considerando a variedade de complexos; em alguns casos, parece questionável se existe uma regra variável de fato. O clítico pode transitar, no mínimo, em três posições: pré-complexo verbal (*se pode fazer*), intra-complexo verbal (*pode(-) se fazer*) e pós-complexo verbal (*pode fazer-se*). Vale informar que, em complexos verbais formados por mais de um verbo auxiliar, o clítico pode transitar, ainda, em mais posições. Embora, em boa parte dos casos, se identifique o mesmo valor de verdade e contexto, nem sempre isso ocorre. A título de ilustração, observe-se o seguinte exemplo: “*Ela não efetuou a troca e ainda discutiu comigo, me fazendo passar por um constrangimento desnecessário*” (Jornal *Extra*). Nesse caso, pode-se questionar se há a manutenção da premissa de mesmo contexto nas formas alternantes *me fazendo passar*, *fazendo-me passar*, *fazendo passar-me*. Ao que parece, a última estrutura não mantém o valor proposto na sentença. Construções com verbos causativos/sensitivos, como a que ora se analisa, podem ser interpretadas como duas orações e a alteração da ordem dos clíticos pode acarretar diferente relação sintática entre o pronome e as formas verbais que constituem o complexo. Assim sendo, conforme se descreve na seção referente à variável dependente (seção 4.3.1), consideram-se, neste estudo, as estruturas em que se mantém minimamente o valor referencial básico.

Em termos metodológicos, a Sociolingüística laboviana procura descrever e analisar o processo de variação/mudança, por meio do controle de fatores sociais (classe social, escolaridade, sexo, idade, dentre outros) e lingüísticos (variáveis internas à

língua), indicando o favorecimento ou o desfavorecimento de um dado contexto em relação a uma variante. A identificação dos possíveis elementos condicionadores de uma ou outra variante torna-se possível através de um pacote de programas computacionais (Goldvarb), importante aporte metodológico da Sociolinguística.

Cumprе remarcar, ainda, que, através da pesquisa sociolinguística, é possível observar se o fenômeno estudado se encontra em variação estável ou mudança em progresso. Estudos em tempo real – painel (entrevistas, preferencialmente após cerca de 20 anos, às mesmas pessoas) e tendência (entrevistas a pessoas com o mesmo perfil das primeiras) – ou aparente (entrevistas a informantes de diferentes faixas etárias) tornam possível a constatação de variação estável ou mudança em progresso. Em linhas gerais, a progressiva alteração de comportamento no tempo real ou no tempo aparente constituem os índices que sugerem a mudança.

Para o estudo da variação/mudança, WEINREICH, LABOV & HERZOG – doravante, WLH – (2006 [1968]), no texto que lançou os “princípios empíricos” para a formulação de uma teoria da mudança, estabelecem cinco problemas para a investigação. Através desses problemas, brevemente expostos a seguir, podem-se relacionar os dados variáveis aos fundamentos teóricos.

(i) Problema das restrições ou dos fatores condicionantes

Para a análise de um fenômeno variável, faz-se necessária a verificação de possíveis elementos desencadeadores da variação. Conforme já apontado, devem-se considerar os fatores lingüísticos e extralingüísticos possivelmente atuantes sobre a ocorrência da variável dependente, que constitui o fenômeno em estudo. A partir dessa investigação, é possível delinear o conjunto de mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança, ou seja, quais seriam as condições que desencadeariam ou impediriam as mudanças, o que as favorece ou não.

(ii) Problema da transição

O problema da transição diz respeito à necessidade de definir e analisar o percurso através do qual cada mudança se realiza. De início, a questão da transição suscita a seguinte discussão: a mudança se processa por estágios discretos ou através de um *continuum*? Na visão da Sociolinguística Laboviana, a língua não deve ser considerada um sistema fechado, mas uma entidade dinâmica sujeita a variações e motivações, que podem ser internas ou externas a ela. Assim, o problema da transição favorece a possibilidade de se traçar o percurso da mudança lingüística atrelado à estrutura social. A partir do avanço de pesquisas sociolinguísticas, nota-se que o

processo da mudança do fenômeno lingüístico ocorre de forma gradual e regular. Em muitos casos, não há o descarte imediato da forma mais antiga quando da adoção de uma forma nova, mas um período de transição, de convivência entre as duas estratégias. Assim, do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais.

(iii) Problema do encaixamento

O problema do encaixamento apóia-se no princípio estruturalista de que só se pode compreender uma mudança lingüística considerando-se sua inserção no sistema lingüístico que ela afeta. Baseia-se, também, no fato de que uma mudança pode acarretar outra. Assim sendo, deve-se atentar, principalmente, para questões acerca da natureza e da extensão do encaixamento. As questões sobre a natureza do encaixamento dizem respeito à maneira de conceber a mudança dentro da estrutura lingüística. Já as questões sobre a extensão do encaixamento estão relacionadas aos limites da análise lingüística: ela deve ser atrelada ao plano das relações internas ao sistema lingüístico, e, também, ao plano da interação desse sistema com a estrutura social da comunidade de fala. Desse modo, a abordagem sociolingüística desmembra o problema do encaixamento em dois ramos que se complementam, comentados a seguir.

(a) Encaixamento na estrutura lingüística

O encaixamento na estrutura lingüística caracteriza-se pela correlação entre elementos estritamente estruturais, ou seja, há elementos intrínsecos ao sistema da língua que podem acarretar mudanças. Sabe-se, como já comentado anteriormente, que esse sistema, dentro da perspectiva sociolingüística, se caracteriza por apresentar heterogeneidade não aleatória, estruturada. Desse modo, a alteração em um plano da estrutura lingüística pode acarretar variação/mudança em outros planos gramaticais.

(b) Encaixamento na estrutura social

O encaixamento na estrutura social pressupõe que a mudança lingüística pode ser motivada não só por variáveis estruturais, como também por variáveis extralingüísticas. Desse modo, o sistema lingüístico é distinguido dentro da comunidade de fala, não sendo restrito à fala de um único indivíduo. A observação da progressiva alteração do comportamento lingüístico a partir de alguns fatores constitutivos das células e das redes sociais em que se insere o indivíduo permite delinear o desencadear de uma possível mudança.

Como se pode observar, a união entre os fatores internos e externos à língua pode contribuir para o esclarecimento do processo de mudança.

(iv) Problema da avaliação

O problema da avaliação indica as reações conscientes e inconscientes do indivíduo face à mudança, de modo que se pode perceber que formas são avaliadas positivamente e negativamente pelos falantes. Correlaciona-se a avaliação subjetiva do indivíduo a certas fases por que passa a mudança. A primeira fase está completamente abaixo do nível de consciência. Segundo Labov (2006: 146), “somente quando as mudanças estão perto da conclusão, é que os membros da comunidade passam a ter consciência delas”.

Em termos metodológicos, propõe-se que, a partir da realização de testes de atitudes, é possível observar, de forma direta ou indireta, a avaliação social que o indivíduo faz de determinada forma. O uso preferencial das formas alternantes detectado em diferentes contextos comunicativos também permite inferir a avaliação social. À medida que o indivíduo passa a usar ou não determinada forma, em contextos diferenciados, percebe-se a variante que ele possivelmente considera como de prestígio ou não, ou, ainda, como um estereótipo (forma que carrega forte estigmatização por parte dos grupos que a censuram), por exemplo. A investigação do *problema da avaliação* permite, em linhas gerais, verificar em que medida a avaliação pode influenciar na seleção de uma forma e, com isso, motivar ou refrear um processo de mudança.

(v) Problema da implementação

O questionamento proposto para o chamado problema da implementação é o seguinte: Por que uma dada mudança aconteceu em um momento e em um lugar determinados e não em outro momento e/ou outro lugar? Qual foi, de fato, o motivo que gerou uma implementação em um lugar e não em outro? A respeito desse problema, cabe apontar a dificuldade de respostas seguras para sua interpretação aplicada a cada fenômeno, tendo em vista, de modo geral, a carência de fontes que validem as hipóteses muitas vezes formuladas.

Como se pode observar, os problemas da mudança propostos por WLH mantêm forte interrelação e a investigação de um acaba por acarretar interpretações no âmbito de outro(s). Dentre os problemas comentados, focaliza-se, em especial, nesta pesquisa, o relacionado aos fatores condicionantes, cuja investigação conta com o apoio do pacote

de programas computacionais Goldvarb-X, de suma importância para medir a produtividade do fenômeno e constatar os fatores que desencadeiam ou impedem as variações/mudanças.

O problema da avaliação é, também, de suma relevância para o presente trabalho. Apesar de não contar com testes de reações subjetivas, o estudo espera verificar, através dos dados lingüísticos e extralingüísticos, como os leitores/escritores dos jornais se comportam com relação às variantes por eles utilizadas. Haverá estruturas típicas de cada veículo de comunicação? A recorrência de determinadas estruturas estaria vinculada aos escritores de determinado veículo jornalístico? Essas e outras questões serão analisadas no desenrolar da pesquisa.

De modo geral, assume-se que não é objetivo do estudo verificar direta e especificamente a questão da mudança, já que a análise contemplará exclusivamente dados da atualidade. Entretanto, dada a intrincada relação entre variação e mudança no modelo de análise adotado, os problemas da mudança poderão ser direta ou indiretamente referidos, em maior ou menor medida, uma vez que naturalmente decorrem do estudo variacionista.

3.2. Tradição Discursiva

O conceito de tradições discursivas originou-se dentro da lingüística românica, através da tradição de ensino proposta por Eugenio Coseriu. Este admite a existência de três níveis de falar; são eles: universal (capacidade humana de falar), histórico (tradições históricas do falar) e individual (o sentido que cada indivíduo atribui a um signo).

Segundo Kabatek (2006: 1), autor que revisitou as questões levantadas por Coseriu, “os três níveis estão concomitantes, já que não se pode falar “universalmente” sem falar uma língua e sem produzir textos, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos”. Entretanto, vale ressaltar que, a depender do fenômeno lingüístico a ser investigado, há a possibilidade de se privilegiar e analisar separadamente cada um dos níveis.

Sendo assim, para investigar a possível influência do gênero textual – carta de leitor – no condicionamento do fenômeno em estudo, a pesquisa fundamenta-se no conceito de tradições discursivas proposto por Kabatek (2006: 7):

Entende-se por tradições discursivas a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significativa). (KABATEK, 2006: 7)

Dessa forma, uma tradição discursiva é um tipo de tradição cultural que pressupõe a presença de um fenômeno lingüístico inserido em um contexto social. Pode ser uma forma, fórmula ou um texto como um todo. Observa-se, assim, que as línguas variam não só no nível dos dialetos, mas também de acordo com as tradições discursivas.

Na presente investigação, supõe-se que, dentro da modalidade escrita, pode haver comportamentos diferenciados da ordem dos clíticos a depender do gênero textual em que esteja inserido o pronome átono. Ao descrever o comportamento dos clíticos nas cartas de leitor de diferentes veículos, o estudo permite observar se há ou não uma sistematicidade no comportamento do fenômeno no gênero observado. Tendo em vista esse propósito, convém apresentar uma breve explicação acerca do gênero textual carta.

3.2.1. O gênero textual carta: definição e caracterização

Gêneros textuais são textos empiricamente produzidos, encontrados na sociedade de forma materializada e situados no tempo e no espaço, tais como: anúncio, carta, bula, bilhete, entre outros. Os gêneros colaboram para a organização das atividades comunicativas diárias, uma vez que os modos de utilização da linguagem são tão variados quanto variadas forem as atividades humanas, como destaca Bakhtin (2006 [1997]). Em outras palavras, um determinado propósito comunicativo conduz à realização de um gênero específico. A título de ilustração, não se espera encontrar, dentro de uma caixa de medicamento, uma carta, mas uma bula. Caracterizam-se os gêneros, então, como eventos textuais dinâmicos e de natureza sócio-comunicativa.

Como gênero, a carta é uma prática de linguagem historicamente construída em nossa sociedade. Ao longo dos anos, diversos grupos sociais têm se apropriado dessa forma de enunciado, pois esse gênero discursivo permite tipos diversos de comunicação, tais como: pedido, reclamações, críticas, informações, cobrança, dentre outros.

Consoante Silva (1997), as cartas apresentam funções comunicativas variadas, como, por exemplo, as que se estabelecem nas relações pessoais, profissionais, entre outras. Sendo assim, esses tipos de cartas podem ser considerados sub-gêneros do gênero maior “carta”, pois têm em comum sua estrutura formal, típica da tradição

discursiva desse gênero textual: o cabeçalho, a saudação e o vocativo, a despedida e a assinatura.

Considerando os aspectos sócio-comunicativos e funcionais das cartas, interessa, em especial, expor características das cartas de leitor de jornais, que compõem o *corpus* do presente trabalho. Verifica-se que a carta de leitor é um texto que figura no âmbito jornalístico, em seção fixa de jornais e revistas, intitulada normalmente de cartas, cartas do leitor, ou, ainda, a voz do povo, cartas à redação. Nesse sentido, a carta é usada em situação de inexistência de contato físico entre quem a escreve (o leitor), o remetente, e a quem ela é endereçada, o destinatário (a equipe do jornal ou da revista) – que, em princípio, não se conhecem –, objetivando atender a diversos propósitos comunicativos, como, por exemplo, opinar, reclamar, solicitar, criticar.

As cartas de leitor caracterizam-se, ainda, por constituírem textos escritos para serem publicados. Apesar de direcionadas a um destinatário, no caso, o redator do jornal ou da revista, elas remetem para a comunidade de leitores, isto é, a toda pessoa que desejar ler, cabe somente abrir a revista ou jornal na seção de cartas dos leitores. Trata-se, portanto, de uma tradição discursiva de domínio público, de caráter aberto, porque é reconhecida, significa algo independentemente de uma língua particular, com o intuito de difundir seu conteúdo e propiciar sua leitura a todo o público. Assim sendo, através das cartas dos leitores, o leitor interage não só com o jornal, mas também com outros leitores.

Como texto destinado à publicação, toda carta de leitor está sujeita a uma edição. Há, ainda, algumas que nem chegam a ser publicadas. Segundo Bezerra (2002), por razões de espaço físico da seção, ou por direcionamento argumentativo, as cartas podem ser resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas. Sob esses termos, o redator, responsável pela seção referente às cartas de leitores, comporta-se como mediador entre o leitor/produtor da carta e o leitor do jornal, pois ele é o responsável por reformular o texto original, ou seja, por tornar a carta, produzida originalmente, em texto publicável.

A observação das cartas de leitor encontradas em jornais e revistas de grande circulação demonstra que elas tratam de acontecimentos e assuntos de interesse nacional e podem estar escritas em uma linguagem mais formal ou menos formal, mas de todo modo relativamente uniformizadas pela adaptação do texto à modalidade escrita, feita pelo grupo editorial. Além disso, costumam exibir o conhecimento dos fatos recentes da sociedade compartilhado pelos leitores.

Para melhor estudar e compreender as possíveis tradições discursivas apresentadas no gênero carta de leitor, é importante verificar o propósito de cada carta, qual sua função como atividade social e que papéis sociais os interlocutores desempenham. Pode-se pressupor que determinados textos revelam características, crenças, conceitos, valores propostos por seu autor. Desse modo, evidencia-se que a linguagem usada nesses textos, tal como a linguagem usada em redações de vestibular, artigos de opinião, entre outros, constitui um instrumento de persuasão que legitima, de forma consciente ou inconsciente, padrões ideológicos existentes.

No âmbito da presente pesquisa, será possível tão-somente detectar se, no que se refere ao tema da cliticização pronominal, o material observado mantém uma uniformidade no comportamento dos dados que revele uma tendência geral do gênero carta de leitor ou se há diferenças de comportamento motivadas por outros fatores sócio-comunicativos e/ou estruturais.

3.3. O que é cliticização?

Como a presente pesquisa tem por objetivo investigar a ordem dos clíticos pronominais no Português do Brasil, julgou-se necessário apresentar algumas definições acerca da natureza do clítico em Português.

Segundo o Dicionário Aurélio (1986: 418), o termo clítico, de origem grega, significa “qualquer monossílabo átono subordinado, por meio de elemento prosódico, ao vocábulo que o precede, ou que o segue, ou no qual se acha inserido”. De acordo com David Crystal (2000), em seu *Dicionário de Lingüística e Fonética*, clítico (cliticização) define-se como:

Termo usado na gramática com referência a uma forma que se assemelha a uma palavra, mas não pode aparecer sozinha em um enunciado normal, sendo estruturalmente dependente da palavra vizinha na construção. (CRYSTAL, 2000: 49)

Observa-se, inicialmente, que as definições de clíticos apresentadas pelos autores não consideram apenas o pronome átono, mas todas as categorias que abrangem partículas átonas, como artigos e preposições, por exemplo.

Os clíticos de natureza pronominal costumam ser classificados como proclíticos, enclíticos ou mesoclíticos, a depender da posição em relação à palavra de que dependem, uma forma verbal. Cliticização pronominal envolve, então, a ligação dos pronomes átonos aos verbos.

Câmara Jr. (2002 [1970]), em seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa*, trata, inicialmente, o pronome átono como vocábulo formal – “unidade a que chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres” (p.69). Ressalta, ainda, que se trata de um vocábulo formal do tipo dependente, pois não é forma livre, já que não figura isoladamente como comunicação suficiente, e não é presa, uma vez que se pode separar da forma livre a que está incorporado, mudando de posição em relação ao verbo. Nas palavras do autor:

São por isso vocábulos formais, porque são formas dependentes, em português, as partículas proclíticas átonas, como o artigo, as preposições, a partícula *que* e outras mais. São-no igualmente, como acabamos de ver, as variações pronominais átonas junto ao verbo, em vista de poderem ficar com ele em próclise ou em ênclise. (CÂMARA JR, 2002 [1970]: 70)

Câmara Jr. (1997), em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática*, chama de próclise o fato de uma forma dependente – vocábulo auxiliar átono – unir-se ao vocábulo que o segue. Assim, o termo próclise é definido como inclinação para frente. O lingüista considera a posição proclítica como a mais comum das formas dependentes que são clíticas, ou seja, privadas de acentuação própria. O vocábulo átono, que constitui a sílaba que inicia o vocábulo seguinte, apresenta atonicidade mínima (grau 1), o que não ocorre com a ênclise, que tem atonicidade máxima (grau 0), por originar da junção de um vocábulo átono ao vocábulo precedente. Câmara Jr. generaliza, ainda, no tocante às características fonético-fonológicas das formas dependentes do Português do Brasil, a tendência à próclise e o não favorecimento da posição enclítica.

Em relação à natureza das partículas átonas, alguns lingüistas reconhecem que se deve buscar estabelecer uma tipologia de clíticos em função de seu estatuto morfológico, sintático e/ou fonológico. Desse modo, propõem que o tratamento do tema deva ser focalizado através da interface dos componentes gramaticais. No campo dos estudos morfossintáticos, Aronoff (1994 *apud* VIEIRA, 2002) reconhece a possibilidade de uma construção gramatical ser simultaneamente morfológica e sintática: sintática por definição e morfológica por exibir formas dependentes.

Em termos fonológicos, é comum o postulado de que clíticos, de modo geral, são dependentes de outro vocábulo, por não terem acento próprio, sendo deficientes do ponto de vista prosódico. Nesse sentido, apresentariam características sintáticas das palavras, porém propriedades fonológicas dos afixos.

A fim de conhecer as propriedades clíticas, é fundamental destacar os trabalhos que se ocupam da delimitação entre clíticos e afixos (cf. ZWICKY & PULLUM, 1983)

e entre clíticos e palavras (cf. ZWICKY, 1985). Zwicky & Pullum (1983) apresentam seis critérios para a distinção entre clíticos e afixos⁴. Vieira (2002), valendo-se de tais critérios, exhibe reflexões acerca da natureza dos clíticos em Português. Dentre suas reflexões, destacam-se duas propriedades dos pronomes portugueses que os aproximam da categoria de afixos: (i) o pronome átono encontra-se adjacente ao verbo, assim como um afixo figura adjacente à raiz a que se une; e (ii) os pronomes portugueses pertencem a um grupo relativamente pequeno e fechado, da mesma forma que os afixos flexionais, contrapondo-se às classes abertas, como nome, adjetivo e verbo. Por outro lado, a autora apresenta duas propriedades do clítico pronominal português que impossibilitam seu tratamento como afixo, no sentido estrito da palavra: (i) eles não se unem a raízes vocabulares, mas a uma instância sintática; e (ii) por não serem considerados formas presas, apresentam relativa mobilidade, podendo figurar antes ou depois do verbo.

Em relação às características sintáticas que favorecem o enquadramento dos pronomes átonos na categoria de palavras, Vieira (2002) também sistematiza os testes sintáticos para a diferenciação de clíticos e palavras propostos por Zwicky (1985), e tece as seguintes considerações:

(i) o pronome do Português está sujeito ao apagamento quando idêntico (p. ex.: <eu o_i vi e Ø_i admirei>); (ii) sendo o próprio clítico uma proforma de um referente representável por um SN, pode vir retomado, por ele próprio, numa espécie de proforma por substituição repetitiva (cf. KOCH, 1990), como em <eu o vi e o admirei>; e (iii) está sujeito à regra de movimento, podendo antepor-se ou pospor-se ao verbo. (VIEIRA, 2002: 392)

Assim, em função de o clítico pronominal apresentar algumas propriedades mais afixais e outras mais de palavra, ele pode ser tratado como um afixo sintagmático. Fontana (1993: 24 *apud* VIEIRA, 2002) afirma:

Clíticos são definidos como elementos que, ao mesmo tempo em que se ligam fonologicamente a palavras, se ligam sintaticamente a sintagmas. Para Klavans, a ligação sintagmática é uma propriedade inerente dos clíticos, e, conseqüentemente, uma característica que os define universalmente: ela define clíticos especificamente como afixos sintagmáticos.

Em função da interface gramatical que se verifica no comportamento dos clíticos, é natural que o tratamento dessa categoria seja cuidadosamente desenvolvido em função das características que eles apresentam nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático. A esse respeito, é oportuno expor a proposta de Klavans (1985) sobre o fenômeno da cliticização, em especial sobre a categorização das línguas do

⁴ Seletividade, lacunas, alterações morfofonológicas, alterações semânticas, aplicação da sintaxe e contexto de ligação.

mundo segundo três parâmetros de cliticização. Klavans defende que a sintaxe e a fonologia podem atuar de forma independente no tocante ao fenômeno da cliticização, isto é, advoga que o hospedeiro sobre o qual o clítico se posiciona (o hospedeiro sintático) não precisa ser necessariamente o hospedeiro fonológico desse clítico. Assim, clíticos podem estar ligados a um só tempo sintaticamente a um hospedeiro e fonologicamente a outro.

Observando os clíticos no conjunto das línguas, a autora, numa abordagem formalista, estabelece os seguintes parâmetros de cliticização:

- (i) Parâmetro 1, o da dominância (inicial/ final): exprime a possibilidade de que o clítico esteja ligado ao constituinte inicial ou final dominado por um sintagma específico. Este é o momento da escolha do hospedeiro sintático, que, no caso dos clíticos pronominais no Português, é um verbo.
- (ii) Parâmetro 2, o da precedência (antes/ depois): depois da escolha do hospedeiro sintático (P1), examina-se se o clítico está antes ou depois do hospedeiro relacionado.
- (iii) Parâmetro 3, o da ligação fonológica: apresenta a ligação do clítico ao seu hospedeiro fonológico (fundamentado na hipótese de que o hospedeiro sintático do clítico não necessariamente tem de corresponder a seu hospedeiro fonológico)⁵.

A partir da exposição desses três parâmetros, vale destacar que o presente trabalho pretende focalizar apenas o que é proposto pela pesquisadora como segundo parâmetro. Interessa investigar se o clítico elege, em relação à estrutura verbal simples, a posição proclítica (cl v) ou enclítica (v cl); e, em relação à estrutura verbal complexa, a posição anterior (cl v1 v2), posterior (v1 v2 cl) ou interveniente com hífen (v1-cl v2), ou sem hífen (v1 cl v) na modalidade escrita brasileira, mais especificamente nas cartas de leitor em jornais.

Quanto ao primeiro parâmetro, sabe-se que a Língua Portuguesa dispõe, em relação ao hospedeiro do pronome átono, da categoria verbal. A caracterização sintático-formal das relações que se estabelecem entre esse hospedeiro e os clíticos,

⁵ Tal parâmetro pode ser observado em exemplos como: “que me dê retorno profissional”. No primeiro enunciado, o *me*, que sintaticamente se liga ao verbo *dar*, pode estar ligado fonologicamente ao vocábulo *que*

proposta por Klavans (1985), demanda uma investigação específica de natureza sintática, que não constitui propósito da presente investigação.

No que concerne ao terceiro parâmetro, apenas uma investigação de natureza fonético-fonológica, com dados oriundos da oralidade criteriosamente coletados – o que não condiz com o *corpus* do presente trabalho – permitiria conclusões cientificamente fundamentadas.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevem-se as opções metodológicas desta investigação em relação aos procedimentos necessários à pesquisa sociolinguística. De início, expõe-se a descrição do *corpus* utilizado (4.1) para a coleta de dados. Em seguida, apresentam-se, de modo geral, as etapas (4.2) percorridas na investigação, da definição da variável dependente à análise dos resultados. Detalham-se as variáveis (4.3) consideradas na codificação dos dados, cujos fatores se encontram devidamente listados e exemplificados. Por fim, informam-se os procedimentos necessários ao tratamento dos dados (4.4), relativos a rodadas computacionais, junções de fatores, cruzamentos de variáveis, dentre outros.

4.1. Descrição do *corpus*

Os dados da pesquisa foram selecionados, como já se informou, de cartas de leitores brasileiros, coletados nos jornais cariocas *O Globo*, *o Extra* e *o Meia Hora*, publicados em 2008/2009. A escolha dos jornais⁶ não foi aleatória; antes, está relacionada com o perfil desses veículos e os modelos de carta de leitor impressionisticamente observados.

O jornal *O Globo*, que é vendido a um preço mais alto (2 reais durante a semana e 4 reais no final de semana), está direcionado a classes sociais com maior poder aquisitivo, aborda diversos assuntos e, ao que parece, faz uso de estruturas linguísticas condizentes com contextos considerados formais. O jornal *Meia Hora*, que é vendido por R\$ 0,70 durante a semana e R\$ 1,40 aos fins de semana, está direcionado a classes populares, é limitado em seus assuntos e parece exibir vocabulário e estruturas típicas da oralidade. Já o *Extra* constituiria uma categoria intermediária em relação aos jornais *O Globo* e *Meia Hora*, no que se refere ao público-alvo, aos temas abordados e à linguagem empregada. O próprio custo (R\$ 1,10 durante a semana e R\$ 2, 20 no final de semana) desse jornal coloca-o em uma posição intermediária entre os outros dois.

Espera-se verificar se, no tocante à ordem dos clíticos pronominais, mesmo em jornais com perfis distintos, o clítico tende a se comportar de maneira semelhante, por estar inserido em um mesmo gênero textual. Dito de outra forma, pretende-se observar se o gênero carta de leitor condiciona a ordem dos pronomes átonos, ou se é o tipo de veículo, aliado a diversas outras variáveis, que leva ao uso de determinadas formas.

⁶ A descrição mais detalhada dos veículos será feita na análise dos dados.

Devido à pouca ocorrência de pronomes átonos nas cartas de leitor especialmente em alguns veículos e em alguns contextos, o tamanho da amostra inicialmente planejada precisou ser substancialmente ampliado. Inicialmente, foram recolhidos todos os dados de clíticos pronominais em 200 textos de cada jornal. Como o número de ocorrências foi considerado baixo, passou-se a contemplar 600 cartas de cada jornal, totalizando 1.800 textos, de modo que se pudesse analisar com mais precisão e numa maior variedade de contextos o fenômeno em estudo.

4.2. Etapas do trabalho

A pesquisa contempla todas as etapas referentes à pesquisa sociolinguística, a saber: (i) definição da variável dependente em cada conjunto de dados (o das lexias verbais simples, com uma só forma verbal, e o das lexias verbais complexas, com mais de uma forma verbal); (ii) delimitação das variáveis independentes – lingüísticas e extralingüísticas – que possam influenciar o fenômeno sob análise; (iii) coleta de todos os dados de clíticos pronominais em 600 cartas de cada veículo; (iv) codificação dos dados coletados; (v) tratamento dos dados segundo o pacote de programas computacionais Goldvarb-X; (vi) análise, interpretação e sistematização dos resultados.

4.3. Descrição das variáveis

Nesta seção, apresentam-se as variáveis controladas nos dois conjuntos de dados – lexias verbais simples e complexos verbais –, que foram tratados e codificados separadamente.

4.3.1. A variável dependente

Como variável dependente, tem-se a ordem dos pronomes nas lexias verbais simples – pré-verbal (*se apóia*) e pós-verbal (*apóia-se*) – e nas lexias verbais complexas – pré (*se pode fazer*), intra (*pode-se fazer ou pode se-fazer*) e pós-complexo verbal (*pode fazer-se*). Saliente-se que a variante intra-complexo verbal pode ter, em termos superficiais, o pronome ligado a V1 (assinalado graficamente pelo hífen) ou ligado a V2 (sem a presença do hífen).⁷ Assim, em complexo verbal, a regra variável não é binária, e sim eneária, pois prevê mais de duas possibilidades.

⁷ Informa-se que essas variantes podem ser identificadas como ênclise ao verbo auxiliar e próclise ao verbo principal. Não se trata, aqui, de próclise e ênclise no sentido fonológico, já que não se pode atestar tal fato na modalidade escrita.

Cumprе destacar que não se contempla, aqui, a mesóclise (*apoiar-se-ia / poder-se-ia apoiar*) como variante por ela não ter aparecido no *corpus* analisado. Supõe-se que a ausência de dados de mesóclise se deva ao fato de essa estrutura ser restrita a um contexto específico (de verbos no futuro e usualmente em construções sem “atratores” tradicionais) e de ela estar em desuso no PB. Ao que parece, considerando-se outros estudos sobre o tema (VIEIRA, 2002; MACHADO, 2006; NUNES, 2009), a ocorrência de mesóclise é rara e configura-se como marca tradicional de escrita tida como de alto padrão ou de um gênero textual especializado.

No que diz respeito aos complexos verbais, cabe atentar para o fato de o clítico na posição intra-complexo verbal poder se ligar ao verbo (semi-)auxiliar ou ao verbo principal. Tal discussão é essencial para a descrição do fenômeno, e pode ser sustentada pela sintaxe e/ou pela fonologia.

Quanto aos aspectos sintáticos, deve-se observar se a colocação do pronome se relaciona à função que ele exerce quanto aos verbos que formam o complexo. Estudos do fenômeno (cf. VIEIRA, 2002, dentre outros) verificaram que o *se* reflexivo, por exemplo, tende a estar ligado ao verbo que lhe concede papel temático.

No que respeita aos aspectos fonológicos, como demonstra Klavans (1985), o hospedeiro sintático não corresponde necessariamente ao hospedeiro fonológico do pronome átono. Cabe salientar, ainda, que a modalidade escrita não apresenta marcas seguras para o estabelecimento de a qual verbo o clítico está ligado. O hífen (marca gráfica) não representa necessariamente a marca prosódica.

Como a presente pesquisa contempla exclusivamente dados da escrita, considera-se a presença ou a ausência da representação gráfica do hífen como indicadores de variantes distintas, ainda que não se pressuponha serem possíveis generalizações a respeito da ligação fonológica do pronome. Conforme os estudos sintetizados no capítulo 2 demonstraram, essas variantes são fundamentais para a caracterização de variedades do Português.

Dessa forma, neste trabalho, serão controlados, separadamente, os complexos verbais com hífen e os que não apresentam essa marca gráfica. Além do hífen, será observada a presença de material interveniente no complexo (*pode-se mesmo fazer* ou *pode mesmo se fazer*) como indicadores da preferência pela próclise a V2 ou a ênclise a V1. Dados os limites da presente investigação, cabe tão-somente observar se há evidências, no *corpus* da presente pesquisa, de que a variante intra-complexo verbal se

configure como pós-V1 ou pré-V2 (estrutura normalmente admitida como típica do PB).

Outro fato que desencadeia uma discussão fundamental quando se estuda a colocação dos clíticos em complexos verbais é a noção de regra variável. Como mencionado no capítulo 2, quando se trata das lexias verbais simples, não há dúvida de que as variantes mantenham o valor de verdade e ocorram no mesmo contexto. Porém, quando se trata da questão em lexias verbais complexas, nem sempre o valor referencial parece se manter. Sabe-se que realizações como *se podem apresentar*, *podem(-)se apresentar* e *podem apresentar-se* são normalmente interpretadas como sinônimas. No entanto, em determinados tipos de complexos, ao mudar-se o clítico de posição, o sentido original da sentença pode ficar comprometido. Uma estrutura como *pode-se dirigir a 60 km/h nessa rodovia* (= *é permitido/ é possível dirigir*) pode não ter o mesmo valor da estrutura *pode dirigir-se à sala do diretor* (= *alguém pode encaminhar-se a*).

Há, ainda, determinados complexos verbais que não parecem admitir as três posições, como é o caso de complexos formados por auxiliar + verbo principal no particípio, que não costumam ter por opção a posição pós-complexo verbal. Em determinados contextos com certos tipos de clíticos, como o *se* indeterminador, tende a prevalecer a colocação pré ou intra-complexo verbal: *agora se pode precisar / agora pode-se precisar*, e não *pode precisar-se*. De toda maneira, não se pode desconsiderar a possibilidade de, na maioria dos casos, em termos potenciais, as três posições serem consideradas equivalentes. Para evitar problemas na interpretação dos resultados, não serão contemplados os dados de complexos que possam admitir, *a priori*, interpretações distintas a depender da posição do clítico.

A fim de demonstrar as estruturas que foram consideradas na presente pesquisa, desenvolve-se, na próxima subseção, a conceituação de complexos verbais adotada.

a) Noção e delimitação de complexo verbal

Levando em consideração diversos estudos sobre o tema, considera-se, nesta pesquisa, a expressão complexo verbal como um conglomerado de duas ou mais formas verbais que mantêm entre si algum grau de integração sintático-semântica.

Quanto aos tipos de verbos auxiliares que compõem os complexos, recorre-se, de início, a compêndios gramaticais, como o de Cunha & Cintra (2008 [1985]), Rocha Lima (2003 [1972]) e Bechara (2009 [1999]), para verificar como tais verbos são neles apresentados. Nota-se que tais compêndios exibem, apenas, exemplos de estruturas

verbais complexas, não fornecendo maiores informações sobre a própria construção e a significação do complexo. Elencam-se, aqui, alguns verbos auxiliares, mais recorrentes, encontrados nessas gramáticas, a saber: *estar* + gerúndio; *ter* + particípio; *haver* + particípio; *haver* + *de/a* + infinitivo, *vir* e *ir* + gerúndio e infinitivo.

Na gramática de Perini (2001 [1995]), o autor fornece uma definição de verbo auxiliar, estabelecendo o seguinte critério: para um verbo ser considerado auxiliar, é preciso que, no contexto de complexo verbal, apresente, acompanhado do verbo principal, a mesma transitividade que este apresenta sozinho na sentença. Em outras palavras, o verbo tido como auxiliar não forma, por si só, um predicado, já que não é o responsável pela transitividade verbal, sua presença ou ausência “não faz diferença para efeito de aceitação ou recusa de complementos” (p. 73). Assim, ele mantém o conjunto de traços de transitividade que se refere ao verbo tido como principal. Observe-se o exemplo do autor: *Sarita está dormindo*. A seqüência *está dormindo* mostra que a presença do verbo *estar*, na frase, não influi na transitividade, tendo em vista que, embora haja duas formas verbais, há um só predicado. Na realidade, são duas formas que funcionam como um único verbo, ficando o verbo *estar* transparente ao processo de transitividade.

Na continuação de sua descrição, Perini afirma que são poucos os verbos que podem se comportar como auxiliares em Português e elenca-os: *ir* + *infinitivo*; *ter* e *haver* + *particípio*; *estar*, *vir*, *ir* e *andar* + *gerúndio*; *construção passiva com o verbo ser* e *estar* + *particípio*; *verbos tradicionalmente chamados “modais” e “aspectuais”* + *infinitivo*: *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/ que*, *haver de/ que* + *infinitivo*.

Barroso (*apud* VIEIRA, 2002) expõe oito critérios para a identificação de um verbo auxiliar em Português, destacando que somente três são fundamentais. São eles:

- (i) Atribuição de perda sêmica do auxiliar: O elemento auxiliar não apresenta significado léxico, mas somente instrumental (*Voltei a escrever o documentário*, em que “*voltar*” perdeu o “sema” movimento no espaço).
- (ii) Unidade significativa: o conjunto em auxiliação contém uma unidade significativa: o primeiro elemento exerce a função gramatical e o segundo, a função lexical (p.ex. *Sarita está dormindo*, em que somente *dormindo* expressa a significação lexical).
- (iii) Sujeito do verbo: os dois verbos do sintagma exibem o mesmo sujeito (por ex.: em *começou a escrever o documentário*, o infinitivo expressa a

ação praticada pelo sujeito e o verbo que o antecede indica o aspecto da ação expressa pelo infinitivo).

Gonçalves (*apud* VIEIRA, 2002), em pesquisa sobre a sintaxe dos auxiliares, advoga que *ter* e *haver* são os auxiliares prototípicos, apesar de afirmar que grande parte dos verbos assim concebidos apresenta graus – maior ou menor – de auxiliaridade. De acordo com o autor, o verbo *ser* + particípio e os verbos *andar*, *ficar*, *estar*, *ir* e *vir* + gerúndio estão mais próximos dos auxiliares, enquanto os que o autor considera bi-oracionais, como os modais *poder*, *dever* e *ter de*, estão mais distantes dos auxiliares.

Ainda no que tange à auxiliaridade verbal, Machado Vieira (2008), em seu artigo intitulado “Perífrases Verbais: O Tratamento da Auxiliaridade”, propõe critérios que possibilitam a delimitação de verbos considerados como auxiliares prototípicos. Segundo a autora, os temporais *ter* e *haver* são unidades verbais que apresentam todas as propriedades necessárias para a categoria de auxiliar prototípico. Afirma, ainda, que “Em geral, há unanimidade quanto ao caráter auxiliar desses dois verbos. Não obstante, alguns lingüistas vinculam a essa classe outras unidades verbais, a depender dos critérios de *auxiliaridade* contemplados.” (MACHADO VIEIRA, 2008: 18).

Machado Vieira estabelece, então, uma escala de *auxiliaridade* para os verbos que não apresentam todas as características de um verbo auxiliar prototípico, concebidos por ela como semi-auxiliares. Essa escala é traçada conforme o grau de afastamento da categoria de verbo predicador e da aproximação à categoria de verbo auxiliar. A escala pode ser determinada por meio de 5 subclasses de verbos semi-auxiliares, a saber:

- (i) 1º grau de afastamento do pólo de auxiliaridade: *ser*, *estar* e *ficar* seguidos de particípio (em construções de voz passiva analítica);
- (ii) 2º grau de afastamento do pólo de auxiliaridade: *estar*, *vir*, *ir*, *ficar*, *andar* – verbos aspectuais em construções com verbo predicador no gerúndio e *ir*, *vir* e *haver (de)* temporais em construções com verbo predicador no infinitivo;
- (iii) 3º grau de afastamento do pólo de auxiliaridade: verbos modais – *poder* e *dever* – em construções com verbo predicador no infinitivo e verbos aspectuais – *estar*, *ficar*, *andar*, *voltar*, *tornar*, *costumar*, *continuar*, *permanecer*, *começar*, *passar*, *pôr-se*, *meter-se*, *chegar*, *pegar* – seguidos da preposição *a* em construções com predicador no infinitivo;

- (iv) 4º grau de afastamento do pólo de auxiliaridade – mais distante do pólo de auxiliaridade: *ter (de/que)* modal em construções com verbo predicador no infinitivo e os verbos aspectuais *estar, ficar, deixar, acabar, parar, terminar, cessar, dar*, seguidos de preposição *de, para* ou *por* em construções com verbo predicador no infinitivo;
- (v) 5º grau de afastamento do pólo de auxiliaridade – mais próximo do pólo de lexicalidade: verbos *tentar, querer, esperar, desejar, gostar (de), lograr, conseguir, ousar, atrever-se, parecer, pretender, tencionar* e outros, segundo a autora, citados nas gramáticas escolares, seguidos de verbo predicador no infinitivo, verbos causativos – *mandar, fazer, deixar, levar* – em construções com verbo predicador no infinitivo e, por fim, verbos perceptivos/ sensitivos – *ver, olhar, ouvir, sentir, saber* – em construções com verbo predicador no infinitivo.

Observa-se, a partir dos estudos citados acima, que diversas construções podem ser consideradas como complexos verbais, uma vez que apresentam alguma ou muitas característica(s) de auxiliaridade. Neste trabalho, concebe-se como complexo verbal, como já mencionado, a construção de dois verbos ou mais, devendo existir algum grau de integração entre eles, e a possibilidade de transição dos pronomes átonos nas posições estipuladas na variável dependente. Dessa forma, são contempladas, no trabalho, as estruturas com auxiliares típicos, como *ter* e *haver*, e, também, verbos que apresentam algum grau de auxiliaridade, como os elencados pelos autores citados.

Cabe informar que estruturas com verbos causativos/sensitivos não serão contempladas neste trabalho, por apresentarem comportamento bastante diferenciado das outras. Além de essas estruturas apresentarem baixo grau de auxiliaridade, o que faz com que sejam consideradas normalmente duas orações, elas nem sempre parecem admitir a transição do clítico nas três posições como sinônimas. A construção *Eu faço-o chorar*, por exemplo, admite dois referentes-sujeito distintos (*eu faço*, mas *ele chora*). Não se concretizam, nesse caso, as três supostas formas alternantes, com mesmo valor de verdade (*o faço chorar, faço-o chorar*, mas não **faço chorá-lo*). Quando a construção causativa/sensitiva se conjuga com o clítico *se*, entretanto, parece possível, em alguns casos, a ocorrência das três posições, como em *faz sentir-se, faz-se sentir, se faz sentir*.

Feitos os esclarecimentos relativos aos contextos que foram coletados para o estudo da regra variável, salienta-se que a análise dos contextos de lexias verbais simples será desenvolvida separadamente da análise dos contextos de complexos verbais, por meio do controle das variáveis independentes.

4.3.2. As variáveis independentes

4.3.2.1. Variáveis extralingüísticas

No que diz respeito aos grupos de fatores extralingüísticos, controlam-se, tanto no conjunto de dados de lexias verbais simples quanto no de complexos verbais, as variáveis veículo de comunicação e sexo do escritor-leitor.

O controle da variável “veículo de comunicação” permite verificar a hipótese de que os jornais – *O Globo*, o *Extra* e o *Meia Hora* – (des)favorecem a ocorrência de determinadas estruturas. Acredita-se que, no jornal *O Globo*, por exemplo, apareçam estruturas com os clíticos pronominais mais próximas do que se idealiza como norma culta padrão escrita, por se tratar de um veículo de comunicação destinado a um público de maior prestígio sócio-econômico e supostamente mais letrado. Em relação ao *Meia Hora*, jornal destinado a camadas mais populares da sociedade, espera-se encontrar estruturas mais típicas da oralidade e mais distantes da norma subjetiva idealizada como padrão culto escrito. Por fim, quanto ao *Extra*, acredita-se que tal jornal apresente um comportamento intermediário entre os dois jornais, ora se aproximando, ora se distanciando do que se recomenda em compêndios gramaticais prescritivos.⁸

Quanto à variável sexo, não se tem por hipótese prévia que ela seja relevante para a ordem dos pronomes átonos, tendo em vista que esse grupo de fatores não tem sido sistematicamente selecionado em outros estudos sobre o tema. Embora a amostra não tenha sido sociolingüisticamente estratificada quanto ao sexo do escritor-leitor, o *corpus* permite controlar se as cartas foram escritas por homens ou mulheres, o que foi feito para averiguar se, no material investigado, ela exerce alguma contribuição em relação ao fenômeno da ordem dos pronomes átonos.

⁸ Na seção referente à análise dos resultados, faz-se o detalhamento dessa hipótese a partir da caracterização desses veículos jornalísticos.

4.3.2.2. Variáveis lingüísticas

Nesta seção, expõem-se as variáveis lingüísticas controladas, ilustrando-as por meio de exemplos retirados do *corpus*. Cumpre salientar que algumas variáveis foram utilizadas tanto na amostra de lexias verbais simples quanto na de lexias verbais complexas. Assim, ao tratar-se das variáveis controladas para os complexos verbais, somente os exemplos serão exibidos, não havendo a necessidade de descrever e justificar novamente o grupo de fatores.

No que respeita aos contextos com lexias verbais simples, tem-se por hipótese que o tipo de oração, o tipo de possível elemento desencadeador de próclise e o tipo de clítico são de grande relevância para a ordem dos pronomes átonos. Orações desenvolvidas, por exemplo, como mostram estudos anteriores, são contextos altamente favorecedores da posição proclítica.

No que toca aos contextos com complexos verbais, acredita-se que a configuração do complexo verbal seja o contexto mais relevante para o fenômeno da colocação pronominal. Construções com verbo principal na forma de particípio não admitem a posição pós-complexo verbal, independentemente, por exemplo, do tipo de clítico, que também é tido como uma variável considerável na opção pela ordem dos pronomes átonos, não só nas lexias verbais simples, como nas complexas. Em construções com verbo principal na forma de infinitivo, que admitem as três posições, supõe-se que o tipo de complexo e o tipo de clítico atuem no condicionamento da ordem.

a) Contextos com lexias verbais simples

Como variáveis lingüísticas, foram contemplados os grupos de fatores que se seguem para o estudo da ordem dos pronomes átonos no contexto de lexias verbais simples. Apresentam-se os fatores constitutivos de cada grupo, ilustrados apenas quando o contexto em questão foi registrado no *corpus*.

(i) Tipo de oração

É de suma importância o controle dessa variável, tendo em vista que certos tipos de orações podem favorecer ou inibir o pronome em determinada posição. Essa influência correlaciona-se normalmente não só ao espaço sintático que o pronome pode ocupar – em início de oração, por exemplo – mas também à própria constituição

oracional, que ora conta com determinados elementos considerados proclisadores, ora conta com determinadas formas verbais favorecedoras ou desfavorecedoras da próclise.

Observem-se os tipos oracionais controlados:

- Oração independente⁹ (oração principal ou absoluta ou coordenada assindética)

Liga-se para a clínica para marcar o exame e é dito que custa R\$ 42, que têm de ser pagos em espécie. (O Globo-15-10-08)

- Oração coordenada sindética:

*Segui o conselho do TER e **me informei** desde o passado político dos candidatos até as suas propostas atuais. (O Globo-22-10-08)*

- Oração subordinada desenvolvida:

*Soube que já **se esgotaram** todos os recursos do meu processo. (Extra-03-03-09)*

- Oração subordinada reduzida de infinitivo:

*Quanto mais escândalos precisamos saber para Brasília **se moralizar**? (Extra-24-04-09)*

- Oração subordinada reduzida de gerúndio:

*Achei que o policial exerceu seu papel muito bem, não **me levando** ao constrangimento. (Extra-03-03-09)*

- Oração subordinada reduzida de participio:

Não há registro no *corpus*.

- Estruturas clivadas:

Não há registro no *corpus*.

- Oração optativa:

*Que Deus **nos ajude** e tenha piedade de nós. (O Globo-23-10-08)*

(ii) Presença de possível elemento proclisador

São controlados, aqui, não só os elementos considerados atratores tradicionais, mas todos os elementos que se encontram antes do verbo e, por hipótese, poderiam exercer alguma influência sobre o fenômeno. Postula-se que eles possam desencadear, ainda que, com graus de relevância distintos, a colocação do pronome átomo na posição pré-verbal.

- Verbo em posição inicial absoluta de oração¹⁰

⁹ O termo independente refere-se à independência sintática aparente, pois semanticamente acredita-se haver sempre certo grau de dependência.

Marca-se hora e quando se chega a fila é interminável. (O Globo-15-10-08)

- Verbo antecedido por SN sujeito nominal

*A “visita histórica” do deputado Gabeira ao Clube Militar **constituiu-se** em equívoco e afronta aos militares que morreram no combate às ações subversivas. (O Globo-22-10-08)*

- Verbo antecedido por SN sujeito pronome pessoal

*Max, nós **te amamos!** (Extra-09-04-09)*

- Verbo antecedido por SN sujeito pronome indefinido

*Alguém **nos ajude!** (Meia Hora-29-10-08)*

- Verbo antecedido por SN sujeito pronome demonstrativo

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por Sprep (objeto indireto)

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por predicativo do sujeito

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por partícula de negação

*Sem esses três componentes não **se governa.** (O Globo-23-10-08)*

- Verbo antecedido por advérbio, constituído de um único vocábulo

*Sempre **me pergunto** como o Detro permite que a empresa Feital continue a operar. (Meia Hora-29-03-09)*

- Verbo antecedido por locução adverbial

*Na foto **via-se** nitidamente os vagabundos próximos. (Extra-16-03-09)*

- Verbo antecedido por preposição *para*

*Mas não devem existir **para nos sangrar** ainda mais com um imposto sem vergonha. (Extra-23-04-09)*

- Verbo antecedido por preposição *a*

*Somos obrigados **a deixá-las** em algum poste ou árvore. (O Globo-19-03-09)*

- Verbo antecedido por preposição *de*

*Tal medida vai acabar com a utilidade **de se obter** mais rapidez nas entregas e nos serviços realizados com as motos. (Extra-23-04-09)*

- Verbo antecedido por preposição *por*

¹⁰ Informa-se que esse contexto pode coincidir ou não com início de período.

O que está sendo feito com a Vale é um verdadeiro absurdo, principalmente por tratar-se de empresa privada (a maior do país). (O Globo-17-10-09)

- Verbo antecedido por preposição *sem*

E, sem nos dar conta, os atos estão cada vez mais perversos. (O Globo-23-10-08)

- Verbo antecedido por preposição *em*

Em se tratando de publicidade, a que a Vale tem feito não se compara à da Petrobras. (O Globo-15-10-09)

- Verbo antecedido por conjunção coordenativa aditiva

Sorria, pois seu sorriso contagia e nos dá ânimo de continuar, só em saber que você está feliz e vai passar por essa fácil, fácil. (Extra-12-03-09)

- Verbo antecedido por conjunção coordenativa adversativa

Infelizmente, já não se vai com a mesma frequência às igrejas e catedrais para rezar, mas se vai sistematicamente aos bancos para resolver, sobretudo, os problemas materiais. (O Globo-22-10-08)

- Verbo antecedido por conjunção coordenativa conclusiva

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por conjunção coordenativa explicativa

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por conjunção subordinativa

Quando me mudei para cá, só existiam quatro residências. (Extra-06-03-09)

- Verbo antecedido por pronome relativo *que*

Paes faz tantas alianças que o problema será acomodar todos os que o apóiam. (O Globo-23-10-08)

- Verbo antecedido por outros pronomes/ advérbios relativos

Só faltou o Gabeira ser recebido no Clube Naval, com todas as honras do Almirante Tamandaré, depois de sair do Clube Militar, onde se sentou, no sofá, tendo ao fundo outro patrono, Duque de Caxias. Francamente. (O Globo-23-10-08)

- Verbo antecedido por conjunção integrante *que*

O fato de Cesar Maia haver dito que o apoiava não significa, absolutamente, que ele (Cesar) voltará a política, como afirma a campanha mentirosa de Paes. (O Globo-24-10-08)

- Verbo antecedido por conjunção integrante *se*

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por *que* em estruturas clivadas

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por *que* em locução conjuntiva

Meu Deus, ilumine as cabeças desses políticos, para que se mudem as leis atuais para mais severas. (O Globo-21-10-08)

- Verbo antecedido por palavra QU interrogativa do tipo pronominal

Se o fato não tivesse sido vazado, quem nos garantiria que não seríamos nós os pagadores das contas mexicanas? E quantas destas já não pagamos? (O Globo-18-03-09)

- Verbo antecedido por palavra QU interrogativa do tipo adverbial

Onde se estaciona uma bicicleta? (Globo-09-10-08)

- Verbo antecedido por elementos de foco – *apenas, só, até, mesmo, ainda e também*

O entorno do West Shopping é dominado pelos assaltantes, mas a PM parece só se preocupar com o trânsito no local. (Meia Hora-04-11-08)

- Verbo antecedido por partícula *eis*

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por outro pronome átono

Não há registro no *corpus*.

- Verbo antecedido por elementos discursivos/ fáticos

Por favor, avisem-me. (O Globo-24-10-08)

- Verbo antecedido por hesitações (eh: ah:), interjeições, truncamentos

Não há registro no *corpus*.

Com o objetivo de tornar criteriosa a codificação, algumas medidas se fizeram necessárias. A saber: quando há, numa mesma ocorrência, dois possíveis elementos desencadeadores de próclise, um tido como atrator tradicional, e outro não, considera-se, na codificação, o elemento tradicional; quando aparecem dois elementos tradicionais ou dois elementos não-tradicionais, considera-se o que estiver mais próximo ao clítico. A título de exemplificação, note-se o seguinte fragmento do *corpus*: “*Infelizmente, já não se vai com a mesma frequência às igrejas e catedrais para rezar, mas se vai sistematicamente aos bancos para resolver, sobretudo, os problemas materiais*” (O Globo-22-10-08). Observa-se que há, nesse exemplo, dois itens considerados como

tradicionais proclisadores: o advérbio *já* e a partícula de negação *não*. Desse modo, leva-se em consideração o mais próximo do clítico, nesse caso, a partícula de negação.

(iii) Distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento proclisador

Controla-se essa variável por se acreditar que, quanto mais próximo o verbo estiver do possível elemento proclisador, maior será a possibilidade de o clítico figurar proclítico ao verbo.

- Zero sílaba

Com todo respeito à brilhante médica Jandira Feghali (e também à baterista do grupo Harmonia enlouquece) não a tenho como pessoa certa para a Secretaria de Cultura. (O Globo-20-11-08)

- Uma sílaba

Que Deus o proteja! (O Globo-20-10-09)

- Duas sílabas

*E, pior, **deslocar-se** para o trabalho ainda na escuridão da noite, quando, se permanecesse o horário normal, nada disso ocorreria, visto que em poucos minutos mais começaria o dia a raiar. (O Globo-16-10-09)*

- Três sílabas

*Com toda a seriedade que o cargo **lhe impõe**, o ministro dos Esportes anuncia que, a partir de agora, torcedores cadastrados e munidos de seu cartão magnético. (O Globo-19-03-09).*

- Quatro sílabas

*Será que ninguém neste país **se revolta** com esse grande equívoco que é a utilização da terra para produção de álcool combustível? (O Globo-18-03-09)*

- Cinco sílabas

Não há registro no *corpus*.

- Seis sílabas

*Que as demais empresas **se cuidem**, pois a estatal Petrobras já é de seu domínio exclusivo. (O Globo-17-10-09)*

- Sete a dez sílabas

*A escuridão faz com que moradores e comerciantes **se sintam** desprotegidos. (Extra-15-04-09)*

- onze sílabas em diante

*Espero que os prefeitos das cidades da Baixada **se manifestem** pelos usuários.*
(Extra-07-03-09)

- ausência de possível elemento desencadeador de próclise (início absoluto de oração)

Tratava-se de um assalto ao bolso do contribuinte e do eleitor. (Extra-16-04-09)

(iv) Forma verbal

Faz-se necessário o controle dessa variável por se acreditar que a forma verbal possa influenciar a posição do clítico – antes ou depois do verbo. Investiga-se a influência da forma verbal em relação à ordem dos pronomes átonos considerando-se a hipótese de que as formas do subjuntivo desencadeariam a próclise, por ser essa a forma verbal mais característica das estruturas subordinadas, enquanto as formas verbais no indicativo seriam neutras no tocante ao condicionamento do fenômeno em estudo. Além disso, pressupõe-se que as formas nominais do verbo e as formas do imperativo favoreceriam a posição pós-verbal. Assim, serão averiguadas quais formas verbais tendem a desencadear o clítico na posição pré-verbal e quais tendem a favorecer a posição pós-verbal.

- Indicativo

*A alma da nação **se ergue** indignada.* (O Globo-10-03-09)

- Subjuntivo

*Querida que o candidato Paes **me esclarecesse**: como ele vai governar daqui a dois anos, quando termina o governo de Sergio Cabral e de Lula?* (O Globo-23-10-08)

- Imperativo

*Não **se intimide**.* (Extra-13-03-09)

- Infinitivo

*No dia 17, precisei usar o banheiro na estação Estácio do metrô, mas, ao **me dirigir** a um segurança, fui orientado a simplesmente sair da estação e procurar outro lugar para urinar.* (Meia Hora-22-09-09)

- Gerúndio

*Por questões de bom senso, devem existir regras, permitindo que aconteçam as greves, **mantendo-se** o sistema funcionando nos parâmetros de atendimento mínimo.*
(Extra-14-04-09)

(v) Tipo de clítico

A análise do comportamento dessa variável permite constatar se a posição dos clíticos pode ser alterada a depender da forma do clítico e da relação sintática que eles exerçam com as formas verbais a que estão ligados.

Postula-se, por exemplo, que o clítico acusativo de terceira pessoa, por ser considerado um clítico de massa fônica fraca, uma vez que apresenta a estrutura silábica do tipo V, uma só vogal (VC, vogal + consoante, no caso do plural), teria como opção preferencial a posição pós-CV, sobretudo em contexto de infinitivo. Acredita-se, ainda, seguindo a hipótese de Vieira (2002: 149), que os clíticos de primeira e segunda pessoas tenderiam a figurar em posições de destaque – talvez por um motivo de focalização – por identificarem o locutor e o interlocutor do discurso. Conforme apontaram os estudos citados no capítulo, o pronome *se* do tipo indeterminador/apassivador apresentaria comportamento diferente – com tendência à ênclise –, se comparado ao do tipo reflexivo/inerente.

Me

***Emocionou-me** a atitude madura e de extrema solidariedade humana dos pais da jovem Eloá, tragicamente assassinada pelo ex-namorado em Santo André, doando seus órgãos para transplante. (O Globo-20-10-08)*

- Te

*Max, nós **te amamos!** (Extra-09-04-09)*

- Se reflexivo/ Inerente

*Ele fez por merecer, teve a coragem de **se assumir** um jogador. (Extra-09-04-09)*

- Se índice de indeterminação do sujeito¹¹

***Fica-se** numa interminável fila para entregar documentos, tirar digitais e foto. (O Globo-29-10-08)*

- Se apassivador

*Sou do tempo que só **se ganhava** hora extra se ficássemos trabalhando após o expediente. (O Globo-11-03-09)*

¹¹ Embora, consoante interpretações diversas, não haja no Português do Brasil evidências de que o *se* índice de indeterminação do sujeito se diferencie efetivamente do *se* apassivador, consideraram-se os dois como fatores distintos na codificação inicial, conforme propõe o tratamento tradicional.

- O(s)/ A(s)

***Convido-o** a ser um aposentado, como eu, ou um trabalhador comum, ou mesmo um desempregado . (O Globo-20-03-09)*

- Lhe(s)

*É um sobrevivente que não renegou o passado, mas construiu o seu presente que **lhe permite** ter um bom futuro. (O Globo-22-10-08)*

- Nos

*Vi projetos bons não terem a continuidade nos governos das elites, favorecidos por esse sistema eleitoral brasileiro que permite que PDT, PSDB, DEM, PMDB possam ter a maior bancada de vereadores para **nos representar**. (O Globo-22-10-08)*

- Vos

Não há registro no *corpus*.

- Formas contraídas:

Não há registro no *corpus*.

(vi) Tonicidade das formas verbais

Controla-se, nesta variável, a tonicidade das formas verbais, se oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Pretende-se averiguar se algum dos padrões de tonicidade das formas verbais pode ser responsável pela colocação dos clíticos nas lexias verbais simples.

Consoante Vieira (2002), valendo-se da hipótese de que o Português teria por padrão acentual preferencial os paroxítonos, a língua portuguesa tenderia a evitar a constituição de vocábulos proparoxítonos. Assim, a posição pós-verbal seria menos expressiva com formas verbais paroxítonas e proparoxítonas, para que se evitasse a formação de vocábulos fonológicos proparoxítonos (*dava-me*, por exemplo) e esdrúxulos (*conheciamo-nos*, por exemplo), respectivamente.

- Oxítonas

*Infelizmente, já não **se vai** com a mesma freqüência às igrejas e catedrais para rezar, mas se vai sistematicamente aos bancos para resolver, sobretudo, os problemas materiais. (O Globo-22-10-08)*

- Paroxítonas

*Mas uma particularidade de cada um não nos deixa esquecer que são políticos: Gabeira fala mal abertamente de uma vereadora que **o apóia**, e dias depois tasca-lhe um beijo na bochecha. (O Globo-24-10-08)*

- Proparoxítonas

Não há registro no *corpus*.

b) Contextos com lexias verbais complexas

Algumas das variáveis descritas para o contexto de lexias verbais simples também foram controladas para o contexto de complexos verbais. São elas:

(i) Tipo de clítico

Essa variável foi controlada pelas razões já expostas na seção referente às lexias verbais simples. No caso dos complexos verbais, postula-se, por exemplo, que o *se* reflexivo/inerente esteja ligado ao verbo principal, que é o verbo que lhe confere papel temático, o que não ocorreria com o *se* indeterminador/apassivador, que ficaria na adjacência do primeiro verbo. Supõe-se, ainda, que o clítico acusativo de terceira pessoa *o(s)/ a(s)* tenha como posição preferencial a pós-complexo verbal, sobretudo se estiver em contexto de verbo principal na forma infinitiva. Essa preferência também estaria relacionada ao fato de o clítico ser constituído de material fônico fraco, pois é o único formado de uma só vogal.

- Me

*Liguei para cancelar e **estão me cobrando** multa de fidelidade por um serviço que não é prestado. (Extra-21-09-08)*

- Te

Não há registro no *corpus*.

- Se reflexivo/inerente

*O presidente do STF **deve se pronunciar** nos autos dos julgamentos, e não ficando dando pitacos com fins eleitorais. (O Globo-21-09-09)*

- Se índice de indeterminação do sujeito

*E quando **se tenta sobreviver**, alimentamos os bolsos e campanhas para as próximas eleições. (Extra-16-03-09)*

- Se apassivador

Não se pode arriscar as vidas das pessoas de madrugada, somente porque nossos prefeitos desprezam a vida da população. (Extra-16-03-09)

- O, a (s)

*Na verdade não querem que as pessoas se utilizem deste meio, pois onde **vão colocá-las**? (O Globo-18-03-09)*

- Nos

*A falta d'água na Rua Antônio Hermontes, em São Matheus, **está nos levando** à loucura, mas a Cedae nada faz. Claudia Mendes. (Meia Hora-16-04-09)*

- Vos

Não há qualquer registro no *corpus*.

- Lhe (s)

*Quem **deveria lhe pedir** desculpas é o prefeito e todos os seus comandados. (Extra-08-04-09).*

(ii) Presença de possível elemento proclisador

Controlam-se, aqui, os mesmos fatores descritos para a ordem dos clíticos nas lexias verbais simples. Postula-se que determinados elementos possam desencadear a posição pré-complexo verbal. Supõe-se que os elementos tidos como atratores canônicos, como conjunção subordinativa e partícula de negação, favoreçam a posição pré-CV, enquanto elementos que não são considerados atratores tradicionais, como, por exemplo, o SN sujeito, não o façam.

- Complexo verbal em posição inicial absoluta:

***Pode-se imaginar** num dia de espetáculo como ficará o trânsito? (O Globo-07-11-08)*

- Complexo verbal antecedido por SN sujeito do tipo nominal:

*Meu filho **vai se tornar** político! (O Globo-11-03-09)*

- Complexo verbal antecedido por SN sujeito pronome pessoal:

*Eles **tentam me convencer** a baixar a capacidade contratada para termos acesso à internet. (Extra-20-04-09)*

- Complexo verbal antecedido por SN sujeito pronome indefinido:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por SN sujeito pronome demonstrativo

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por Sprep (objeto indireto):

Não há ocorrência no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por predicativo do sujeito:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por partícula de negação:

*Não foi Paes quem inventou que não **se pode governar** sem união.* (O Globo-22-10-08)

- Complexo verbal antecedido por advérbio (um só vocábulo):

*Ministro Temporão, se o governo do qual o sr. faz parte quisesse realmente melhorar as condições de atendimento do povo brasileiro na área da saúde já **o teria feito**.* (O Globo-07-09-08)

- Complexo verbal antecedido por locução adverbial:

*Nas próximas eleições **vou me candidatar** a qualquer cargo.* (O Globo-11-03-09)

- Complexo verbal antecedido por preposição *para*:

Não há registro no *corpus*

- Complexo verbal antecedido por preposição *a*:

Não há registro no *corpus*

- Complexo verbal antecedido por preposição *de*:

Não há registro no *corpus*

- Complexo verbal antecedido por preposição *por*:

*Eu achei uma grande bobagem o jogador Elicarlos, do Cruzeiro, ter acusado o argentino Máxi Lopez, do Grêmio, de racista por **tê-lo chamado** de macaco.* (Extra-29-06-09)

- Complexo verbal antecedido por preposição *sem* e *até*:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por preposição *em*:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por conjunção coordenativa aditiva:

*Por que a prefeitura não desapropria o Minhocão e **acaba de construí-lo**, claro, dentro da legalidade?* (O Globo-20-03-09)

- Complexo verbal antecedido por conjunção coordenativa alternativa:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por conjunção coordenativa adversativa:

Todavia, deve-se analisar, cuidadosamente, se este tem condições gerais de ter a guarda. (O Globo-17-03-09)

- Complexo verbal antecedido por conjunção coordenativa conclusiva:

Não registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por conjunção coordenativa explicativa:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por conjunção subordinativa:

Enquanto nas cidades desenvolvidas procura-se estimular o uso desse meio de transporte, vem esta administração municipal tomar atitude tão merecedora de repúdio. (O Globo-19-03-09)

- Complexo verbal antecedido por pronome relativo *que*:

Tenho um processo que vem se arrastando desde 2004. (Extra-10-03-09)

- Complexo verbal antecedido por outros pronomes / advérbios relativos:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por conjunção integrante *que*:

Acho que vou me mudar para uma dessas “comunidades carentes”, pois pago meus impostos e pouco tenho dos órgãos públicos. (O Globo-19-03-09)

- Complexo verbal antecedido por conjunção integrante *se*:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por *que* em estruturas clivadas:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por *que* em locuções conjuntivas:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por palavra QU interrogativa do tipo pronominal:

Quem deveria lhe pedir desculpas é o prefeito e todos os seus comandados. (Extra-08-04-09)

- Complexo verbal antecedido por palavra QU interrogativa do tipo adverbial:

Se nem as antigas funcionam, como se pode garantir que 40 novas UPAs funcionarão? (O Globo-21-10-08)

- Complexo verbal antecedido por operadores de foco - *até, inclusive, também, só, apenas, ainda*:

Só não muda quem está morto! A vida é dinâmica e só se pode fazer concessões à ética e a voz da consciência! (O Globo-22-10-08)

- Complexo verbal antecedido por partícula *eis*:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por outro pronome átono:

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por elementos discursivos/ fáticos

Não há registro no *corpus*.

- Complexo verbal antecedido por hesitações (eh: ah), interjeições, truncamentos

Não há registro no *corpus*.

(iii) Tipo de complexo verbal

Como apresentado na seção destinada ao que se definiu como complexo verbal, serão exibidos, aqui, os grupos verbais considerados. Saliente-se que, na codificação inicial, cada forma de verbo auxiliar encontrada constitui um fator individual. O controle dessa variável permitirá verificar se há alguma correlação entre a configuração formal das construções, bem como o grau de integração entre as formas verbais, e a ordem dos pronomes átonos.

- Passiva de *ser*:

A crise já tem quase um mês e até agora não lhe foi dado um nome. (O Globo-17-10-09)

- Tempos compostos *ter* + particípio; *haver* + particípio:

Reforço a indignação dos cariocas que tem se manifestado, lamentando o encerramento no Cine Palácio. (O Globo-24-10-08)

- Construções temporais/aspectuais do tipo *ir* + infinitivo; *vir* + infinitivo; *ir* + gerúndio; *vir* + gerúndio; *estar* + gerúndio; *estar* + *a* + infinitivo:

Ninguém vai me segurar! (O Globo – 11 – 03 – 09)

- Construções modais – *haver* + *de/que* + infinitivo; *ter* + *de/que* + infinitivo; *poder* + infinitivo; *dever* + infinitivo; *precisar* + infinitivo – e aspectuais – *acabar* + gerúndio; *acabar* + *de/por* + infinitivo; *chegar* + *a* + infinitivo; *começar* + *a* + infinitivo; *voltar* + *a* + infinitivo; *pôr-se* + *a* + infinitivo; *tornar-se* + *a* + infinitivo;

continuar + *a* + infinitivo; *costumar* + infinitivo; *continuar* + gerúndio; *ficar* + gerúndio; *andar* + gerúndio:

Medidas de cortes podem se apresentar como o melhor atalho. (O Globo-18-10-08)

- Complexos com demais verbos com mesmo referente-sujeito: *querer*; *desejar*; *tentar*; *procurar*; *conseguir*; *ousar*, *saber*; *evitar*; *prometer*; *resolver*; *decidir*; *pretender*; *preferir* + infinitivo:

É admirável ver a juventude carioca dando seu apoio para Gabeira, um homem que, aos 67 anos, tem idéias modernas e simples para administrar a cidade, que apresenta seus planos e promete, apenas, que tentará realizá-los. (O Globo-21-10-08)

(iv) Forma do verbo principal¹²:

A hipótese estabelecida para essa variável relaciona-se ao pressuposto de que certas formas nominais apresentariam maior variação na ordem dos clíticos do que outras. Com verbo principal na forma infinitiva, por exemplo, acredita-se que a variante pós-complexo verbal seja mais produtiva do que as outras, principalmente se o pronome for um clítico acusativo de terceira pessoa – *o (s)/ a(s)*. Por outro lado, quando o verbo principal se encontra no particípio, a posição pós-complexo verbal não seria concretizada.

- Gerúndio:

Tenho um processo que vem se arrastando desde 2004. (Extra-10-03-09)

- Particípio:

Pessoa que tem se mostrado da maior dignidade e integridade moral. (O Globo-16-10-08)

- Infinitivo:

Meu filho vai se tornar político! E vai roubar muito, nas barbas da população, que vai aplaudi-lo de pé! (O Globo-11-03-09)

¹² Embora inicialmente esse grupo de fatores tenha sido planejado como uma variável independente para o estudo dos complexos verbais, as características próprias de cada uma das formas nominais do verbo determinaram que a análise de cada contexto fosse feita em separado, como se observará na análise dos resultados.

(v) Presença de elementos intervenientes no complexo

Controla-se essa variável para verificar se elementos como preposição, conector, sintagmas e orações intercaladas, de fato, podem agir como desencadeadores de próclise ao segundo verbo, como sugerem alguns estudos. Perini (2001 [1995]: 232) afirma a esse respeito: “o clítico antes do auxiliar tem aceitabilidade mais ou menos reduzida quando o auxiliar vem acompanhado de preposição.”

- Presença de a/ao:

Quando começou a se queixar de dores nas costas, ela foi demitida. (Extra-21-04-09)

- Presença de que:

Para que isso não se transforme em mera inflação, terá que se traduzir numa reformulação dos preços relativos, em torno desse novo referencial. (O Globo-11-03-09)

- Presença de de:

Há vários casos em que o pedófilo, por livre vontade, procura um médico para fazer a castração, tal a vontade que tem de se corrigir. (O Globo-10-03-09)

- Presença de sintagmas:

Cinco perduráveis anos que um pai (americano) não se encontra com o filho (brasileiro), vem de repente se proclamar (no Brasil), judicialmente e publicamente, “dono” desse filho. (O Globo-15-03-09)

- Presença de orações intercaladas:

Não aparece no corpus.

- Presença de até:

Poderia até indicá-la como administradora da Cidade da Música. (O Globo-07-11-08)

- Ausência de elemento:

Se ele não pôde se preparar, como vai ser avaliado? (Meia Hora-23-03-09)

(vi) Forma verbal relativa ao verbo (semi-)auxiliar 1

Verifica-se se o tempo-modo do verbo (semi-)auxiliar exerce alguma influência para a colocação do clítico em complexos verbais. Acredita-se, por exemplo, que se o verbo (semi-)auxiliar estiver em tempos do modo subjuntivo, o clítico tende a posicionar-se antes do complexo verbal, devido ao fato de tais formas verbais

aparecerem em contexto de subordinação. As formas nominais infinitivo e gerúndio, diferentemente do particípio, favoreceriam a ênclise ao verbo auxiliar.

- Indicativo:

*Tentei inúmeras vezes **desbloqueá-lo**, mas não consegui.* (Extra-06-04-09)

- Subjuntivo:

*O que terá de ser feito e repensado serão as regras da sociedade, para que **possamos nos encaixar** nesse mundo invertido.* (O Globo-16-10-08)

- Imperativo:

Não há registro no *corpus*.

- Particípio:

Não há registro no *corpus*.

- Infinitivo:

A impressão é que o poder tão ansiado, longamente perseguido e finalmente alcançado, parece ter-lhe subido à cabeça. (O Globo-17-03-09)

- Gerúndio:

*Em sua gestão de 14 anos, sabe-se agora, não se controlava a frequência dos servidores, pagava-se horas extras não comprovadas até no recesso, não se auditava as notas fiscais reembolsadas, e sabe-se lá mais o quê, **podendo-se depreender** que isso é só a ponta do iceberg que, sabemos, nunca será investigado e exibido.* (O Globo-12-03-09)

4.4. O tratamento dos dados: procedimentos, recodificações e rodadas do varbrul

Após a coleta das ocorrências de clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas, o tratamento dos dados inicia-se a partir da codificação consoante as variáveis extralingüísticas e lingüísticas detalhadas na seção anterior. Desse modo, cada ocorrência foi codificada, fator a fator, para que se passasse ao tratamento computacional das ocorrências. Utilizou-se a ferramenta estatística do pacote de programas computacional Goldvarb-X, que, conforme já apontado, constitui instrumento de suma importância para a investigação, fornecendo, dentre outras informações, as variáveis relevantes para o condicionamento do fenômeno.

Assim, a primeira etapa realizada permitiu a constituição do arquivo com os primeiros resultados, que mostram o percentual das variantes analisadas, segundo cada

fator que constitui os grupos determinados. O resultado desse procedimento permite a identificação dos contextos em que ocorre a presença de dados categóricos – *knockout* – ou de dados variáveis. Para dar prosseguimento à análise, deve-se passar à etapa de recodificação dos dados, na qual se podem retirar ou amalgamar, através da combinação com outros fatores que apresentam características semelhantes, tanto os contextos que aparecem com 100% de ocorrências da variante em análise quanto os que não exibem qualquer ocorrência. Tal procedimento deve ser realizado para que se possa focalizar que elementos, de fato, exercem influência sobre fenômeno, em comparação com outros que não são significativos. Se determinado elemento não se combinar a nenhum outro fator, não deve ser considerado adiante, nas próximas análises. Os procedimentos adotados, no tocante às amalgamações de fatores deste trabalho, serão expostos mais adiante.

Solucionadas as questões com todos os dados categóricos, através de amalgamação ou desconsideração de fatores, dá-se continuidade à análise dos resultados referentes ao novo arquivo gerado. Nessa fase, objetiva-se ter acesso ao conjunto de todos os possíveis condicionamentos sobre a variável dependente. Consoante a ponderação estatística realizada pelo programa computacional – que, em se tratando de variáveis binárias, analisa todas as possíveis influências em conjunto, a um só tempo –, reconhecem-se os grupos de fatores estatisticamente significativos para o condicionamento do fenômeno e eliminam-se os grupos não relevantes. Nessa etapa, são apresentados os pesos relativos para todos os fatores das variáveis selecionadas em relação ao valor de aplicação escolhido.

Cumprido informar que, no caso da presente pesquisa, elegeu-se, quanto ao conjunto de dados de lexias verbais simples, a variante pré-verbal como valor de aplicação. No que se refere aos dados de complexos verbais, os resultados foram analisados por meio dos percentuais fornecidos – conforme se detalha no capítulo referente à análise. Assim, a distribuição dos dados será devidamente interpretada, de modo que se possam verificar os fatores que sugerem, por seu comportamento, condicionar a ordem dos pronomes átonos nas lexias verbais complexas.

No decorrer da pesquisa, alguns tipos de rodadas foram realizados, para que se chegasse aos resultados que são expostos no presente trabalho. No que concerne à análise do clítico pronominal nas lexias verbais simples, foram realizados os seguintes: (i) rodada geral, para a obtenção de percentuais sem nenhuma junção de elementos; (ii) rodada para a obtenção de percentuais e pesos relativos, após a junção de elementos

necessária para eliminação dos *Knockouts*; (iii) rodada (percentuais e pesos relativos) com junção de elementos pouco expressivos no *corpus*, em termos quantitativos, com outros de mesma natureza; (iv) rodada (percentuais e pesos relativos) apenas com os grupos de fatores mais relevantes.

De todas as rodadas executadas, expõe-se, a seguir, a lista das variáveis, com a amalgamação de seus fatores, quando necessário, de acordo com a configuração que se considerou mais pertinente para a análise dos resultados nas lexias verbais simples:

- a) Tipo de oração: (i) independente (oração principal / absoluta / coordenada assindética); (ii) subordinada desenvolvida (propriamente dita + optativa); (iii) reduzida de infinitivo; (iv) reduzida de gerúndio; (v) reduzida de particípio.
- b) Possível elemento proclisador: (i) verbo em posição inicial absoluta; (ii) todos os contextos de sujeito (nominal, pronome pessoal, pronome indefinido – exceto *ninguém*; pronome demonstrativo); (iii) partícula de negação; (iv) advérbio (um só vocábulo) e palavras de foco, como *apenas, só, até, mesmo, ainda e também*; (v) locução adverbial (locuções adverbiais e elementos discursivos, como *ora, por favor*); (vi) preposição (*para, a, de, por, sem, em*); (vii) conjunção coordenativa (aditiva, alternativa, adversativa, conclusiva, explicativa); (viii) elemento subordinativo (conjunções subordinativas, pronome relativo *que*, outros pronomes/advérbios relativos, conjunção integrante *que, que* em locução conjuntiva, palavra QU- interrogativa do tipo pronominal e palavra QU- interrogativa do tipo adverbial).
- c) Distância entre v-cl ou cl-v e um elemento proclisador: (i) zero distância – quando o verbo e o elemento proclisador estão em situação de contigüidade; (ii) de uma a cinco sílabas – quando a distância entre o verbo e o possível elemento proclisador fica entre uma a cinco sílabas; (iii) distância de seis sílabas em diante.
- d) Tipo de clítico: (i) pronomes de 1ª e 2ª pessoas (*me, te, nos*); (ii) pronome *se* reflexivo/ inerente; (iii) *o(s)/ a(s)*; (iv); (iv) *lhe*; (v) *se* indeterminador/ apassivador.
- e) Tempo e modo verbais: (i) indicativo (presente, pretérito imperfeito, perfeito, mais que perfeito); (ii) futuros do indicativo (futuro do presente e do pretérito); (iii) subjuntivo (presente, pretérito imperfeito e futuro); (iv) imperativo; (v) infinitivo; (vi) gerúndio.

- f) Tonicidade das formas verbais: (i) oxítonas; (ii) paroxítonas; (iii) proparoxítonas.

Após a execução das rodadas com o conjunto de dados de lexias verbais simples, julgou-se essencial verificar se os resultados obtidos para os fatores das variáveis selecionadas como significativas para o condicionamento da colocação dos pronomes átonos refletia, em alguma medida, outro(s) grupo(s) de fatores. Para investigar essa correlação entre variáveis, diversos cruzamentos foram efetuados. Os grupos contemplados nos cruzamentos foram os seguintes: (i) tipo de jornal *versus* elemento proclisador; (ii) tipo de jornal *versus* tipo de oração; (iii) tipo de jornal *versus* tipo de clítico; (iv) tipo de clítico *versus* possível elemento proclisador; (v) tipo de clítico *versus* forma verbal; (vi) tipo de oração *versus* possível elemento proclisador.

Descritos os procedimentos adotados para a amostra das lexias verbais simples, cumpre prestar os esclarecimentos concernentes à análise das lexias verbais complexas.

Primeiramente, cabe esclarecer que a análise dos complexos verbais não será apresentada a partir de rodadas com pesos relativos, mas por meio dos índices absolutos e percentuais. Essa decisão pautou-se em dois aspectos: (i) a baixa produtividade de ocorrências de complexos verbais, especialmente das estruturas com participio e gerúndio, mas também no caso dos infinitivos; e (ii) o fato de a variável ser eneária. Embora tenham sido experimentadas rodadas opondo uma das variantes às demais, o baixo número de dados faz com que a variante eleita como valor de aplicação (a pré-complexo verbal) apresente diversas células vazias, que dificultam sobremaneira a interpretação de diversos índices e põem em risco a segurança das conclusões.

De início, cabe descrever, como se fez para o caso das lexias verbais simples, as rodadas executadas. Para a análise das ocorrências com base nos valores absolutos e percentuais, realizaram-se as seguintes rodadas: (i) geral, para a obtenção de percentuais sem nenhuma junção de elementos; (ii) rodada com os dados de infinitivo, participio e gerúndio juntos, com junção de elementos; e (iii) rodada com os dados de infinitivo, participio e gerúndio separados, com junção de elementos.

Quanto às experiências feitas para a obtenção de pesos relativos, considerando a variante pré-CV como valor de aplicação, realizaram-se as seguintes rodadas: (i) pré-CV *versus* intra-CV (com e sem hífen); (ii) pré-CV *versus* pós-CV; (iii) pré-CV *versus* demais variantes – intra-CV (com e sem hífen) e pós-CV juntas; (iv) pré-CV *versus*

demais variantes sem os dados do jornal *Meia Hora*; e (v) pré-CV *versus* demais variantes sem o grupo distância entre cl-cv e cv-cl e um elemento proclisador (para a compreensão de seu comportamento instável).

Após todas as experiências e análises, em função das particularidades dos complexos verbais quanto à forma do verbo principal, elegeu-se o procedimento de separar os dados em três subamostras: a dos participípios, a dos gerúndios e a dos infinitivos. Em relação aos complexos verbais formados por participípio e gerúndio, cumpre informar que a análise será baseada, devido ao pequeno número de dados, na distribuição geral das ocorrências destacando-se em especial o comportamento por tipo de jornal. Como se trata de poucos dados, a própria análise dos exemplos do *corpus* servirá de estratégia para a observação dos possíveis condicionamentos linguísticos. No caso dos complexos com infinitivos, foi possível a abordagem dos diversos grupos de fatores controlados na pesquisa.

De todas as rodadas realizadas, expõe-se, a seguir, a lista das variáveis, com junção de seus fatores, quando necessária, da maneira que se considerou mais produtiva para a análise dos resultados. Salienta-se que, quando a variável for a mesma das lexias verbais simples, não serão listados novamente os fatores:

- a) tipo de complexo verbal: (i) *poder* + infinitivo; (ii) *dever* + infinitivo; (iii) *precisar* + infinitivo; (iv) *querer/ resolver/ pretender/ preferir/ tentar/ conseguir/ procurar* + infinitivo; (v) *vir/ ir* + infinitivo; (vi) *ter* + *de/que* + infinitivo; (vii) *acabar* + *de/por* infinitivo; (viii) *começar* + *a* + infinitivo; (ix) *ficar* + *a* + infinitivo.
- b) Presença de elemento interveniente no complexo verbal: (i) presença de qualquer elemento (*a, de, que etc*); (ii) ausência de elemento.
- c) Tipo de clítico: mesmo procedimento das lexias verbais simples.
- d) Possível elemento proclisador: mesmo procedimento das lexias verbais simples.
- e) Tempo e modo verbal do auxiliar: (i) indicativo (presente/ pretérito perfeito e imperfeito); (ii) futuros do indicativo (futuro do presente e do pretérito); (iii) subjuntivo; (iv) infinitivo; (v) gerúndio.

A análise detalhada dos índices absolutos e percentuais, quando possível, associada à observação dos exemplos relativos a cada fator permitiu a interpretação fundamentada dos resultados.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1. Lexias verbais simples

5.1.1. Produtividade dos clíticos pronominais

Embora a presente pesquisa não tenha postulado como objetivo a investigação da produtividade dos clíticos pronominais em si, o resultado da coleta de dados chama a atenção pela aviltante diferença do número de ocorrências encontradas em cada veículo jornalístico. Desse modo, observa-se, primeiramente, o comportamento de cada jornal no que se refere à produtividade dos pronomes átonos encontrados em 600 cartas de leitor de cada veículo.

Veículos de comunicação	Total
<i>O Globo</i>	466
<i>Extra</i>	145
<i>Meia Hora</i>	39
Total de ocorrências	650

Tabela 1. Número de ocorrências de clíticos pronominais em cada veículo – lexias verbais simples

No que concerne aos dados de clíticos pronominais (cf. tabela 1), observa-se que há uma grande diferença quanto ao número total de dados encontrados nos jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora*. No primeiro, tem-se 466 ocorrências de pronomes átonos; no segundo, 145; e no último, apenas 39. Pode-se pressupor que essa discrepância esteja relacionada não só ao tamanho das cartas (que são menores no *Meia Hora*), mas também ao perfil das cartas presentes nesses jornais e ao próprio perfil dos veículos.

Quanto ao perfil dos veículos, verificam-se diferenças gerais entre os jornais considerados na pesquisa, que aqui se detalham. *O Globo* trata de diversos assuntos, tais como: economia, saúde, educação, esporte, política; apresenta textos de diversos gêneros textuais, como cartas de leitor, anúncios, editoriais, notícias, crônicas. O jornal *Meia Hora* exibe menos informações, e, em geral, além de anúncios, apresenta diversas notícias que se concentram nos temas de violência, criminalidade e esportes. O *Extra*, por sua vez, também trata de diversos assuntos, mas, ao que parece, a maneira de

abordá-los estaria, na linha de um *continuum*, entre os outros dois jornais. A título de ilustração, as notícias do jornal *Extra* exibem informações não tão curtas como as do *Meia hora*, mas que, em alguns casos, ignoram temas de âmbito nacional, priorizados em *O Globo*; quanto aos gêneros textuais, o *Extra* não apresenta, por exemplo, a crônica, e prioriza notícias e anúncios, em geral.

No que se refere ao perfil das cartas de leitor, nota-se, também, que as do jornal *O Globo* têm algumas características distintas das apresentadas nos jornais *Extra* e *Meia Hora*. A diferença revela-se, de início, no título das seções referentes às cartas – *Cartas de Leitor*, no jornal *O Globo*; *Carta Branca*, no *Extra*; e *Voz do Povo*, no *Meia Hora*. Nota-se que os títulos das cartas do *Extra* e do *Meia Hora* sugerem que o propósito dessas cartas possa ser distinto do propósito das cartas de *O Globo*, o que, de fato, ocorre. No jornal *O Globo* – que publica 24 textos por dia, alguns referentes ao mesmo assunto –, as cartas são mais longas e mais direcionadas para críticas, de acordo com o interesse e a reflexão dos leitores acerca de temas da atualidade, normalmente aludidos em edições anteriores do jornal. No jornal *Meia Hora* – que publica somente 8 cartas por dia –, os textos são mais curtos, mais direcionados para reclamações e denúncias de todos os tipos, e apresentam conteúdos de interesse popular mais imediato, como, por exemplo, a indignação pela queda de uma árvore, pela falta de luz, ônibus escasso etc. As cartas presentes no *Extra* – em torno de 13 por dia – também são, em sua totalidade, voltadas para reclamações e dúvidas, mas há uma seção em que são emitidas opiniões a respeito de alguma questão levantada pelo jornal. Uma vez mais, percebe-se, num *continuum* entre os jornais, que, enquanto *O Globo* figura, num extremo, com conteúdo de caráter mais reflexivo e avaliativo nas cartas, e o *Meia Hora*, em outro, com caráter menos reflexivo, o *Extra* mescla conteúdos mais populares e alguns mais críticos, em que o leitor teria “carta branca” para demonstrar seus anseios.

Com relação à linguagem utilizada nos jornais – numa observação impressionística das estruturas e do vocabulário usados –, o jornal *O Globo* parece fazer uso de uma linguagem mais voltada para o padrão culto idealizado na tradição gramatical para contextos formais, apresentando uma variedade lingüística menos popular e um vocabulário mais rebuscado. No jornal *Meia Hora*, há aparentemente certo desapego ao que se costuma conceber idealmente como escrita culta padrão – o vocabulário empregado, por exemplo, aproxima-se por vezes do chulo –, comportamento que faz supor que se priorizem, em tal veículo de comunicação, uma variedade lingüística mais popular e um vocabulário mais próximo do que se costuma

empregar na oralidade/escrita informal. Já o jornal *Extra* parece fazer uso de expressões lingüísticas não tão marcadas, nem como prototípicas da escrita/oralidade formal, nem como prototípicas da oralidade/escrita informal, uma espécie de meio-termo. Apresenta-se uma forma de expressão que parece se aproximar de certa neutralidade, que a aproxima não só do discurso oral semiformal, não necessariamente por isso distante de um padrão considerável aceitável dentro da escrita semiformal. A partir dessas considerações, julga-se necessária a exibição de uma carta de cada jornal, para que se possam visualizar características, aqui, descritas:

Jornal *O Globo*

- *Este ano, praticamente o Congresso Nacional “trabalhou” somente para resolver as denúncias de vários escândalos que encheram a sua pauta. Somente o caso Sarney tomou mais de quatro meses de constantes sessões prenes de acusações entre os senadores da casa. Passados os escândalos do clã Sarney, estamos presenciando todos os dias as votações sobre a futura lei eleitoral. É um absurdo, todos os anos eles fazem mudanças, sempre para beneficia-los. Em contrapartida, o que se vê nos EUA é o Congresso americano reunido votando soluções para saúde e bens sociais. É uma diferença muito grande. Coitado do nosso povo. (O Globo-13-09-09)*

Jornal *Extra*

- *Os moradores do bairro Santa Emília querem saber quando a prefeitura vai colocar uma nova ponte na Rua Olavo Bilac. Há oito meses, ela caiu. A prefeitura colocou uma de madeira. Mas nas últimas chuvas, a cena se repetiu e a ponte caiu. É preciso dar uma volta enorme para ir para o outro lado do bairro. (Extra-23-10-09)*

Jornal *Meia Hora*

- *Basta uma chuvinha e a R. Dr. Augusto Figueiredo se torna o caos. A água suja alaga toda a via e invade nossas casas.*

Com base nesse quadro geral que o contato com os três veículos de comunicação faz perceber, supõe-se haver um *continuum* no perfil dos jornais, e por conseqüência no dos textos, relacionado tanto à norma lingüística praticada (nível vertical da variação) quanto ao registro (estilo), que vai do mais culto e formal ao mais popular e informal. Esse *continuum* pode ser esquematizado da seguinte forma:

[+ diversidade de temas]		[- diversidade de temas]
[+ diversidade de gêneros textuais]		[- diversidade de gêneros textuais]
[+ espírito reflexivo/avaliativo]		[- espírito reflexivo/avaliativo]
[+ variedade culta]		[- variedade culta]
[+ registro formal]		[- registro formal]
<hr/>		
<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Meia Hora</i>

A partir dessa hipótese geral, o desenvolvimento de muitas pesquisas lingüísticas – que não cabem no escopo do presente trabalho – com base no material coletado nos três veículos jornalísticos sob análise colaboraria para a confirmação das hipóteses formuladas. Essas pesquisas permitiriam confirmar se o *continuum* proposto se aplicaria a temas que, em alguma medida, se correlacionam ao uso e à ordem de clíticos pronominais, contemplando diversos tipos de estrutura sintática (a representação do OD, da expressão do sujeito, da voz passiva, da indeterminação do sujeito, dentre outros temas sintáticos) e comparando diversos gêneros textuais presentes nos jornais. Somente a partir dessas pesquisas, será possível aferir que estruturas são prototípicas ou pelo menos mais produtivas em cada jornal, em cada gênero e como os veículos se diferenciam quanto a cada tipo de construção sintática. No presente trabalho, conforme formulado nos objetivos apresentados na introdução, cabe tão-somente avaliar se, no tema da ordem dos clíticos, o *continuum* proposto se confirma.

Considerando-se o perfil dos veículos e das cartas proposto, tem-se indícios, ainda, do público-alvo de cada jornal, podendo-se depreender, então, a suposta comunidade de fala estudada. Labov (1978) já previa a importância de se definir a comunidade que se pretende estudar quando da constituição de amostra oral devidamente estratificada. Sem dúvida, é necessário conhecer os indivíduos para que se entendam com mais precisão os resultados obtidos. Guy (2000, 2001), conforme mencionado no capítulo 3, dentre outras considerações, demonstra que há diversas definições de comunidade de fala e sintetiza, em sua proposta, algumas de suas características, aqui retomadas. Entre elas, considera a “densidade de comunicação interna relativamente alta, isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele” (GUY, 2000: 18). Tal situação faz com que os indivíduos tenham acesso aos usos lingüísticos de outros membros da comunidade, passando, então, a adquirir tais usos. Em relação a isso, Guy (2000: 20) afirma: “fala-se como as pessoas com as quais se fala”. De toda

maneira, salienta que as pessoas não são consideradas como membros de uma comunidade de fala apenas porque partilham usos, mas porque julgam partilhar usos. Assim, segundo o autor, ser membro de um grupo é também intencional, é uma questão de identidade lingüístico-cultural, o que se determina por nossas atitudes sociais e lingüísticas, uma vez que o indivíduo decide a quem deseja se associar.

A fim de se conceber a comunidade de fala a partir de um *corpus* escrito, caso da presente pesquisa, é necessário observar, feitas as devidas adaptações conceituais, determinados fatores externos (como o perfil social do jornal, por exemplo) e internos à língua (estruturas lingüísticas utilizadas), que fornecem pistas do perfil da comunidade / público-alvo, como feito anteriormente. Apropriando-se da frase clássica de Labov aplicada à análise de dados históricos, o importante é tentar “fazer o melhor uso de maus dados” (LABOV, 1994: 11), trabalhar e explorar o material e as informações que se tem, da melhor maneira possível, para que se chegue a uma análise fundamentada. Como se sabe, quando se trabalha com textos escritos, ainda que contemporâneos, informações imprescindíveis sobre o perfil social dos indivíduos, que escrevem e para quem se escrevem os textos, são difíceis de ser acessadas. Não se sabe, por exemplo, com quem convivem, onde trabalham ou estudam. Dispõe-se, apenas, de determinados elementos que fornecem pistas sobre esses indivíduos.

Feita a descrição dos jornais e de posse de resultados de outras investigações, tem-se por hipótese, no que se refere especificamente ao tema da produtividade dos clíticos, que a pouca quantidade de dados dos pronomes átonos no *Meia Hora* pode estar relacionada ao fato de ele ser um jornal com menor preocupação com a norma idealizada para a escrita padrão formal, o que se refletiria tanto por parte da redação do jornal, como por parte da produção dos próprios escritores/leitores, ao contrário do que ocorreria no jornal *O Globo*. Esses veículos estão direcionados a públicos distintos e tendem a exibir estruturas lingüísticas distintas. No que tange ao jornal *Extra*, supõe-se que, consoante o objetivo de atingir a leitores de perfis mais diversificados, esse veículo não se aproxime, nem se distancie totalmente da escrita padrão formal idealizada, o que o posicionaria entre os outros dois jornais.

Cumprе destacar que a hipótese acima está fundamentada em resultados de outros estudos sobre o tema (DUARTE, 1986; CYRINO, 1996; AVERBUG, 2000; FREIRE, 2005; MACHADO, 2006). Em alguns desses estudos, demonstra-se que a norma objetiva brasileira da modalidade oral, que exibe com freqüência principalmente os clíticos *me*, *te* e *se*, não dá preferência, por exemplo, a clíticos de 3ª pessoa na

representação dos objetos (direto – *o, a, os, as* – e indireto – *lhe, lhes*), mas a outras estratégias de representação, como pronomes retos, sintagmas nominais (SN) e zero. Duarte (1986), que pesquisou a representação do objeto anafórico de terceira pessoa no PB, atesta que, na modalidade oral, a tendência é praticamente a de não usar o clítico de terceira pessoa, optando-se pelas variantes objeto nulo, sintagma nominal lexical ou pronome tônico, sendo a primeira a estratégia mais freqüente. Com relação aos dados da modalidade escrita, a autora evidencia, também, uma esquivia ao uso do clítico de terceira pessoa, que, quando utilizado, aparece preferencialmente em posição enclítica (88%), sobretudo com o infinitivo. Entre os registros de Duarte, apenas, 5% são de clíticos, contra 15% de pronome reto, 17% de SN anafóricos e 63% de objeto nulo.

Cyrino (1996), em estudo diacrônico sobre clíticos e objeto nulo em *corpus* constituído de peças brasileiras, especialmente comédias, atesta que, do século XIX para o XX houve uma queda considerável no uso do clítico de terceira pessoa (4%) e que o preenchimento por um pronome tônico começa a aparecer a partir do século XIX, atingindo 44% no século XX. A autora supõe, com base em análise que assume estar em andamento, que essa mudança tenha sido desencadeada pela origem do objeto nulo. Os registros em Cyrino (1990b) também coletados de peças teatrais de autores brasileiros já revelavam a queda do clítico de terceira pessoa, uma vez que na primeira metade do século XVIII havia 85% de clíticos contra 17% de ausência de clíticos, e já na primeira metade do século XIX, o percentual de clíticos já havia caído para 58% contra 42% de sentenças sem o clítico (e sem o pronome lexical).

Freire (2005), em pesquisa sobre os clíticos acusativos e dativos de terceira pessoa no português escrito brasileiro e europeu do século XX, investiga, a partir de textos de jornais e de histórias em quadrinho, as estratégias para a substituição dos clíticos nas duas funções, distribuindo as variantes – clítico, pronome lexical, SN anafórico e objeto nulo – em um *continuum* oralidade/letramento (de – oralidade / + letramento até + oralidade / – letramento). Os resultados revelam que, em amostra constituída de 406 dados, embora haja a presença desses pronomes átonos na escrita (43%), já se encontram estratégias de representação do clítico comuns na fala, como o objeto nulo (31%). Ao observar o percentual de cada variante através do referido *continuum* no PB, verifica que, quanto mais próximo do ponto de maior letramento, maior a tendência ao uso de clítico (73%), e, quanto mais próximo ao extremo de maior oralidade, menor é essa tendência (15%). De toda forma, os dados relativos à variedade brasileira mostraram que nem no extremo (-oralidade/+letramento) o clítico foi

absoluto, encontrando-se em competição com outras variantes. Com relação ao uso do dativo *lhe*, o autor sinaliza que a variante prestigiada pela tradição foi a variante menos utilizada *no corpus*, em um total de 155 dados: apenas 26% das ocorrências, contra 32% de objeto nulo e 42% de sintagma preposicional (SP) anafórico. Constatou, então, que “*as estratégias alternativas à variedade padrão já estão plenamente infiltradas na escrita.*” (FREIRE: 2005, 149). A investigação de Freire (2005) comprovou, também no caso do clítico dativo, que este tende a ser mais expressivo no extremo do *continuum* de + letramento, mas que, ainda assim, o clítico dativo não chega a representar a metade do total dos dados.

Morito Machado (2006), em seu estudo sobre o uso e a ordem dos clíticos na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas particulares e públicas da cidade do Rio de Janeiro, observou que o clítico de terceira pessoa se mostrou a opção de preenchimento mais utilizada (37%). Entretanto, as outras variantes encontradas, como SN, pronome reto e zero, apresentaram índices de ocorrências em torno de 20%. Ou seja, mesmo em se tratando de *corpus* escrito, outras estratégias de preenchimento do pronome átono foram utilizadas, ainda que em menor proporção.

Considerando-se a presente investigação, supõe-se que a relevante diferença do número de ocorrências de clíticos entre os veículos – o jornal *O Globo*, que estaria no ponto extremo oposto ao ocupado pelo *Meia Hora*, apresenta cerca de 10 vezes mais clíticos do que este – não parece ser aleatória. Reforce-se, entretanto, que, somente com um estudo específico sobre a representação do objeto direto, bem como sobre a expressão da voz passiva e da indeterminação do sujeito – o que não caberia nos limites da presente pesquisa –, será possível confirmar as hipóteses traçadas, aprofundar as reflexões propostas e constatar com mais precisão a diferença entre os jornais.

5.1.2. Ordem dos clíticos pronominais com lexias verbais simples

5.1.2.1. Distribuição dos dados pela variável dependente

Nesta seção, encontra-se a distribuição geral dos dados de próclise e ênclise em contextos com lexias verbais simples, nos três veículos considerados.

Ressalta-se, de início, que nenhum dado de mesóclise apareceu nas orações selecionadas nos três veículos. Esse resultado pode estar relacionado não só ao fato de o contexto estrutural favorecedor dessa variante ser restrito – apenas com as formas de

futuro do indicativo e principalmente em enunciados sem tradicionais elementos proclisadores –, mas também ao comportamento da variedade brasileira como um todo. Estudos do fenômeno no PB, conforme já mencionado na descrição da variável dependente no capítulo 4, têm demonstrado a rara ocorrência da mesóclise, que parece estar circunscrita a uma escrita de alto padrão culto e formal ou a um gênero textual especializado.

Observem-se, na tabela e no gráfico a seguir, os índices das variantes pré-verbal e pós-verbal em cada jornal e no conjunto dos dados¹³:

Veículos de comunicação	Próclise (<i>se compra</i>)	Ênclise (<i>compra-se</i>)	Total
<i>O Globo</i>	311 - 67%	155 - 33%	466
<i>Extra</i>	123 - 85%	22 - 15%	145
<i>Meia Hora</i>	36 - 92%	3 - 8%	39
Total	470 - 72%	180 - 28%	650

Tabela 2. Distribuição dos dados em relação à ordem dos clíticos em lexias verbais simples (geral e por veículo jornalístico)

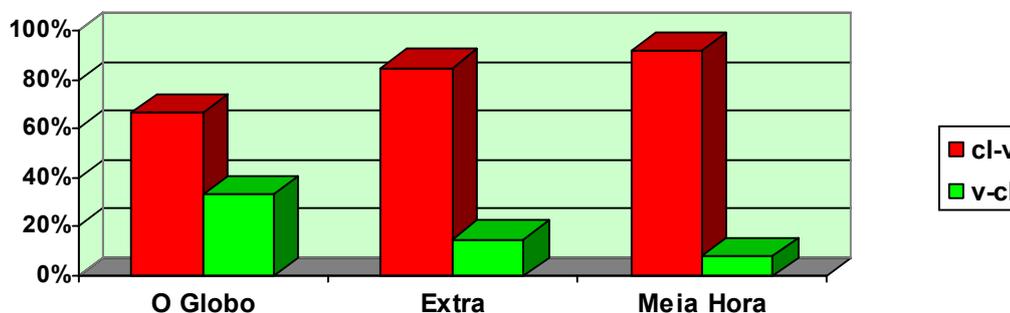


Gráfico 1. Distribuição dos dados em relação à ordem dos clíticos em lexias verbais simples (geral e por veículo jornalístico)

Quanto à distribuição dos dados nas lexias verbais simples (cf. tabela 2 / gráfico 1), observa-se que a variante pré-verbal é a mais recorrente no conjunto e em cada um dos veículos de comunicação considerados, ainda que estes apresentem percentuais distintos: o jornal *O Globo* tem 67% de próclise; o *Extra*, 85%; e o *Meia Hora*, 92%.

¹³ Cabe informar que a análise da variável “veículo de comunicação” será retomada e detalhada na seção 5.1.2.2.2, com a apresentação de pesos relativos e cruzamentos diversos.

Destacando-se as ocorrências de pronomes átonos na posição enclítica, confirma-se que o jornal *O Globo* destoa consideravelmente dos outros dois jornais. Ele apresenta 33% das ocorrências de pronomes átonos na posição enclítica, enquanto o *Extra* e o *Meia Hora* apresentam, respectivamente, 15% e 8%. Embora se trate de todos os dados da pesquisa, que misturam contextos morfossintáticos diversos, acredita-se que a maior ocorrência da variante pós-verbal no jornal *O Globo* – concebida no imaginário prescritivo como índice de norma culta – esteja relacionada ao fato de esse veículo buscar respeitar mais os condicionamentos lingüísticos postulados tradicionalmente para a ordem dos clíticos. Tal hipótese será considerada mais adiante, quando da análise das variáveis lingüísticas.

5.1.2.2. Variáveis relevantes

Nesta seção, apresentam-se as variáveis independentes – lingüísticas e extralingüística – que se mostraram relevantes no condicionamento do fenômeno sob análise, tendo como valor de aplicação a variante proclítica. As variáveis selecionadas pelo programa estatístico Goldvarb-X, em ordem de favorecimento à próclise, foram as seguintes: “possível elemento proclisador”, “tipo de clítico”, “tipo de oração”, “veículo de comunicação” e “distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento proclisador”.

É importante destacar que o grupo de fatores “veículo de comunicação” foi o quarto selecionado, na escala de relevância, pelo programa computacional Goldvarb-X. Por ser o único fator extralingüístico relevante e por ser necessário confrontar o comportamento dessa variável com algumas variáveis lingüísticas, decidiu-se exibir os resultados desse grupo de fatores após a apresentação do condicionamento lingüístico.

5.1.2.2.1 Condicionamento lingüístico

a) Possível elemento proclisador

Possível elemento proclisador			
	Valor absoluto	%	P.R
Partícula de negação	82/82	100%	-
Preposição	52/76	68%	.78
Elemento subordinativo ¹⁴	195/200	97%	.70
Advérbio de um só vocábulo	35/41	85%	.57
SN Sujeito	82/98	84%	.45
Verbo em posição inicial absoluta	6/110	5%	.20
Conjunção coordenativa	16/31	52%	.07
Locução adverbial	2/12	17%	.04

Tabela 3. Aplicação da próclise segundo o possível elemento proclisador – lexias verbais simples

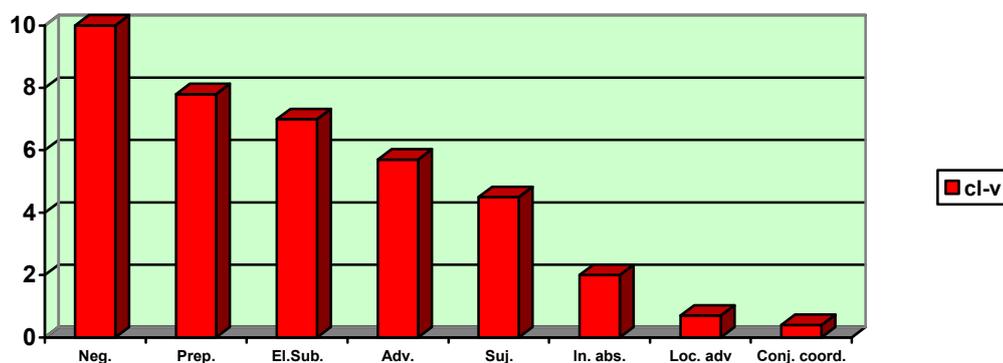


Gráfico 2. Aplicação da próclise (P.R.) segundo o possível elemento proclisador – lexias verbais simples

Em primeiro lugar, deve-se registrar que as partículas de negação apresentaram comportamento categórico quanto ao favorecimento da posição pré-verbal (cf. tabela 3 / gráfico 2). A título de exemplificação:

*01. Fingiu que não **me ouviu**, entrou no carro e foi embora. (O Globo-20-03-09)*

¹⁴ Na realidade, esse fator reúne os elementos do tipo “conjunção subordinativa, pronome relativo, palavra QU, conjunção integrante”.

Em seguida, os resultados obtidos mostram que os contextos de verbo antecedido de preposição e “elementos subordinativos” tendem a favorecer significativamente a posição proclítica dos pronomes átonos. Tem-se, respectivamente, pesos relativos de .78 e .70. A tendência relativa aos “elementos subordinativos” – que se verifica também nos exemplos a seguir – é compatível com o que propõem compêndios tradicionais, que prescrevem, para esse contexto, a posição pré-verbal.

02. *Onde **se estaciona** uma bicicleta? (O Globo-09-10-08)*
03. *Marca-se hora e quando **se chega** a fila é interminável. (O Globo-15-10-08)*
04. *Queria que o candidato Paes **me esclarecesse**: como ele vai governar daqui a dois anos, quando termina o governo de Sergio Cabral e de Lula? (O Globo-23-10-08)*
05. *E, por falar, em buraco, dê uma passadinha na Estrada da Conceição, na altura do número 506, e veja o estado que **se encontra** uma das principais vias de acesso À BR 101. (Extra-13-03-09)*

Apesar de pouco produtiva (5 casos), a ênclise em contexto de elemento subordinativo/palavra QU- também ocorreu no *corpus*:

06. *Se ele tem uma irmã, um avô, uma avó e, por que não dizer, um pai, por que **tirá-lo** do seio da família? (O Globo-19-08-09)*
07. *Não é atoa que da Lagoa **percebe-se** que a Rocinha não para de crescer, destruindo a mata existente no morro e tornando a cidade mais feia. (O Globo-16-03 -09)*
08. *É uma vergonha que esse calote dos bolsistas, que mesmo com bolsas a juros subsidiados, e recebendo salários em dólar no exterior, **recusam-se** a pagar o que devem. (O Globo-22-09-08)*
09. *Esta foto é a piscina que **formou-se** em frente ao número 5223 da Avenida (Extra-22-06-09)*
10. *Mas se é “normal” **lançar-se** um pedregulho contra a cabeça de uma indefesa professora de educação física, certamente o prefeito responderá com um “e daí”? (O Globo-20-09-08)*

No exemplo 06, há a estrutura “verbo no infinitivo + clítico acusativo”, em que a ênclise constitui expressão praticamente cristalizada no PB especialmente escrito, como se verá adiante. Em ocorrências como 07, 08 e 10, o fato de existir a distância entre o pronome átono e os elementos *que e se* pode ter favorecido a ocorrência da ênclise. No exemplo 9, em que se verifica a ênclise em verbo contíguo ao elemento proclisador, parece ter havido apenas o que se supõe ser uma estratégia de hipercorreção. Como comenta Duarte (2001 *apud* VIEIRA, 2002):

Com relação à ordem dos clíticos, parece que estamos passando por um momento muito especial. Se por um lado a próclise em início absoluto de oração já começa a vencer todas as bravas resistências, por outro temos observado uma ocorrência de ênclise nos contextos em que se esperaria a próclise, contrariando o uso habitual no Brasil. Seria a vitória da insistência do ensino normativo? (...)

O que esses dados sugerem é que a norma culta não é uniforme, que a língua escrita também é variável, embora em menor escala que a oral, porque ela é produzida por seres vivos, que adquirem sua linguagem nas mesmas condições que os não escritores e, por mais que tentem seguir uma norma presumível, que consta dos manuais de redação, acabam por se “trair” em algum momento. Na realidade, trata-se mesmo de uma questão de sensibilidade do escritor/jornalista para a realidade lingüística do seu país. (DUARTE, 2001: 55, *apud* VIEIRA, 2002)

Em relação à preposição, surpreende o fato de ter sido o contexto que apresentou, excetuando-se o comportamento categórico da partícula de negação – maior peso relativo em favorecimento à próclise – .78. Embora a diferença entre elemento subordinativo e preposição não seja exorbitante, esperava-se obter maior peso relativo de próclise com elementos subordinativos, que, como esclarecido, são contextos tidos como proclisadores canônicos. Alguns gramáticos, como se observou no capítulo 2, costumam apontar a possibilidade de colocação proclítica do pronome átono diante de preposição, especialmente quando o verbo se encontra na forma infinitiva. Cunha & Cintra (2008 [1985]) não chegam a afirmar que tal colocação seja recomendada devido à presença da preposição; comentam, apenas, que “infinitivos soltos” aceitam a acomodação do clítico tanto na posição proclítica, como enclítica, havendo a tendência para a última colocação pronominal. No entanto, em seguida, fornecem exemplos de verbo na forma infinitiva em contexto de preposição, e a próclise é realizada. Já Rocha Lima (2003 [1972]) concede à preposição a responsabilidade de colocação do clítico antes ou depois do verbo. Nas palavras do autor:

É, contudo, facultativa a colocação do pronome, quando o infinitivo, na forma não flexionada, estiver precedido de preposição, ou palavra negativa. Estando o infinitivo na forma flexionada, costuma-se preferir a próclise. (ROCHA LIMA, 2003: 453)

Os autores concordam, ainda, que, quando o pronome for *o(s)* ou *a(s)* e o infinitivo vier antecedido de preposição, é obrigatória a posição enclítica do pronome. Assim, apesar de a preposição não ser concebida como um “atrator” canônico, percebe-se que esse elemento atua na ordem dos clíticos pronominais, principalmente quando não se trata do clítico acusativo de terceira pessoa.

Então, para melhor detalhamento dos resultados, realizou-se o cruzamento entre possível elemento proclisador e tipo de clítico. Espera-se, assim, verificar quais tipos de clíticos mais apareceram na posição proclítica em contexto de preposição.

Lexias Verbais Simples										
	se reflexivo		lhe		o (s)/ a (s)		se apas./índ.		me, te, nos	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
In. absoluto	2/23	9%	0/2	0%	1/14	7%	2/50	4%	1/21	5%
El. subord.	86/88	98%	8/8	100%	17/18	94%	46/48	96%	38/38	100%
Sujeito	63/76	83%	-	-	2/2	100%	-	-	17/20	85%
Preposição	15/15	100%	-	-	0/23	0%	25/26	96%	12/12	100%
Negação	31/31	100%	-	-	2/2	100%	31/31	100%	18/18	100%
Advérbio	16/16	100%	1/1	100%	2/3	67%	9/12	75%	7/9	78%
Loc. adverbial	0/1	0%	0/1	0%	-	-	0/6	0%	2/4	50%
Conj. coord.	5/9	5%	0/1	0%	1/7	14%	2/6	3%	8/8	100%

Tabela 4. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “possível elemento proclisador” e “tipo de clítico”

A partir do cruzamento feito entre possível elemento desencadeador de próclise e tipo de clítico (cf. tabela 4), verificou-se que a alta realização da próclise em contexto de preposição ocorre, de fato, com os diversos tipos de pronomes, exceto com o clítico acusativo de 3ª pessoa: de 1ª/2ª pessoa – *me, te, nos* – (100%), *se* reflexivo/inerente (100%) e *se* apassivador/índice de indeterminação (96%). Com o pronome *o, a (s)* – que, como se detalhará mais adiante, constitui por si só elemento favorecedor da variante pós-verbal – registra-se ênclise categórica diante de preposição. Observem-se alguns exemplos de próclise no contexto de verbo antecedido de preposição, com outros pronomes diferentes de *o (s)/ a (s)*:

11. *O Rio de Janeiro é o pior lugar do mundo para **se viver**.* (Extra-19-10-08)

12. *No dia 17, precisei usar o banheiro na estação Estácio do metrô, mas, ao **me dirigir** a um segurança, fui orientado a simplesmente sair da estação e procurar outro lugar para urinar.* (Meia Hora-22-09-08)

13. *Nenhum dos dois será a panacéia definitiva para **nos livrar** desta desordem urbana.* (O Globo-24-10-08)

14. *Mas sempre cabe ao arcebispo a última decisão sobre a hora de se pronunciar a esse respeito. (O Globo-12-03-09)*

Houve somente um dado de ênclise com o *se* apassivador/indeterminador de sujeito – que conta com a forma verbal infinitiva –, exposto a seguir:

15. *O que está sendo feito com a vale é um verdadeiro absurdo, principalmente por tratar-se de empresa privada (a maior do país). (O Globo-17-10-09)*

Quando há a estrutura “preposição + verbo na forma infinitiva + clítico acusativo (*o, os, a, as*)”, a realização da ênclise é categórica (100%), confirmando que tal estrutura é determinante no favorecimento da variante pós-verbal. Eis alguns exemplos da posição pós-verbal nesse contexto:

16. *Os advogados pediram nossos documentos para **passá-lo** para o nosso nome. (Extra-12-03-09)*

17. *Quando ela estava em campanha classificou de almofadinha o futuro chefe do Executivo municipal, além de **acusá-lo** de copiar sua proposta de saúde nas escolas. (O Globo-07-11-08)*

18. *Ela tem objetivos claros e nunca abandona os que mais necessitam do poder público para **ampará-los**. (O Globo-07-11-08)*

19. *Melhor faria o prefeito em **nomeá-la** secretária da Saúde e, assim, concluiria o binômio político-técnico. (O Globo-07-11-08)*

20. *Agentes de Segurança Pública, em sua maioria, não têm a devida moral para **utilizá-los**. (Extra-03-03-09)*

Assim, pode-se atribuir a essa estrutura o alto percentual de ênclise, pois, além do elemento que pode exercer ou não efeito proclisador sobre o pronome (preposição), o tipo de clítico mais a forma verbal também podem estar agindo.

Mediante os exemplos e a observação dos resultados do cruzamento acima, constata-se que o contexto de preposição tende, de fato, a favorecer a posição proclítica do pronome átono, exceto com o clítico acusativo de terceira pessoa. Saliente-se que, em relação ao clítico *lhe*, não se podem tecer comentários, pois esse pronome não apareceu, como se visualiza a partir do cruzamento feito, em contexto de preposição.

Quanto ao fator advérbio (um só vocábulo), o peso relativo revela um comportamento com leve favorecimento à posição proclítica (.57). A título de exemplificação, apresentam-se os seguintes dados:

21. *Sempre **me pergunto** como o Detro permite que a empresa Feital continue a operar. (Meia Hora-29-03-09)*
22. *Sabemos que uma das nossas maiores mazelas é o tráfico de drogas, mas não é verdade que o ilustre deputado sempre **se mostrou** favorável à legalização da maconha? (O Globo-18-10-08)*
23. ***Agora se entrega** (mais do que sua obrigação), com a presença de seu pai, o mesmo que ele dissera ter sofrido um acidente, e de um advogado. (O Globo-21-10-08)*
24. *Quantas vezes o país **já se mobilizou** para buscar crianças nascidas aqui e raptadas pelo pai de outra nacionalidade? (O Globo-15-03-09)*
25. ***Muito me comoveu** ver o presidente da República em foto no jornal. (O Globo-07-09-08)*
26. *Se o governo persistir na intenção, os poupadores poderão procurar o amparo judicial, como já **o fizeram** quando da redução artificial de índices das correções decorrentes dos diversos planos econômicos. (O Globo-18-03-09)*
27. *Já **se passaram** mais de 30 dias desde a primeira reclamação. (Extra-11-10-08)*
28. *Porém, já **se passaram** mais de 15 dias sem que me entregassem o aparelho. (Extra-06-07-09)*
29. *Lá, **me disseram** para fazer o pedido por meio de um telefone. (Extra-06-04-09)*

Mediante os exemplos acima, sublinha-se que, em todas as frases registradas, o clítico está próximo – zero distância – do advérbio. Além disso, os advérbios são curtos, em sua extensão, o que, como sugerem os compêndios tradicionais, também pode influenciar a escolha pela opção pré-verbal. Há somente um dado (ex. 29), em que se deu a presença de vírgula entre o advérbio e o clítico, o que, segundo alguns gramáticos,

acarretaria a ênclise. Ainda assim, tal fato não inibiu a ocorrência do clítico na posição proclítica.

Levando em consideração que houve seis dados de clíticos na posição enclítica antecidos de advérbio de um só vocábulo, devem-se registrar esses exemplos, para que se possa avaliar o que pode ter desfavorecido a ocorrência do pronome átono na posição pré-verbal. Observem-nos:

30. *Hoje, irresignada com o próprio silêncio nacional, **pergunto-me**: o que calou nossa gente? (O Globo-11-03-09)*
31. *Agora, num desastrado desestímulo à poupança interna, **cogita-se** a redução da remuneração da caderneta de poupança. (O Globo-18-03-09)*
32. *Novamente **enchem-na** de lixo. (Extra-10-04-09)*
33. *Ingenuamente, **vejo-me** chocado com a notícia de que o Estado irá custear, com o dinheiro do imposto que pago, a defesa judicial das bestas-feras da ditadura militar. (O Globo-12-03-09)*
34. *Assim, **esvaziam-se** consciências e inteligências, mantendo um país inteiro como uma nação de segundo escalão. (O Globo-12-03-09)*
35. *Porém, para estes moradores da Timóteo da Costa, agora **trata-se** de um problema na minha rua. (O Globo-15-10-08)*

Nas ocorrências 30 e 31, nota-se que há elementos intervenientes que separam o clítico do advérbio – além da presença da vírgula (tida como expressão de pausa em compêndios tradicionais, o que sinalizaria a constituição de uma unidade entoacional própria) –,desfavorecendo, assim, o efeito proclisador. Tal fato pode ter propiciado a realização da ênclise, pois, como se verá mais adiante, a distância constitui fator que pode influenciar a colocação do clítico pronominal. Os exemplos 33 e 34 mostram o clítico próximo ao advérbio, porém separados por vírgula, o que pode ter desencadeado a ênclise.

Consoante compêndios gramaticais, como o de Rocha Lima (2003: 452), em contextos de advérbios, “havendo pausa, impõe-se a ênclise”. O gramático não comenta quais formas adverbiais podem figurar como proclisadoras; apenas fornece poucos exemplos – todos de advérbios curtos – em frases. De toda maneira, destaca-se que os sintagmas adverbiais nos exemplos 32 e 33 são compostos de advérbios em *–mente*, que são longos em sua extensão e não são normalmente listados pelas gramáticas

normativas. Cunha & Cintra (2008) chegam a especificar que advérbios são capazes de desencadear a próclise, desde que não haja “pausa”: *bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, etc.* Observe-se que os autores não esgotam as possibilidades de outros advérbios figurarem como possíveis proclisadores, já que o “etc” faz com que tal lista não esteja fechada, podendo haver outros advérbios condicionadores de próclise.

Em relação às ocorrências 32 e 35, verifica-se que os clíticos estão diretamente antecidos de advérbio. No caso do exemplo 32, o fato de ser o advérbio extenso e de o clítico estar em contexto de oração absoluta pode ter favorecido a posição enclítica. Já no exemplo 35, acredita-se que o tipo de clítico, *se* indeterminador, acompanhado do verbo *tratar* – estrutura muito recorrente no PB na posição enclítica – tenha propiciado a ênclise.

Assim, o fato de o contexto com advérbio ter alcançado .57 de peso relativo revela que seu favorecimento à próclise está submetido a uma conjunção de fatores, tais como a própria forma adverbial, a extensão dessa forma, a adjacência (preferencialmente sem vírgula na modalidade escrita). No *corpus*, verificou-se que, nos casos em que foi preferida a posição enclítica, outros fatores, como a distância, a presença de vírgula ou a própria forma adverbial em questão (mais longa), foram inibidores da realização da variante pré-verbal.

Os demais possíveis operadores de próclise controlados registraram baixos índices de aplicação da variante pré-verbal. Com relação ao contexto de verbo antecido de SN sujeito, tem-se peso relativo de .45. Tal fato mostra que esse contexto, embora tenha 84% de registros de próclise no *corpus* analisado, não se mostrou favorecedor dessa variante na ponderação estatística considerando-se, a um só tempo, o conjunto de grupos de fatores. Esse resultado demonstra que a prescrição gramatical é, em alguma medida, atendida no conjunto de dados analisados.

Para apurar se esse comportamento ocorre em todos os jornais, observou-se o cruzamento entre veículo de comunicação e possível elemento desencadeador de próclise (a ser detalhado na seção 5.1.2.2.2, mais adiante). De modo geral, verificou-se, a partir desse cruzamento, que o *Meia Hora* tem 100% de realização de próclise em contexto de verbo antecido de SN sujeito; o *Extra*, 97%; e *O Globo*, 71%. Dessa forma, observa-se que o *Meia Hora* registrou próclise categórica e nos demais jornais a posição pré-verbal foi predominante, embora no *Extra* de forma bem mais expressiva do que em *O Globo*. A título de ilustração, observem-se as ocorrências:

36. *Os ricos **se assustam**, mas os pobres passam fome!* (O Globo-23-10-08)
37. *Esse buraco **se encontra** na Rua Pirapuã, em Realengo.* (Extra-05-03-09)
38. *A sujeira **se espalha** e atrai mosquitos para o local.* (Meia Hora-07-03-09).

No que toca ao contexto de verbo em posição inicial absoluta, tem-se .20 de valor de aplicação da próclise. Tal resultado indica que, de forma geral, essa variante não é condicionadora da posição pré-verbal, confirmando o que propõe a tradição gramatical. De toda maneira, das 110 ocorrências do pronome átono nesse contexto, 6 foram realizadas na posição proclítica. Assim, mesmo atendendo à pressão da norma-padrão estabelecida, a preferência do PB pela variante proclítica revela-se, discretamente, nas cartas de leitor, até mesmo em contexto bastante marcado para a ocorrência da ênclise. Observem-se os 6 dados da colocação pré-verbal em início absoluto de oração.

39. *Assim que saiu o resultado do dito turno, **se bandeou** para o “troca-camisa”.* (O Globo-07-11-08)
40. *Caso não se complete R\$ 15 em um mês, **se perde** o direito ao bônus no mês seguinte.* (Extra-16-03-09)
41. *Quando liguei para a empresa, **me informaram** que não havia no estoque.* (Extra-09-03-09)
42. *Privatiza-se um serviço essencial, **o colocando** na mão de empresas e empresários que só estão preocupados em ganhar dinheiro.* (Extra-13-10-08)
43. *Pensamos tanto no primeiro turno para escolher o melhor candidato ou, pelo menos, o menos pior, para vê-lo **se unindo** àqueles que rejeitamos anteriormente.* (O Globo-19-03-09)
44. *É necessário **se acabar** com a tal imunidade, única causadora de tais desvios de conduta.* (Extra-20-04-09)

Os dados acima sugerem que haja uma oscilação, ainda que discreta, quanto ao cumprimento do que é prescrito pela norma idealizada para início de oração. Observa-se, porém, que, em nenhuma das ocorrências, se tem início absoluto de período, mas apenas de oração, o que atenua o desrespeito à regra gramatical. Bechara (2009 [1999]: p.588) chega a especificar que “não se inicia período por pronome átono”.

Recomendações como essa acabam por sugerir que a ocorrência de próclise em início de período infrinja mais a norma culta padrão idealizada do que em início de oração.

O contexto de verbo antecedido de conjunção coordenativa mostrou-se desfavorecedor da próclise, exibindo peso relativo de .07. Sabe-se, como propõem alguns compêndios prescritivos, que a presença de conjunção coordenativa na oração não implica efeito de “atração” em termos tradicionais. Os exemplos abaixo confirmam o comportamento descrito:

45. *Perdoem-se os inocentes e **castiguem-se** os que erram no caminho da sabedoria.* (O Globo-21-10-08)

46. *Ela está caindo e **tornou-se** um perigo constante, pois muitas pessoas passam pelo local.* (Extra-23-04-09)

Deve-se ressaltar que o cruzamento entre “veículo de comunicação” e “possível elemento desencadeador de próclise” também permitiu a observação de que *O Globo* foi o único veículo que apresentou percentual baixo de próclise nesse contexto (39%), atendendo ao que propõe a prescrição gramatical. O *Extra* obteve 80% e o *Meia Hora*, 100%. Assim, verifica-se o comportamento diferenciado dos três jornais analisados.

Por fim, observou-se o comportamento das locuções adverbiais no contexto anterior ao verbo. Conforme observado anteriormente, contextos de advérbios curtos, principalmente não separados por vírgula, mostraram-se favorecedores à posição proclítica. Locuções adverbiais – que normalmente não são curtas e vêm separadas do verbo por vírgula, constituindo uma unidade entoacional própria na oralidade – não se assemelham a tais advérbios e tendem a desencadear a posição enclítica. No *corpus* sob análise, o peso relativo de próclise diante de locução adverbial foi de apenas .04, o que demonstra seu alto desfavorecimento em relação à posição anterior ao verbo. Eis alguns exemplos dessa variante com o pronome na posição enclítica:

47. *Gabeira fala mal abertamente de uma vereadora que o apóia, e dias depois **tasca-lhe** um beijo na bochecha.* (O Globo-24-10-08)

48. *Pelo tom da medida provisória, **percebe-se** que não enfrentaremos uma marola, e sim uma tsunami.* (O Globo-22-10-08)

49. *Pela euforia do presidente Lula, **tem-se** a impressão de que ele não conhece – ou prefere não conhecer – o Atlas Nordeste de Abastecimento Urbano. (O Globo-23-03-09)*
50. *Na foto **via-se** nitidamente os vagabundos próximos (Extra-16-03-09).*
51. *Na Rodovia Nova Dutra, **paga-se** o pedágio mais caro do país. (Extra-07-03-09)*

Em apenas dois casos, ocorreu a variante pré-verbal após locução adverbial:

52. *Em seus ziguezagueados e insanos trajetos pela cidade **nos obrigam**, antes de atravessarmos ruas de mão única, a olhar nos dois sentidos. (O Globo-17-03-09)*
53. *Após o Pan-Americano, **me vêm** à lembrança as obras abandonadas. (O Globo-13-09-08)*

Em relação aos exemplos 52 e 53, tem-se contextos desfavorecedores da posição proclítica – locução adverbial extensa, seguida de vírgula. Deve-se atentar, porém, para o fato de que esses dados exibem clíticos de primeira pessoa, que, em outros estudos e na presente investigação, tendem à posição pré-verbal.

b) Tipo de clítico

Observe-se, a seguir, o comportamento do segundo grupo de fatores selecionado, na escala de relevância estatística, no que tange ao favorecimento da próclise em contextos de lexias verbais simples: tipo de clítico.

Tipo de clítico			
	Valor Absoluto	%	P.R
me/ te/ nos	103/130	79%	.67
se reflexivo/inerente	218/259	84%	.65
se apassivador / indeterminador	115/179	64%	.46
lhe(s)	9/13	69%	.40
o(s)/ a(s)	25/69	36%	.03

Tabela 5. Aplicação da próclise segundo o tipo de clítico – lexias verbais simples

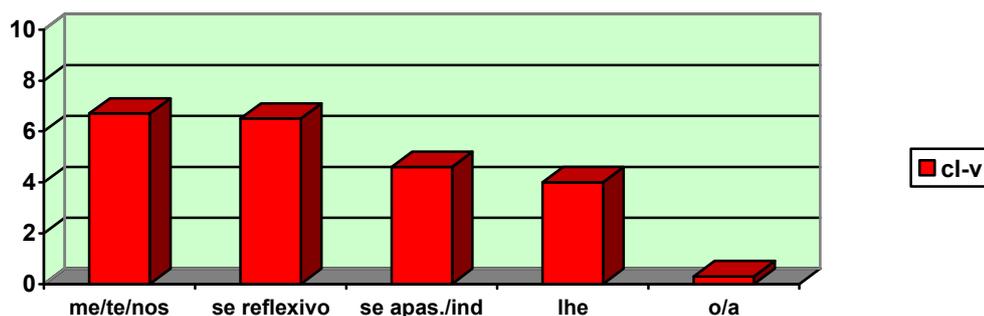


Gráfico 3. Aplicação da próclise (P.R) segundo o tipo de clítico – lexias verbais simples

Verifica-se que os pronomes de primeira e segunda pessoas (*me/te/vos*) e o *se* reflexivo/inerente se mostraram favorecedores da posição pré-verbal do pronome, tendo peso relativo de .67 e .65, respectivamente (cf. tabela 5/ gráfico 3). Cabe observar que esses pronomes têm em comum o fato de serem clíticos argumentais e produtivos no PB vernacular. Supõe-se que o fato de não cumprirem funções gramaticais particulares (como a da indeterminação, por exemplo) e de serem comuns na variedade brasileira facilitem a aplicação do que é prototípico no PB, a próclise.

Salienta-se que, como revela o cruzamento entre os grupos de fatores “possível elemento desencadeador de próclise” e “tipo de clítico” (cf. tabela 4), esses dois tipos de pronomes apresentaram percentual maior de próclise com todos os elementos controlados, exceto em contexto de início absoluto de oração, e em contexto de locução adverbial, que constituem contextos desfavorecedores da posição proclítica. Assim, confirma-se que, de fato, tais pronomes propiciem a posição proclítica do pronome átono. Eis alguns exemplos:

54. *A alma da nação se ergue indignada!* (O Globo-10-03-09)

55. *Segui o conselho do TER e me informei desde o passado político dos candidatos até as suas propostas atuais.* (O Globo-22-10-08)

56. *As pessoas estudam, fazem faculdade, eu me incluo nesse grupo, e depois não têm sequer oportunidade para exercer sua profissão com salário digno.* (O Globo-20-08-09)

57. *Max, nós te amamos!* (Extra-09-04-09)

58. *No entanto, está difícil suportar a concorrência dos “bandalhas”, que se passam por táxis legais, com apoio até de donos de motéis da região, que usam o serviço das cooperativas irregulares.* (Meia Hora-29-10-08)

Na amostra aqui analisada, o pronome *se* indeterminador/apassivador apresenta peso relativo de .46 de próclise, não se mostrando favorecedor da variante pré-verbal. Mais uma vez, foi necessário recorrer ao cruzamento entre “possível elemento proclisador” e “tipo de clítico”, para atestar com quais possíveis elementos proclisadores se deu mais a posição pré-verbal do pronome *se* apassivador/ índice de indeterminação do sujeito. Assim, verificou-se que esse pronome apresentou maior percentual de próclise diante de partícula de negação (100%), elemento subordinativo (96%), preposição (96%) e advérbio (75%). Apresentam-se, aqui, alguns dados do pronome *se* indeterminador/apassivador na posição pré-verbal:

59. *É absurda a maneira de se renovar a carteira de motorista.* (O Globo-15-10-09)
60. *Por outro lado, evidência óbvia e ululante, quanto maior os juros cobrados pelos bancos, maior a dificuldade de se saldar dívidas, maior a inadimplência.* (O Globo-20-09-08)
61. *Marca-se hora e quando se chega, a fila é interminável.* (O Globo-15-10-09)
62. *E só se prova o contrário com a polícia parando a moto e revistando ambos.* (O Globo-20-09-09)
63. *O Rio de Janeiro é o pior lugar do mundo para se viver.* (Extra-19-10-08)
64. *Agora, temos sim é que reclamar do IPVA, imposto do qual não se vê nenhum retorno.* (Extra-09-03-09)
65. *A sensação de impunidade não se combate com helicópteros blindados.* (Extra-21-04-09)
66. *Há quase um mês não se encontra fralda geriátrica nas farmácias populares do estado.* (Meia Hora-23-04-09)

Os dados indicam que o clítico *se* apassivador/ índice de indeterminação do sujeito tende a aparecer na posição proclítica, em especial, em contextos que atuam como proclisadores. Nos contextos sem elementos proclisadores atuantes, apesar de não haver um número abundante de dados, verificou-se que a ênclise foi a opção preferencial.

Com relação ao clítico *lhe*, este exibe peso relativo de .40 de próclise, constituindo um fator favorecedor da ênclise. Ressalta-se que os dados em que se deu a variante pré-verbal correspondem a nove ocorrências do pronome; nas nove, encontra-

se um elemento que atua como proclisador, como, por exemplo, o pronome relativo antes da forma verbal. A título de ilustração:

67. *Infelizmente, o que **lhes garante** este estado de espírito e liberdade é existir um “benefício” denominado Bolsa Família, o qual **lhes garante** milhões de votos nas eleições. (O Globo-19-03-09)*
68. *Com toda a seriedade que o cargo **lhe impõe**, o ministro dos Esportes anuncia que, a partir de agora, torcedores cadastrados e munidos de seu cartão magnético. (O Globo-19-03-09)*

Nota-se que os clíticos *o(s)/ a(s)* apresentaram .03 de peso relativo na aplicação da próclise, constituindo elemento fortemente desfavorecedor dessa variante. A partir do cruzamento realizado entre “tempo e modo verbais” e “tipo de clítico” (cf. tabela 6), verificou-se que o uso do clítico acusativo junto a verbos no infinitivo (36 dados) não registra qualquer índice de próclise. Desse modo, confirma-se que a combinação infinitivo mais clítico acusativo de 3ª pessoa colabora para o alto índice de ênclise com esse pronome, como se observa no exemplo:

69. *Será que tinham autorização para **fazê-lo**? (O Globo-16-04-09).*

Nos demais contextos, os índices da variante pré-verbal com *o(s) / a(s)* são altos, exceto com a presença do verbo no gerúndio, construção que apresenta 20% de ocorrências da posição pré-verbal. Confere-se, abaixo, o referido cruzamento:

Lexias Verbais Simples												
	Indicativo		Fut. do Ind.		Gerúndio		Infinitivo		Imperativo		Subjuntivo	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
se refl.	152/177	86%	5/5	100%	4/12	33%	28/34	82%	4/6	67%	25/25	100%
Lhe	6/9	67%	2/2	100%	-	-	0/1	0%	-	-	1/1	100%
o,a	19/23	83%	2/2	100%	1/5	20%	0/36	0%	-	-	3/3	100%
se apas./ind	72/126	57%	1/1	100%	1/4	25%	26/28	93%	1/4	25%	14/16	88%
me, te, nos	75/95	79%	6/6	100%	1/4	25%	13/13	100%	1/4	25%	7/8	88%

Tabela 6. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “tempo e modo verbais” e “tipo de clítico”

Como esclarecido, o contexto de clítico *o(s)/a(s)* com verbo no gerúndio também se mostrou favorecedor da ênclise, embora tenha exibido poucos dados no *corpus*. Vejam-se os dados de ênclise nesse contexto:

70. *Junto à estação, flanelinhas atacam os motoristas, **achacando-os** e extorquindo dinheiro. (O Globo-13-09-09)*
71. *Vamos adotar uma posição mais radical em relação a esses bandidos, **tirando-os** de circulação, porque prender não dá. (O Globo-17-09-09)*
72. *Obriga-se o trabalhador a acordar uma hora mais cedo, **compelindo-o** a acender luzes, logo, que economia é esta? (O Globo-16-09-09)*
73. *Se eu fosse a oposição, testaria meus candidatos, **colocando-os** imediatamente em campanha. (O Globo-21-09-09)*

A partir da interpretação dos dados acima, nota-se que o contexto ora exibido se encontra, também, em início absoluto de oração, que pode ter contribuído ainda mais para a colocação do clítico na posição pós-verbal. Em apenas um dado, a tendência à ênclise com *o,a(s)* após gerúndio não foi confirmada:

74. *Privatiza-se um serviço essencial, **o colocando** na mão de empresas e empresários que só estão preocupados em ganhar dinheiro. (Extra-13-09-09)*

Verifica-se que, no exemplo 74, o clítico se encontra no mesmo contexto descrito anteriormente e a posição pré-verbal foi preferida. Cumpre remarcar que tal ocorrência ocorreu no jornal *Extra*, que, no *corpus* do presente trabalho, nem sempre atende às normas prescritas para o uso dos pronomes átonos na modalidade escrita.

Nos demais contextos de uso do pronome *o(s)/ a(s)*, com indicativo e com subjuntivo, supõe-se que outros grupos de fatores condicionadores, como possível elemento proclisador, tenham atuado mais fortemente no condicionamento da posição pré-verbal do clítico. Eis alguns exemplos com o indicativo e subjuntivo:

75. *Paes faz tantas alianças que o problema será acomodar todos os que **o apóiam**. (O Globo-23-10-08)*

76. *Com todo respeito à brilhante médica Jandira Feghali (e também à baterista do grupo Harmonia enlouquece) não **a tenho** como pessoa certa para a Secretaria de Cultura. (O Globo-20-11-08)*
77. *Se nós o deixarmos em paz, em breve vamos saber qual é o mal que **o domina**. (Extra-07-07-09)*
78. *Além de atrair diversas pessoas que só **a freqüentam** para fumar maconha, agora a escuridão tomou conta do espaço, trazendo perigo de assaltos a quem só quer se exercitar ou espairar no local. (Meia Hora-22-07-09)*
79. *Os papéis se alteram constantemente, mostrando que todos são diferentes quanto os interesses **os tornem** iguais. (O Globo-21-10-08)*
80. *Se nós **o deixarmos** em paz, em breve vamos saber qual é o mal que o domina. (Extra-11-04-09)*
81. *Os usuários são tratados de qualquer jeito, pois não têm a quem reclamar ou não têm quem **os defenda**. (Extra-10-10-08)*

Observa-se que há, em todos os exemplos acima, a presença de possível elemento proclisador.

c) Tipo de oração

Tipo de oração			
	Valor Absoluto	%	P.R
Subord. Desenvolvida	218/221	99%	.93
Coordenada sindética	44/51	86%	.66
Reduzida de gerúndio	7/25	28%	.18
“Independente” ¹⁵	134/241	56%	.17
Reduzida de infinitivo	67/112	60%	.12

Tabela 7. Aplicação da próclise segundo o tipo de oração – lexias verbais simples

¹⁵ Cabe lembrar que o fator relativo a orações chamadas “independentes” constitui a junção de orações absolutas, principais e coordenadas assindéticas.

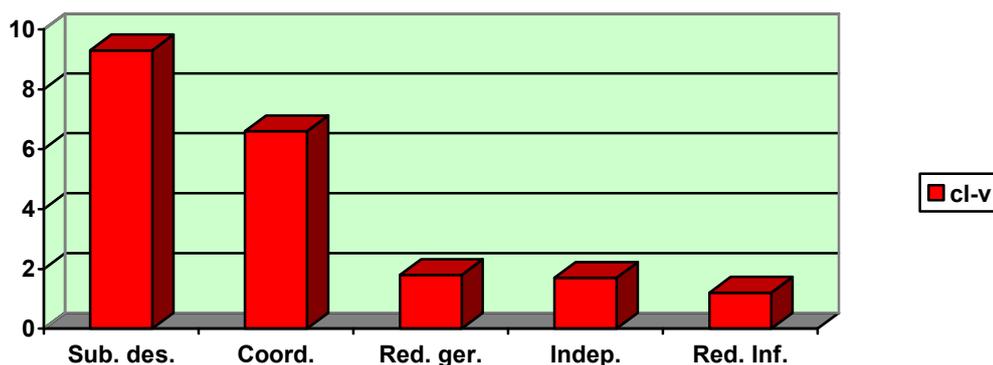


Gráfico 4. Aplicação da próclise (P.R.) segundo o tipo de oração – lexias verbais simples

No que tange à variável tipo de oração, observa-se que os fatores relativos a oração subordinada desenvolvida e oração coordenada sindética apresentam .93 e .66 de peso relativo na aplicação da próclise (cf. Tabela 7 / Gráfico 4), respectivamente, o que demonstra serem elementos favorecedores dessa variante, ainda que com pesos distintos. No caso das orações subordinadas desenvolvidas, a presença de elementos proclisadores constitui fator co-atuante nesse favorecimento, como já se atestou. No caso das orações coordenadas, é preciso investigar se, além da própria estrutura com o síndeto coordenativo, co-atuam outros elementos proclisadores.

Com o propósito de constatar o que desencadeou, de fato, o resultado em análise, principalmente devido ao índice atingido em oração coordenada, foi realizado novo cruzamento de grupos de fatores, dessa vez entre “tipo de oração” e “possível elemento proclisador”.

Lexias Verbais Simples										
	Independente.		Or. sub. desenv.		Red. ger.		Red. inf.		Or.coord.	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Labs.	3/82	4%	-	-	3/18	17%	1/10	10%	-	-
El. sub.	-	-	192/195	98%	-	-	2/4	50%	-	-
Sujeito	63/76	83%	-	-	2/4	50%	8/9	89%	8/9	89%
Prep.	-	-	-	-	1/1	100%	51/75	68%	-	-
Neg.	48/48	100%	20/20	100%	1/1	100%	3/3	100%	10/10	100%
Adv.	18/24	75%	6/6	100%	-	-	2/2	100%	9/9	100%
L. adv	2/11	18%	-	-	-	-	-	-	0/1	0%
C. coor	-	-	-	-	0/1	0%	0/9	0%	16/21	76%

Tabela 8. Aplicação da próclise segundo o cruzamento das variáveis “tipo de oração” e “possível elemento proclisador”

A partir desse cruzamento, verificou-se que o contexto de oração coordenada registra preferencialmente a posição proclítica do pronome. O cruzamento informa que todos os fatores possivelmente proclisadores (canônicos ou não para a tradição

gramatical) registraram mais de 70% de próclise, com exceção da locução adverbial, que apresentou somente um dado de clítico, estando este na posição pós-verbal. Abaixo, apresentam-se alguns exemplos da posição pré-verbal em contexto de oração coordenada, com ou sem outro elemento proclisador:

82. *Já fiz vários contatos com a empresa, mas os atendentes não **me dão** uma solução.* (Extra-06-07-09)
83. *Porém, já **se passaram** mais de 15 dias sem que me entregassem o aparelho* (Extra-16-07-09)
84. *Seja civilizado, sempre. Entretanto, não **se esqueça** de ser firme e imperativo nas suas palavras e convicções.* (O Globo-20-09-09)
85. *E só **se prova** o contrário com a polícia parando a moto e revistando ambos.* (O Globo-20-09-09)
86. *Segui o conselho do TER e **me informei** desde o passado político dos candidatos até as suas propostas atuais.* (O Globo-22-10-08)

Comparando os percentuais, nota-se que a conjunção coordenativa foi o fator que apresentou índice mais baixo de próclise, sem contar com a locução adverbial, que, como mencionado, não apresentou a posição proclítica. Assim, quando há somente, no contexto de oração coordenada, a conjunção coordenativa seguida do pronome átono, a opção pós-verbal ocorre 5 vezes em um conjunto de 21 dados. Eis os exemplos:

87. *No entanto, **abre-se** uma oportunidade espetacular de construir um novo modelo, no qual a sustentabilidade das atividades e a responsabilidade conjunta serão dos guias.* (O Globo-22-10-08)
88. *Perdoem-se os inocentes e **castiguem-se** os que erram no caminho da sabedoria.* (O Globo-21-10-08)
89. *Esse procedimento extremamente capitalista tem propiciado lucros exorbitantes. Só para dar um exemplo: empresta-se dinheiro a 5% ao mês e **remunera-se** aplicações a 0,7%.* (O Globo-20-04-09)
90. *Ela está caindo e **tornou-se** um perigo constante, pois muitas pessoas passam pelo local.* (Extra-23-04-09)

91. *Não se auditava as notas fiscais reembolsadas, e **sabe-se** lá mais o quê, podendo-se depreender que isso é só a ponta do iceberg que, sabemos, nunca será investigado e exibido. (O Globo-12-03-09)*

Desse modo, constata-se que o favorecimento à próclise em contexto de oração coordenada aumenta diante de possíveis elementos proclisadores. No entanto, nota-se que, quando o elemento é uma conjunção coordenativa, o percentual da próclise diminui (76%), o que pode ser indicativo de que tal elemento atenua, ainda que sensivelmente, a realização da variante pré-verbal. O próprio peso relativo (.07) da conjunção coordenativa (cf. tabela 3), na aplicação da próclise, confirma a hipótese.

Constatou-se, também, com o auxílio do cruzamento de fatores mencionado anteriormente, que as orações desenvolvidas, em conjunto com elementos proclisadores, apresentam altos índices de próclise. Atuam, nesse caso, o elemento subordinativo, além da partícula de negação e do advérbio. Assim, haveria, de fato, uma atuação sobreposta no seguinte aspecto: as orações subordinadas são aquelas que necessariamente têm um elemento subordinante atuando, como se verifica nos exemplos a seguir:

92. *Agora pede que **se respeite** a imunidade do território da embaixada. (O Globo-23-09-09)*

93. *Ao meu entender, **quando se migra** de um plano para outro, o primeiro é cancelado automaticamente. (Extra-22-04-09)*

94. *Além de atrair diversas pessoas **que só a freqüentam** para fumar maconha, agora a escuridão tomou conta do espaço, trazendo perigo de assaltos a quem só quer se exercitar ou espairecer no local. (Meia Hora-04-04-09)*

O contexto de oração subordinada reduzida de gerúndio obteve .18 de peso relativo na aplicação da próclise. Consoante diversos compêndios gramaticais, quando o clítico se encontra em situação de oração reduzida de gerúndio, a regra geral recomendada é o uso da ênclise. Eis alguns exemplos:

95. *Indignado, nosso prefeito deitou falação, **reportando-se** com energia àqueles que o acompanhavam. (O Globo-16-03-09)*

96. *Como Gabeira pretende administrar a cidade **isolando-se**, e colocando apenas pessoas gabaritadas? (O Globo-24-10-08)*

97. *A Super Via conseguiu uma concessão do governo, **comprometendo-se** a investir e melhorar os trens. (O Globo-21-10-08)*
98. *Por questões de bom senso, devem existir regras, permitindo que aconteçam as greves, **mantendo-se** o sistema funcionando nos parâmetros de atendimento mínimo. (Extra-17-04-08)*

Assim, percebe-se que as cartas de leitores dos jornais seguem, no caso das estruturas gerundivas, o que propõe a tradição gramatical. Pode-se supor que o escritor/leitor dos jornais, ainda que inconscientemente, avalia como desejável, na modalidade escrita, a variante pós-verbal nesse contexto e evita a variante mais produtiva na variedade brasileira, a próclise. Entretanto, não se deve deixar de destacar que a variante pré-verbal apareceu em 7 ocorrências em contexto de gerúndio:

99. *Aos poucos, os ambulantes **se organizando** para uma ocupação repentina do referido calçamento, que prejudicará sensivelmente a circulação de pedestres no local. (O Globo-22-10-08)*
100. *Pensamos tanto no primeiro turno para escolher o melhor candidato ou, pelo menos, o menos pior, para vê-lo **se unindo** àqueles que rejeitamos anteriormente. (O Globo-19-03-09)*
101. *Uma cena cotidiana, lamentável e profundamente melancólica impressiona muitos cariocas (e não cariocas) que se dirigem À Avenida Presidente Vargas, ao anoitecer: homens, mulheres e crianças **se ajeitando** sob marquises de edifícios, ou mesmo no canteiro central, para passar a noite. (O Globo-20-09-08)*
102. *Em **se tratando** de publicidade, a que a Vale tem feito não se compara à da Petrobras. (O Globo-15-10-08)*
103. *Quando esta dá problema, o passageiro tem que voltar, **se espremendo** entre as pessoas que chegam. (Meia Hora-17-02-09)*
104. *Achei que o policial exerceu seu papel muito bem, não **me levando** ao constrangimento. (Extra-03-03-09)*
105. *Privatiza-se um serviço essencial, **o colocando** na mão de empresas e empresários que só estão preocupados em ganhar dinheiro. (Extra-13-10-09)*

Os exemplos permitem observar que houve três ocorrências de próclise no início absoluto da oração gerundiva (exemplo 100, 103 e 105), o que sugere o privilégio à variante pós-verbal nesse contexto. Nota-se que, nos exemplos 102 e 104, a colocação do clítico na posição pré-verbal está tradicionalmente respaldada pela chamada atração pronominal (preposição *em* e partícula de negação). Nos demais exemplos, embora não haja proclisador canônico, a presença de um referente sujeito no contexto anterior ao clítico atenua o descumprimento da prescrição tradicional (ex. 99 e 101).

No que respeita ao fator “oração independente”, verifica-se que tal construção, na ponderação ao lado dos demais tipos oracionais, favorece a ênclise. Deve-se destacar, no entanto, que foi em contexto de início absoluto de oração e em contexto de locução adverbial que esse tipo oracional apresentou os percentuais mais baixos de próclise, 4% e 18% respectivamente (cf. tabela 8), o que pode ter ainda acentuado o desfavorecimento na aplicação da próclise (.17). Observam-se, abaixo, alguns exemplos do clítico pronominal, nesses contextos, na posição mais produtiva – ênclise:

106. *Sempre pensou em ser prefeito. **Preparou-se** para isso. (O Globo-20-10-08)*

107. ***Contraria-se** a lei de um código penal, segundo o qual ninguém poderá produzir provas contra si mesmo. (Extra-03-03-09)*

108. *Na Rodovia Nova Dutra, **paga-se** o pedágio mais caro do país. (Extra-07-03-09)*

Como o contexto de início absoluto de oração é tido como altamente desfavorecedor da posição proclítica, exibem-se, a seguir, a título de curiosidade, os três dados em que o clítico figura na posição proclítica em oração independente em contexto de início absoluto de oração:

109. *Assim que saiu o resultado do dito turno, **se bandeou** para o “troca-camisa”. (O Globo-07-11-08)*

110. *Caso não se complete R\$ 15 em um mês, **se perde** o direito ao bônus no mês seguinte. (Extra-16-03-09)*

111. *Quando liguei para a empresa, **me informaram** que não havia no estoque. (Extra-09-03-09)*

As ocorrências acima – em que o pronome átono se encontra em início de oração, embora não de período – corroboram a hipótese de haver um controle menos rígido do que o idealizado para a escrita culta padrão, no que concerne à colocação pronominal, em dados da escrita presentes nas cartas de leitor. Como se observa, encontram-se, nessas cartas, formas de colocação do pronome átono típicas da norma padrão de uso atestada na oralidade brasileira, ainda que em número reduzido.

No que concerne à “oração reduzida de infinitivo”, tem-se o menor peso relativo de próclise (.12). Esse desfavorecimento por parte do infinitivo é ainda reforçado nos contextos de início absoluto de oração e conjunção coordenativa. Cabe, ainda, lembrar que o desfavorecimento se associa também ao tipo de clítico; como se pode observar a partir da tabela 6, com o acusativo de 3ª pessoa (*o, a, os, as*), a ênclise é preferida em 100% dos casos. Essa tendência à posição pós-verbal pode ser verificada nos dados a seguir:

112. *É fácil **chamá-lo** de vagabundos e safados. (O Globo-20-10-08)*
113. *Descabido, é **torná-lo** prefeito, por ser um intelectual defensor de liberdades individuais, direitos humanos e formas alternativas de se viver em sociedade. (O Globo-21-10-08)*
114. *Os bandidos reagem: a cada dia aumentam o seu poder de fogo e sua disposição para **usá-lo**, matando nossos policiais. (O Globo-20-10-08)*
115. *Os advogados pediram nossos documentos para **passá-lo** para o nosso nome. (Extra-12-03-09)*
116. *O que ela pode fazer para **recebê-lo**? (Extra-02-04-09)*

Considerando-se que a variante pré-verbal também apareceu junto a verbos na forma infinitiva, destacam-se abaixo algumas dessas ocorrências:

117. *Será que uma idéia honrosa não seria fechar as bolsas do mundo todo e esperar o mercado **se acalmar**? (O Globo-15-10-08)*
118. *É lamentável que pessoas de baixa estatura ou com problemas físicos estejam sujeitas até a cair dentro do trem, por não terem como **se apoiar**. (O Globo-15-10-08)*
119. *É um sonho, mas quase impossível de **se realizar**. (O Globo-24-10-08)*

120. *A coleta de lixo irregular faz a sujeira se espalhar pelas ruas. (Meia Hora-24-02-08)*

121. *É no mínimo para o cidadão se sentir enjoado com a nossa administração pública. (Extra-08-04-09)*

Nos exemplos acima, tem-se os clíticos – *se* reflexivo/inerente e *se* passivador/indeterminador – todos em contexto de oração reduzida de infinitivo, e a próclise foi realizada. Com base no cruzamento entre “tempo e modo verbais” e “tipo de clítico” (cf. tabela 6), verifica-se que o tipo de oração reduzida de infinitivo apresentou percentual alto de próclise com todos os tipos de clítico que apareceram nesse contexto, exceto com clíticos acusativos de 3ª pessoa e o pronome *lhe*, sendo que este apresentou somente uma ocorrência, e esta foi realizada na posição enclítica. Assim, de fato, o baixo peso relativo na aplicação da próclise em contextos de infinitivo deve-se, sobretudo, à combinação dessa estrutura com dados de clíticos acusativos.

d) Distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento proclisador

Observe-se, por fim, o último grupo de fatores selecionado pelo programa Goldvarb-X.

Distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento proclisador			
	Valor Absoluto	%	P.R
Zero	401/468	86%	.56
uma a cinco sílabas	34/38	90%	.15
seis sílabas em diante	29/34	85%	.15

Tabela 9. Aplicação da próclise segundo a variável distância entre V-CL ou CL e um possível elemento proclisador – lexias verbais simples

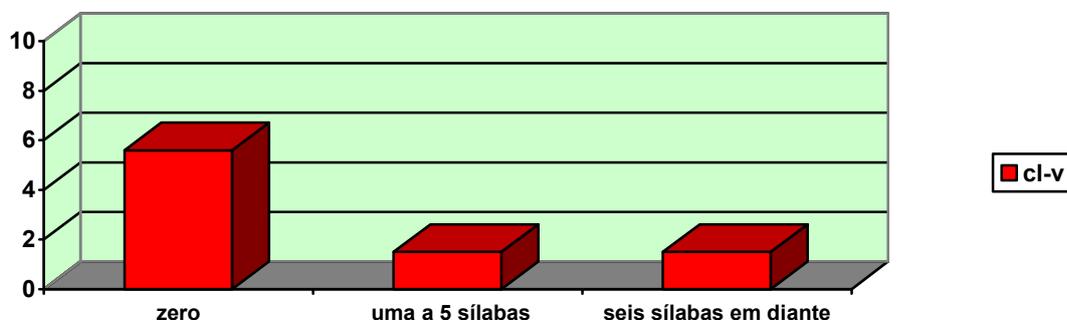


Gráfico 5. Aplicação da próclise segundo a variável distância entre V-CL e um possível elemento proclisador – lexias verbais simples

Com relação à última variável selecionada, a ponderação estatística aponta o favorecimento, ainda que não intenso (.56), da variante pré-verbal, apenas em contexto de distância zero. Esse resultado sugere que, se o clítico se encontra junto ao possível elemento proclisador, ainda que não seja um elemento tradicional, é maior a tendência a aparecer na posição anterior à forma verbal, tal como demonstram os dados a seguir:

122. *O mundo deve caminhar inexoravelmente para a redução de sua população e para uma economia baseada em ciclos que **se fecham**, ou que consomem na mesma razão de sua reposição. (O Globo-22-10-08)*
123. *O criminoso **se apresenta** voluntariamente à polícia, para evitar um linchamento. (O Globo-21-10-08)*
124. *Quantas vezes o país já **se mobilizou** para buscar crianças nascidas aqui e raptadas pelo pai de outra nacionalidade? (O Globo-15-03-09)*
125. *A empresa Oeste usa micro-ônibus nos horários de pico e **nos submete** a esperas de mais de uma hora pela condução. (Meia Hora-04-04-09)*
126. *Tenho um processo trabalhista que **se arrasta** desde de 2006. (Extra-14-04-09)*
127. *Na rua Alberto Paiva, dois bueiros sem tampa **se transformaram** em buracos profundos e oferecem risco às crianças. (Extra-17-04-09)*

O efeito do elemento proclisador, pelo que indicam os pesos relativos, é atenuado mediante a distância entre ele e o clítico. Nota-se que os outros fatores – distância de uma a cinco sílabas e acima de seis sílabas – não se mostraram favorecedores da posição proclítica (.15), conforme se observa nos dados extraídos da amostra:

128. *Não é atoa que da Lagoa **percebe-se** que a Rocinha não para de crescer, destruindo a mata existente no morro e tornando a cidade mais feia. (O Globo-16-03-09)*
129. *É uma vergonha que esse calote dos bolsistas, que mesmo com bolsas a juros subsidiados, e recebendo salários em dólar no exterior, **recusam-se** a pagar o que devem. (O Globo-22-09-09)*

Observa-se que, nas ocorrências 128 e 129, mesmo diante de proclisadores tradicionais e em contexto de oração desenvolvida – elementos favorecedores da próclise –, ocorre a ênclise. Assim, pode-se atribuir à distância – além de outros possíveis condicionamentos – a ocorrência de variante pós-verbal nesses dados.

5.1.2.2.2. Condicionamento extralingüístico

a) Veículo de comunicação

Embora já se tenha debatido a diferença entre jornais na seção referente à distribuição dos dados (cf. seção 5.1.2.1), apresenta-se, nesta seção, o condicionamento apontado pelos pesos relativos obtidos para a próclise em cada jornal.

Veículo de Comunicação			
	Valor Absoluto	%	P.R
<i>O Globo</i>	311/466	67%	.38
<i>Extra</i>	123/145	85%	.72
<i>Meia Hora</i>	36/39	92%	.88

Tabela 10. Aplicação da próclise segundo o veículo de comunicação – lexias verbais simples

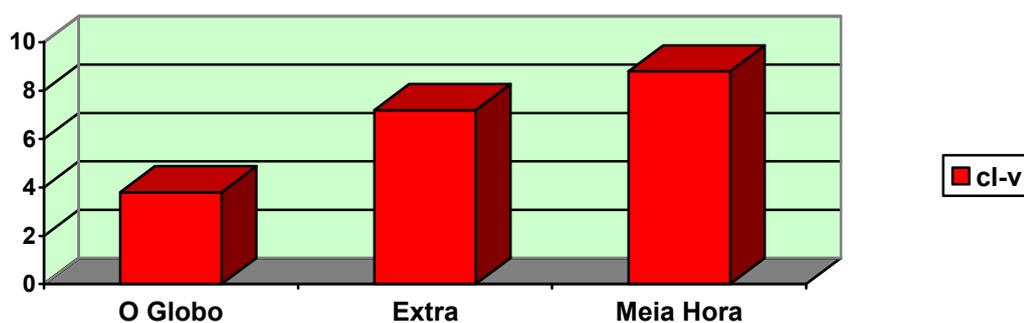


Gráfico 6. Aplicação da próclise (P.R) segundo a variável “veículo de comunicação” – lexias verbais simples

Comparando-se os três veículos de comunicação, reitera-se que o jornal *O Globo* foi o que apresentou o menor percentual dos pronomes clíticos na posição pré-verbal. Em índices relativos, verifica-se, de fato, o desfavorecimento dessa variante por parte do referido jornal (.38). Como demonstrado na análise das variáveis de natureza

linguística, a ocorrência de próclise em *O Globo* está condicionada, na maioria dos casos, a fatores morfossintáticos que favorecem a posição pré-verbal do pronome e são tradicionalmente aceitos, como se verifica nos exemplos a seguir.

130. *Por que não se investiga isso em detalhes?* (*O Globo*-15-10-08)

131. *Pior, e ainda dizem que amam o Rio! Com palavra, O MP e os “inocentes” que os elegem.* (*O Globo*-15-10-08)

132. *Quando a taxa de juros está lá em cima e a poupança lá em baixo, ninguém se preocupa com os pequenos poupadores.* (*O Globo*-04-11-08)

Em outro extremo, figura a alta produtividade da próclise no *Jornal Meia Hora*, em que, das 39 orações, 36 apresentam a variante pré-verbal, com peso relativo de .88. Observem-se alguns exemplos:

133. *A manutenção da Av. Brasil entre Guadalupe e Realengo se limita à pintura das faixas.* (*Meia Hora*-16-04-08)

134. *Os bancos se soltam com a maior facilidade.* (*Meia Hora*-23-10-08)

135. *A prefeitura abandonou a obra na R. Carmela Dutra e nos deixou sem água.* (*Meia Hora*-29-10-08)

Nota-se que os três exemplos apresentam contextos – verbo antecedido de SN sujeito e conjunção coordenativa – que a tradição gramatical considera como propícios à posição enclítica, e não proclítica. Assim, os exemplos sugerem que haja, no *Jornal Meia Hora*, maior liberdade quanto à colocação dos pronomes átonos em contextos com lexias verbais simples, não sendo a ordem prescrita nos compêndios gramaticais seguida com rigor.

Tais dados permitem que se levante a seguinte questão: já que, ao que parece, o *Jornal Meia Hora* costuma apresentar formas de expressão mais populares e informais, e a variante pós-verbal é rara nesse veículo, os contextos em que ela aparece seriam contextos de resistência à próclise no Português do Brasil especialmente escrito? Para refletir sobre essa questão, observem-se, a seguir, as únicas três orações do *Jornal Meia Hora* que apresentaram o pronome em posição pós-verbal:

136. *A rua Barros Peixoto, em Jacutinga, vira uma lagoa a cada vez que chove, deixando-nos ilhados dentro de casa. (Meia Hora-08-11-08)*
137. *A calçada da estação de trens de Bonsucesso está cheia de buracos, obrigando-nos a caminhar pelo meio da rua. (Meia Hora-09-08-09)*
138. *Tornou-se uma aventura pegar ônibus na porta do Barrashopping, pois Kombis e vans lotearam o ponto há algum tempo. (Meia Hora-07-03-09)*

Os exemplos sugerem que a resposta à questão anteriormente formulada seja afirmativa. Como atestam outras pesquisas sobre o PB já referidas e como se observou na análise dos dados da presente investigação, contextos de oração principal com a forma verbal no início absoluto e de oração reduzida de gerúndio tendem a ser desfavorecedores da posição proclítica na modalidade escrita. Embora o usuário da língua siga normalmente as tendências vernaculares gerais, pode-se ter por hipótese que ele evite utilizar, mesmo inconscientemente e ainda que raramente, determinadas formas que costumam ser estigmatizadas na modalidade escrita. Nesse sentido, o escritor-leitor do *Meia Hora* evitaria a próclise em tais estruturas. Em outras palavras, está em questão o problema da avaliação laboviano – um dos problemas da mudança (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) – que trata do comportamento do falante – de aceitação, recusa ou neutralidade – com relação às variantes.

O jornal *Extra* obteve .72 de favorecimento à próclise. Em comparação com os outros dois jornais, observa-se que o *Extra* se encontra, também no que se refere aos índices relativos, na posição intermediária num *continuum*, entre *O Globo* e o *Meia Hora*. A análise das estruturas verificadas em cada jornal, associada aos resultados obtidos para as variáveis relevantes, permite verificar a hipótese de que esse jornal apresenta estruturas mais neutras, que ora se coadunam com a norma idealizada para a escrita padrão, ora se distanciam dela. Eis alguns exemplos:

139. *Quando liguei para a empresa, me informaram que não havia no estoque. (Extra-09-03-09)*
140. *A sensação de impunidade não se combate com helicópteros blindados. (Extra-21-04-09).*

Verifica-se que, no primeiro exemplo, é realizada a próclise, mesmo em um contexto favorável à ênclise – forma verbal em início absoluto de oração. No segundo

exemplo, no entanto, tem-se o contexto de oração com elemento de negação, altamente favorecedor da posição proclítica do pronome, e a variante pré-verbal é realizada.

Com o objetivo de conhecer melhor as estruturas que mais apareceram nas cartas de cada veículo, foram realizados diversos cruzamentos entre variáveis.

O primeiro deles diz respeito ao tipo de oração. Esse cruzamento permitiu confirmar a hipótese de que os jornais apresentariam tipos de orações diferentes, o que motivaria a produtividade de cada variante. Observem-se os resultados:

Lexias Verbais Simples						
	<i>O Globo</i>		<i>Extra</i>		<i>Meia Hora</i>	
	Freq	Perc	Freq	Perc	Freq	Perc
Or. independente	80/173	46%	39/52	75%	15/16	94%
Or. Subord. desenv.	163/165	99%	47/48	98%	8/8	100%
Or. sub. red. gerúndio	4/18	22%	2/4	50%	1/3	33%
Or. sub. red. infinitivo	42/82	52%	21/26	81%	4/4	100%
Or. coordenada sindética	22/28	79%	14/15	93%	8/8	100%

Tabela 11. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “tipo de oração”

O jornal *O Globo* apresentou ocorrências de próclise e ênclise em todos os tipos de orações, tendo atingido o maior percentual de variante pré-verbal, quase categórico (99%), no contexto de oração subordinada desenvolvida. Observando os demais tipos oracionais, que registram índices de próclise de 22% a 79%, verifica-se que o veículo parece se submeter nitidamente à atuação de condicionamento estrutural, relacionado não só ao tipo de oração, mas também a outros fatores selecionados, como, por exemplo, a presença de possível elemento proclisador na oração.

O *Meia Hora* apresenta comportamento totalmente diferente de *O Globo*, registrando variante pré-verbal quase categórica e três dados de exceção, duas em oração reduzida de gerúndio e uma em oração principal/absoluta.

O jornal *Extra*, à semelhança de *O Globo*, também apresenta índices variáveis de próclise e de ênclise nos diversos contextos oracionais. Os percentuais de próclise, entretanto, são mais expressivos no *Extra*: em quatro dos cinco tipos oracionais, os índices são superiores a 50%. De toda forma, deve-se salientar que há uma diferenciação quanto ao contexto, tendo em vista o altíssimo percentual de próclise em orações subordinadas desenvolvidas (98%), que vai diminuindo em outros contextos. A variável “possível elemento proclisador” pôde esclarecer essas diferenças.

Comparativamente, o cruzamento entre veículos e tipo de oração permite mostrar um atendimento diferenciado, por jornal, ao que se idealiza como padrão culto escrito. No caso das orações principais/absolutas, em que a tradição propõe que se evite a próclise se não houver determinados elementos considerados “atratores”, *O Globo* obteve 46% de dados de próclise em orações principais, contra 75% do *Extra* e 94% do *Meia Hora*. Em orações gerundivas, em que se recomenda a ênclise na maioria dos casos, é *O Globo* que apresenta o percentual mais baixo de próclise (22%). Nas orações infinitivas, contexto em que a tradição privilegia um comportamento variável, *O Globo* registra um índice bem expressivo de variação (52%), enquanto os demais veículos dão preferência à próclise (*Extra*: 81%; *Meia Hora*: 100%). Nas orações coordenadas sindéticas – em que, de acordo com orientações normativas, a depender da existência de um elemento supostamente “atrator” pode haver próclise ou ênclise –, os índices devem ser interpretados em consideração à presença ou à ausência de tradicionais proclisadores. *O Globo* apresenta 79% de próclise e o *Extra*, 93%. Informa-se que os 6 dados de *O Globo* e um dado do *Extra* na posição enclítica em contexto de oração coordenada estão antecedidos de possíveis elementos proclisadores não tradicionais, como conjunção coordenativa, locução adverbial e sujeito. Observem-se, a seguir, os dois exemplos em que os pronomes aparecem diante de locução adverbial e sujeito – pois os outros já foram interpretados na análise de tipo de oração:

141. *Gabeira fala mal abertamente de uma vereadora que o apóia, e dias depois tasca-lhe um beijo na bochecha. (O Globo-24-10-08)*

142. *Mas a Infraero apressou-se em dizer que existe outro meio para preservar a segurança dos passageiros, só não informou qual. (O Globo-17-10-09)*

Nota-se, assim, que as 7 ocorrências do clítico na posição pós-verbal em contexto de oração coordenada estão devidamente de acordo com o que está estabelecido em compêndios gramaticais prescritivos.

Nas orações subordinadas desenvolvidas, em que se recomenda tradicionalmente a próclise, os três jornais registraram elevadíssimos índices de próclise. Não se pode afirmar que o *Meia Hora* tenha exibido índice categórico da variante pré-verbal por atendimento ao efeito “atrator”, tendo em vista haver nesse jornal a preferência generalizada por essa estrutura. Os demais veículos apresentaram índices semicategóricos de próclise em orações subordinadas desenvolvidas. Quanto aos poucos

dados em que não se deu a variante esperada nesses jornais – já comentados na seção referente às variáveis lingüísticas –, nota-se a atuação da distância que separa o elemento proclisador tradicional do clítico. Nos poucos casos em que o clítico está diretamente antecedido de elemento tradicionalmente proclisador, acredita-se que o escritor/leitor das cartas, na intenção de tentar respeitar a norma idealizada em manuais prescritivos, utiliza a ênclise em vez da próclise e comete o que ficou conhecido como hipercorreção.

A análise geral do cruzamento permite a constatação de que há, em *O Globo*, além de um número muito maior de dados de clíticos e de variedade de tipos oracionais, maior atendimento ao que se convencionou idealizar, na tradição gramatical, como norma culta padrão.

Outro cruzamento realizado (cf. tabela 12) refere-se ao “veículo de comunicação” *versus* “possível elemento proclisador”. Através desse cruzamento, pôde-se observar quais jornais apresentaram maior respeito aos condicionamentos relacionados à presença de possíveis elementos desencadeadores de próclise.

Lexias Verbais Simples						
	<i>O Globo</i>		<i>Extra</i>		<i>Meia Hora</i>	
	Freq	Perc	Freq	Perc	Freq	Perc
Início absoluto	2/92	2%	4/15	27%	0/3	0%
Elementos subordinativos	146/150	97%	41/42	98%	8/8	100%
SN Sujeito	37/52	71%	30/31	97%	15/15	100%
Preposição	36/56	64%	15/19	79%	1/1	100%
Partícula de Negação	58/58	100%	19/19	100%	5/5	100%
Advérbio (um só vocábulo)	21/26	81%	10/11	91%	4/4	100%
Locução Adverbial	2/9	22%	0/3	0%	-	-
Conjunção coordenativa	9/23	39%	4/5	80%	3/3	100%

Tabela 12. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “possível elemento proclisador”

Os dados revelam que, diante de elementos tradicionalmente proclisadores – elementos subordinativos e advérbios (um só vocábulo) –, é alto o percentual da variante pré-verbal nos três jornais. Salienta-se que os dados que fogem a essa tendência foram devidamente comentados na análise de possível elemento proclisador. Por outro lado, quando há a presença de elementos considerados não proclisadores tradicionalmente, os jornais parecem não se comportar da mesma maneira.

Observe-se que, em início absoluto, diante de SN Sujeito e de conjunção coordenativa, o jornal *Extra* apresenta percentuais bem mais altos do que os obtidos em *O Globo*. Diante de SN Sujeito, por exemplo, o jornal *Extra* chega a atingir 97% da variante pré-verbal, tal como se pode observar nos exemplos a seguir:

143. O atendente **me informou** que o serviço não estava disponível para a linha telefônica. (*Extra*-22-12-08)

144. Suas músicas **me ajudam** quando eu começava a estudar inglês. (*Extra*-29-06-09)

145. Desta forma, quando acontece algo, todo mundo **se pergunta**: cadê as autoridades? (*Extra*-06-07-09)

146. Quando chove, as ruas **se transformam** num mar de lama. (*Extra*-11-03-09)

No entanto, em contexto de locução adverbial, também desconsiderado como “atrator” pela tradição, *O Globo* é o veículo de comunicação que apresenta o clítico na posição pré-verbal. A saber:

147. Em seus ziguezagueados e insanos trajetos pela cidade **nos obrigam**, antes de atravessarmos ruas de mão única, a olhar nos dois sentidos. (*O Globo*-17-03-08)

148. Após o Pan-Americano, **me vêm** à lembrança as obras abandonadas. (*O Globo*-13-09-08)

Apesar de o jornal *O Globo* apresentar duas ocorrências que fogem ao padrão prescritivo (ex. 147 e 148), remarca-se, no conjunto das estruturas em análise, respeito maior às regras estabelecidas para a ordem dos clíticos nas lexias verbais simples, pois, como visualizado no cruzamento, o *Extra* realiza muito mais do que *O Globo* a posição proclítica em contextos em que a tradição sugere a ênclise. Assim, o jornal *O Globo* corrobora seu distanciamento dos outros jornais, na linha do *continuum*, figurando como o veículo de comunicação que mais segue o que se prescreve em manuais prescritos para a colocação do clítico pronominal.

Em se tratando do contexto de preposição, nota-se que os jornais *O Globo* e *Extra* exibem percentuais não muito distantes, respectivamente, 64% e 79%. De toda

maneira, verifica-se percentual de próclise maior no *Extra*. Como esclarecido, na análise de possível elemento proclisador, o elemento preposição não é tido pela tradição gramatical como proclisador canônico, ainda que possa exercer influência na colocação do clítico. Em observação detalhada dos dados, constatou-se que todos os contextos de ênclise após preposição se referem a clítico acusativo de terceira pessoa, com exceção de um dado, encontrado em *O Globo*, já comentado e aqui retomado:

*149. O que está sendo feito com a vale é um verdadeiro absurdo, principalmente por **tratar-se** de empresa privada (a maior do país). (O Globo-17-10-09)*

Assim, verifica-se que elementos concebidos como proclisadores canônicos tendem a atuar, em maior ou menor proporção, no meio jornalístico, exceto no caso do *Meia Hora*, em que o uso da próclise não parece depender do contexto morfossintático, já que constitui a opção “*default*” em praticamente todos os casos. Comparando-se os jornais *O Globo* e *Extra*, observa-se, na totalidade dos contextos observados, que o primeiro tende a exibir índices mais altos de próclise em contextos em que a tradição gramatical prescreve a variante pré-verbal e índices mais baixos de ênclise em contextos em que a tradição gramatical contraindica a próclise. O *Extra* – comportando-se como um jornal mais “livre”, no que tange à regra de colocação dos pronomes átonos –, embora se mostre sensível ao padrão prescritivo, tende a exibir a opção vernacular pela próclise em diversos contextos.

O cruzamento entre “veículo de comunicação” *versus* “tipo de clítico” também se fez necessário para o refinamento da interpretação dos resultados quanto ao perfil dos jornais. Deseja-se verificar se determinado tipo de clítico tende a aparecer mais em um veículo do que em outro, e, também, em que posição os clíticos aparecem mais. Espera-se, por hipótese, que clíticos de primeira pessoa apareçam mais nos jornais *Meia Hora* e *Extra*, devido, por exemplo, aos assuntos abordados nesses jornais. Como comentado, as cartas desses veículos tendem a expor assuntos de interesse pessoal, como reclamações e dúvidas de como agir em determinadas situações. Observem-se os valores obtidos com esse cruzamento:

Lexias Verbais Simples						
	<i>O Globo</i>		<i>Extra</i>		<i>Meia Hora</i>	
	Freq	Perc	Freq	Perc	Freq	Perc
me/te/nos	49/73	67%	44/45	98%	10/12	83%
o (s)/ a(s)	16/55	29%	6/11	55%	3/3	100%
Lhe	9/13	69%	-	-	-	-
se reflexivo/inerente	149/183	81%	48/54	89%	21/22	95%
se apassivador/ indeterminador	88/142	62%	25/35	71%	2/2	100%

Tabela 13. Índices de frequência da próclise segundo o cruzamento das variáveis “veículo de comunicação” e “tipo de clítico”

Primeiramente, da observação do número de ocorrências de clíticos por jornal, a hipótese de que o *Extra* e o *Meia Hora* exibiriam maior número de pronomes de primeira e segunda pessoa, em comparação com *O Globo*, pôde ser confirmada, pois este apresenta 73 ocorrências desse tipo de clítico no total de 466 (15%), contra 45 do *Extra* no total de 145 (31%) e 12 do *Meia Hora* no total de 39 (30%). É interessante remarcar que os dados de próclise com esses tipos de clítico foram maiores no *Extra* e no *Meia Hora* (apenas 3 dados de ênclise), atingindo, respectivamente 98% e 83% de ocorrência. Observem-se alguns exemplos dos clíticos de primeira pessoa, nesses dois jornais:

150. *Em época de eleição, os políticos nos prometeram asfaltar a rua, tampar os buracos. (Extra-21-10-08)*
151. *O chip ainda não foi entregue e me dizem que a promoção já acabou. (Extra-21-09-08)*
152. *A empresa Oeste usa micro-ônibus nos horários de pico e nos submete a esperas de mais de uma hora pela condução. (Meia Hora-04-04-09)*
153. *Vários pedidos de conserto do vazamento de esgoto na R. Tomé de Souza 112 já foram feitos, mas a Cedae nos ignora. (Meia Hora-08-04-09)*
154. *Tenho passado por várias situações que me aborrecem muito. (Extra-19-10-08)*

Verifica-se, a partir desses exemplos, que os clíticos de primeira pessoa, encontrados no *Extra* e no *Meia Hora*, aparecem tanto em contextos tradicionalmente indicados para a próclise (ex.154), como para a ênclise (ex. 150, 151, 152, 153), o que indica, dentre outras motivações, a força da variável tipo de clítico no condicionamento do fenômeno em análise, sobretudo nesses dois veículos.

Cabe remarcar, também, que os 13 dados do pronome *lhe* apareceram apenas em *O Globo*, sendo 9 na posição pré-verbal, como se pode conferir a seguir:

155. *Se gosta de pisar nas pessoas, sem elegância e consideração, imagina quando tiver o poder de governar uma cidade em suas mãos, pois se acha o dono da verdade, o melhor de todos, afirmando exaustivamente que tudo **lhe será** possível, pois conseguiu o apoio de Lula, a quem já chamou de chefe de quadrilha, e de Sérgio Cabral, o governador campeão de viagens. (O Globo-20-10-08)*
156. *Alegar parcerias, mencionar nome do governador e presidente julgando que isso **lhe trará** votos, ledo engano (O Globo-20-10-08)*
157. *Infelizmente, o que **lhes garante** este estado de espírito e liberdade é existir um “benefício” denominado Bolsa Família, o qual **lhes garante** milhões de votos nas eleições. (O Globo-19-03-09)*
158. *Infelizmente, o que **lhes garante** este estado de espírito e liberdade é existir um “benefício” denominado Bolsa Família, o qual **lhes garante** milhões de votos nas eleições. (O Globo-19-03-09)*

Evidencia-se, mais uma vez, a partir dos exemplos, que o clítico *lhe* aparece na posição pré-verbal em contexto propício à próclise, como antecedido de elemento subordinativo e, ainda, com verbo no futuro do indicativo (ex. 155 e 156). Os quatro dados que não admitiram a variante pré-verbal apareceram nos seguintes contextos, de desfavorecimento à próclise: verbo antecedido de conjunção coordenativa, em início absoluto e antecedido de locução adverbial, como registrado a seguir:

159. *E **fazer-lhes** um convite para, quando o projeto for sancionado, que chamem o presidente para também participar desta solenidade, sem dúvida importante para o país. (O Globo-07-09-09)*
160. ***Peço-lhe**: não engane o cidadão brasileiro. (O Globo-07-09-09)*
161. *Gabeira fala mal abertamente de uma vereadora que o apóia, e dias depois **tasca-lhe** um beijo na bochecha. (O Globo-24-10-08)*
162. ***Deu-lhe** dois tiros, sendo um na cabeça. (O Globo-19-10-08)*

Acredita-se que a presença do clítico *lhe* somente nos dados de *O Globo* esteja associada ao perfil desse veículo, que apresenta estruturas lingüísticas condizentes com o modelo normativo para o padrão culto e formal. Como já mencionado, o PB, principalmente na modalidade oral, não dá preferência a clíticos sobretudo acusativo e dativo de terceira pessoa, e, sim, a outras formas de representação, como pronomes retos, SN e zero. Cumpre, ainda, reforçar que o uso do clítico *lhe* em todos os contextos está de acordo com as regras de colocação do pronome átono, propostas pela tradição gramatical. Outros estudos devem ser feitos para se verificar se, com número maior de dados desse tipo de clítico, seu comportamento permaneceria o mesmo.

Em relação ao clítico *o/a (s)*, confirma-se, nos jornais *O Globo* e *Extra*, a menor produtividade da próclise nesses contextos, o que fica mais evidente no primeiro veículo, que apresenta menor percentual (29%) da variante. Tal resultado não só se associa ao perfil do jornal, mas também é motivado pelo fato de *O Globo* apresentar muitas ocorrências do clítico em contexto de infinitivo, como se observa abaixo:

163. *Haveria uma intervenção para **preservá-la**. (O Globo-13-03-09)*

164. *Por todos os riscos envolvidos, é melhor **dividi-los** com sócios investidores em lugar desse fisiologismo míope. (O Globo-13-09-09)*

165. *Vigiar a cidade, **percorrê-la** a pé, ostensivamente, como nas cidades acima citadas, isso decididamente não ocorre em nossa cidade. (O Globo-20-09-09)*

166. *Ou não é nada disto e na verdade quer simplesmente assumir o controle da Vale para **usá-la** como instrumento político, visando a assegurar a sua perpetuação no poder em prejuízo da empresa, seus empregados, acionistas e, por que não dizer do Brasil? (O Globo-15-10-09)*

167. ***Torná-la** novamente estatal, improdutiva e voltar a ser novamente cabide de empregos? (O Globo-15-10-09)*

Quanto ao clítico *se* indeterminador/ apassivador, percebe-se que todos os jornais apresentam índices percentuais maiores de 60% de ocorrências do clítico na posição pré-verbal, confirmando a distribuição geral dos dados no *corpus*. O desfavorecimento da próclise – que, como verificado na análise de tipo de clítico, é da ordem de .46. – não pode ser visualizada a partir dos índices percentuais do cruzamento. De toda forma, os valores demonstram que o jornal *O Globo* apresentou o percentual

mais baixo da variante pré-verbal. Vejam-se, a seguir, dados desse tipo de clítico, presentes no jornal *O Globo*, na posição enclítica:

168. *Assim como em São Paulo e em outras capitais, aceita-se que motociclistas trafeguem em velocidade entre as pistas. (O Globo-12-03-09)*
169. *Trata-se de um vício, uma espécie de bola de neve. (O Globo-19-03-09)*

Além dos exemplos listados acima, foi verificado que grande parte dos dados com clítico *se* indeterminador/apassivador, na posição enclítica, se encontra em contexto de início absoluto de oração, o que acentua a tendência à ênclise dessa forma pronominal nos contextos em que se dá o atendimento à norma padrão idealizada.

Assim, os cruzamentos dos grupos de fatores distintos, apresentados acima, permitiram caracterizar de forma mais detalhada o perfil dos jornais e, assim, compreender melhor os resultados. Em linhas gerais, foi possível comprovar que os jornais diferem no que tange ao atendimento às recomendações gramaticais tradicionais, seja no que se refere às construções sintáticas – tipos de oração e presença de elemento proclisador –, seja no que se refere aos tipos de clítico. As diferenças detectadas confirmam, de modo geral, o *continuum* de atendimento ao padrão culto idealizado em compêndios normativos proposto.

No que tange aos contextos sintáticos, a próclise é a opção mais realizada, na maioria dos casos, nos jornais *Extra* e *Meia Hora*, mesmo quando não há a presença de elemento tradicionalmente proclisador, o que ocorre raramente em *O Globo*. Enquanto o *Meia Hora* assume, como opção prototípica a variante pré-verbal, o *Extra* mostra-se sensível aos contextos anteriores ao verbo, mas sempre em parte das ocorrências. No *Extra*, por exemplo, o contexto de SN sujeito – proclisador não canônico – chega a se comportar como proclisador. Quanto ao tipo de clítico, o resultado que chama a atenção é a ocorrência do clítico *lhe* somente nos dados de *O Globo*, e, o alto percentual de clíticos de primeira/segunda pessoa, na posição proclítica, nos jornais *Extra* e *Meia Hora*.

5.1.3. Sistematização dos resultados – lexias verbais simples

Após a detalhada análise da distribuição dos dados e das variáveis relevantes, apresenta-se, no quadro a seguir, a síntese dos elementos condicionadores da ordem do

clítico pronominal em lexias verbais simples no *corpus* analisado, considerando-se a próclise como valor de aplicação.

Quadro 1

Elementos favorecedores e desfavorecedores da próclise em lexias verbais simples nas cartas de leitor.

Variáveis	Elementos favorecedores da próclise	Elementos desfavorecedores da próclise
Possível elemento proclisador	partícula de negação (.100) preposição (.78) elemento subordinativo (.70),	SN sujeito (.45) início absol. de oração. (.20) conj. coordenativa (.07) locução adverbial (.04)
Tipo de clítico	<i>me, te, nos</i> (.67) <i>se</i> reflexivo/ inerente (.65)	<i>se</i> indeterminador/ apas (.46) <i>lhe</i> (.40) <i>o, a, os, as</i> (.03)
Tipo de oração	subord. desenvolvida (.93) coordenada sindética (.66)	reduzida de gerúndio (.18) “independente” (.17) reduzida de infinitivo (.12)
Distância	zero (.56)	uma a cinco sílabas (.15) seis sílabas em diante (.15)
Jornal	<i>Meia Hora</i> (.88) <i>Extra</i> (.72)	<i>O Globo</i> (.38)

Pela observação dos elementos que se mostraram relevantes para a ordem dos pronomes átonos na posição proclítica no conjunto dos dados analisados, alguns fatores em especial merecem ser destacados nesta síntese.

No que se refere ao “possível elemento proclisador”, considerando-se os contextos propostos pela tradição gramatical como “atratores” do pronome, atenta-se ao fato de que o elemento “partícula de negação” foi o único que apresentou 100% de ocorrências do pronome na posição pré-verbal, o que indica a força desse elemento, independentemente da presença de outros contextos. Dentre os demais elementos que atuaram como proclisadores, chama a atenção o fato de a preposição, além de ter sido favorecedora da posição pré-verbal, ter alcançado peso relativo, na aplicação da próclise, superior ao alcançado pelo elemento subordinativo. Constatou-se, então, que se encontra realização expressiva de próclise em contexto de elemento proclisador não canônico – preposição.

Em relação ao tipo de clítico, confirma-se a preferência à próclise demonstrada pelos pronomes de primeira/segunda pessoas e pelo *se* reflexivo/inerente.

Quanto ao tipo de oração, a subordinada desenvolvida dispara no favorecimento à próclise (.93). Cumpre, apenas, lembrar que esse tipo de oração necessariamente apresenta um elemento subordinativo, o que indica a co-atuação de fatores no condicionamento do fenômeno. No que tange ao peso relativo de .66 na aplicação da próclise da oração coordenada sindética, salienta-se que a ocorrência da variante nesse contexto foi acentuada com a presença de elementos possivelmente proclisadores.

A investigação da variável distância permitiu atestar, ainda que timidamente, que a ausência de distância entre o cl-v ou v-cl tende a levar à ocorrência da variante pré-verbal, se comparada à presença de material interveniente entre o clítico e a forma verbal.

Quanto ao jornal, merece destaque o alto favorecimento à próclise no jornal *Meia Hora* e no *Extra*, o que se pressupõe ter a ver com o perfil desses jornais – menos comprometidos com a norma culta padrão, em especial, no que se refere à colocação pronominal.

No que se refere especificamente aos elementos desfavorecedores da próclise, evidencia-se, primordialmente, no que concerne à variável possível elemento proclisador, que todos os fatores que não atuaram como elementos favorecedores da variante pré-verbal não são considerados pela tradição gramatical como “atratores”. Destaca-se, no entanto, que a ênclise não foi categórica nem alcançou índices altos nesses contextos. O elemento SN Sujeito, por exemplo, apresentou peso relativo de próclise de .45. Vale lembrar que o tipo de jornal atua diferentemente em relação a tal resultado, pois, como observado na análise dessa variável, enquanto o *Meia Hora* registra 100% e o *Extra* alcança quase 100% de ocorrências do pronome átono na posição pré-verbal diante de SN sujeito, *O Globo* apresenta 71%. De toda maneira, a análise permitiu verificar que houve mais dados de próclise em supostos contextos de ênclise (por exemplo, diante de conjunção coordenativa e sujeito) do que de ênclise em contextos tradicionais de próclise, o que confirma a preferência nas cartas pela variante pré-verbal.

No tocante à variável tipo de clítico, salienta-se o baixíssimo peso relativo, na aplicação da próclise, do clítico acusativo de terceira pessoa, que, como verificado, apareceu exclusivamente na posição enclítica em contexto de infinitivo. As demais formas pronominais, *lhe* e *se* indeterminador/apassivador, também atuaram como elementos desfavorecedores da variante pré-verbal.

Quanto ao tipo de oração, salienta-se que todas as orações elencadas como não-condicionadoras da próclise apresentaram baixos índices relativos, comprovando o que é proposto pela tradição gramatical para esses tipos de orações.

A variável distância permitiu a constatação de que, independentemente do número de sílabas entre o cl-v/ v-cl – seja ela de uma sílaba ou de oito sílabas, por exemplo –, o efeito do elemento proclisador diminui quando há material interveniente entre o clítico e a forma verbal. Fundamenta essa informação o peso relativo de .15 para as duas variantes – de uma a cinco sílabas e de seis sílabas em diante.

Em relação ao condicionamento extralingüístico, pôde-se comprovar que, embora a próclise tenha sido a variante mais recorrente nos três veículos, o jornal *O Globo* não apresentou percentual tão alto (67%) de realização dessa variante como o dos outros jornais (85% no *Extra* e 92% no *Meia Hora*), e chegou a atingir somente .38, mostrando-se, assim, desfavorecedor da posição pré-verbal. Verificou-se que ocorrência da posição pré-verbal em *O Globo* se apresenta mais restrita a contextos que, de fato, favorecem tradicionalmente tal posição, o que não acontece com tanta frequência no *Extra*, e não acontece no *Meia Hora*, que, como já comentado, apresenta próclise de forma semicategórica.

O quadro a seguir resume o comportamento de cada jornal, considerando as três variáveis estruturais mais relevantes ao condicionamento do fenômeno – possível elemento proclisador, (i) tipo de clítico (ii) e tipo de oração (iii). Para tornar possível a comparação entre os jornais, já que nem sempre se dispunha de pesos relativos, foram utilizados apenas os índices percentuais.

Quadro 2

Síntese da concretização das variantes da ordem do clítico pronominal em lexias verbais simples segundo o veículo de comunicação.

	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Meia Hora</i>
Próclise	Ordem preferencial nos contextos de: (i) elem. subord. (97%) part. de neg. (100%) adv. (81%) suj. (71%) prep. (64%) (ii) or.desenv. (99%) or. coord. (79%) red. inf. (52%) (iii) <i>se refl.</i> (81%) <i>me/te/nos</i> (67%) <i>se indet./apas.</i> (62%) <i>lhe</i> (69%)	Ordem preferencial nos contextos de: (i) elem. subord. (98%) part. de neg. (100%) adv. (91%) suj. (97%) prep. (79%) conj. coord. (80%) (ii) or.desenv. (98%) or. coord. (93%) red. inf. (81%) (iii) <i>se refl.</i> (89%) <i>me/te/nos</i> (98%) <i>se indet./apas.</i> (71%) <i>o, a (s)</i> (55%)	Ordem não marcada ¹⁶ (praticamente geral)
Ênclise	Ordem preferencial nos contextos de: (i) in. abs. de or. (98%) loc. adv. (78%) conj. coord. (61%) (ii) or.indep. (54%), red.ger. (78%) (iii) <i>o, a (s)</i> (71%)	Ordem preferencial nos contextos de: (i) in. abs. de or. (73%) loc. adv. (100% ¹⁷) (ii) or.indep. (75%), red.ger. (50%)	Rara (quase inexistente) 3 ocorrências em contexto de início absoluto de oração / oração reduzida de gerúndio.

O quadro acima ilustra bem a questão do *continuum* proposto para os jornais, no que tange à ordem dos clíticos pronominais. Ainda que a próclise seja, de modo geral, a variante de maior frequência nos três jornais, o número de ocorrências e a distribuição dos dados pelos contextos lingüísticos são diferentes. Essas diferenças – descritas e interpretadas ao longo do trabalho – permitem caracterizar *O Globo* como o veículo que apresenta maior número de realizações condicionadas a fatores de natureza estrutural,

¹⁶ A expressão “ordem não marcada” é aqui empregada com o significado de ordem natural. A esse respeito, sublinha-se que um dos subprincípios da marcação determina que estruturas mais frequentes são tidas como não marcadas, já as menos frequentes são consideradas marcadas.

¹⁷ O valor categórico refere-se a apenas 3 ocorrências; por isso, deve ser relativizado.

respeitando, de forma expressiva ainda que não categórica, a proposta normativa de colocação. Os resultados obtidos para o jornal *Extra* refletem a influência normativa de forma mais branda, uma vez que exibem índices de frequência menos expressivos do que os verificados em *O Globo* e próclise em mais estruturas não recomendadas tradicionalmente. Por fim, o *Meia Hora* destoa dos demais jornais ao concretizar um sistema de ordem proclítica semicategórico, com apenas 3 casos de ênclise, em contextos tradicionais de aplicação da variante pós-verbal.

Em linhas gerais, o quadro 2 permite postular que: (i) *O Globo* atende, de forma sistemática, aos condicionamentos lingüísticos verificados na investigação, registrando contextos próprios da próclise e contextos próprios da ênclise; (ii) o *Extra* atende com menos expressividade aos condicionamentos lingüísticos verificados na investigação, de modo que a próclise figura como ordem não marcada, mas há contextos de restrição; (iii) o *Meia Hora* tem a próclise como ordem não marcada geral e os casos de ênclise constituem casos isolados de atendimento à norma idealizada.

Diante do exposto, pode-se considerar a ordem dos pronomes átonos em lexias verbais simples nas cartas de leitor de domínio jornalístico como um caso, de fato, de variação, em que se observa com mais frequência, a preferência pela variante pré-verbal consoante a atuação de bem delimitados condicionamentos lingüísticos e extralingüístico.

5.2. Complexos Verbais

5.2.1. Produtividade dos clíticos

Inicialmente, cabe remarcar que a quantidade de dados de clíticos em complexos verbais encontrada foi menor do que a esperada. Coletando-se as ocorrências em 600 textos de cada jornal, somente 132 dados de pronomes átonos foram encontrados no contexto de lexias verbais complexas.

Veículos de comunicação	Total
<i>O Globo</i>	93
<i>Extra</i>	34
<i>Meia Hora</i>	5
Total de ocorrências	132

Tabela 14. Número de ocorrências de clíticos pronominais em cada veículo – complexos verbais

Conforme já se postulou anteriormente, apenas um estudo específico das características estruturais dos textos de cada jornal poderá oferecer informações que permitam interpretar, com segurança, a produtividade de complexos em cada veículo. Estudos específicos da expressão verbal tornariam possível aferir não só as estratégias de expressão dos complementos verbais, da estrutura passiva, dentre outras, mas também a hipótese de que o próprio contexto de complexos verbais seja menos recorrente frente a outras possibilidades, como a forma verbal plena ou a expressão com verbo-suporte.

Também no contexto de complexos verbais, observa-se uma diferença considerável do número total de dados encontrados em cada veículo: no jornal *O Globo*, 93 ocorrências; no *Extra*, 34 ocorrências; e no *Meia Hora*, somente 5 ocorrências. De toda forma, o número total de dados de clíticos em complexos verbais – 132 – já chama a atenção se comparado ao número total de ocorrências nas lexias verbais simples – 650. Essa discrepância pode indicar que a própria estrutura complexa não seja muito comum nas cartas de leitor.

Deve-se atentar, ainda, para a considerável diferença do número de complexos em relação à forma do verbo principal – no gerúndio, no particípio ou no infinitivo. Há 103 ocorrências do clítico quando o verbo principal se encontra no infinitivo, apenas 16

ocorrências com verbo principal no gerúndio, e 13 no particípio. Desse modo, lexias verbais complexas infinitivas foram as mais produtivas no *corpus*.

Embora o presente estudo não tenha por objetivo investigar a produtividade de complexos verbais, cabe observar que o baixo número de dados dessas construções tem sido registrado em outros estudos sobre o fenômeno, como os de Vieira (2002) e Nunes (2009). Vieira (2002) selecionou, para a composição de seu *corpus* escrito, 30 textos jornalísticos (15 crônicas e 15 editoriais) de cada variedade do português (PB, PE e PM). No caso do PB, trabalhou com o *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Dos 30 textos examinados, apenas 21 dados de clíticos em complexos verbais foram encontrados. Nunes (2009) compôs um banco de dados de textos jornalísticos que continham em média 5.000 palavras para os gêneros textuais anúncio e editorial e uma quantia próxima a 10.000 palavras para as notícias. Para o PB de todo o século XIX, foram encontrados 177 dados de clíticos, e, para o PB do século XX, somente 123 ocorrências.

Feitas essas considerações sobre a produtividade das lexias verbais complexas no material examinado, cabe observar, quanto à constituição dessas estruturas, que, na realidade dos dados, a maioria delas é constituída de apenas uma forma auxiliar mais a forma principal. Houve apenas 5 casos de complexos com duas formas auxiliares. Esses casos foram retirados da análise quantitativa, não somente devido à baixíssima produtividade, mas também por potencialmente poderem apresentar comportamento diferenciado e maior número de posições possíveis para a ordem dos clíticos. Conferem-se, a seguir, os exemplos registrados:

170. *O ministro da Justiça, Tarso Genro, **deve ter se esquecido** que os poderes da República foram criados com independência.* (O Globo-13-09-08)
171. *O tão badalado pré-sal **pode vir a se constituir** um tremendo mico.* (O Globo-13-09-08)
172. *Mas **estou tentando me modernizar**.* (O Globo-07-09-08)
173. *Agora **estão tentando penalizá-la** por isso?* (O Globo-07-09-08)
174. *Há alguns dias ela **vem tentando passá-lo**. Sem êxito, porém.* (Extra-19-10-08)

Quanto à ordem dos clíticos, esses exemplos apresentaram comportamento semelhante ao de complexos formados por uma única forma auxiliar, uma vez que o clítico aparece no contexto do verbo principal – antes ou depois dele (caso do clítico

acusativo após infinitivo) – e do auxiliar diretamente anteposto a ele. Não houve ocorrências em que o pronome átono figurasse na adjacência da primeira forma auxiliar anteposto ou formalmente ligado a ele por meio de hífen.

5.2.2. Ordem dos clíticos pronominais com complexos verbais

5.2.2.1. Distribuição dos dados pela variável dependente

Observa-se, nesta seção, a distribuição geral dos dados, coletados nas 600 cartas de leitor de cada veículo de comunicação, de modo que se possa avaliar a posição do clítico no complexo verbal considerando-se cada forma do verbo principal – particípio, gerúndio e infinitivo.

Vale recordar que a presente pesquisa conta com quatro possibilidades de colocação do clítico pronominal em relação às lexias verbais complexas, conforme se descreveu na seção referente à descrição das variáveis. Consideram-se, como quatro variantes, as seguintes construções: cl v1 v2, v1-cl v2, v1 cl v2, v1 v2 cl. A título de exemplificação, expõem-se, a seguir, realizações das quatro possibilidades:

cl v1 v2 ou variante pré-complexo verbal (pré-CV)

175. *Essa turbulência tem mostrado que quem manda no mundo são os investidores especuladores e, portanto, não **se pode esperar** que tal idéia parta deles. (O Globo-15-10-08)*

v1-cl v2 ou variante intra-complexo verbal (intra-CV) – com hífen

176. *Todavia, **deve-se analisar**, cuidadosamente, se este tem condições gerais de ter a guarda. (O Globo-17-03-09).*

v1 cl v2 ou variante intra-complexo verbal (intra-CV) – sem hífen

177. *O ser humano, quando está sob o domínio da mídia, **pode se sentir** pressionado, sem privacidades e outras bobagens. (Extra-11-04-09).*

v1 v2 cl ou variante pós-complexo verbal (pós-CV)

178. *Quando fazem, os cidadãos vizinhos, se é que **podemos chamá-los** assim. (Extra-09-04-09).*

Em relação aos 132 complexos, observe-se a distribuição de dados pela variável dependente, considerando-se o total de ocorrências e cada forma do verbo principal (infinitivo, gerúndio, particípio):

Forma do verbo principal	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Infinitivo	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103
Gerúndio	3 – 19%	1 – 6%	12 – 75%	0 – 0%	16
Particípio	4 – 31%	2 – 15%	7 – 53%	0 – 0%	13
Total	28 – 21%	9 – 7%	75 – 57%	20 – 15%	132

Tabela 15. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos em complexos verbais (no total e por forma do verbo principal)

No que tange à colocação dos pronomes átonos, verifica-se que há a preferência, com todas as formas do verbo principal, pela posição intra-CV sem hífen, totalizando 57% de ocorrências. Houve somente 9 ocorrências da variante intra-CV com hífen – 6 delas com infinitivo, 1 com gerúndio e 2 com particípio –, totalizando 7% das ocorrências. A variante pré-CV foi concretizada em 21% das ocorrências e a variante pós-CV, em 15% do total de dados.

No que se refere à variante pré-CV, os três tipos de complexos apresentaram uma distribuição semelhante. Em análise posterior, esses dados serão detalhados para se averiguar em que contextos essa variante é a opção preferencial.

Quanto à variante pós-CV, deve-se destacar, por ora, que ela se manifestou apenas com o verbo principal na forma infinitiva. Na seção concernente à análise dos dados de infinitivo, as ocorrências dessa variante também serão devidamente descritas.

Embora já se tenha postulado que a chamada variante intra-CV deva ser interpretada como próclise ao verbo principal (e não ênclise ao verbo auxiliar) – conforme descrito no capítulo de revisão bibliográfica –, estudos da modalidade escrita em contexto formal têm registrado índices da variante com e sem a presença do hífen. Os resultados de Nunes (2009), por exemplo, mostraram que a variante intra-CV com hífen, apesar de não ter sido muito produtiva, apareceu 12 vezes em um total de 110 dados no *corpus* jornalístico do PB do século XIX, atingindo 7% das ocorrências, e 5 vezes no *corpus* jornalístico do PB do século XX, registrando um decréscimo dessa variante (4%). Já a variante intra-CV sem hífen apresentou aumento do número de dados no século XX (14%), em relação ao XIX (3%). A variante pré-CV foi a mais

registrada nos dois séculos – XIX (64%) e XX (44%), seguida da variante pós-CV, que, no século XIX, obteve 26% das ocorrências e no XX, 38%.

Para maior detalhamento dos resultados encontrados na presente pesquisa, apresentam-se, a seguir, as 9 ocorrências de clíticos na posição intra-CV com hífen:

179. *Pode-se imaginar num dia de espetáculo como ficará o trânsito? (O Globo-07-11-08)*
180. *Todavia, deve-se analisar, cuidadosamente, se este tem condições gerais de ter a guarda. (O Globo-17-03-09)*
181. *Em sua gestão de 14 anos, sabe-se agora, não se controlava a frequência dos servidores, pagava-se horas extras não comprovadas até no recesso, não se auditava as notas fiscais reembolsadas, e sabe-se lá mais o quê, podendo-se depreender que isso é só a ponta do iceberg que, sabemos, nunca será investigado e exibido. (O Globo-12-03-09)*
182. *Enquanto nas cidades desenvolvidas procura-se estimular o uso desse meio de transporte, vem esta administração municipal tomar atitude tão merecedora de repúdio. (O Globo-19-03-09)*
183. *Deve-se, entretanto, criar uma forma de fiscalização, a fim de evitar a lavagem de dinheiro. (Extra-21-09-09)*
184. *Quando a coisa estava funcionando, resolve-se mudar para pior. (Extra-22-06-09)*
185. *A impressão é que o poder tão ansiado, longamente perseguido e finalmente alcançado, parece ter-lhe subido à cabeça. (O Globo-17-03-09)*
186. *Eu achei uma grande bobagem o jogador Elicarlos, do Cruzeiro, ter acusado o argentino Máxi Lopez, do Grêmio, de racista por tê-lo chamado de macaco. (Extra-29-06-09)*
187. *E no noticiário fica-se sabendo também que o número de diretores é algo em torno de 136. (O Globo-18-03-09)*

Observa-se que, das 6 ocorrências da variante intra-CV com hífen com verbo principal no infinitivo, todas com *se* indeterminador/apassivador, 4 são estruturas verbais complexas formadas por verbos modais no presente do indicativo (ex. 179, 180, 181, 183). No que se refere ao complexo verbal formado por participípio, tem-se 2 ocorrências em que a variante intra-CV aparece com hífen (ex. 185 e 186), ambas com a

forma auxiliar *ter* no infinitivo, sendo uma acompanhada por *o* e outra por *lhe*, contextos que por si só costumam favorecer a ênclise. Em relação ao gerúndio, há somente um dado da variante intra-CV com hífen, com a seguinte estrutura: verbo *ficar* + clítico do tipo indeterminador + verbo principal no gerúndio.

De modo geral, pode-se supor que complexos verbais acompanhados do clítico *se* indeterminador/apassivador (7 das 9 estruturas em análise) sejam favorecedores da construção com uso do hífen, uma espécie de estrutura cristalizada para a expressão de indeterminação, especialmente com verbos modais. De toda maneira, a pouca quantidade de dados não permite que essa hipótese seja devidamente confirmada. Sendo assim, outros estudos deverão ser realizados para constatar se, de fato, esse tipo de complexo verbal e/ou o tipo de clítico em questão constituem, na modalidade escrita em geral, o contexto propício à manutenção do uso do hífen.

Em função das particularidades de cada estrutura, optou-se pela apresentação separada dos dados por forma do verbo principal. Esse procedimento permitirá observar o comportamento de cada forma com relação à ordem dos pronomes átonos. Cumpre informar ainda, que, devido ao fato de o material utilizado oferecer um número reduzido de dados de complexos verbais, se apresentam, a seguir, os resultados em função da distribuição percentual, focalizando o que é peculiar em cada estrutura verbal complexa.

5.2.2.2. Complexos com participípio

Nesta seção, trata-se apenas dos 13 dados com a forma do verbo principal no participípio. A tabela a seguir permite observar o comportamento do clítico por variantes da ordem, no total dos dados e em cada um dos três veículos de comunicação.

Jornal	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
<i>O Globo</i>	4 – 45%	1 – 10%	4 – 45%	0 – 0%	9
<i>Extra</i>	0 – 0%	1 – 33%	2 – 67%	0 – 0%	3
<i>Meia Hora</i>	0 – 0%	0 – 0%	1 – 100%	0 – 0%	1
Total	4 – 31%	2 – 15%	7 – 53%	0 – 0%	13

Tabela 16. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no participípio (geral e por veículo jornalístico)

Primeiramente, cumpre destacar que não apareceu a variante pós-CV com a forma do verbo principal no participípio. Tal fato já era esperado, uma vez que essa

forma, tanto nas recomendações gramaticais quanto em resultados de outros estudos (como os de VIEIRA, 2002; NUNES, 2009; MARTINS, 2009), não tende a acomodar o clítico na posição pós-CV no PB. Vieira (2002) associa esse comportamento ao caráter mais nominal da forma participial (num *continuum* de nominalização). Esse *continuum* de nominalização das formas do verbo é visto como “uma escala de conclusão da temporalidade” (p. 324), proposto por Guillaume (*apud* VIEIRA, 2002). Vieira (2002) comenta que:

Nessa escala, o particípio é a forma nominal integralmente concluída, resultado de um processo em que o verbo se tornou totalmente “detensivo”. O gerúndio constitui a expressão cursiva do verbo, em que uma parte da expressão verbal está concluída (em “detensão”) e outra não está (“tensão”). O infinitivo é, dos “modos quasi-nominais”,¹⁸ a expressão puramente “tensiva” do verbo e, por assim dizer, a forma não-concluída, o Verbo em pura-potência. (VIEIRA, 2002: 324)

Os resultados de Vieira (2002) também evidenciaram tal realidade, uma vez que, no *corpus* das lexias verbais simples, não houve qualquer dado do pronome átono junto ao verbo no particípio e, no *corpus* das estruturas verbais complexas, a posição enclítica à forma participial mostrou-se impedida nas três variedades investigadas (Português do Brasil, Europeu e Moçambicano). A autora conclui afirmando que “sendo o particípio a etapa final da perda do traço tensivo, é natural que o pronome não o acompanhe.” (p. 324).

Na presente investigação, das 13 ocorrências de clíticos, 7 foram realizadas na posição intra-CV sem hífen, totalizando 53%. Dessas 7 ocorrências, 4 pertencem ao jornal *O Globo*, 2 ao *Extra* e 1 ao *Meia Hora*. Vejam-se os dados:

188. Pessoa que **tem se mostrado** da maior dignidade e integridade moral (coisa de que estamos precisando no Rio). (*O Globo*-16-10-08)

189. Reforço a indignação dos cariocas que **tem se manifestado**, lamentando o encerramento no Cine Palácio. (*O Globo*-24-10-08)

190. É como **tenho me sentido**. (*O Globo*-19-03-09)

191. Lamento que os jornalistas não **tenham me ouvido** sobre as declarações atribuídas a mim, optando pelo relato de “peemebistas”. (*O Globo*-16-03-09)

¹⁸ Para o autor, o modo serve para datar as cronoteses (resultado de cortes no movimento do pensamento sobre um eixo em profundidade) na cronogênese. Os modos – quasi-nominais, conjuntivo e indicativo – constituiriam três graus diferentes (da intervenção na cronogênese mais precoce à mais tardia) de completude da imagem-tempo.

192. *O ônibus **havia se envolvido** em um acidente com vítimas fatais. (Extra-01-02-09)*

193. ***Tem se tornado** cada vez “mas” evidente o total descaso do município em relação à conservação das nossas ruas. (Extra-13-04-09)*

194. *Peço desculpas por **ter me expressado** mal no seção Boca no Trombone de ontem. Nada tenho contra favelas e seus moradores. (Meia Hora-15-10-09)*

Os exemplos 188, 189, 190 e 191, retirados do jornal *O Globo*, registram clíticos na posição intra-CV sem hífen com a estrutura *ter + participio* em contextos de atração tradicional. No exemplo 192, tem-se a estrutura *haver + participio*, diante de SN sujeito, que, consoante a tradição, não seria um elemento de atração canônica. No exemplo 193, tem-se o verbo *ter + participio* em contexto de início absoluto de oração, que, como se sabe, não favorece a posição pré-CV. O último exemplo com essa estrutura, encontrado no jornal *Meia Hora*, apresenta o verbo *ter + participio* e encontra-se antecedido de preposição. Com relação ao tipo de clítico, tem-se, nos exemplos, o *me*, clítico de primeira pessoa, e o *se* reflexivo/inerente, os quais, como se observou na análise das lexias verbais simples, são formas pronominais que tendem a estar próximas dos verbos que as regem.

Observa-se que, independentemente da presença de possível elemento proclisador, foi preferida a opção pela acomodação do clítico na posição intra-CV sem hífen. Assim, supõe-se que, nesse tipo de estrutura, o clítico tenda a aparecer no meio do complexo verbal sem hífen. Entretanto, a pouca quantidade de dados não permite que se chegue a muitas generalizações.

No que toca à variante pré-CV, tem-se um total de 31% de dados, que corresponde a 4 ocorrências do clítico, todas encontradas no jornal *O Globo*. A título de ilustração:

195. *Ministro Temporão, se o governo do qual o sr. faz parte quisesse realmente melhorar as condições de atendimento do povo brasileiro na área da saúde já o **teria feito**. (O Globo-07-09-08)*

196. *A crise já tem quase um mês e até agora não **lhe foi dado** um nome. (O Globo-17-10-08)*

197. *Se o menino não fala inglês é porque não **lhe foi ensinado**. (O Globo-15-03-09)*

198. *E fica à mercê do que **lhe é proporcionado** com o viés de infraestrutura.*
Rodrigo. (*O Globo*-20-09-08)

Nota-se que o exemplo 195 apresenta o verbo auxiliar *ter* no tempo verbal futuro do pretérito, que, segundo a tradição gramatical, não admitiria a colocação do clítico posterior ao verbo. Nesse caso, então, como o verbo principal está no particípio, a opção mais recomendada seria, de fato, a colocação do clítico na posição anterior à lexia verbal complexa. Nos exemplos 196, 197 e 198, aparecem estruturas verbais complexas com passiva e em contexto de elementos proclisadores canônicos – *não* e *que* pronome relativo. Tal estrutura, além de não ter exibido a variante pós-CV – fato que se relaciona à forma participial presente em sua constituição –, não apareceu na posição mais natural no PB – intra-CV. Observa-se, assim, que o jornal *O Globo* obteve 45% de realização da posição pré-CV com o particípio, em contextos em que a tradição gramatical sugere, de fato, a próclise ao auxiliar, como em contexto de elementos tradicionalmente proclíticos.

Além disso, o próprio uso do clítico – *lhe* – sugere haver maior cuidado com o que está proposto em manuais prescritivos. No caso do jornal *O Globo*, um jornal que tende a empregar mais estruturas aceitas tradicionalmente, sublinha-se não só o uso da forma pronominal *lhe*, mas também o fato de as ocorrências da variante pré-CV terem sido registradas, apenas, nesse veículo de comunicação.

Chega-se, por fim, à variante que menos apareceu – considerando que não houve o registro da variante pós-CV – no conjunto de complexos com a forma do verbo principal no particípio: a variante intra-CV com hífen. Esta obteve somente 15% desses dados, o que corresponde a 2 ocorrências, cujos exemplos já foram apresentados, um do jornal *O Globo* e outro do *Extra*. Cabe ressaltar que os dados são do pronome *o* (*tê-lo chamado de macaco*) e *lhe* (*ter-lhe subido à cabeça*), o que reforça o caráter pouco usual dessa estrutura.

5.2.2.3. Complexos com gerúndio

A tabela e o gráfico a seguir permitem a visualização da distribuição dos 16 dados com a forma do verbo principal no gerúndio encontrados no *corpus*.

Jornal	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
<i>O Globo</i>	2 – 20%	1 – 10%	7 – 70%	0 – 0%	10
<i>Extra</i>	1 – 20%	0 – 0%	4 – 80%	0 – 0%	5
<i>Meia Hora</i>	0 – 0%	0 – 0%	1 – 100%	0 – 0%	1
Total	3 – 19%	1 – 6%	12 – 75%	0 – 0%	16

Tabela 17. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no gerúndio (geral e por veículo jornalístico)

Sublinha-se, inicialmente, que a variante pós-CV, assim como no caso do participio, não apareceu com os verbos principais no gerúndio. Embora não haja contraindicação tradicional para o uso dessa variante em construções gerundivas, estudos sociolingüísticos com amostras brasileiras (como os de VIEIRA, 2002; NUNES, 2009; MARTINS, 2009) evidenciaram baixa concretização da variante pós-CV junto a verbos principais no gerúndio.

Dos 16 dados com a forma verbal no gerúndio, 12 encontram-se na posição intra-CV sem hífen, totalizando 75%, sendo 7 ocorrências pertencentes ao jornal *O Globo*, 4 ao *Extra* e 1 ao *Meia Hora*. Eis os exemplos:

199. *Dia após dia, a calamidade do extermínio da vida humana vem crescendo assustadoramente, e o mais terrível é que parece **estarmos nos habituando** com esse horror. (O Globo-17-09-08)*
200. *A sociedade do espetáculo **está nos apresentando** o pior dos shows de todos os tempos, um número crescente de vítimas. (O Globo-22-10-08)*
201. *Quem **está nos perseguindo**? (O Globo-21-10-08)*
202. *Do jeito como **está se difundindo** essa nova “modalidade” de terror – arrastão em edifícios -, não demorará muito para que tenhamos medo até de ficar em casa! (O Globo-22-09-08)*
203. *Este é o perfil deste governo, nada barra esta gente, porque os bons **estão se omitindo**. (O Globo-17-10-08)*
204. *Ou o diretor da inteligência brasileira não conhece o significado do advérbio talvez (dúvida) ou não sabe o que **está se passando** neste país. (O Globo-16-10-08)*
205. *Um imenso buraco **está se formando** no meio da Rua Tiaraju, em Campo Grande. (Extra-03-03-09)*

206. *Liguei para cancelar e **estão me cobrando** multa de fidelidade por um serviço que não é prestado.* (Extra-21-09-08)
207. *A falta d'água na Rua Antônio Hermontes, em São Matheus, **está nos levando** à loucura, mas a Ceda nada faz.* (Meia Hora-16-04-08)
208. *Tenho um processo que **vem se arrastando** desde 2004.* (Extra-10-03-09)
209. *Na praça Cuauhtémoc, no Flamengo, freqüentada por bebês e crianças, **vem se formando** uma grande colméia num banco da praça* (O Globo-16-10-08)
210. *Mas acho que, a médio prazo, a iniciativa **acaba se desvalorizando**.* (Extra-10-03-09)

Destaca-se que, das 12 ocorrências na posição intra-CV sem hífen, 9 se referem à estrutura verbo auxiliar *estar* + *gerúndio*. A partir da análise dessas ocorrências, verifica-se que, nos exemplos 199, 200, 201 e 207, aparece o clítico de primeira pessoa do plural – *nos* –, e, no exemplo 206, aparece o clítico de primeira pessoa do singular – *me* –, que, mesmo diante de possível elemento proclisador, como no exemplo 201, aparece na posição intra-CV sem hífen. Os exemplos 202, 203, 204 e 205 exibem o clítico *se*, do tipo reflexivo/inerente em sua maioria, que, mesmo diante de elementos proclisadores (como em 202 e 204), também aparece na posição intra-CV sem hífen. Registra-se, mais uma vez, a opção mais usual no PB com esse pronome: estar próximo ao verbo que lhe concede papel temático.

Os exemplos 208 e 209 mostram outra estrutura formada por gerúndio: *verbo vir* + *gerúndio*. Observa-se que, no exemplo 208, há a presença do *que* pronome relativo, considerado tradicionalmente proclisador.

O último dado de clítico com essa variante apresenta a estrutura verbal complexa formada de verbo auxiliar *acabar* + *gerúndio*. Tem-se, nessa estrutura, o *se*-reflexivo/inerente, diante de SN sujeito – elemento tido como não proclisador pela tradição.

A partir da observação desses exemplos, acredita-se que, apesar da pouca quantidade de dados, as diversas estruturas apresentadas, em sua maioria com a forma auxiliar *estar*, independentemente da presença de possível elemento proclisador, propiciem a variante intra-CV sem hífen no PB escrito nas cartas de leitores. Quanto ao tipo de clítico, deve-se ressaltar que apareceram somente pronomes – argumentais de 1ª

pessoa e *se*, principalmente reflexivo/inerente – que costumam se ligar ao verbo temático.

No que concerne à variante pré-CV, das 3 ocorrências encontradas, 2 – ligadas a formas auxiliares distintas, *vir* e *estar* –, apresentaram o mesmo tipo de clítico – acusativo de terceira pessoa – e o mesmo elemento proclisador – *que* pronome relativo. Desse modo, acredita-se que as variáveis *tipo de clítico* e possível elemento proclisador possam ter desencadeado a opção pela variante pré-CV.

Vejam-se, a seguir, os exemplos:

211. *O Estado combatido por eles é o que os vem sustentando.* (O Globo-16-10-08)

212. *Acredito ser a grande proximidade com o presidente Lula, com quem tem estado muito ultimamente, que o está influenciando.* (Extra-13-10-08)

No tocante ao tipo de clítico, acredita-se que a realização do pronome *o/a (s)* nas posições intra-CV e pós-CV, com gerúndio, não costumam ser preferidas, inclusive por motivos relacionados à sonoridade da estrutura. A esse respeito, cabe retomar as palavras de Rocha Lima (2003 [1972]: 245):

Tal construção não tem agasalho com o pronome *o (a, os, as)*, em razão, decerto, do volume fonético dele, mais reduzido do que o das demais partículas pronominais átonas. De fato não se usa ‘estou o esperando’, etc.

A terceira ocorrência com a estrutura pré-verbal encontra-se no exemplo abaixo:

213. *O “não” a esse modo de fazer política que já nos está cansando.* (O Globo-23-10-08)

Como visto anteriormente e como outros estudos atestam, complexos com gerúndio, especialmente com pronomes argumentais, tendem a propiciar o clítico na posição intra-CV sem hífen. Assim, apesar de haver na frase dois elementos tradicionalmente atratores – pronome relativo *que* e advérbio *já* –, a posição pré-CV não costuma ser a mais usual na variedade brasileira. Acredita-se ser o tipo de jornal, nesse caso, *O Globo*, o motivo dessa ocorrência, pois, como descrito anteriormente, esse

veículo de comunicação tende a exibir estruturas, idealizadas para a norma culta padrão, que não são recorrentes nos outros veículos.

No que tange à posição intra-CV com hífen, houve somente uma ocorrência, formada por verbo *ficar* + *gerúndio*, diante de conjunção coordenativa mais locução adverbial, ilustrada abaixo:

*214. E no noticiário **fica-se sabendo** também que o número de diretores é algo em torno de 136. (O Globo-18-03-09)*

Embora se trate de apenas uma ocorrência, deve-se sublinhar que o pronome em questão é do tipo *se* indeterminador/apassivador, que, como já se demonstrou neste trabalho e em outros estudos sobre o tema, costuma se ligar ao verbo auxiliar constituindo uma construção prototípica de indeterminação.

Quanto aos veículos de comunicação, ressalta-se que *O Globo* e o *Extra* apresentaram o mesmo percentual da variante pré-CV (20%). Em relação à variante intra-CV sem hífen, apresentaram comportamento semelhante, *O Globo* 70% e o *Extra* 80%. A diferença deu-se na variante intra-CV com hífen, pois *O Globo* foi o único jornal que exibiu um dado de clítico nessa variante, que corresponde a 10% das ocorrências verificadas nesse veículo.

5.2.2.4. Complexos com infinitivo

Nesta seção, trata-se dos 103 dados com a forma do verbo principal no infinitivo. Como há um número mais expressivo de dados dessa estrutura, se comparado aos de participio e gerúndio, pode-se explorar a ordem dos clíticos consoante a observação da frequência das variantes em relação às variáveis extralingüísticas e lingüísticas.

5.2.2.4.1. Distribuição dos dados pelas variáveis extralingüísticas

Observa-se, nesta seção, a distribuição geral dos dados em lexias verbais complexas formadas por verbo principal no infinitivo, considerando-se os grupos de

fatores de natureza extralingüística, quais sejam: o veículo de comunicação e o sexo do leitor/escritor das cartas.

a) Veículo de Comunicação

Em primeiro lugar, a tabela e o gráfico a seguir¹⁹ demonstram a realidade do *corpus* quanto ao comportamento da variável “veículo de comunicação”.

Jornal	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
<i>O Globo</i>	17 – 23%	4 – 5%	37 – 50%	16 – 22%	74
<i>Extra</i>	4 – 15%	2 – 8%	17 – 65%	3 – 12%	26
<i>Meia Hora</i>	-	-	2 – 67%	1 – 33%	3
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 18. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no infinitivo (geral e por veículo jornalístico)

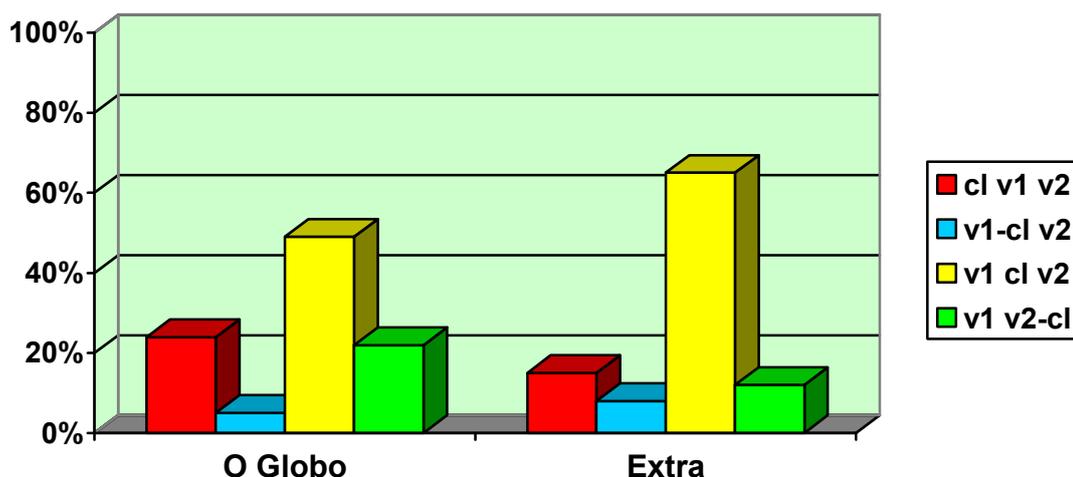


Gráfico 7. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com verbo principal no infinitivo (por veículo jornalístico)

No que se refere à distribuição de dados de clíticos em estruturas com infinitivo segundo o veículo de comunicação (cf. tabela 18), verifica-se que, das 103 ocorrências encontradas no *corpus*, 56 encontram-se na posição intra-CV sem hífen, o que corresponde a 54% das ocorrências, sendo 37 dados no jornal *O Globo*, 17 no *Extra*, e apenas 2 no *Meia Hora*.

¹⁹ Optou-se pela não exibição do comportamento do jornal *Meia Hora* nas representações gráficas, dado o exíguo número de dados nesse veículo de comunicação: apenas três ocorrências.

Apesar de o número de dados ser pequeno – especialmente no *Meia Hora*, em que o percentual de 67% corresponde a apenas duas ocorrências –, verifica-se que, nos três veículos de comunicação, o clítico, também nas construções infinitivas, aparece mais na posição intra-CV sem hífen (65% no jornal *Extra* e 50% em *O Globo*). Conferem-se alguns exemplos:

215. *Medidas de cortes **podem se apresentar** como o melhor atalho.* (*O Globo*-18-10-08)
216. *Mas não **pode se confundir** as atitudes tomadas por Dilma Rousseff e Mangabeira.* (*O Globo*-07-11-08)
217. *Os buracos estão enormes, causando perigo constante. As crianças, podem cair e **podem se machucar**.* (*Extra*-24-04-09)
218. *O ser humano, quando está sob o domínio da mídia, **pode se sentir** pressionado, sem privacidades e outras bobagens.* (*Extra*-11-04-09)

Os exemplos acima indicam que a colocação do clítico na posição intra-CV sem hífen ocorreu tanto em contexto tradicionalmente proclítico – como no exemplo 216, que conta com o elemento de negação *não* –, como em contextos sem a presença de possível elemento proclisador.

A variante pré-CV foi a segunda mais registrada, totalizando 21%; 17 dados (23%) registrados em *O Globo* e 4 dados (15%), no *Extra*. Ilustram-se alguns exemplos:

219. *Isso é o que **se pode chamar** de um ato de amor.* (*O Globo*-20-10-08)
220. *Não foi Paes quem inventou que não **se pode governar** sem união.* (*O Globo*-22-10-08)
221. *Mas não **se pode esquecer** que Michael Jackson da foto não é o original.* (*Extra*-23-07-09)
222. *O que **se poderia entender** dessa medida, e com boa vontade, é que tirando esse tipo de auxílio, será possível atender melhor outras áreas requisitadas.* (*Extra*-05-03-09)

Ressalta-se que a variante pré-CV só foi realizada na presença de elemento possivelmente proclisador, como mostram os exemplos acima.

Em seguida, tem-se a variante pós-CV, totalizando 19%: 16 dados pertencem ao jornal *O Globo* (22%); apenas 3, ao *Extra* (12%); o *Meia Hora* apresentou somente uma ocorrência dessa variante. Eis alguns exemplos:

223. *Poderia até indicá-la* como administradora da Cidade da Música. (*O Globo*-07-11-08)

224. *Poderíamos fechá-lo* provisoriamente, convocar novas eleições, sem direito de os atuais se candidatarem. (*O Globo*-17-03-09)

225. *Como posso retirá-lo?* (*Extra*-14-07-09)

226. *Quando fazem, os cidadãos vizinhos, se é que podemos chamá-los* assim. (*Extra*-09-04-09)

Na maioria dos dados, a variante pós-CV foi realizada com o clítico acusativo de terceira pessoa – *o(s)/ a(s)*, como se evidencia nos exemplos acima. Como se sabe, clítico acusativo de terceira pessoa em contexto de infinitivo tende à ênclise no PB.

Em relação à variante intra-CV com hífen, nota-se que foi a menos realizada, obtendo 6% dos dados. Nota-se, ainda, que os jornais tiveram comportamentos semelhantes nesse caso, tendo *O Globo* apresentado 4 ocorrências (5%) e o *Extra*, 2 (8%). Tais ocorrências já foram ilustradas e comentadas na seção referente à distribuição geral dos dados em complexos verbais.

Levando-se em consideração tudo o que foi descrito, pressupõe-se que, além dos fatores lingüísticos, o próprio perfil dos jornais também possa ter propiciado os resultados exibidos. Remarca-se que, embora a quantidade de clíticos em contexto de lexias verbais complexas, em geral, não tenha sido tão produtiva, o jornal *O Globo*, no que se refere aos dados de infinitivo, foi o que apresentou o maior número de dados – 74 ocorrências do pronome átono. Esse jornal também exibiu o maior percentual de dados do clítico na variante-pré-CV (23%), sugerindo um atendimento maior ao que está determinado em manuais prescritivos, já que todas as ocorrências foram realizadas em contexto de elementos possivelmente proclisadores. O jornal *Extra* confirma, mais uma vez, sua posição intermediária entre os veículos, apresentando 26 dados de clíticos, sendo a maior parte deles, como comentado, na posição intra-CV sem hífen – preferida no PB. Já o *Meia Hora* pode ser considerado, em se tratando das cartas de leitor, como um jornal que praticamente não se vale do uso de clíticos pronominais em complexos verbais.

b) Sexo do leitor/escritor das cartas

	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Homem	16 – 21%	6 – 8%	39 – 51%	16 – 21%	77
Mulher	5 – 19%	0 – 0%	17 – 65%	4 – 15%	26
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 19. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “sexo do leitor/ escritor das cartas”

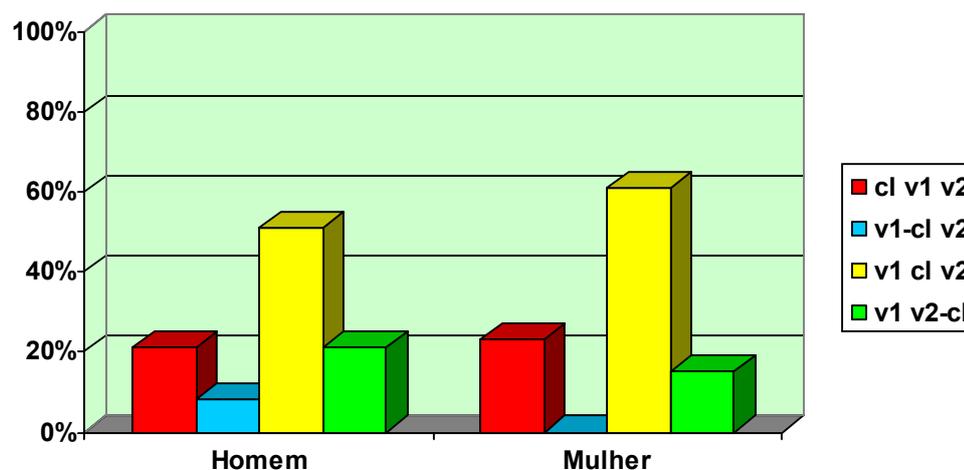


Gráfico 8. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “sexo do leitor/ escritor das cartas”

Quanto à variável “sexo do leitor/escritor das cartas”, cumpre recordar que o que sustenta o controle dessa variável é a hipótese laboviana de que as mulheres tendem a ser mais inovadoras do que os homens, quando se trata de implementar formas linguísticas de prestígio, e mais conservadoras, quando se trata de implementar formas desprestigiadas (LABOV: 1966). Assim sendo, no concernente à ordem dos clíticos pronominais, acredita-se que determinada variante tende a aparecer mais na escrita das mulheres, por uma questão de uso das formas mais socialmente aceitas e também recomendadas pela tradição gramatical.

Observe-se, primeiramente, que, das 103 ocorrências do clítico junto a complexos verbais com infinitivo, 77 pertencem ao sexo masculino, e apenas 26, ao sexo feminino (cf. tabela 18). Além do menor número de dados pertencentes à escrita das mulheres, pode-se observar que as mulheres exibiram comportamento que pode ser, em certa medida, considerado mais inovador do que o dos homens, ao apresentarem

percentual maior da variante intra-CV sem hífen (65% contra 51% na escrita dos homens) e não terem apresentado ocorrências da variante intra-CV com hífen (0 contra 8% na escrita dos homens).

Como já comentado, a variante intra-CV sem hífen apresenta-se como a variante mais recorrente no PB. No caso da presente pesquisa, ainda que haja contextos propícios a posição pré-CV, na maioria dos dados o que se realiza é a variante intra-CV sem hífen. Mesmo no jornal *O Globo*, que exhibe estruturas mais condizentes com as recomendadas pela tradição gramatical, encontra-se naturalmente a variante intra-CV sem hífen. Nota-se, então, que tal variante, que é a opção não marcada no PB oral, já se encontra infiltrada na escrita das cartas como opção preferencial e não parece ser estigmatizada, o que deve ter favorecido seu maior uso por parte das mulheres.

A interpretação desses resultados leva a crer que o inovadorismo do comportamento feminino em relação ao masculino precisa ser investigado de forma mais acentuada nos estudos sociolingüísticos, por meio de uma análise detalhada da interinfluência de variáveis, sobretudo as extralingüísticas, propósito que não cabe nos limites deste trabalho. Uma investigação específica da avaliação dos usuários da língua em relação ao uso dessas variantes na modalidade escrita também poderá colaborar muito para a interpretação dos resultados.

Em relação à variante pré-CV, nota-se comportamento semelhante entre homens e mulheres, uma vez que aqueles apresentaram 21% de clíticos nessa posição e as mulheres 19%. Quanto à variável pós-CV, observa-se que os homens realizam o pronome átono em tal posição pouco mais do que as mulheres, atingindo percentual de 21%, contra 15% das mulheres.

Após essas observações sobre o comportamento das variáveis extralingüísticas, passa-se à descrição dos contextos de complexos formados por infinitivo como verbo principal considerando os percentuais concernentes a cada grupo de fatores de natureza lingüística.

5.2.2.4.2. Distribuição dos dados pelas variáveis lingüísticas

Serão expostos, nesta seção, os resultados percentuais concernentes às variáveis lingüísticas, considerando as quatro variantes contempladas na pesquisa. A exposição

dos resultados começará sempre pelos contextos de maior ocorrência da posição intra-CV sem hífen, por ter sido a mais recorrente no *corpus*.

a) Tipo de Complexo verbal

	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Poder + inf.	18 – 40%	2 – 4%	18 – 40%	7 – 16%	45
Querer/resolver/ pretender/preferir/ Tentar/conseguir/ Procurar + inf.	2 – 11%	2 – 11%	8 – 45%	6 – 33%	18
Vir/ir + inf.	0 – 0%	0 – 0%	13 – 81%	3 – 19%	16
Ter + de/que inf.	0 – 0%	0 – 0%	7 – 78%	2 – 22%	9
Dever + inf.	1 – 11%	2 – 22%	5 – 56%	1 – 11%	9
Acabar + de/por inf.	0 – 0%	0 – 0%	1 – 50%	1 – 50%	2
Começar + a + inf.	0 – 0%	0 – 0%	2 – 100%	0 - %	2
Ficar + a + inf.	0 – 0%	0 – 0%	1 – 100%	0 – 0%	1
Precisar + inf.	0 - %	0 – 0%	1 – 100%	0 – 0%	1
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 20. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tipo de complexo”

Em relação à variável tipo de complexo verbal, salienta-se, inicialmente, que a estrutura complexa formada por *poder + infinitivo* foi a que mais apareceu no *corpus*: 45 ocorrências do total de 103 (cf. tabela 20). De acordo com o observado, embora nenhum dos tipos de complexos verbais tenha registrado a preferência pela posição pré-CV, a estrutura complexa *poder + infinitivo* alcançou o índice mais expressivo dessa variante (40%):

227. *O que se pode esperar de outro senador? (O Globo-17-03-09)*

228. *Não se pode proteger o interesse de uns em detrimento do direito da maioria que deseja ordem e disciplina nas questões públicas ou ambientais. (O Globo-19-03-09)*

229. *O que se poderia entender dessa medida, e com boa vontade, é que tirando esse tipo de auxílio, será possível atender melhor outras áreas requisitadas. (Extra-05-03-09)*

Observando os exemplos acima e os cruzamentos realizados, detectou-se que todas as ocorrências da variante pré-CV com a estrutura verbal *poder + infinitivo*

aconteceram diante de elemento possivelmente proclisador e com o pronome *se* indeterminador/apassivador. Desse modo, supõe-se ser essa construção – *poder + se + infinitivo* – uma estrutura típica da expressão da indeterminação em contexto de complexos verbais, que é bastante suscetível à subida de clítico na presença de elemento proclisador.

A estrutura *poder + infinitivo* também apresentou 40% das ocorrências na posição intra-CV sem hífen. A título de ilustração:

230. *O STF apenas decidiu que cidadãos com processos não transitados em julgado **podem se candidatar**; não proibiu a divulgação de encrencas sub judice que envolvam postulantes a cargos eletivos. (O Globo-11-10-08)*

Como comentado em análise anterior, essa variante ocorreu, na maioria dos dados, com os clíticos de primeira pessoa e *se* reflexivo/inerente, com exceção de um dado, em que aparece o clítico *se* indeterminador/apassivador, já exposto e aqui retomado:

231. *Mas não **pode se confundir** as atitudes tomadas por Dilma Rousseff e Mangabeira. (O Globo-07-11-08)*

Todos os outros tipos de complexos exibiram percentual maior de clíticos no interior do complexo verbal sem hífen. Cabe destacar que a construção formada por *acabar + de/por + infinitivo* apresentou, apenas, duas ocorrências, o que gerou um percentual de 50% para a posição pós-CV e 50% para a intra-CV sem hífen. A título de exemplificação:

232. *Por que a prefeitura não desapropria o Minhocão e **acaba de construí-lo**, claro, dentro da legalidade? (O Globo-20-03-09)*

233. *A sede da nossa representação diplomática naquele país é uma embaixada **ou acaba de se transformar** em mero “aparelho”? (O Globo-23-09-08)*

Observa-se que, no exemplo 232, o clítico acusativo de terceira pessoa se encontra em contexto de verbo principal no infinitivo, estrutura que desencadeia a ênclise ao verbo principal. O exemplo 233 exhibe o clítico na posição intra-CV sem

hífen. A respeito dessa última forma de colocação do pronome átono, Bechara (2009 [1999]: 590) afirma:

A Gramática Clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: Começou a lhe falar ou a falar-lhe.

Assim, as estruturas exemplificadas acima estão em consonância com o que é usualmente idealizado para o padrão culto escrito.

As estruturas complexas que apresentaram maiores percentuais de realização do clítico na posição intra-CV sem hífen foram verbo *ir/vir* + *infinitivo* – 81% – e verbo *ter* + *de/que* + *infinitivo* – 78%. Salienta-se que não estão sendo consideradas, nesse caso, as estruturas formadas por *começar* + *a* + infinitivo/ *precisar* + infinitivo/ *ficar* + infinitivo, uma vez que tais estruturas alcançaram 100% de realização do pronome na posição intra-CV sem hífen provavelmente devido ao irrisório número de dados. De toda forma, essas ocorrências já foram exemplificadas e comentadas anteriormente. Conferem-se, então, alguns exemplos das estruturas *ir/vir* + infinitivo e *ter* + *de/que* + infinitivo:

233. *Elas **vão nos mostrar** quem conseguiu convencer mais os cariocas. (O Globo-24-10-08)*

234. *Cinco perduráveis anos que um pai americano não se encontra com o filho brasileiro, **vem** de repente **se proclamar** (no Brasil), judicialmente e publicamente, “dono” desse filho. (O Globo-15-03-09)*

235. *Eu reclamo de novo, e eles dizem que **vão me colocar** num horário, mas não aparecem novamente. (Extra-20-04-09)*

236. *Há vários casos em que o pedófilo, por livre vontade, procura um médico para fazer a castração, tal a vontade que **tem de se corrigir**. (O Globo-10-03-09)*

Os exemplos 233, 234, 235 e 236 sugerem que as estruturas exemplificadas tendem a acomodar o clítico na posição intra-CV sem hífen. Nota-se que o exemplo 233 apresenta o clítico de primeira pessoa e os exemplos 234, 235 e 236 apresentam o clítico *se* reflexivo/inerente, o que pode também ter propiciado a realização dessa variante.

Salienta-se que as ocorrências da variante pós-CV com as estruturas acima exemplificadas aconteceram somente com o clítico acusativo de terceira pessoa, como ilustrado abaixo:

237. *Na verdade não querem que as pessoas se utilizem deste meio, pois onde **vão colocá-las**? (O Globo-18-03-09)*

No que se refere ao tipo de complexo formado por verbo *dever* + infinitivo, houve apenas 9 ocorrências, sendo 5 realizadas na posição intra-CV sem hífen, como ocorre no exemplo a seguir.

238. *O presidente do STF **deve se pronunciar** nos autos dos julgamentos, e não ficar dando pitacos com fins eleitorais. (O Globo-21-09-09)*

Quanto às estruturas complexas constituídas de verbos volitivos/ de controle, registraram-se ocorrências nas quatro posições previstas. O percentual da variante intra-CV sem hífen foi o mais alto (45%). De toda forma, o da pós-CV não se distanciou muito deste, apresentado 33%. Vejam-se alguns exemplos:

239. *Agora que chegou a hora de começar a usar o dinheiro guardado, pois aposentadoria não dá para nada, vem o governo **querer me cobrar** imposto sobre o dinheiro que já paguei imposto. (O Globo-20-09-09)*

240. *Se um diretor do Senado, acusado de tentar esconder uma mansão do Imposto de Renda, pede demissão assim, fácil, fácil, sem reagir e **tentar se defender**, quem ainda acredita na sua inocência? (O Globo-19-03-09)*

241. *Eles **tentam me convencer** a baixar a capacidade contratada para termos acesso à internet. (Extra-20-04-09)*

242. *É admirável ver a juventude carioca dando seu apoio para Gabeira, um homem que, aos 67 anos, tem idéias modernas e simples para administrar a cidade, que apresenta seus planos e promete, apenas, que **tentará realizá-los**. (O Globo-21-10-08)*

243. *Recentemente, o Congresso teve a oportunidade de acabar com esta vergonha, quando tratou da reforma política, **preferindo**, no entanto, **omitir-se**. (O Globo-16-10-08)*

244. *Infeliz a decisão do governo brasileiro – ingerência nos assuntos internos do governo hondurenho – de apoiar ativamente o retorno a Honduras do presidente Zelaya, deposto para não dar o mesmo golpe de seu “irmão” venezuelano Hugo Chávez, pois queria manter-se no poder. (O Globo-23-09-09)*

É possível, por hipótese, que a maior liberdade de colocação dessas estruturas – que se verifica no fato de os 18 dados se distribuírem pelas 4 variantes – esteja vinculada ao grau de integração entre as formas verbais que as constituem. Conforme se postulou na seção referente à descrição dos complexos verbais, essas construções estariam, num *continuum* de possível integração entre a forma auxiliar e a forma principal, num ponto de menor integração, tendo em vista que assumiriam algumas características de estruturas bi-oracionais. Desse modo, o clítico, a depender do grau de ligação com uma das duas formas verbais e dos outros condicionamentos lingüísticos atuantes (como tipo de clítico e presença de possível elemento proclisador, por exemplo), poderia acomodar-se mais na adjacência de uma ou outra dessas formas. Sem dúvida, a observação de um número maior de contextos e estudos específicos da natureza de cada complexo são necessários para a confirmação efetiva da hipótese.

b) Presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal

	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Ausência	21 – 25%	5 – 6%	43 – 52%	14 – 17%	83
Presença	0 – 0%	1 – 5%	13 – 65%	6 – 30%	20
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 21. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal”

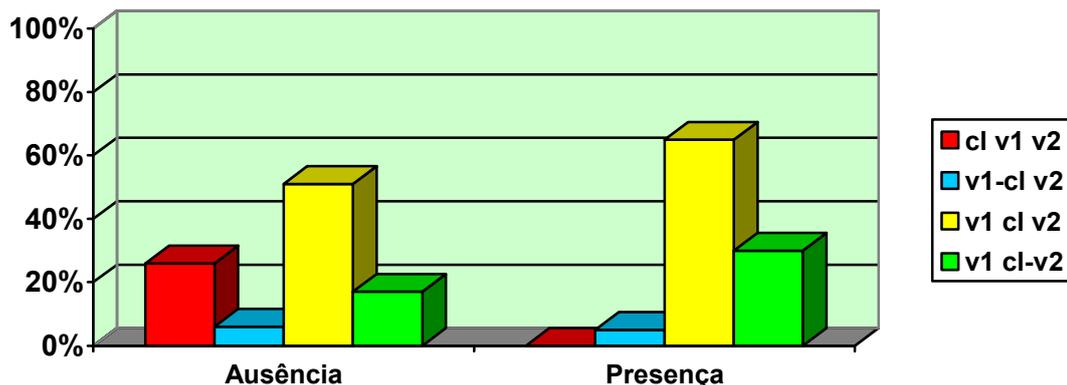


Gráfico 9. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal”

Os resultados concernentes à variável presença/ausência de elemento interveniente no complexo verbal revelam que, independentemente da presença ou ausência de elementos no interior do complexo verbal, foi preferida, em mais de 50% dos casos, a variante intra-CV sem hífen (cf. tabela 21), como mostram os exemplos abaixo:

245. *Isso é muito bom, mas será que autoridades municipais e estaduais **vão também se engajar** na campanha, ou jogar toda a responsabilidade nas costas da população? (O Globo-21-10-08)*
246. *O STF apenas decidiu que cidadãos com processos não transitados em julgado **podem se candidatar**; não proibiu a divulgação de encrencas sub judice que envolvam postulantes a cargos eletivos. (O Globo-11-10-08)*
247. *As pessoas **tem que se convencer** que o ócio não traz benefício, nem financeiro e nem mental. (Extra-03-04-09)*
248. *Não vai demorar muito e a Av.Brasil **vai se transformar** em uma grande favela. (Extra-23-10-08)*

Cumprе remarcar, entretanto, que essa opção preferencial do *corpus* é intensificada na presença de elemento interveniente no complexo: quando não ocorre elemento interveniente, a variante intra-CV sem hífen registra 52% das ocorrências, e, quando se dá a presença de elemento interveniente, o percentual aumenta para 65%.

Quanto aos índices obtidos para a variante pré-CV, verifica-se que a presença de elemento interveniente, além de aumentar os índices da variante intra-CV sem hífen, atua no sentido de impedir a realização da subida do clítico, que não foi registrada em qualquer dos dados quando há a presença de elemento interveniente no complexo verbal. De modo geral, confirma-se que, por ser a variante intra-CV sem hífen a mais produtiva no PB, esta é, na maioria dos casos, a opção realizada. No entanto, alguns fatores podem ser responsáveis por aumentar ou diminuir essa realização. No *corpus* da presente pesquisa, a variante presença/ausência de elemento interveniente parece ter contribuído, ainda que timidamente, para o aumento da ocorrência da variante intra-CV sem hífen e para a não ocorrência da variante pré-CV.

No que concerne à variante intra-CV com hífen, verificam-se índices semelhantes em contexto de ausência e presença de elementos intervenientes no complexo verbal. No entanto, o percentual de 5% do clítico no interior do complexo verbal com hífen, na presença de elemento interveniente, deve-se a, apenas, uma ocorrência, ilustrada a seguir:

249. Deve-se, entretanto, criar uma forma de fiscalização, a fim de evitar a lavagem de dinheiro. (Extra-21-09-09)

Nota-se que, na ocorrência acima, a construção em questão envolve o pronome *se* indeterminador com verbo modal, que, ao que parece, favorece a adjacência do clítico ao primeiro verbo.

Quanto à variante pós-CV, também, nota-se, como no caso da variante intra-CV sem hífen, maior percentual do clítico em contexto de presença de elemento interveniente. No entanto, ressalta-se que a maior parte dos clíticos nesse contexto se refere ao clítico acusativo de terceira pessoa, que, como já diversas vezes salientado, em contexto de infinitivo, tende a aparecer na posição pós-CV. Assim, acredita-se que, nesse caso, tanto o fator “elemento interveniente no complexo verbal” como o “tipo de clítico” propiciaram o maior percentual de ocorrência do clítico na posição pós-CV.

c) Tipo de clítico

	cl v1 v1	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Se reflexivo/ inerente	0 – 0%	0 – 0%	32 – 89%	4 – 11%	36
Se apassivador/ ind. de sujeito	21 – 75%	6 – 21%	1 – 4%	0 – 0%	28
Me/te/nos	0 – 0%	0 – 0%	22 – 100%	0 – 0%	22
O(s)/ a(s)	0 – 0%	0 – 0%	0 – 0%	16 – 100%	16
Lhe	0 – 0%	0 – 0%	1 – 100%	0 – 0%	1
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 22. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tipo de clítico”

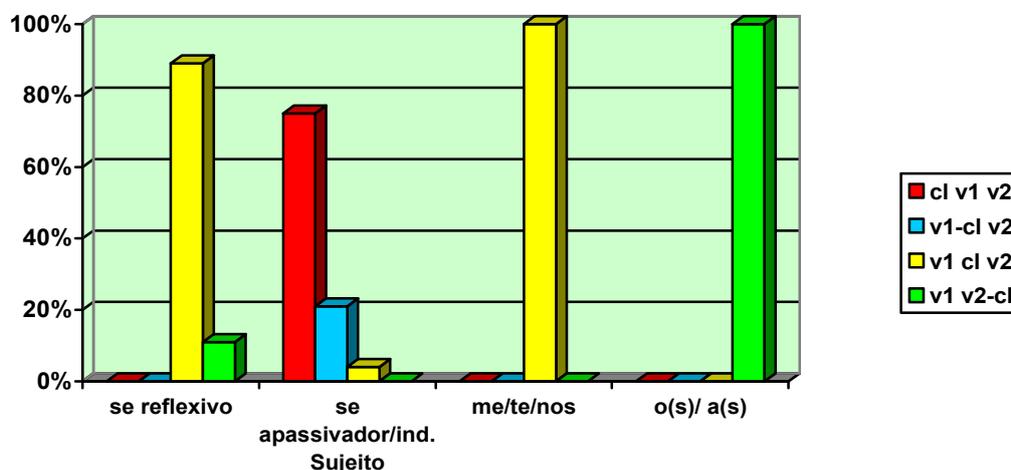


Gráfico 10. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais consoante a variável “tipo de clítico”

No tocante ao tipo de clítico, pode-se observar (cf. tabela 22 / gráfico 10) que a variante intra-CV sem hífen, apesar de ter sido a mais recorrente no *corpus*, não apresentou, no contexto de complexos verbais com infinitivo, maior percentual de realização com todos os tipos de pronomes átonos. Essa variante constitui a opção preferencial somente com os pronomes de primeira e de segunda pessoas *me/te/nos* (100%) e com o pronome *se* reflexivo/inerente (89%). Como já comentado, esses tipos de clíticos tendem a estar juntos do verbo que lhes confere papel temático. Assim, esse resultado, que confirma a tendência geral do PB apontada em outros estudos, demonstra a importância da variável tipo de clítico no contexto de complexos verbais. Exibem-se, a seguir, alguns exemplos desses tipos de pronomes na posição intra-CV sem hífen:

250. *Na qualidade de acionista minoritário da Vale, determinei a venda das minhas ações, pois não **posso me dar** ao luxo de ficar submisso aos caprichos e às desavenças políticas do senhor Luiz Inácio Lula da Silva. (O Globo-15-10-08)*
251. *O que terá de ser feito e repensado serão as regras da sociedade, para que **possamos nos encaixar** nesse mundo invertido. (O Globo-16-10-08)*
252. *Será que **temos de nos resignar** e esperar o fim dos tempos, como muitos acreditam estar próximo? (O Globo-20-09-08)*
253. ***Posso me aposentar** enquanto estou com esse benefício? (Extra-18-10-08)*
254. ***Poderei me aposentar** aos 60 anos? (Extra-19-09-09)*
255. *Eles **tentam me convencer** a baixar a capacidade contratada para termos acesso à internet. (Extra-11-10-08)*
256. *Os políticos dos EUA e do Brasil não **deveriam se meter** nesse assunto tão delicado. (O Globo-16-03-09)*
257. *São Paulo ou outro qualquer lugar do país **poderá se locomover** sem qualquer problema. (O Globo-20-03-09)*
258. *No entanto, como uma pessoa que está sob pressão, como a Elisa Samudio disse estar, **vai se lembrar** do nome do remédio abortivo? (Extra-17-10-08)*

As frases acima exibem os clíticos de primeira pessoa do singular e plural – *me/nos* – e o *se* reflexivo/inerente – em diferentes contextos, como, por exemplo, antecedido de partícula de negação (ex. 250 e 256), e em diferentes estruturas complexas (*poder/dever* + infinitivo/ *ter de* + infinitivo/ *tentar* + infinitivo/ *ir* + infinitivo). Desse modo, acredita-se que essas formas pronominais apareçam, independentemente do contexto, em sua grande maioria, na posição intra-CV sem hífen.

Já o clítico *se* reflexivo/inerente, além de aparecer no interior da lexia verbal complexa sem hífen, também apareceu na posição pós-CV. Expõem-se os dados:

259. *Em vez de insistir, **deveria voltar-se** para informar os eleitores, de forma sucinta e inteligente, que pendências judiciais existem à conta de cada candidato. (O Globo-16-10-08)*
260. *Realmente, um país como o nosso, com uma costa vastíssima e rica em diversos aspectos, **deveria ter uma atenção maior dos governos federal e estadual, objetivando reduzir o valor do pescado, dando mais condições ao***

*povo de baixa renda **poder alimentar-se** melhor, principalmente as crianças.*

(O Globo-15-09-08)

261. *Recentemente, o Congresso teve a oportunidade de acabar com esta vergonha, quando tratou da reforma política, **preferindo**, no entanto, **omitir-se**.* (O Globo-16-10-08)

262. *Infeliz a decisão do governo brasileiro – ingerência nos assuntos internos do governo hondurenho – de apoiar ativamente o retorno a Honduras do presidente Zelaya, deposto para não dar o mesmo golpe de seu “irmão” venezuelano Hugo Chávez, pois **queria manter-se** no poder.* (O Globo-23-09-09)

Os exemplos 259, 260, 261 e 262, apesar de apresentarem estruturas verbais distintas – *dever* + infinitivo/ *poder* + infinitivo/ *preferir* + infinitivo / *querer* + infinitivo, têm em comum, além do tipo de clítico (*se* reflexivo/inerente), o fato de não exibirem, em suas frases, elementos tradicionalmente proclisadores, o que pode ter desencadeado a opção pela variante pós-CV. Saliente-se que as 4 ocorrências foram coletadas do jornal *O Globo*, que registra o pronome na adjacência do verbo que lhe confere existência sintática mas em ênclise, posição considerada usualmente culta e formal.

Ainda em relação à variante intra-CV sem hífen, vale assinalar que o clítico *lhe* apareceu apenas uma vez nos complexos verbais e na posição intra-CV sem hífen, o que forneceu um percentual de 100% de ocorrências²⁰. A título de exemplificação, observe-se a ocorrência:

263. *Quem **deveria lhe pedir** desculpas é o prefeito e todos os seus comandados.* (Extra-08-04-09)

Mesmo na presença de um elemento proclisador (*quem*) e após uma forma auxiliar no futuro do pretérito (*deveria*), fez-se a opção pela variante intra-CV sem hífen, o que confirma a forte tendência brasileira à próclise a V2 nos complexos encontrados em cartas de leitores.

²⁰ Devido à existência de apenas um dado, decidiu-se não representar tal clítico no gráfico.

No que concerne à variante pré-CV, como já mencionado, a segunda mais ocorrida no *corpus*, o clítico *se* apassivador/índice de indeterminação do sujeito foi o único que apresentou percentual alto dessa variante, totalizando 75% das ocorrências. Abaixo, registram-se alguns exemplos:

264. *Essa turbulência tem mostrado que quem manda no mundo são os investidores especuladores e, portanto, não se pode esperar que tal idéia parta deles. (O Globo-15-10-08)*
265. *Se nem as antigas funcionam, como se pode garantir que 40 novas UPAs funcionarão? (O Globo-21-10-08)*
266. *Isso não autoriza o Sr. Ministro da Justiça a continuar proclamando que se devem punir supostos crimes cometidos há mais de 30 anos. (O Globo-07-11-08)*
267. *E quando se tenta sobreviver, alimentamos os bolsos e campanhas para as próximas eleições. (Extra-16-03-09)*
268. *O que se poderia entender dessa medida, e com boa vontade, é que tirando esse tipo de auxílio, será possível atender melhor outras áreas requisitadas. (Extra-05-03-09)*

Ressalta-se que, nas 21 frases que contêm o clítico *se* apassivador/índice de indeterminação do sujeito na posição pré-CV, há a presença de possível elemento proclisador, como se observou nos exemplos ora apresentados. Esse resultado reforça a proposta de que a tendência natural desse clítico, de figurar na adjacência da forma auxiliar, seja intensificada pela presença de elemento proclisador. Ademais, deve-se registrar que, em somente um dado, se deu a variante intra-CV em contexto com elemento proclisador, como se observa no seguinte exemplo:

269. *Mas não pode se confundir as atitudes tomadas por Dilma Rousseff e Mangabeira. (O Globo-07-11-08)*

Quanto à variante pós-CV, cumpre destacar que, das 20 ocorrências, 16 foram realizadas com o clítico acusativo de terceira pessoa, como se constata nos exemplos abaixo:

270. *É admirável ver a juventude carioca dando seu apoio para Gabeira, um homem que, aos 67 anos, tem idéias modernas e simples para administrar a cidade, que apresenta seus planos e promete, apenas, que **tentará realizá-los**. (O Globo-21-10-08)*
271. *Num país em que a era Collor está de volta, o cidadão não pode ter muita esperança; a maioria escolhe mal os que **vão representá-la** na política e nos órgãos de classe. (O Globo-10-03-09)*
272. *Pelo contrário, pago tanto IR que **tenho que dividi-lo** em três vezes, pelo menos. (O Globo-15-10-08)*
273. *Como **posso retirá-lo**? (Extra-14-07-09)*
274. *Quando fazem, os cidadãos vizinhos, se é que **podemos chamá-los** assim. (Extra-09-04-09)*

Nota-se que, nos exemplos apresentados, o clítico foi acomodado na posição pós-CV mesmo diante de possível elemento proclisador e com diferentes tipos de complexos verbais. Confirma-se, assim, que a estrutura infinitivo + clítico *o(s) a(s)* em ênclise é produtiva no *corpus* em análise, também em contextos de complexos verbais.

Com relação à variante intra-CV com hífen, deve-se remarcar que todas as ocorrências foram com o pronome *se* indeterminador/apassivador, como já mostrado anteriormente.

d) Possível elemento proclisador

	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Elemento Subordinativo	9 – 25%	1 – 3%	19 – 53%	7 – 19%	36
Sujeito	0 – 0%	0 – 0%	16 – 80%	4 – 20%	20
Partícula de negação	11 – 58%	0 – 0%	8 – 42%	0 – 0%	19
Início absoluto de oração	0 – 0%	4 – 27%	5 – 33%	6 – 40%	15
Conjunção coordenativa	0 – 0%	1 – 14%	4 – 58%	2 – 29%	7
Advérbio (um só vocábulo)	1 – 25%	0 – 0%	2 – 50%	1 – 25%	4
Locução Adverbial	0 – 0%	0 – 0%	2 – 100%	0 – 0%	2
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 20%	103

Tabela 23. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “possível elemento proclisador”

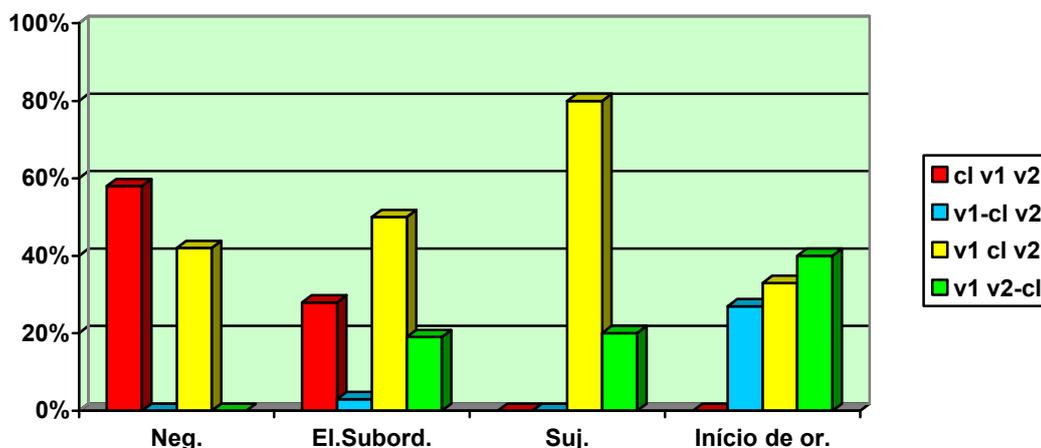


Gráfico 11. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “possível elemento proclisador”

Primeiramente, informa-se que só foram exibidos no gráfico os quatro primeiros fatores da tabela, devido à pouquíssima quantidade de dados relativos aos demais contextos.

A tabela 23 evidencia que a variante intra-CV sem hífen ocorreu, ainda que com percentuais distintos, em todos os contextos de possível elemento proclisador, o que, mais uma vez, comprova a força dessa variante no *corpus*. Já a variante intra-CV com hífen figura apenas 6 vezes, sendo 4 em contexto de início absoluto de oração.

A variante pós-CV só não ocorreu diante de partícula de negação, o que pode sugerir que tal contexto seja altamente resistente à colocação do clítico na posição pós-CV, e diante de locução adverbial, que só aparece duas vezes no *corpus*, as duas vezes na posição intra-CV sem hífen.

A variante pré-CV, mesmo sendo a segunda mais realizada, apareceu, apenas, em contexto de partícula de negação, elemento subordinativo e advérbio de um só vocábulo, que, consoante a tradição gramatical, são contextos “atratores”. Desses contextos, a partícula de negação foi a única variante que, de fato, levou a ocorrência da posição pré-CV em mais da metade dos dados, alcançando 58% do total de ocorrências. Eis alguns exemplos:

275. *Essa turbulência tem mostrado que quem manda no mundo são os investidores especuladores e, portanto, não se pode esperar que tal idéia parta deles. (O Globo-15-10-08)*
276. *Não foi Paes quem inventou que não se pode governar sem união. (O Globo-22-10-08)*
277. *Não se pode tratar igualmente os desiguais. (O Globo-21-10-08)*
278. *Não se pode arriscar as vidas das pessoas de madrugada, somente porque nossos prefeitos desprezam a vida da população. (Extra-16-03-09)*

Das 11 frases que apresentam elemento de negação e o clítico apareceu na posição pré-CV, o pronome é um *se* apassivador/ índice de indeterminação do sujeito, como se observa nos exemplos citados. No entanto, deve-se destacar que o clítico apareceu na posição intra-CV sem hífen, atingindo 42% das ocorrências, como se nota nos exemplos abaixo:

279. *Será que o governo não poderia me pagar antes de ficar distribuindo dinheiro? (O Globo-20-10-08)*
280. *Será que o governo não poderia me dar uma ajudinha? (O Globo-20-10-08)*
281. *Mas não pode se confundir as atitudes tomadas por Dilma Rousseff e Mangabeira. (O Globo-07-11-08)*
282. *Ninguém vai me segurar. (O Globo-11-03-09)*

283. *Assim, o inchaço contaminou a Petrobras e agora ameaça uma mineradora que, embora privatizada e com sucesso, segue o mesmo rumo, caso não **consiga se livrar** do vírus pior que assola este país, onde um partido ávido de poder representa o maior inimigo da nação. (O Globo-17-09-09)*
284. *Os políticos dos EUA e do Brasil não **deveriam se meter** nesse assunto tão delicado. (O Globo-16-03-09)*
285. *Se ele não **pôde se preparar**, como vai ser avaliado? (Meia Hora-23-03-09)*

Os exemplos ora citados exibem o clítico no interior do complexo verbal sem hífen, mesmo diante de elemento de negação. Entretanto, deve-se atentar para o fato de serem clíticos de primeira pessoa e *se* – reflexivo/ inerente, que tendem a ser empregados próximos ao verbo principal. Assim, constata-se que a presença de partículas de negação pode contribuir para a colocação do clítico na posição pré-verbal, sobretudo se o clítico for um *se* apassivador/índice de indeterminação do sujeito, pois, quando o clítico é de primeira pessoa ou *se* reflexivo/ inerente, o possível elemento proclisador partícula de negação parece não atuar. Assim sendo, supõe-se que, no contexto de complexos verbais, a variável “tipo de clítico” tenha atuação mais relevante do que a variável “possível elemento proclisador”.

Passa-se, agora, à análise do possível elemento proclisador que apresentou o segundo maior percentual de ocorrências do clítico, junto com um dado de advérbio (um só vocábulo), na posição pré-CV: elemento subordinativo. Esperava-se que esses contextos registrassem índices mais altos da posição pré-CV do pronome, como no caso das lexias verbais simples. Entretanto, houve apenas 25% das ocorrências na posição anterior à lexia verbal complexa, o que corresponde a 9 dados, como se ilustra por meio de alguns exemplos:

286. *Porém, é o que **se pode esperar** de um governo simpatizante a políticas ditadorias bolivarianas e afins. (O Globo-17-09-09)*
287. *Isso é o que **se pode chamar** de um ato de amor. (O Globo-22-10-08)*
288. *E quando **se tenta sobreviver**, alimentamos os bolsos e campanhas para as próximas eleições. (Extra-16-03-09)*

289. *O que **se poderia entender** dessa medida, e com boa vontade, é que tirando esse tipo de auxílio, será possível atender melhor outras áreas requisitadas.*
(Extra-05-03-09)

Também com esses elementos subordinativos, a variante que alcançou maior percentual foi a intra-CV sem hífen – 54% de ocorrências. Vejam-se alguns dados:

290. *Acho que **vou me mudar** para uma dessas “comunidades carentes”, pois pago meus impostos e pouco tenho dos órgãos públicos.* (O Globo-19-03-09)

291. *Há vários casos em que o pedófilo, por livre vontade, procura um médico para fazer a castração, tal a vontade que **tem de se corrigir**.* (O Globo-10-03-09)

292. *Leis são propostas para proibir que o candidato que tenha ficha suja **possa se candidatar** às eleições de 2010.* (O Globo-20-09-09)

293. *Eu reclamo de novo, e eles dizem que **vão me colocar** num horário, mas não aparecem novamente.* (Extra-20-04-09)

294. *Quando **poderei me aposentar**.* (Extra-18-10-08)

Deve-se notar que, além do possível elemento proclisador, o tipo de clítico também tem participação nesses dados. Como se percebe, os exemplos 286, 287, 288 e 289 exibem o clítico *se* apassivador/índice de indeterminação do sujeito na posição pré-CV, antecedido de pronome relativo e palavra QU. Os exemplos 290, 291, 292, 293 e 294 exibem o clítico no interior da lexia verbal complexa sem hífen, sendo os clíticos de primeira pessoa e *se* reflexivo. Assim, confirma-se que, a depender do tipo de pronome átono, ainda que haja a presença de elemento possivelmente proclisador, a posição pré-CV não será a preferencial.

Ainda em relação aos elementos de natureza subordinativa, destaca-se que as 7 realizações do clítico na posição pós-CV se referem ao clítico acusativo de terceira pessoa, como se pode observar no exemplo a seguir:

295. *Quando fazem, os cidadãos vizinhos, se é que **podemos chamá-los** assim.*
(Extra-09-04-09)

O outro segundo possível elemento proclizador que apresentou ocorrências de clítico na posição pré-CV foi o elemento focalizador *só*. Trata-se de apenas um dado, que se apresenta a seguir:

296. *Só não muda quem está morto! A vida é dinâmica e só **se pode fazer concessões à ética e a voz da consciência!**. (O Globo-22-10-08)*

Vale destacar que a única ocorrência do clítico na posição pós-CV, em complexo antecedido de advérbio, aconteceu com o clítico *o / a (s)*, como se observa abaixo:

297. *Comprei RioCard expresso pela internet, mas só **posso desbloqueá-lo** em posto da Fetranspor. (Meia Hora-29-10-08)*

O contexto de sujeito não exibiu o clítico nem na posição pré-CV, nem na posição intra-CV com hífen. Por outro lado, foi o contexto que obteve maior percentual de acomodação do pronome átono na posição intra-CV sem hífen (80%), destoando consideravelmente dos outros elementos. Ilustram-se alguns exemplos:

298. *Elas **vão nos mostrar** quem conseguiu convencer mais os cariocas. (O Globo-24-10-08)*

299. *O governo **deveria se preocupar** em gastar menos. (O Globo-17-03-09)*

300. *O presidente do STF **deve se pronunciar** nos autos dos julgamentos, e não ficar dando pitacos com fins eleitorais. (O Globo-21-09-09)*

301. *Eles **tentam me convencer** a baixar a capacidade contratada para termos acesso à internet. (Extra-20-04-09)*

302. *As pessoas **têm que se convencer** que o ócio não traz benefício, nem financeiro e nem mental. (Extra-03-04-09)*

303. *Não vai demorar muito e a Av. Brasil **vai se transformar** em uma grande favela. (Extra-23-10-08)*

Ao que parece, a construção de sujeito + complexo verbal é a que permite a manifestação mais natural da ordem dos clíticos em complexos na variedade brasileira: a variante intra-CV sem hífen, considerada normalmente uma próclise ao verbo principal. De um lado, essa construção não propicia a variante pré-CV na modalidade

escrita, visto que, consoante o que expõem manuais prescritivos, não se trata de contexto de atração tradicional. Excetuando-se o clítico acusativo de 3ª pessoa, a construção também não favorece em si mesma a ocorrência da variante pós-CV. Ressalte-se que, das 4 ocorrências da variante pós-CV com sujeito, em três a estrutura complexa é a formada por auxiliar + infinitivo + clítico acusativo de terceira pessoa. A título de exemplificação:

304. *Agora, os pais **terão que forçá-la** a acordar às 4h, ainda de noite. (O Globo-16-10-08)*

O segundo possível elemento proclisador que mais acomodou o clítico na posição intra-CV, e que também não acomodou o clítico na posição pré-CV, foi o contexto de conjunção coordenativa. De 7 realizações do clítico junto a conjunção coordenativa, 4 ocorreram na posição intra-CV sem hífen. A seguir, eis as frases:

305. *Se um diretor do Senado, acusado de tentar esconder uma mansão do Imposto de Renda, pede demissão assim, fácil, fácil, sem reagir e **tentar se defender**, quem ainda acredita na sua inocência? (O Globo-19-03-09)*

306. *Por que a prefeitura não desapropria o Minhocão e **acaba de construí-lo**, claro, dentro da legalidade? (O Globo-20-03-09)*

307. *As crianças podem cair e **podem se machucar**. (Extra-24-04-09)*

308. *Os 100 meliantes saíram de diversas favelas do Rio e **foram se reunir**, antes, em Rocha Miranda e, de lá, partiram para o ataque em Vila Isabel. (Extra-21-10-08)*

Verifica-se que, nos exemplos 305 e 306, há a presença de elemento proclisador antes do complexo verbal, ainda que distante do pronome. Nesse caso, a tradição gramatical recomendaria a posição pré-verbal do pronome átono. Nos exemplos 307 e 308, há somente a presença da conjunção coordenativa, que não é tida como elemento proclisador pela tradição gramatical. Nesse caso, a tradição recomendaria genericamente a ênclise ao auxiliar, assinalada pelo hífen, ou ao principal.

Em relação ao contexto de início absoluto de oração, cumpre salientar que não houve registro da posição pré-CV, confirmando a recomendação tradicional de que esse contexto não favorece a colocação do clítico antes do complexo verbal. A variante mais

produtiva no início absoluto de oração foi a pós-CV, totalizando 40% dos dados. Conferem-se os exemplos:

309. *Em vez de insistir, **deveria voltar-se** para informar os eleitores, de forma sucinta e inteligente, que pendências judiciais existem à conta de cada candidato. (O Globo-16-10-08)*
310. ***Poderíamos fechá-lo** provisoriamente. (O Globo-17-03-09)*
311. ***Poderia até indicá-la** como administradora da Cidade da Música. (07-11-08)*
312. ***Poderíamos fechá-lo** provisoriamente, convocar novas eleições, sem direito de os atuais se candidatarem. (O Globo-17-03-09)*
313. *Recentemente, o Congresso teve a oportunidade de acabar com esta vergonha, quando tratou da reforma política, **preferindo**, no entanto, **omitir-se**. (O Globo-16-10-08)*
314. ***Tentei** inúmeras vezes **desbloqueá-lo**, mas não consegui. (Extra-06-04-09)*

Os exemplos 310, 311, 312 e 314 apresentam o clítico *o/a (s)* formando contexto favorecedor de ênclise a V2. Os exemplos 309 e 313 apresentam o clítico *se-* reflexivo/inerente, que tenderia a aparecer na adjacência ao verbo principal. Cabe informar que intensificam essas tendências o fato de haver, em 4 (ex. 309, 310, 311 e 312) dos 6 exemplos, a forma auxiliar no futuro, que, como já foi comentado, desfavorece a anexação do clítico a si própria.

e) Tempo e modo verbal do auxiliar

	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Presente/Pretérito Perfeito/Imperfeito do Indicativo	20 – 26%	5 – 6%	40 – 52%	12 – 16%	77
Fut. do presente e fut. do pretérito do Indicativo	1 – 6%	0 – 0%	11 – 61%	6 – 33%	18
Infinitivo	0 – 0%	0 – 0%	3 – 75%	1 – 25%	4
Gerúndio	0 – 0%	1 – 50%	0 – 0%	1 – 50%	2
Subjuntivo	0 – 0%	0 – 0%	2 – 100%	0 – 0%	2
Total	21 – 21%	6 – 6%	56 – 54%	20 – 19%	103

Tabela 24. Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante a variável “tempo e modo verbal do auxiliar”

Primeiramente, deve-se ressaltar que, devido ao fato de somente os tempos presente e pretérito perfeito/imperfeito do indicativo terem apresentado um número considerável de ocorrências de clíticos, optou-se por não representar os resultados em forma de gráfico.

No que concerne à distribuição dos dados de clíticos segundo o tempo e modo verbal do auxiliar (cf. tabela 24), nota-se que nenhum dos tempos e modos registrou alta realização do pronome átono na posição anterior ao complexo verbal. Excetuando-se o caso do gerúndio – com apenas dois dados e nenhum na posição intra-CV –, todos os tempos verbais apresentaram percentual acima de 50% de ocorrências do clítico na posição intra-CV sem hífen, como ilustram os exemplos a seguir:

315. *São Paulo ou outro qualquer lugar do país **poderá se locomover** sem qualquer problema. (O Globo-20-03-09)*

316. *O povo **precisa se levantar** para muitas questões que o atinge diretamente. (O Globo-20-03-09)*

317. *Agora que chegou a hora de começar a usar o dinheiro guardado, pois aposentadoria não dá para nada, vem o governo **querer me cobrar** imposto sobre o dinheiro que já paguei imposto. (O Globo-20-09-09)*

Em relação ao exemplo 315, em que aparece o verbo auxiliar no futuro, vale recordar a apreciação de Martins Aguiar (*apud* BECHARA, 2009), que comenta que só é possível pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito) sem ligação com as formas auxiliares, para unir-se aos infinitivos, devido à estabilização no PB da colocação do clítico no interior do complexo verbal. Quanto aos exemplos 316 e 317, há a presença de pronomes que tendem a se unir ao verbo que lhes rege, como o *se* reflexivo/inerente e pronome de primeira pessoa, propiciando a posição intra-CV. Para o autor, a posição intra-CV sem hífen é a maneira lógica de colocação do pronome átono no PB, constituindo-se como forte evidência do padrão brasileiro:

Numa frase como ele vem-me ver, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome me do verbo vem, para adjudicá-lo ao verbo ver, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer vem-me ver (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer vem me-ver (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). (AGUIAR *apud* BECHARA, 2009: 591)

5.2.3. Sistematização dos resultados – complexos verbais

Considerando-se a diversidade de informações expostas ao longo da análise dos clíticos em complexos verbais, deseja-se, com a presente seção, sintetizar os resultados concernentes à colocação do pronome átono nas lexias verbais complexas, para salientar as contribuições do trabalho.

Primeiramente, vale lembrar que a análise conta com total de 132 ocorrências do clítico em complexos verbais, sendo 103 com a forma do verbo principal no infinitivo, 16 com gerúndio e 13 com participípio. A pouca quantidade de ocorrências sugere que o contexto de estruturas verbais complexas acompanhadas de clíticos no PB seja pouco produtivo em cartas de leitor de domínio jornalístico. No entanto, apesar da pouca ocorrência de clíticos nos complexos verbais, nota-se que a estrutura formada por verbo principal na forma infinitiva apresenta número de dados muito maior do que o dos outros complexos, sugerindo que haja predominância desse tipo de estrutura em cartas de leitor.

Ainda em relação ao *corpus* da pesquisa, cabe reforçar que, para se chegar ao número de dados obtidos, foi necessário recorrer a 600 textos de cada veículo de comunicação, no caso do presente estudo, o jornal *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora*, totalizando, então, 1.800 cartas de leitor investigadas. Assim, focaliza-se, mais uma vez, a dificuldade de coleta de dados, sobretudo devido à pouca oferta de clíticos pronominais junto a complexos verbais, em especial nos jornais *Extra* e *Meia Hora*.

Quanto à distribuição geral dos dados pela variável dependente, levando em consideração o total de ocorrências e cada forma do verbo principal (infinitivo, gerúndio e participípio), cabe lembrar que a variante intra-CV sem hífen foi a variante mais produtiva com todas as formas do verbo principal, atingindo 57% de ocorrências.

5.2.3.1. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com participípio

Os 13 dados de clíticos em complexos verbais formados por verbo principal no participípio demonstraram que a posição do clítico no interior do complexo verbal sem hífen foi a mais realizada (*tenho me sentido*). Dos 13 dados, 7 encontram-se nessa posição. Somente em estrutura complexa de voz passiva é que tal comportamento parece se modificar, passando a predominar a posição pré-complexo verbal (*não lhe foi*

informado). Houve apenas duas ocorrências da posição intra-CV com hífen em contexto específico: ambas com a forma auxiliar no infinitivo, seguida de *o / lhe (tê-lo chamado)*. Não houve registros da variante pós-CV.

O comportamento atestado nas ocorrências do *corpus* precisa ser verificado em maior quantidade de dados, a fim de permitir aferir as efetivas tendências das cartas de leitor em complexos com participípio.

5.2.3.2. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com gerúndio

Das 16 ocorrências de clíticos em complexos com verbo principal no gerúndio, 12 registram o pronome na posição intra-CV sem hífen (*estão me cobrando*). Apenas 3 ocorrências do clítico foram realizadas na posição pré-complexo verbal, as três antecidas de possível elemento proclisador e com clíticos específicos menos produtivos no PB (*que o está influenciando*). Em relação à variante intra-CV com hífen, sublinha-se que houve somente uma realização do pronome átono em construção indeterminadora (*fica-se sabendo*).

Notou-se, também, que a estrutura complexa formada por verbo *estar* + *gerúndio* foi a que mais apareceu no *corpus* e abrigou o clítico na posição intra-CV sem hífen, independentemente da presença de possível elemento proclisador.

Embora o número de dados tenha sido pequeno, pôde-se perceber que esse tipo de complexo não tende a acomodar o clítico na posição anterior ou posterior ao complexo verbal, mas, sim, na posição intra-CV sem hífen. As ocorrências das variantes pouco produtivas parecem estar vinculadas fundamentalmente à variável tipo de clítico, o que só poderá ser confirmado com a ampliação do número de ocorrências.

5.2.3.3. As variantes da ordem dos clíticos em complexos verbais com infinitivo

Na subamostra com os dados de infinitivo, que conta com 103 ocorrências, foi possível verificar maior variabilidade no fenômeno da ordem dos clíticos, embora a variante intra-CV sem hífen (*pode me dizer*) também tenha se mostrado a mais produtiva (54%). A observação do comportamento dos dados em relação às variáveis

independentes controladas permitiu observar os contextos em que as outras variantes se manifestam.

Primeiramente, o quadro que se segue expõe o comportamento dos dados da variante intra-CV sem hífen, que ocorre na maioria dos contextos, em relação aos grupos de fatores linguísticos:

Quadro 3

Contextos da variante intra-CV sem hífen

Complexos verbais com infinitivo	
Variáveis	Contextos
Tipo de complexo verbal	com todas as construções
Elem. interveniente no complexo verbal	complexos com ou sem elemento interveniente
Tipo de clítico	<i>me/te/nos, se</i> reflexivo/inerente ²¹ e <i>lhe</i> (1 única ocorrência)
Possível elemento proclisador	todos os contextos
Tempo e modo do auxiliar	praticamente todos

A partir da visualização do quadro acima, nota-se que diversos são os contextos que tendem a acolher o pronome átono no interior do complexo verbal sem hífen. Em relação ao tipo de complexo, remarca-se que, excetuando-se os complexos que exibiram pouquíssimos dados de clíticos, as estruturas formadas por *vir/ir* e *ter de/que* foram as que alcançaram maiores percentuais do clítico (acima de 75%) nessa variante.

Com relação à variável ausência/presença de elemento interveniente no complexo verbal, salienta-se que a presença de elemento no interior do vocábulo registra prioritariamente a variante intra-cv sem hífen.

No que toca ao tipo de clítico, merece destaque que – sem contar com a única ocorrência de *lhe* – as formas pronominais que registram a variante intra-CV são argumentos do segundo verbo. Os pronomes de 1ª e 2ª pessoa ocorreram em 100% dos dados na posição intra-CV sem hífen e o pronome *se* reflexivo/inerente em 89%, o que pode ser indicativo de que essa seja a posição não-marcada para esses pronomes, independentemente da atuação de outros condicionamentos.

²¹ Houve, ainda, uma só ocorrência de clítico *se* indeterminador nessa posição.

No que concerne à variável possível elemento proclisador, destaca-se que o elemento sujeito foi que apresentou maior percentual do clítico (80%) nessa variante, sem contar com os dois dados de clíticos presentes em contexto de locução adverbial. De toda forma, ressalta-se que o elemento subordinativo, apontado pela tradição gramatical como proclisador canônico, apresentou percentual maior do clítico no interior da estrutura verbal sem hífen, o que comprova, mais uma vez, a força dessa variante no PB, independentemente da chamada “atração” gramatical.

Quanto ao tempo e modo do auxiliar, observou-se que, com exceção do verbo auxiliar no gerúndio, todas as outras formas verbais acomodam o clítico na posição intra-CV sem hífen.

De todas as variáveis ora comentadas, percebe-se apenas na que se refere ao tipo de pronome átono um contexto preferencial para a variante v1 cl v2. Em outras palavras, essa variante comportou-se como a ordem não marcada, natural, em praticamente todos os contextos controlados, mas preferencialmente com os clíticos de 1ª e 2ª pessoas e o *se* reflexivo/inerente.

Desse modo, a representação dessa variante pode ser sintetizada da seguinte forma: (X) + v1 + (X) + *me/te/nos/se* reflexivo/inerente + infinitivo.

A fim de sistematizar os contextos em que se realizou a opção anterior ao complexo verbal, segunda variante mais freqüente, apresentam-se, no quadro 4, os contextos lingüísticos que alcançaram os percentuais do clítico na posição pré-CV.

Quadro 4

Contextos da variante pré-complexo verbal

Complexos verbais com infinitivo	
Variáveis	Contextos
Tipo de complexo verbal	<i>poder</i> + inf.
Elemento interveniente no complexo verbal	complexos sem elemento interveniente
Tipo de clítico	<i>se</i> indeterminador /apassivador
Possível elemento proclisador	partícula de negação, elemento subordinativo e advérbio (1 ocorrência)
Tempo e modo do auxiliar	do modo indicativo

Tendo em vista o quadro acima, cumpre lembrar, no que tange ao tipo de complexo verbal formado por *poder* + infinitivo, que todas as ocorrências da variante pré-CV com esse tipo de complexo foram antecedidas de possível elemento proclisador, o que pode ser indicativo de ambiente propício à ocorrência da variante pré-CV. De toda forma, salienta-se que esse tipo de complexo – excetuando-se construções com apenas um ou dois dados – foi o único que apresentou percentual considerável na posição pré-CV (40%).

No que tange à variável “ausência/presença de elemento interveniente no complexo verbal”, observou-se que, em contexto de presença de elemento interveniente, o clítico não apareceu na posição pré-CV. Ao que parece, esse contexto desfavorece, de fato, a chamada subida do clítico.

No tocante ao tipo de clítico, observou-se que o *se* passivador/indeterminador de sujeito foi o único pronome que ocorreu na posição pré-CV. De 28 ocorrências desse pronome, 21 foram realizadas na posição pré-CV, totalizando 75% das ocorrências. Informa-se, ainda, que esse tipo de clítico ocorreu na posição pré-CV sempre em contexto de elemento possivelmente proclisador.

No que se refere à variável possível elemento proclisador, verificou-se a subida do clítico (*se* indeterminador/apassivador) primordialmente quando antecedido de partícula de negação e de elemento subordinativo. Como se pode observar, a atuação dessa variável nos complexos com infinitivos não foi geral no *corpus*, mas esteve restrita aos contextos ora sintetizados.

Por fim, chega-se à última variável lingüística a ser retomada: tempo e modo verbal do auxiliar. Com relação a essa variável, verificou-se que a variante pré-CV ocorreu apenas com os tempos do modo indicativo, que foram os mais produtivos no *corpus*.

Reunindo-se o comportamento de todas as variáveis, uma construção prototípica do uso da variante pré-CV no *corpus* seria a seguinte: *não se pode imaginar X*.

Com o objetivo de sistematizar os contextos que priorizaram as poucas ocorrências (6) do clítico na posição intra-CV sem hífen, passa-se, agora, para a exibição do quadro 5:

Quadro 5

Contextos da variante intra-CV com hífen

Complexos verbais com infinitivo	
Variáveis	Contextos
Tipo de complexo verbal	com <i>poder</i> (2 dados), <i>dever</i> (2), <i>procurar/ resolver</i> (1 dado cada)
Elemento interveniente no complexo verbal	sem elemento interveniente (exceto 1 dado)
Tipo de clítico	<i>se</i> indeterminador / apassivador
Possível elemento proclisador	início absoluto de oração (4 dados), após elemento subordinativo e advérbio (1 dado cada)
Tempo e modo do verbo auxiliar	Presente do indicativo e gerúndio (1 dado)

Apesar de se contar com apenas 6 ocorrências da variante intra-complexo verbal com hífen, podem-se sublinhar algumas observações. Quanto aos tipos de complexo, verificou-se uma distribuição das ocorrências por *poder*, *dever*, *procurar/resolver*. Das 6 ocorrências, 5 foram realizadas em construções sem a presença de elemento interveniente no complexo verbal. Em relação ao tipo de clítico, todos eram o *se* apassivador/ indeterminador. Concernente ao possível elemento proclisador, chama a atenção que 4 das 6 ocorrências estavam em contexto de início absoluto de oração. Por fim, no que se refere ao tempo e modo do verbo auxiliar, informa-se que o auxiliar estava primordialmente no tempo presente do indicativo²². Assim, acredita-se que todos esses contextos juntos propiciem a realização da variante intra-CV com hífen. Uma construção prototípica do uso da variante intra-CV no *corpus* seria a seguinte: *Pode-se imaginar X*.

Com o propósito de verificar, por fim, o que constitui, nos dados com infinitivo, os contextos da variante pós-complexo verbal, optou-se pela apresentação de mais um quadro contendo essas informações.

²² Como o auxiliar no gerúndio só aparece duas vezes no *corpus*, não se podem tecer generalizações.

Quadro 6
Contextos da variante pós-complexo verbal

Complexos verbais com infinitivo	
Variáveis	Contextos
Tipo de complexo verbal	com quase todos
Elemento interveniente no complexo verbal	com ou sem elemento interveniente
Tipo de clítico	acusativo de terceira pessoa (16/16) e <i>se</i> reflexivo/inerente (4/36)
Possível elemento proclisador	quase todos os contextos
Tempo e modo do verbo auxiliar	quase todos

Primeiramente, merece destaque que, de todas as variáveis apresentadas no quadro acima, não se pôde delinear contexto de maior especificidade em cada grupo, exceto no que se relaciona ao tipo de clítico. O pronome acusativo de terceira pessoa foi o único fator que exibiu 100% de ocorrências na variante pós-complexo verbal, sugerindo ser altamente favorecedor dessa posição nos complexos com infinitivo. Além desse pronome, a variante v1 v2 cl foi registrada com menos expressividade com o pronome *se* reflexivo/ inerente. O contexto prototípico de uso dessa variante poderia ser representado pela seguinte construção: (X) v1 + infinitivo + *o, a (s) / se*, como, por exemplo, em *(alguém) pode fechá-lo; (alguém) poderia voltar-se (...)*.

Feitas as sistematizações acerca de cada variante da ordem dos clíticos em complexos verbais com infinitivo, sintetiza-se, a seguir, o comportamento das variáveis extralingüísticas.

No que tange ao tipo de jornal, sublinha-se, inicialmente, que o jornal *Meia Hora* praticamente não se vale do uso de clíticos pronominais em complexos com o infinitivo, já que só apresentou 3 ocorrências.

O jornal *Extra* corrobora sua posição intermediária entre *O Globo* e o *Meia Hora*, exibindo, somente, 26 dados de clíticos, sendo 17 na posição intra-CV sem hífen. Ainda em relação ao jornal *Extra*, salienta-se que apresenta o clítico em maior

percentual na posição intra-CV sem hífen do que o jornal *O Globo*, o que pode indicar, ainda que sensivelmente, que aqueles jornais usam com maior liberdade a variante preferida no PB.

O jornal *O Globo* foi o que mais apresentou clíticos em complexos verbais (74 dados) e, também, foi que mais exibiu os pronomes átonos na posição pré-CV, seguindo, assim, o que se prescreve nos manuais gramaticais, uma vez que todas as ocorrências da variante pré-CV estavam em contexto estabelecido de próclise.

Chama a atenção, ainda, o fato de, das 20 ocorrências do clítico na posição pós-CV, 16 pertencerem ao jornal *O Globo*. Pressupõe-se que tal veículo de comunicação, por procurar seguir mais o que se propõe nas gramáticas normativas, tenha apresentado o maior número de ocorrências dessa variante.

No que toca à variável sexo do leitor/escritor, constatou-se comportamento um pouco distinto, no que tange à ordem dos clíticos em complexos verbais, entre homens e mulheres. No *corpus* da presente pesquisa, o comportamento lingüístico verificado nos dados produzidos por mulheres parece estar de acordo com o caráter inovador proposto por Labov (1996). Elas utilizaram mais a variante intra-CV sem hífen do que os homens, e não utilizaram a variante intra-CV com hífen. Tal fato pode indicar que as mulheres tendem a utilizar mais as estruturas inovadoras e que não são estigmatizadas, como parece ser o caso da variante intra-CV sem hífen em cartas de leitores. Estudos variacionistas com maior número de dados devem ser feitos para se comprovar ou não tal resultado.

6. A ORDEM DOS CLÍTICOS E O GÊNERO TEXTUAL CARTA DE LEITOR

6.1. Repensando os gêneros textuais

Antes de retomar a questão da Tradição Discursiva e as especificidades do gênero textual carta de leitor, é de suma relevância, para a interpretação dos resultados obtidos, aprofundar a noção de gêneros textuais, uma vez que o *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir de um tipo de gênero textual. Para tanto, recorre-se, em especial, as observações de Marcuschi (2002) e Bakhtin (2006 [1992]). Primordialmente, cabe lembrar que gêneros textuais são concebidos como fenômenos históricos, fortemente atrelados à vida cultural e social. Contribuem, portanto, para ordenação e estabilização das atividades comunicativas do dia-a-dia. Nas palavras de Marcuschi (2002: 19): “São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Assim, para o autor, a definição dos gêneros é de natureza sócio-comunicativa.

Entretanto, mesmo exibindo alto poder de interpretação das ações humanas nos contextos discursivos, os gêneros não são estanques; ao contrário, constituem eventos textuais flexíveis e dinâmicos e que surgem vinculados a necessidades e atividades sócio-culturais. Segundo Marcuschi (2002), os gêneros caracterizam-se, em especial, por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. A esse respeito, o autor afirma ainda:

É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.
(MARCUSCHI, 2002: 21)

Bakhtin (2006[1997]) aponta a “construção composicional”, ao lado do “conteúdo temático” e do “estilo”, como as três características dos gêneros. Consoante o autor:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a

construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo da utilização da língua elabora *seus tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2006 [1992]: 261-262)

Nesse sentido, cumpre remarcar que, ao se dominar um gênero, não se domina uma forma lingüística, mas sim uma maneira de efetuar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares, pois apoderar-se de um gênero é um mecanismo essencial de socialização, de inserção prática nas situações de comunicação humana (MARCUSCHI: 2002). Em relação à dominação dos gêneros, Bakhtin afirma:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2006[1992]: 285)

Quanto às propriedades dos gêneros, vale salientar que não se devem delimitar os gêneros mediante determinadas propriedades que lhe pareçam necessárias. Consoante Marcuschi (2002): “um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero” (MARCUSCHI, 2002: 30). Por exemplo, uma carta pessoal continuará a ser uma carta pessoal mesmo que o autor não tenha se lembrado de assinar. É esta maleabilidade que fornece aos gêneros grande capacidade de adaptação e falta de rigidez. De acordo com Miller (1984 *apud* MARCUSCHI, 2002: p.32), o gênero deve ser tido como “ação social”, e uma definição correta para gêneros “não deve centrar-se na substância nem na forma do discurso, e sim, na ação em que ele aparece para realizar-se”. Este aspecto é muito importante, visto que muitos gêneros são delimitados basicamente por seus propósitos comunicativos e não por suas formas, o que não significa descartar a força organizadora das formas composicionais dos gêneros.

Em última observação, vale ressaltar que, por serem os gêneros fenômenos sócio-históricos, não há como expor uma lista fechada, que contenha todos os tipos de gêneros textuais. (MARCUSCHI, 2002: 29). Por representarem as mais variadas atividades comunicativas, os gêneros não são classificados de maneira fácil e precisa. Apesar de serem difíceis de nomear, as denominações dos gêneros não são criadas individualmente, mas por meio de rótulos produzidos histórica e socialmente.

Após essas considerações sobre o gênero textual como um todo, cabe, na próxima seção, verificar como a “carta” se insere em um tipo de gênero textual.

6.2. A carta como gênero reconhecido

Toda a carta é tida como um enunciado concreto, único e individual. No entanto, ao observar-se que esse enunciado é utilizado por diversos círculos sociais, pode-se dizer, seguindo Bakhtin, que, embora seja um evento único, também é um tipo relativamente estável de enunciado – definição que o autor confere a gênero discursivo.

Pode-se dizer que um gênero discursivo como a carta é reconhecido e utilizado ainda hoje, por exemplo, por apresentar as três características, consoante Bakhtin: a) pelos conteúdos que são expostos a partir dele; b) pelo estilo da linguagem, isto é, pela seleção que tal gênero permite fazer entre os diversos recursos que a língua disponibiliza; c) por sua construção composicional, que é a estrutura comunicativa que exibem os textos pertencentes àquele gênero. Salienta-se que essas características estão vinculadas, constituindo o que o autor denomina de todo do enunciado. Além disso, deve-se considerar, também, o propósito comunicativo da carta, pois como já comentado na seção anterior, muitos gêneros são reconhecidos, sobretudo, por sua “ação social” (MILLER, 1984, *apud* MARCUSCHI, 2002).

É importante comentar que tais características não impedem que os gêneros sejam dinâmicos, plásticos, flexíveis e instáveis. A própria instabilidade dos gêneros é também essencial para compreender o reconhecimento da carta no âmbito da sociedade, uma vez que a carta pode ser apresentada de várias formas, dependendo, por exemplo, de quem as escreve e do contexto em que é utilizada. Desse modo, tem-se desde cartas que seguem mais rigidamente um padrão – como as cartas jurídicas – até as mais dotadas de espontaneidade – como as cartas pessoais. Embora esse gênero discursivo se apresente de diversas maneiras, está inserido em várias esferas da atividade humana, permitindo uma diversidade de tipos de comunicação, tais como: conselho, congratulações, agradecimentos, informações.

Como gênero textual, concebe-se, então, a carta como uma prática de linguagem construída historicamente na sociedade. Assim, inserido na história ao longo dos tempos, supõe-se que esse gênero foi se reorganizando: adquirindo novos significados e alargando os lugares em que atua.

Silva (1997), analisando cartas em geral, embora reconheça que haja diversos tipos de cartas, afirma que não são da mesma natureza, pois aparecem em vários campos de atividade, exibindo funções comunicativas variadas. Nesse sentido, esses tipos de cartas podem ser tidos como sub-gêneros do gênero maior “carta”, tendo em vista que

todos mostram traços comuns que são típicos dessa tradição discursiva, sua estrutura básica: a seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida; porém são diversificados quanto à forma de realização e suas intenções. Assim, tem-se carta pessoal, carta do leitor, carta ao leitor, dentre outras.

Mediante as considerações feitas sobre o gênero carta, pretende-se ampliar, na seção seguinte, as características do gênero carta de leitor, uma vez que no capítulo referente à fundamentação teórica já foram expostas algumas informações sobre tal gênero, e observar se o gênero textual carta de leitor pode ser considerado como uma tradição discursiva, por apresentar traços comuns das cartas em geral.

6.3. Tradições discursivas e cartas de leitor

Após a retomada do conceito e das características dos gêneros textuais, especialmente, do gênero carta, faz-se imprescindível repensar os resultados encontrados nesta pesquisa a partir de uma reflexão sobre o gênero textual carta de leitor e a proposta das Tradições Discursivas.

De início, cabe lembrar que, em estudos sobre Tradições Discursivas (KOCH, 1997; KABATEK, 2000), a repetição de toda forma textual que adquire signo próprio é concebida como tradição discursiva. Em outras palavras, para ser considerada como tradição discursiva, a forma textual costuma, em relação a determinado fenômeno lingüístico, ter uma configuração que é reconhecida como prototípica de determinado tipo de tradição cultural. Ao observar-se, por exemplo, a saudação matinal entre as pessoas, percebe-se que é raro o uso da expressão: “Desejo a você um bom dia”, usa-se mais, como um tipo de forma fixa de saudação matinal, “Bom dia”. Tem-se, então, um pré-conceito, devido à tradição de cada forma textual, em relação ao que se espera aparecer em determinados textos.

Considerando-se especificamente a carta de leitor, supõe-se que tal gênero textual seja reconhecido, assim como o gênero maior carta, independentemente de uma língua particular, pois apresenta forma peculiar (não se espera, por exemplo, encontrar em uma carta de leitor formas específicas de um requerimento e vice-versa), propósitos comunicativos específicos, como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, entre outros e insere-se em ambiente fixo nos jornais. Como afirmou Marcuschi (2002), o próprio ambiente em que o texto está inserido pode especificar o gênero presente. Andrade (2006), investigando marcas de interação em cartas publicadas em jornais,

expõe algumas informações a respeito das cartas de leitor. Entre elas, a autora afirma que a carta de leitor:

É uma tradição discursiva de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo e possibilitando a sua leitura ao público em geral. Na atualidade, as cartas de leitor são divulgadas em jornais e revistas de grande circulação e tratam de notícias ou reportagens de temas de interesse nacional, publicadas nesses veículos de comunicação, ou de solicitações feitas pelos leitores, pois é de fácil acesso, demonstra um contato, por parte deles, com os fatos importantes e recentes da sociedade e está escrito em registro formal e semi-formal do Português. (ANDRADE, 2006: 121)

O comentário de Andrade abrange a estrutura composicional de uma carta de leitor, prioriza seu objetivo, temas abordados e o registro em que está escrita. Com o propósito de averiguar, em especial, como se configuram as cartas de leitor, uma observação geral das cartas nos jornais se fez necessária. A partir disso, notou-se que as cartas de leitor informam, sempre, o nome de quem as escreve, expõem normalmente opinião sobre determinado assunto e/ou reclamações de diversos tipos; e, em geral, não são muito extensas, uma vez que são publicadas, em uma mesma página, diversas cartas.

Mediante os esclarecimentos anteriores e os resultados encontrados para o fenômeno da colocação pronominal, cabe enfatizar que, nas cartas de leitor do *corpus* da presente pesquisa, se esperava que fossem exibidos, além do nome de quem escreve as cartas, a data, tendo em vista que essa informação não costuma ser omitida. O nome foi mantido em todas as cartas, já a data só apareceu ao final das cartas em *O Globo*, pois no *Extra* e no *Meia Hora* fica valendo a data em que a carta é exibida no jornal.

Em relação aos temas/propósitos comunicativos, opiniões sobre diversos assuntos fazem parte do âmbito desse gênero; no entanto, somente o jornal *O Globo* apresenta uma diversidade nos temas abordados.

Por fim, com relação à linguagem, em especial ao uso do clítico, esperava-se encontrar diferenças entre os jornais, devido aos perfis diferenciados. De outro lado, algumas semelhanças especialmente devido à hipótese de que a carta de leitor poderia se construir como um modelo, em que estruturas lingüísticas tenderiam a ser repetidas e utilizadas, em sua maioria, de forma semelhante.

Na realidade, os resultados não permitiram detectar homogeneidade quanto ao gênero, mas sim quanto ao veículo, tendo em vista que os jornais não se comportaram da mesma maneira no que concerne à colocação pronominal, tanto nas lexias verbais simples, como nas lexias verbais complexas. Ainda que a carta de leitor, se comparada,

por exemplo, a um editorial, possa não apresentar estruturas tão rebuscadas e de atendimento ao alto padrão culto normativo, mesmo assim o jornal *O Globo* destoa dos outros veículos, apresentando a colocação dos clíticos pronominais muito mais próxima da prescrita pela tradição gramatical. O Jornal *Meia Hora*, em outro extremo, praticamente não apresenta o uso de pronomes átonos, sobretudo em contexto de complexos verbais, e, quando apresenta, opta pelas estruturas menos compatíveis com a prescrição gramatical. O jornal *Extra* apresenta um comportamento intermediário, ora atendendo às regras estabelecidas pela tradição gramatical, ora se distanciando delas.

Assim sendo, apesar de, em relação à colocação pronominal, os jornais não terem se comportado de maneira semelhante, pode-se manter o pressuposto de que o gênero textual carta de leitor se insere em um tipo de tradição discursiva. Retomando o que propõe Marcuschi (2002) em relação às propriedades dos gêneros, um gênero pode não apresentar determinada propriedade que lhe é esperada, e ainda assim continuar a ser aquele gênero. Dessa forma, mesmo que em algumas cartas a data não esteja presente ou algumas estruturas lingüísticas sejam diferentemente usadas pelos veículos de comunicação, reconhece-se que se trata do gênero carta de leitor por suas outras propriedades.

No que se refere ao fenômeno lingüístico abordado no presente trabalho, acredita-se que a variedade de comportamento por jornal detectada se vincule a uma característica do gênero carta de leitor, enunciada por Andrade em sua investigação e aqui retomada: a carta de leitor costuma ser escrita em “registro formal e semi-formal do Português”. Dentro dos limites do que o *corpus* permitiu observar, cada veículo confere maior (caso do *Meia Hora*) ou menor (caso de *O Globo*) liberdade de expressão ao leitor/escritor do jornal em relação ao apego às estruturas que se concebem como idealizadas para o registro formal escrito.

6.4. A contribuição de outros trabalhos com gêneros textuais

Como a presente pesquisa foi baseada em um único gênero textual, é de suma importância recorrer a resultados de outros estudos sobre a ordem dos clíticos pronominais no PB que utilizaram como *corpus* gêneros textuais de domínio jornalístico. O propósito é verificar, em especial, se os resultados obtidos neste estudo se assemelham a ou se distanciam de outros sobre o fenômeno em questão. Na realidade, pretende-se observar, para refletir sobre o que se constatou na análise deste trabalho, se a colocação do pronome átono, tanto em lexias verbais simples como em

complexos verbais, em textos jornalísticos, muda consoante o gênero textual em que o pronome figura.

Primeiramente, far-se-á uma breve exposição dos resultados encontrados no estudo de Biazolli (2008) sobre a ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples em diversos gêneros textuais jornalísticos. Os textos foram coletados do jornal Estado de São Paulo do final do século XIX e início do XX. Em seu trabalho, a autora extraiu 1066 dados de clíticos no total, e constatou que a maior número de dados figurava na posição enclítica (682 pronomes).

A hipótese da autora era de que o número maior de dados de próclise apareceria em textos tidos como mais informais e, o uso mais expressivo da ênclise em textos menos informais. Por isso, distribuiu os gêneros em uma linha de um *continuum* de formalidade, do mais para o menos formal, da seguinte forma: editorial, notícia, aviso, anúncio, classificado, nota, comentário e carta de leitor.

Ao analisar o comportamento das variantes próclise e ênclise nos gêneros textuais, a autora verificou um predomínio dos pronomes enclíticos, inclusive nos gêneros concebidos como mais informais, exceto no gênero comentário. Deve-se informar que o gênero “classificado” foi o que apresentou maior percentual de ênclise (96,5%), e o “editorial” foi o que exibiu o maior percentual de próclise (63,76%), o que aparentemente não confirmaria a hipótese da autora, levando em consideração o *continuum* de formalidade proposto por ela. Deve-se sublinhar aqui que o estudo de Biazolli não discrimina os contextos morfossintáticos de aplicação da próclise e da ênclise, o que não permite avaliar, em todos os casos, se os percentuais obtidos são condizentes ou não com o que propõe a tradição gramatical para estilos formais. Quanto aos gêneros que obtiveram altos índices de ênclise, como o anúncio e o classificado, aponta-se que esses gêneros costumam exibir estruturas lingüísticas cristalizadas, o que pode justificar o resultado encontrado.

No que se refere aos resultados dos gêneros comentário e carta de leitor, tidos como os menos formais, houve equilíbrio das ocorrências de próclise e ênclise. O “comentário” exibiu o clítico em 54,16% dos casos na posição proclítica e em 45,84% na posição enclítica. O gênero carta de leitor apresentou 49,72% de próclise e 50,28% de ênclise. Biazolli constata, então, que, embora a variante pós-verbal tenha sido mais produtiva no *corpus*, a próclise tende a ser expressiva nos dois gêneros considerados menos formais, como no caso da carta de leitor e do comentário, o que confirmaria sua hipótese.

De modo geral, chama a atenção o alto número de dados de clíticos na posição enclítica no trabalho de Biazolli, pois, como verificado nesta pesquisa e como se verá em outros trabalhos que serão aqui comentados, a próclise tende a ser consideravelmente mais expressiva do que a ênclise. De toda maneira, cabe lembrar que esses dados se referem ao final do século XIX e início do XX e que não houve separação dos contextos morfossintáticos em que figuram os pronomes átonos. Os resultados obtidos no trabalho de Biazolli fornecem grande contribuição, uma vez que foram analisados diversos gêneros textuais, o que permitiu que se avaliasse com mais precisão a relevância da variável extralingüística gênero textual. A correlação feita pela autora entre grau de formalidade, gênero e variação lingüística alinha-se com o propósito da presente pesquisa.

Conforme propõe a autora (BIAZOLLI, 2008: 5):

À proporção que os textos materializam os gêneros, torna-se possível, após decifrar suas especificidades, organizá-los num continuum de formalidade e averiguar se o uso das variantes – inovadora e conservadora –, de determinada variável, condiz com a tendência apontada pelos estudos que lidam com a língua falada. Sugere-se que a análise seja feita a partir de vários gêneros, para que o contraste – entre a frequência de formas estigmatizadas em gêneros mais informais e a ocorrência de formas de prestígio em gêneros que tendem à formalidade – seja melhor visualizado.

Corrêa (2007), em estudo sobre colocação dos pronomes átonos em lexias verbais simples na modalidade escrita do PB contemporâneo, contou com um total de 145 dados de clíticos, coletados de editoriais e notícias dos jornais cariocas *O Globo* e *Extra*, mesmos jornais utilizados neste trabalho.

No referido *corpus*, a variante pré-verbal foi a mais recorrente: 64% contra 35% da variante pós-verbal. Não houve a ocorrência de mesóclise. Corrêa (2007) constatou que, enquanto em *O Globo* a margem de diferença entre as variantes é discreta (53% de próclise e 47% de ênclise), há expressiva ocorrência da próclise no *Extra* (81%).

Com relação aos gêneros textuais, as notícias apresentaram peso relativo na aplicação da próclise muito maior do que o obtido para os editoriais – .73 e .35 respectivamente –, o que, segundo a autora, estaria relacionado à tendência à concretização de estruturas representativas de alto grau de letramento nos editoriais.

A partir do cruzamento entre as variáveis “tipo de veículos jornalísticos” e “gêneros textuais”, a autora atesta, também, sua hipótese de o maior número de dados de ênclise nos editoriais estar presente no jornal *O Globo*. Corrêa (2007) vincula tal resultado levando em consideração que o jornal *Extra* é voltado para camadas mais

populares da sociedade em comparação com o público-alvo de *O Globo*; por isso, os editoriais do *Extra* não se enquadrariam no mesmo perfil de *O Globo*.

Quanto às variáveis lingüísticas, Corrêa constatou, como nesta pesquisa, que os textos jornalísticos realizam, com certa expressividade, a variante pré-verbal diante de elementos não considerados pela tradição gramatical como “atratores”, como, por exemplo, o sujeito. Alguns condicionamentos atestados confirmam, em maior ou menor medida, o comportamento prescrito na tradição gramatical. O contexto de início absoluto de oração, por exemplo, mostra-se desfavorecedor da próclise, ao contrário da conjunção subordinativa e da partícula de negação, que a favorecem.

Objetivando verificar se os resultados obtidos para a variável possível elemento proclisador exprimem o comportamento dos dois veículos em análise, a autora apresenta o cruzamento desses grupos de fatores. A partir desse cruzamento, verifica-se que o jornal *Extra* expressa nítida preferência pela próclise independentemente dos contextos estabelecidos pela tradição gramatical como favorecedores de próclise. Exemplificando, os percentuais da variante pré-verbal diante de SN sujeito nominal ou pronominal, conjunção coordenativa e preposição no Jornal *Extra* são consideravelmente mais altos do que os presentes em *O Globo*. Apesar de o jornal *O Globo* também exibir próclise junto a esses elementos, não o faz de forma tão acentuada. Esses resultados revelados nos estudos de Corrêa vêm ao encontro dos resultados da presente pesquisa. Aqui, também, o jornal *O Globo* não realiza com a mesma intensidade a próclise em contextos não sugeridos por gramáticas normativas.

Corrêa (2008), em outro trabalho desenvolvido sobre a colocação dos pronomes átonos na modalidade escrita do PB, vale-se de um *corpus* com 433 dados de clíticos em lexias verbais simples coletados dos mesmos jornais *O Globo* e *Extra*. Nesse trabalho, a autora verificou, dentre outros aspectos, que a próclise se manteve como opção preferencial, sendo mais expressiva sua ocorrência no jornal *Extra*. Não houve, mais uma vez, a ocorrência de mesóclise.

Em relação à comparação entre notícia e editorial, o cruzamento entre “tipo de gênero” e “possível elemento proclisador” mostrou que a notícia exibiu percentual acima de 50% da posição pré-verbal com todos os possíveis elementos proclisadores, exceto em contexto de início absoluto. Já os editoriais seguiram mais o que se recomenda nas gramáticas normativas para o fenômeno da colocação pronominal, uma

vez que, excluindo o contexto de SN Sujeito, as estruturas em que se recomenda a posição enclítica tiveram percentuais de próclise iguais a ou abaixo de 50%.

Com o objetivo de verificar o comportamento dos jornais quanto aos possíveis elementos proclisadores, recorreu-se a outro cruzamento: “tipo de veículo jornalístico” versus “possível elemento proclisador”. Novamente notou-se que os jornais não apresentaram o mesmo comportamento. Observou-se que o percentual da variante pré-verbal é novamente mais acentuado no jornal *Extra* independentemente dos contextos. Somente no contexto de início absoluto é que os jornais se mostram, de fato, conservadores, apresentando baixos percentuais da variante pré-verbal. De toda maneira, o jornal *O Globo* ainda exhibe percentual mais baixo de próclise nesse contexto (5% contra 12% no *Extra*), o que, também, ocorreu na presente investigação (2% contra 27% no *Extra*).

Por fim, no que concerne ao tipo de clítico, dentre as muitas informações referentes a essa variável, merece destaque o fato do clítico de primeira pessoa não ter aparecido no editorial. Por outro lado, apareceu nas notícias 15 vezes, sendo 13 na posição proclítica, o que totalizou 87% do pronome na variante pré-verbal. Cabe recordar que, na presente pesquisa, esse tipo de clítico também apareceu mais na posição proclítica, sendo que no jornal *Extra* o percentual chega a quase 100%, enquanto, no jornal *O Globo*, corresponde, apenas, a 67%. Destaca-se, ainda, que o clítico *se*-reflexivo/inerente tanto nos dados de Corrêa, quanto nos dados desta pesquisa, apresentou alto percentual do pronome – acima de 80% – na posição proclítica. Nesse caso, acredita-se que tal tipo de clítico tende a aparecer mais na posição proclítica independentemente dos gêneros em que se encontram.

Embora os estudos de Corrêa (2007, 2008) não contemplem as cartas de leitores, seus resultados validam as hipóteses de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos da ordem dos clíticos pronominais. No que se refere aos últimos, é importante destacar que, tanto na esfera dos gêneros textuais quanto na dos veículos jornalísticos, os resultados obtidos pela autora condizem com as hipóteses formuladas para a presente investigação.

Outro trabalho que contempla *corpus* constituído de textos jornalísticos é o de Vieira (2002). Nesse estudo, sobre a ordem dos clíticos pronominais, a autora coletou, para o estudo das lexias verbais simples e complexas na modalidade escrita, 30 textos (15 crônicas e 15 editoriais) de cada veículo de comunicação considerado em sua

pesquisa (*Jornal do Brasil e O Globo*). Dessa coleta, compôs uma amostra de 201 dados de clíticos, em lexias verbais simples, para o PB do século XX. A hipótese da autora de que o gênero editorial apresentaria mais ênclise do que próclise, dado o caráter mais formal desses textos, não se confirmou no conjunto de dados. No PB o percentual de próclise nos editoriais (66%) chega a ser superior ao percentual de próclise (44%) nas crônicas. Apenas o refinamento dos condicionamentos lingüísticos permitiu aferir, com detalhamento, o comportamento de cada gênero textual.

A autora comenta que a variável tipo de texto pareceu não oferecer contribuições significativas quanto à ordem dos pronomes átonos na modalidade escrita. Vieira (2002) considera limitado o número de fatores – dois gêneros textuais – para a observação das várias possibilidades de que dispõe o usuário da língua para expressar graus de formalidade diversificados. Além disso, a autora acredita que a observação de outros textos que determinem distintos graus de compromisso ao padrão prescritivo, como textos epistolares, acadêmicos e escolares, possa fornecer informações mais precisas para a delimitação do modelo de norma que opera nas variedades do Português que serviram de base para sua pesquisa.

De toda maneira, ao comparar-se o percentual de próclise encontrado em seu trabalho com o percentual de próclise, na presente pesquisa, nas lexias verbais simples, observa-se um aumento de realização da próclise no gênero textual carta de leitor – 72%, o que pode ser indicativo de que gêneros considerados como mais “informais” apresentem maior tendência a variante pré-verbal no PB. De toda forma, como a autora não investigou os possíveis condicionamentos lingüísticos relacionados aos tipos de texto, não se podem tecer maiores generalizações.

Em relação aos complexos verbais, Vieira (2002) conta com, apenas, 21 dados de clíticos. Ainda assim, demonstra que a variante intra-complexo verbal (com ou sem hífen) é a que alcança maior percentual de ocorrência (52%), contra 29% de ocorrência da variante pré-complexo verbal e 19% da variante pós-verbal. No *corpus* desta pesquisa, a variante intra-CV (sem hífen) também foi a mais expressiva, atingindo, no cômputo geral, 57% de dados, contra 21% da variante pré-CV, 15% da pós-CV e 7% da intra-CV com hífen.

Para finalizar, recorre-se ao trabalho de Nunes (2009), que investigou a ordem dos clíticos pronominais nas lexias verbais complexas no PB e no PE no decorrer dos séculos XIX e XX. No que tange aos dados de clíticos no PB do XX, foram coletados 300 dados, no total, dos gêneros anúncio, editorial e notícias. Desses 300 dados, apenas,

269 foram utilizados para análise dos condicionamentos, uma vez que dados de início absoluto, por não terem apresentado o clítico na variante pré-CV, foram tratados separadamente.

Quanto ao comportamento dos gêneros textuais, verificou-se que cada gênero exibiu comportamento distinto em relação à distribuição dos dados do *corpus* no PB do século XX. Os anúncios são os que mais registraram a ocorrência da variante intra-CV ,com e sem hífen (51%) – tida como a mais típica do PB na oralidade –, resultado que, segundo Nunes (2002), é compatível com o fato de ser esse gênero, comparado aos outros dois, o que está menos próximo do que se idealiza por escrita padrão. Já os editoriais exibem maior ocorrência do clítico na posição pré-complexo verbal (62%). Por ser o editorial um gênero representativo da opinião do jornal, haveria a tendência a um discurso mais formal e elaborado. A partir da observação dos dados, a autora constata que contextos lingüísticos tradicionalmente favorecedores da posição pré-complexo verbal, justificam a ocorrência da próclise nesse contexto. Em relação às notícias, tem-se o maior percentual do clítico na posição pós-complexo verbal (58%), o que se justifica, de acordo com a autora, pelo fato de serem recorrentes na amostra os contextos de verbo principal no infinitivo junto ao clítico *o/a(s)* e *se-reflexivo/inerente*.

Em síntese, percebe-se, a partir do exposto nesta seção, que, em geral, no que se refere às lexias verbais simples, gêneros textuais tidos como mais “formais” tendem a exibir com maior expressividade a ocorrência da ênclise nos contextos tradicionalmente recomendados, e gêneros textuais mais “informais” tendem a exibir o que costuma ser atestado como mais natural no PB vernacular. No que se refere aos complexos verbais, observa-se que, quanto mais “informal” for considerado o gênero textual sob análise, mais a variante intra-complexo verbal sem hífen se concretiza. Ademais, a posição pré-complexo verbal tende a ser mais expressiva em gêneros que têm um respeito maior ao que é recomendado pela tradição gramatical.

A partir da comparação dos resultados aqui obtidos com os de outras pesquisas sobre o tema da ordem dos clíticos, não só se confirma, em linhas gerais, o sistemático condicionamento estrutural do fenômeno variável, mas também se verifica a relevância, no estudo com gêneros jornalísticos, das variáveis tipo de veículo de comunicação e gênero textual. Consoante uma escala de graus de formalidade e o maior ou menor apego ao que se idealiza como escrita culta padrão, verificou-se que, a depender do

veículo de comunicação e também do gênero textual em que o pronome átono se encontra, o comportamento do fenômeno alcança proporções diferenciadas.

Acredita-se, por fim, que uma investigação criteriosa do fenômeno em estudo contrastivo com diversos gêneros textuais de domínio jornalístico em amostra mais ampla seja fundamental para a determinação do *continuum* entre os gêneros textuais e a expressão de possíveis tradições discursivas relacionadas ao fenômeno da ordem dos clíticos.

7. CONCLUSÃO

Após a interpretação dos resultados da ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas, acredita-se que o presente trabalho, por meio do cumprimento dos objetivos inicialmente estabelecidos, tenha concorrido para o conhecimento da Língua Portuguesa como um todo, em especial no que concerne à descrição do fenômeno no âmbito do Português do Brasil. Tendo em vista as pesquisas já existentes sobre o tema (capítulo 2), sublinha-se, aqui, a contribuição do estudo no sentido de fornecer mais uma descrição dos contextos de lexias verbais simples e complexas na modalidade escrita brasileira, especialmente em cartas de leitores.

O presente trabalho permite que se chegue a determinadas considerações teórico-descritivas no que se refere à ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas, presentes nas cartas de leitor de domínio jornalístico. Para tanto, apoiou-se no arcabouço teórico-metodológico (capítulos 3 e 4) da Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana, nos conceitos relacionados às chamadas Tradições Discursivas e aos gêneros textuais (BAKHTIN, 1997; SILVA, 1997; BEZERRA, 2002; MARCUSCHI, 2002; KABATEK, 2006; e KOCH, 1997), e, ainda, no tratamento da cliticização (ZWICKY & PULLUM, 1983; ZWICKY, 1985; KLAVANS, 1985).

A análise (capítulo 5) constituiu-se de duas etapas. Primeiramente, focalizou-se o comportamento dos clíticos em construções com uma única forma verbal (lexias verbais simples), com base em amostra de 650 dados, buscando-se determinar os contextos lingüísticos e/ou extralingüísticos que condicionam a ordem dos pronomes átonos. Posteriormente, tratou-se da ordem dos clíticos pronominais em construções com mais de uma forma verbal (lexias verbais complexas), com base em amostra de 132 dados, buscando-se depreender os contextos que sugerem influenciar o fenômeno. Por fim, os resultados obtidos – comparados aos de outros estudos – serviram de base a algumas reflexões que contribuem para o debate acerca dos graus de formalidade relacionados aos gêneros textuais e às tradições discursivas.

O tratamento dos dados tomou por base a produtividade dos clíticos encontrados em 600 cartas de leitor de cada veículo considerado – *O Globo, Extra e Meia Hora* –, o que totalizou uma investigação em 1.800 textos. No que se refere aos dados presentes em lexias verbais simples, foram descritos e detalhados de acordo com a atuação dos grupos de fatores lingüísticos e extralingüístico, que se mostraram relevantes para a

ordem dos clíticos pronominais, a saber: possível elemento proclisador, tipo de clítico, tipo de oração, distância entre o pronome átono e o possível elemento proclisador e veículo de comunicação. Quanto aos dados encontrados nas lexias verbais complexas, devido ao pequeno número de ocorrências, estas foram interpretadas a partir dos percentuais obtidos de todas as variáveis extralingüísticas e lingüísticas sugeridas como possíveis contextos condicionadores da ordem dos clíticos pronominais, quais sejam: veículo de comunicação, sexo do escritor/leitor das cartas, tipo de complexo verbal, presença/ausência de elemento interveniente no CV, tipo de clítico, possível elemento proclisador e forma do verbo auxiliar.

No que se refere à produtividade dos dados encontrados nos *corpora*, constatou-se que os veículos de comunicação *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora* não se comportaram da mesma maneira. Em relação às lexias verbais simples, aquele apresentou 466 ocorrências dos clíticos; esse, 145 e este, 39. No que concerne às lexias verbais complexas, aquele apresentou 93 ocorrências; esse, 34 e este, 5. A partir da disparidade relativa à quantidade de dados, o trabalho discute o perfil dos três jornais e, por conseqüência, das cartas e postula por hipótese um *continuum* entre eles. Nesse *continuum*, o jornal *O Globo* exibiria cartas mais formais e com maior atendimento ao que se idealiza para a escrita culta padrão; o jornal *Extra* exibiria cartas com expressões lingüísticas não tão marcadas, nem como prototípicas da escrita/oralidade formal, nem como prototípicas da oralidade/escrita informal, uma espécie de meio termo; já o jornal *Meia Hora* apresentaria cartas mais informais e com menos preocupação com a norma culta padrão idealizada em manuais prescritivos. Supõe-se que a diferença entre os jornais detectada no estudo se coadune com o perfil do público alvo de cada veículo, o que em certa medida se relaciona aos componentes que configuram a comunidade de fala envolvida na produção e na recepção das cartas.

Considerando-se as lexias verbais simples, verificou-se, no que se refere à distribuição geral dos dados em relação à ordem dos clíticos segundo o veículo de comunicação, que a variante pré-verbal é a mais expressiva no conjunto de dados e, também, em cada jornal, apresentando *O Globo* o percentual mais baixo dessa variante (67%). Em relação às ocorrências do pronome átono na posição pós-verbal, o jornal *O Globo* é o que exhibe maior percentual dessa variante (33%). A análise permitiu verificar que esse veículo destoa dos outros jornais, exibindo respeito maior à norma culta padrão prescrita, embora tenha havido casos em que essa norma não foi rigorosamente respeitada, o que pode estar relacionado ao gênero textual cartas de leitor. No jornal

Meia Hora, houve .88 de peso relativo em favor da próclise, o que faz pressupor que as cartas desse veículo sejam mais próximas da oralidade e tendam a exibir estruturas da norma de uso brasileira. Já o peso relativo de .72 no *Jornal Extra* em favorecimento à próclise mostrou que esse veículo se encontra, como visto e analisado, na linha de um *continuum* entre o que ocorre no jornal *O Globo* e no jornal *Meia Hora*.

Assim, a tradição do gênero carta de leitor no que tange à colocação dos clíticos na frase não estaria vinculada somente ao tipo de carta, ou ao perfil do jornal, mas também ao perfil do leitor/escritor. Quanto mais “letrado”, espera-se mais respeito ao que se idealiza como norma culta padrão; nesse caso, os parâmetros tradicionais do uso e da ordem dos clíticos tendem a aparecer nas cartas escritas do jornal *O Globo*.

A análise sociolinguística permitiu descrever, além do contexto extralinguístico Jornal, os condicionamentos linguísticos que influenciaram a ordem dos pronomes átonos em lexias verbais simples, quais sejam: a presença de possível elemento proclisador, o tipo de clítico, o tipo de oração e a distância entre o V-CL ou CL-V e um possível elemento proclisador²³. Quanto à relação entre esses condicionamentos e os veículos de comunicação, verificou-se atuação mais expressiva dos grupos de fatores em relação ao atendimento à prescrição gramatical nos dados do jornal *O Globo* do que nos outros dois jornais.

No que concerne à variável presença de possível elemento proclisador, observou-se que a variante partícula de negação exibe próclise categórica mostrando-se altamente favorecedora da posição proclítica. As variantes preposição, elemento subordinativo e advérbio (um só vocábulo) também se mostraram favorecedoras da posição proclítica. Cumpre remarcar que, no *corpus* desta pesquisa, o elemento preposição se comportou como proclisador, embora tal elemento não costume ser considerado como atrator canônico pela tradição gramatical. O cruzamento entre “possível elemento proclisador” e “tipo de clítico” permitiu comprovar a força do elemento preposição no condicionamento do fenômeno, tendo em vista que, com todos os tipos de pronomes, o percentual é alto de próclise, exceto com o acusativo de terceira pessoa.

Quanto à variável tipo de clítico, tem-se os pronomes de primeira e segunda pessoas e o clítico *se* reflexivo/ inerente como variantes favorecedoras de próclise, diferentemente dos demais – *o, a (s), lhe* e *se* indeterminador/apassivador, que

²³ A seção 5.1.3 apresenta uma síntese mais detalhada dos resultados obtidos para o condicionamento da próclise no contexto de lexias verbais simples.

favorecem a ênclise. O cruzamento entre “tipo de clítico” e “possível elemento proclisador” atestou que essas formas pronominais apareceram na posição proclítica com quase todos os elementos, exceto em início absoluto de oração e antecedido de locução adverbial, o que confirma seu favorecimento à variante pré-verbal nas lexias verbais simples.

Com relação ao tipo de oração, a oração subordinada desenvolvida – que atua em conjunto com a presença de elementos subordinativos – destaca-se como sendo fortemente desencadeadora da posição proclítica. A oração coordenada sindética também favoreceu, com menos expressividade, a ocorrência do pronome na posição proclítica, entretanto com peso relativo mais baixo. As outras orações – “independente”, reduzida de gerúndio e de infinitivo – mostraram-se desfavorecedoras da posição proclítica.

No que diz respeito à variável distância, notou-se que, quando não há elemento interveniente entre o clítico e o possível elemento proclisador, o pronome tende a aparecer na posição pré-verbal. Quando há qualquer distância, a variante pré-verbal não tende a ocorrer com tanta frequência.

Quanto à análise das lexias verbais complexas, cumpre lembrar que, das 132 ocorrências do clítico, a maior parte delas (103 dados) se encontra em complexos verbais formados com verbo principal no infinitivo, o que pressupõe haver maior produtividade dessa estrutura nas cartas de leitor.

Os dados atestam que a colocação preferencial é a variante intra-CV sem hífen tanto em complexos formados por verbo principal no infinitivo, como no gerúndio e particípio. De modo geral, pode-se afirmar que, independentemente da presença de contextos que tendem a desencadear a posição pré-CV, foi realizada, na maior parte dos casos, a variante intra-CV sem hífen. Desse modo, os condicionamentos lingüísticos que atuam na ordem dos clíticos pronominais nas lexias verbais simples parecem não ter a mesma relevância no contexto de complexos verbais.

A análise separada dos complexos por forma do verbo principal – particípio, gerúndio, infinitivo – permitiu traçar as tendências de cada construção²⁴.

Em relação aos dados encontrados em complexos verbais com particípio, merece destaque que a tendência à realização da variante intra-CV sem hífen tende a alterar-se, em contexto de forma verbal passiva, passando a prevalecer a posição pré-CV. Quanto

²⁴ Para o conhecimento mais detalhado desses resultados, consultar seção 5.2.3, que contém a sistematização dos resultados obtidos para o contexto de complexos verbais.

aos dados junto a verbo principal no gerúndio, salienta-se que a estrutura que mais ocorreu no corpus foi *estar + gerúndio*, e abrigou o clítico na posição intra-CV sem hífen, independentemente de contextos (des)favorecedores da posição pré-verbal. Remarca-se, ainda, que tanto os verbos principais no particípio como os no gerúndio não acomodaram o clítico na posição pós-verbal, o que está acordo com o que se costuma atestar para a variedade brasileira em geral.

No tocante aos dados de clíticos presentes nas estruturas formadas por verbo principal no infinitivo, a análise permitiu indicar não só a maior expressividade da variante intra-CV sem hífen, como também os contextos que sugerem contribuir para a realização do clítico nessa e nas outras variantes. Primeiramente, remarca-se que, dentre vários contextos sugestivos de propiciarem a posição intra-CV sem hífen, atuam, em especial, os clíticos de primeira/segunda pessoas e o *se* reflexivo inerente, demonstrando ser altamente prototípicos nessa posição.

Em relação aos contextos que parecem favorecer as outras variantes, devem-se destacar, na posição pré-CV, os seguintes: complexo verbal formado por auxiliar modal *poder + se* indeterminador/ apassivador junto a contexto de possível elemento proclisador, especialmente, a partícula de negação. Quanto à variante pós-CV, merece destaque o fato de o clítico acusativo de terceira pessoa ter sido o único fator que apresentou 100% de realização nessa variante. No que se refere à variante intra-CV com hífen, embora tenha havia somente 6 dados, verificou-se que o contexto de início absoluto de oração, clítico *se* apassivador/indeterminador e ausência de elemento interveniente juntos parece contribuir para a realização dessa variante.

No que concerne à possibilidade da influência dos gêneros textuais e possíveis tradições discursivas no condicionamento do fenômeno em estudo, verificou-se, a partir da comparação dos resultados desta pesquisa com outros advindos de trabalhos que se valem de gêneros do domínio jornalístico (capítulo 6), que a ordem dos clíticos pronominais reflete a conjugação de influências advindas do gênero textual e do veículo jornalístico.

A análise das cartas recolhidas dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora* serviu de base para que se chegasse, além das considerações tecidas acima, à não confirmação da hipótese de que os clíticos teriam comportamentos semelhantes nas cartas de leitor, pois o que ocorre é um comportamento baseado no tipo de registro empregado nas cartas e em quem as escreve.

De modo geral, os três jornais registram estruturas que se coadunam com a norma padrão brasileira objetiva, de uso, o que pode, por hipótese, ser uma possível influência do gênero em questão. Ocorre que essa tendência se mostra discreta em *O Globo*, um pouco expressiva no *Extra*, e mais expressiva no *Meia Hora*. Comparada a outros gêneros, a carta de leitor parece exibir estruturas que refletem um pouco mais o que se costuma verificar como típico na norma de uso da oralidade brasileira. A depender do veículo e de outros fatores (como grau de formalidade, perfil do leitor/escritor), essa tendência se acentua ou se atenua. De toda forma, acredita-se que estudos abrangendo diversos gêneros e mais veículos de comunicação possam fornecer informações mais seguras a esse respeito, de modo a poder traçar um *continuum* de formalidade a partir das categorias em análise.

De modo geral, o estudo permitiu verificar apenas que as cartas de leitor dos jornais sugerem seguir um tipo de tradição discursiva, pois, embora elas tenham apresentado comportamento diferenciado quanto ao fenômeno em questão, algumas características inerentes ao gênero maior “carta” e também ao gênero “carta de leitor” permanecem nos textos, como, por exemplo, a presença do nome de quem as produziu, o propósito comunicativo e o ambiente em que figuram nos jornais.

A partir da análise, pressupõe-se que a possível tradição esperada para o gênero textual carta de leitor, no que tange à ordem dos clíticos pronominais tanto em lexias verbais simples como em complexos verbais, estaria vinculada ao tipo de carta (+ formal, – formal) e/ou ao perfil do veículo de comunicação. *O Globo* tende a mostrar estruturas mais próximas do que propõe a prescrição gramatical; o *Meia Hora*, estruturas mais distantes; e o *Extra* localiza-se entre os dois veículos. De todo modo, a comparação das cartas com outros gêneros textuais sugere que o próprio gênero em estudo parece revelar menor compromisso com o padrão culto prescritivo. Na presente investigação, o fato de *O Globo* também apresentar ocorrências de estruturas não recomendadas pela tradição gramatical corrobora a hipótese. Mas essa falta de compromisso parece se dar de acordo com um *continuum* de formalidade, o que só poderá se confirmar com uma análise de outros gêneros textuais dos mesmos veículos, como editorial, por exemplo, tido como mais formal.

De modo geral, os resultados obtidos a partir dos dados de cartas de leitores permitiram traçar o panorama das estruturas que constituem a norma de uso, aquela efetivamente praticada nos jornais. Com base nesse panorama, foi possível comparar a

norma de uso com a idealizada em compêndios gramaticais, concretizada apenas em alguns contextos, conforme se demonstrou no decorrer da análise.

Por fim, espera-se que a presente pesquisa tenha contribuído para a descrição do fenômeno da ordem dos clíticos, tanto no que tange à variação, como no que tange ao gênero carta de leitor. Quanto à variação, foi possível demonstrar com detalhamento os contextos favorecedores e desfavorecedores de cada variante, seja em construção com uma só forma verbal, seja com mais de uma forma verbal. As hipóteses interpretativas especificamente relacionadas ao gênero carta de leitor puderam ser aprofundadas não só com os resultados obtidos, mas também com a comparação com resultados de outras pesquisas. As reflexões advindas do debate empreendido em relação às cartas de leitores ensejam a continuidade da pesquisa com a ampliação da análise de dados, que deve contemplar outros veículos e outros gêneros textuais, a fim de (i) confirmar o que efetivamente é prototípico do gênero textual, (ii) apontar o que é específico de determinado veículo como um todo, qualquer que seja o gênero, e (iii) somando-se aos diversos estudos sobre o tema, indicar o que é típico da modalidade escrita e não costuma figurar no vernáculo brasileiro.

8. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de. O. (2006). Marcas de interação na correspondência publicada em jornais paulistas do século XIX. In: LOPES, C. R. S.; CIAPUSCIO, G.; KAISER, D.; JUNGBLUTH, K. (org.). *Sincronia y diacronía: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. 1. ed. Frankfurt: Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana.
- ARONOFF, Mark. (1994). Preliminary terms. In: —. *Morphology by itself. Stems and inflectional classes*. Cambridge: MIT Press. p.5-23.
- AVERBUG, Mayra C. G. (2000). *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Rio de Janeiro, UFRJ: Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado).
- BAKHTIN, Mikhail. (2006). *Estética da criação verbal*. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes. [1992]
- BARROSO, Henrique. (1994). *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo*. Porto: Porto Editora.
- BECHARA, Evanildo. (2009). *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna. [1928]
- BEZERRA, Maria Aparecida. (2002). Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (eds.): *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli. (2008). A colocação pronominal à luz das relações entre variação e mudança lingüísticas e gêneros textuais. *Anais do XV ALFAL*. Montevideo/Uruguai: ALFAL.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. (1977). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2002). *Estrutura da língua portuguesa*. 35ª ed. Petrópolis: Vozes. [1970]
- Carta Branca. JORNAL EXTRA. Rio de Janeiro. 2008/2009.
- Cartas de Leitor. JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro. 2008/2009.
- CESARIO, Maria M. & VOTRE, Sebastião, org. (2008). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto.
- CORRÊA, C. M. M. L. (2007). A ordem dos clíticos pronominais na modalidade escrita do Português do Brasil. In: *Anais do XIV Congresso da ASSEL-Rio e III ENLETRARTE - Encontro de Professores de Letras e Artes*. Campos/RJ: ASSEL_Rio.

_____. (2008). Um estudo sobre a variação da colocação dos clíticos pronominais no Português brasileiro. In: *Ver & visualizar: Letras sob prisma empírico*. Rio de Janeiro: Publit. p. 107-121.

CRYSTAL, David. (2000). *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. L. (2008). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [1985].

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (1996). Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 163-184.

_____. (1990). “O objeto nulo no português do Brasil: uma mudança paramétrica?” ms. Unicamp.

DUARTE, M. Eugênia Lamoglia. (1986). *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. São Paulo, PUC-SP (Dissertação de mestrado).

_____. (2001). Ensino da língua em contexto de mudança. In: *Cadernos do IV Congresso de Lingüística e Filologia*. Vol. IV, nº 12. Rio de Janeiro: UERJ. p. 51-61.

FERREIRA, Aurélio B. H. (1986). *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 418.

FREIRE, Gilson Costa. (2005). *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras (Tese de doutorado).

GALVES, C.M.C.; BRITTO, H. S.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005). The Change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 39-67.

GONÇALVES, Anabela P. M. (1992). *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em Português europeu*. Lisboa: Universidade de Lisboa. (Dissertação de Mestrado).

GUY, Gregory R. (2001). As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *ABRALIN*.

_____. (2002). A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. *ORGANON*. Vol. 14, no. 28 e 29. Revista do Instituto de Letras da UFRGs. p. 17-32

KABATEK, Johannes. (2006). “Tradições discursivas e mudança lingüísticas”. In: Lobo, T.; Ribeiro, I; Carneiro, Z; & Almeida, N; (eds.): *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, Salvador: EDUFBA. P. 1-20.

KATO, Mary A. (2005). A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho). p. 131-145.

_____, CYRINO, S. M. L.; CORRÊA, V. R. (1994). "The recovery of diachronic losses through schooling". NWAVE 1994. U. da Pensilvânia.

KLAVANS, Judith L. (1985). The independence of Syntax and Phonology in cliticization. *Language* 61(1): 95-120.

KOCH, Peter. (1997). "Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik". In: Frank, B. & Haye, T. & Tophinke, D. (eds.): *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr (ScriptOralia 99). Trad. José Simões e Alessandra Castilho.

LABOV, William. (1972). *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Blackwell.

_____. (1978). *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera, Working Papers in Sociolinguistics* (Vol.44). Austin, TX: Southwest Educational Development Laboratory.

_____. (1994). *Principles of linguistics change*. Oxford, Cambridge: Blackwell.

_____. (2003). Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G.R. (ed) *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell. p. 235-250.

LAVANDERA, Beatriz R. (1978). *Where does the sociolinguistic variable stop?* *Language in Society*, no. 7, p. 171-182. Cambridge University Press.

LOBO, Tânia. (1992). *A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).

_____. (1998). *Por uma sociolinguística histórica do Português do Brasil*. São Paulo: USP. 4 vol. (Tese de Doutorado) – volume 4

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. (2008). *Perífrases Verbais: O Tratamento da auxiliaridade*. (mimeo.) 36 fls.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (eds.): *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

MARTINS, Marco Antônio. (2009). *Competição de gramáticas do Português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (Tese de Doutorado).

MILLER, Carolyn R. (1984). *Genre as a social action*. *Quarterly Journal of speech*. n. 70. p.151 –167.

- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (2003). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto.
- MORITO MACHADO, Ana Carla. (2006). *O uso e a ordem dos clíticos na escrita escolar*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado)
- NUNES, Carla da Silva. (2009). *Um estudo sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Dissertação de mestrado)
- PAGOTTO, Emílio Gozze. (1992). *A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico*. Campinas, SP: UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).
- _____. (1998). Norma e condescendência; ciência e pureza. *Línguas e instrumentos lingüísticos* 2: 49-68.
- PERINI, Mário A. (2001). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática. [1995]
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (2005). *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. [1972]
- ROMENI, Suzanne. (1981). *On the problem of syntactic variation: a reply to Beatriz Lavandera and William Labov*. Sociolinguistic Working Paper, 82. 40 fls.
- SCHEI, Ane. (2003). *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes. (1997). Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. / BARROS, K. M. (Eds.) *Tópicos em lingüística de Texto e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN, p. 118-124.
- TARALLO, Fernando. (1993). Diagnosticando uma gramática do português brasileiro: o português d' aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: KATO, Mary. A; ROBERTS, Ian (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 69-105.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. (2002). *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Tese de Doutorado).
- _____. (2003). Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português. In: BRANDÃO, S.F. & MOTA, M.A.C. da., org. *Análise contrastiva de variedades do Português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/IN-Fólio. p. 37-60.
- _____. (2004). O ensino da colocação pronominal: prescrição e uso. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (org.) *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; In-Fólio, 2004. p. 179-206.

_____. (2007). Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto. p. 121-146.

_____. (2008a). Um percurso pelos séculos XIX e XX: a cliticização pronominal em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. In: *XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. Montevideo (Uruguai): ALFAL (Formato: CD)

_____. (2008b). A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (org.) *Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói/RJ: Instituto de Letras EdUFF. p. 285-300.

Voz do Povo. JORNAL MEIA HORA. Rio de Janeiro. 2008/2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. (1968) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística* / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Lingua[gem]; 18)

ZWICKY, Arnold M. (1985). Clitics and particles. *Language* 61(2): 282-305.

_____ & PULLUM, Geoffrey K. (1983). Cliticization vs inflection: English n't. *Language* 59: 502-513.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)